



DIAS VAZIOS

BARBARA NONATO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





DIAS VAZIOS

Barbara Nonato

Esta é uma obra de ficção.

Copyright © 2019 Barbara Nonato
Todos os direitos reservados.

Contato com a autora através do e-mail: barbaranonato@yahoo.com.br.

No Facebook: Barbara Nonato - Autora
No Instagram: [@barbaranonato_escritora](https://www.instagram.com/barbaranonato_escritora)

*Dedico esta história às muitas vozes que estão por aí, pelo mundo, e que precisam ser ouvidas; e às muitas pessoas que precisam ser vistas.
E ao Chewie, o sábio, que deitava nos meus pés enquanto eu lia, mas precisou viajar no tempo às vésperas do lançamento deste livro. Foi pouco, mas foi muito, Porrito.*

- Barbara Nonato -

*Mas quem cantava chorou
Ao ver o seu amigo partir*

*Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou, no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou*

*Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam "não"...*

(Milton Nascimento)

Era um sonhar sem fim, que não terminava e a cada vez que eu acreditava estar prestes a acordar, cada vez em que eu me sentia mais próxima daquela provável realidade física, outro sonho começava e eu mergulhava no espaço onírico novamente. Durante o sonho, às vezes eu ouvia vozes, não via ninguém, mas sabia que havia pessoas ali, apesar de aquelas vozes não falarem comigo. Falavam entre si, cantarolavam solitárias, pareciam falar ao telefone, mas comigo não. Algumas destas vozes me soavam como conhecidas e talvez o fossem; outras eu não me recordo de ter ouvido antes, mas elas eclodem com alguma frequência durante o sonho, como se estas vozes estivessem sempre habitando meu inconsciente, como se transitassem nesta realidade desconhecida, apesar de eu não conseguir alcançá-las. Não sei se os donos das vozes me viam, se viam, acho que me ignoravam. E ouço portas no sonho. Barulho de portas abrindo ou fechando, barulho de elevadores ou coisas sendo levadas em carrinhos. Às vezes, correria, falatórios incomuns, ou gritos, ou choro. Em outras vezes, intermináveis bips mecânicos, ora curtos e repetitivos, ora contínuos. E eu apenas tentava acordar, mas não conseguia. A cada tentativa, mais um sonho nascia, me privando daquela possibilidade de realidade. E eu sonhava as coisas mais loucas, mais estranhas, mais esquisitas. Despencava em abismo disforme.

Era complicado ter que enfrentar uma noite tão longa e eu não me lembro de ter vivenciado outra semelhante. Já sonhei com meus pais, com meu cachorro ainda filhote; sonhei com aulas de física sendo dadas pelo professor de geografia; sonhei com uma rua escura e dois olhos sinistros me acompanhando para depois cederem espaço a uma explosão que quase me despertou, mas não fora grande o suficiente. Após este sonho, continuei dormindo. Sonhei com ratos, gordos e sujos, que me mordiam o pé direito e, por mais que eu me mexesse e tentasse puxar meu pé, não o conseguia. Nem mesmo esta agonia foi capaz de me despertar, eu senti cada mordida e tive a impressão de que lágrimas me inundaram o rosto. Se havia alguém ali velando meu sonho, este alguém não me viu chorar.



Capítulo 1

Quando despertou, Rebeca não conseguiu encarar diretamente a luz. Seus olhos ardiam e mantê-los abertos era excessivamente desconfortável. A luminosidade daquele local era absurda, exagerada em contraste com as paredes muito brancas e, por mais que ela olhasse ao seu redor, tudo parecia embaçado, ofuscado e sem formas definidas. As poucas pessoas por ali pareciam flutuar rodeadas por auras que lhes tolhiam as formas e impediam a identificação imediata. Clarões humanos lhe rodeavam, nada mais.

— Ela acordou!

A voz soava-lhe familiar mesmo em meio às emoções exacerbadas de sua emissora, que estavam latentes no tom empregado. Era a voz de sua mãe, ela percebera. Apesar de todo o alvoroço, que deveria fazer com que Rebeca sentisse satisfação por estar desperta, ela estava atordoada. O sonho havia cessado, mas o que ela parecia encontrar ali divergia de sua realidade. Ela não conhecia aquele lugar.

— Mãe... - ela balbuciou sendo de imediato interrompida por um rosto desconhecido e redondo, com olhos arregalados e que quase se colava ao seu.

— Calma. Não diga nada por enquanto, por favor.

E então, mais claridade. A desconhecida, que tinha uma cicatriz enorme em uma das bochechas, acendeu uma pequena lanterna direcionando o feixe de luz para os seus olhos e abriu-os, um de cada vez, com os dedos. Depois, colocou uma das mãos em sua testa como se verificasse a temperatura, antes de perguntar:

— Você sabe seu nome?

— Rebeca Simas.

— Onde você nasceu?

— Rio de Janeiro.

Ser sabatinada por uma estranha após acordar de uma noite tão cansativa, não fazia parte dos planos de Rebeca, porém, sem entender o que

se processava, sem saber onde estava ou qual o motivo de estar ali e sem qualquer condição de contestar aquela invasão, ela não interrompeu a mulher.

— Idade?

—Dezesseis...

A mulher, que Rebeca já identificava como uma enfermeira em decorrência do uniforme e da postura, encarou a outra mulher, que estava aos pés da cama. Era a mãe de Rebeca, com um corte de cabelos diferente do habitual. Ela não se lembrava de nenhum comentário da mãe em relação àquela ida ao cabeleireiro e sabia que Amélia usava o mesmo corte havia muitos anos. Era estranho vê-la com os cabelos mais curtos que o habitual.

— E... - ela fez uma breve pausa antes de prosseguir, como se a resposta que receberia em seguida fosse esperada ou temida - ... em que ano nós estamos, Rebeca?

— 2006.

Era o ano de 2006, Rebeca tinha a mais absoluta certeza. Final de ano, Dezembro de 2006, mais especificamente. Ela lembrava-se perfeitamente de ter concluído o ensino médio e prestado vestibular. Fora aprovada com louvor. cursaria engenharia elétrica em uma das universidades públicas mais renomadas do estado assim que o ano seguinte começasse e sua viagem de final de ano com os amigos estava agendada. Passariam os últimos dias do ano em Petrópolis, na casa que os pais de Dan mantinham na serra.

— De certa forma, esta reação pode ser considerada como natural, Dona Amélia. Ela esteve desacordada por muito tempo e o esperado realmente era que, quando acordasse, acreditasse estar ainda na mesma época. É como se o tempo não tivesse passado para ela - a enfermeira dirigiu-se à mãe de Rebeca, ignorando por completo a face afoita da moça. — Somente o doutor poderá dar qualquer diagnóstico ou explicar melhor o que está acontecendo. Ele não está no hospital, mas vou solicitar que seja acionado e que receba a informação de que sua paciente acordou. Certamente ele virá de imediato.

Rebeca não entendia nada da conversa entre a enfermeira e sua mãe. Ela havia se deitado em seu quarto na noite anterior e agora, após aquele estranho sonho, acordava em um leito de hospital. Nada parecia fazer sentido.

Após dirigir-se à Amélia, a mulher encarou Rebeca com semblante pensativo.

A enfermeira Hilda era experiente, formara-se aos vinte e dois e tinha quase trinta anos de carreira. Estava naquele hospital desde os tempos em que ele era gerenciado pelo Doutor Eusébio Gonçalves, conhecido pelos corredores como Caramujão, pois sempre levava consigo uma maleta enorme. Caramujão havia morrido fazia exatos seis anos e Hilda, além de ser a única funcionária que o conhecera e lembrava-se dele, contrariando todas as expectativas, ainda permanecia ali. Ela viu os bancos da recepção, antes de madeira, serem substituídos por cadeiras azuis estofadas; viu os registros, feitos à mão em fichas padronizadas, passarem a computadorizados e engajados em sistema moderno; viu muitos médicos chegarem e deixarem a instituição, assim como enfermeiros e estagiários. De nascimentos a mortes, ela já havia visto muitas coisas em sua extensa estadia ali, mas aquela experiência era nova, completamente diferente de todas as demais. Como profissional, ela sabia que o fato de lidar com um paciente e com sua família era essencial e, por mais que quisesse comemorar aquela conquista, foi preciso manter a compostura. A ética sempre lhe serviu como guia e Hilda não podia meter os pés pelas mãos ou se deixar levar por nenhum tipo de empolgação. Depois de tanto tempo, até mesmo uma melhora perceptível poderia ser provisória, assim como poderia também ser prenúncio de problemáticas maiores. O que quer que ainda estivesse por vir para aquela jovem deveria ser desvendado e revelado por um médico, não por ela, por mais que seus desejos fossem os melhores. Infelizmente, nas relações entre profissionais de saúde e pacientes, os desejos nem sempre se concretizam ou podem ser levados adiante.

—Mantenha a calma, Rebeca. O médico será chamado e logo você entenderá tudo o que aconteceu - a enfermeira disse de maneira enfática, quase ríspida apesar desta não ser sua intenção, antes de deixar o quarto e ainda com um sorriso no rosto.

Após a saída de Hilda, Rebeca, ainda com as palavras da enfermeira povoando seus pensamentos, encarou a mãe que agora mantinha-se próxima à cabeceira da cama. Ela estava diferente. Seus olhos, rodeados por sulcos profundos, pareciam cansados, e o loiro dos cabelos, bem mais curtos, misturava-se ao cinza ou prata ou, conforme se dizia popularmente, "grisalho".

— Fico feliz por vê-la acordada - foi o que Amélia, segurando uma das mãos da filha e com a voz ainda embargada pela surpresa, conseguiu dizer.

Amélia também precisava se conter. Ela sabia que não deveria estender-se ou dar maiores detalhes sobre o acontecido à filha. Foram muitas as conversas com o Doutor Daniel e em todas, ou quase todas, ele a advertia: *"E caso ela desperte de hora para a outra, Dona Amélia, pode ser que não se lembre com exatidão de tudo o que aconteceu e nós não devemos ter pressa em lhe dar nenhuma informação. Rebeca precisa tomar ciência dos fatos de maneira gradativa, em seu próprio tempo, pois as consequências de possíveis sustos nestas condições são sempre desconhecidas..."* Ela se lembrava perfeitamente das palavras do médico e, apesar do desafeto que nutria pelo homem, respeitaria o que ele lhe dissera. Qualquer orientação ou informação que tivessem que ser passadas à Rebeca, seriam feitas apenas após a chegada do doutor Daniel e quisera o bom Deus que ele não demorasse, pois a filha de Amélia nunca soube esperar.

— Mãe, o que aconteceu? Porque eu estou neste lugar?

Se Amélia admitia, mesmo que somente para si, a necessidade de aguardar a chegada e o parecer do médico para conversar com a filha, Rebeca queria ser esclarecida de imediato. Era preciso entender o motivo que a levava até a cama de um hospital e o quê exatamente a enfermeira quis dizer ao mencionar *"estar ainda na mesma época"*. Foi apenas uma noite que mesmo parecendo longa, havia terminado. Tudo não havia passado de um sonho sem pé e nem cabeça.

Sem saber o que deveria responder e tentando respeitar a decisão médica, Amélia, mesmo frente à grande vontade de revelar a sua filha o acontecido, foi de poucas palavras:

— O doutor Daniel chegará em breve, Rebeca. Precisamos esperar por ele...

Rebeca detestava saber que aqueles que estavam ao seu redor lhe escondiam algo e ali, naquele momento, estava claro que a mãe omitia fatos. O que poderia ter acontecido durante aquela noite de tão grave a ponto de levá-la para o quarto de um hospital? E, o pior: porque as pessoas lhe escondiam tal verdade?

Sem ter o que dizer, apesar de sentir que todas as perguntas lhe inundavam o estômago e subiam em turbilhão até sua garganta, a jovem calou-se e encarou a face da mãe. Amélia havia envelhecido, não restava

mais dúvida alguma! E ela, Rebeca, além das lembranças confusas de seu sonho comprido, não se recordava de mais nada; ou, ao menos não recordava de qualquer fato que pudesse justificar uma internação hospitalar. Mas era ali que ela estava: em um quarto de hospital, com cateteres ligados a um frasco de soro e inseridos em sua veia e um maldito monitor cardíaco apitando baixinho sobre sua cabeceira. O que de tão grave poderia tê-la feito despertar em situação tão confusa, tão adversa?

— Esperar pra quê, mãe? Eu não me lembro, não sei o que aconteceu... Não faço ideia do motivo de eu estar em uma cama de hospital - ela começava a ficar tensa. Aliás, ela começava a não conseguir conter sua tensão. — Porque eu preciso esperar que um estranho chegue para explicar o que aconteceu comigo?

Amélia sabia que o doutor Daniel precisava chegar logo. Ela conhecia bem o gênio da filha e previa que dentro de pouco tempo a jovem não mais esperaria por suas respostas; ela as buscaria, de algum jeito buscaria. Desde bem pequena Rebeca sempre fora assim e, mesmo não apegando-se às corriqueiras pressas do dia a dia, a filha de Amélia nunca soube esperar pelas situações que eram de seu interesse ou por qualquer outra coisa que julgasse necessária. Se houvesse uma dúvida, Rebeca buscava uma forma de dissolvê-la; se houvesse um problema, era Rebeca quem brigava por sua solução.

— Ele não deve demorar, Rebeca, e peço que você tenha um pouco de paciência - Amélia insistiu.

Se havia algo que Rebeca conseguiu apenas pouquíssimas vezes, foi mudar o pensamento ou as decisões de sua mãe. Os atritos eram constantes, as divergências também. Seus gênios eram semelhantes e assim como a filha, quando Amélia cismava com algo, o levava consigo até o final. Se ela decidira não revelar nada até a chegada do médico, decerto assim seria. E, cá entre nós, ter paciência não era uma especialidade de Rebeca.

— Deve ser simples para você dizer isso. Você sabe o que aconteceu enquanto eu não sei de nada... Mas, se ponha em meu lugar! Acordei em uma cama de hospital sem saber por que estou aqui e ainda escuto uma enfermeira pedindo sigilo em relação ao acontecido... - a tensão dava lugar à irritação, que a tomar conta de Rebeca.

— Tudo será esclarecido em seu devido tempo.

Mais uma vez Amélia fugia do assunto como se não soubesse que para Rebeca o tempo sempre fora o agora. Não que ela fosse uma jovem mimada e cheia de vontades, ela não era nada disso. Era batalhadora, era o tipo de pessoa que intrigava-se facilmente e mediante suas indagações corria atrás de todas as respostas sem que necessariamente fosse preciso companhia. Porém, ali Rebeca sentia-se completamente impotente. Não havia recurso que pudesse ser empreendido de imediato na busca pela resposta para aquela condição, e Rebeca não sabia sequer identificar qual entre todas as suas perguntas era a mais relevante. Não havia quem lhe falasse o que quer que fosse sobre sua estadia em um hospital. A mãe só a encarava e ela não sabia se seus olhos refletiam medo ou pena.

Na parede, os ponteiros arrastados do relógio de fundo branco, marcavam dez e meia e o sol que entrava pela janela acusava que era manhã. Para Amélia aquela era "a" manhã; para Rebeca era um estranhamento. De fato, ela dormira além da conta! Por mais tarde que fosse se deitar, Rebeca nunca passava das oito. Dormia pouco desde pequena, quando habituou-se com o despertar para as aulas diárias. Ainda assim, seu acordar tardio era perfeitamente entendido pelo tanto de sonhos confusos que a alimentaram naquela noite.

Os pensamentos de Rebeca foram interrompidos pela enfermeira Hilda, que retornou ao quarto em companhia de um rapaz, provavelmente um auxiliar.

— Nós vamos coletar seu sangue, Rebeca, e eu preciso que tome este medicamento. Não é nada forte, mas vai te deixar mais calma até a chegada do doutor Daniel. Consegui fazer contato e ele já está a caminho do hospital. Não deve demorar, certamente.

Por mais que fosse contra toda aquela situação, não havia como Rebeca questionar ou insistir em obter respostas. Estava mais que comprovado que apenas o tal doutor Daniel daria as informações pelas quais ela ansiava. Em resignação forçada, Rebeca ingeriu o comprimido minúsculo oferecido pela enfermeira enquanto o rapaz preparava todo o aparato para a coleta de sangue.

Amélia, de um canto próximo à janela, apenas observava. E de seu leito, Rebeca observava a mãe enquanto Hilda e seu auxiliar moviam-se ao seu redor. Sua visão gradativamente foi ficando turva, tão turva quanto a

eficácia do remédio "nada forte" que havia acabado de tomar. Ao perceber que dormiria, ela teve medo. E se o sonho voltasse?



Capítulo 2

— Rebeca...

Ao longe, uma voz chamava por seu nome.

Aos poucos, Rebeca foi abrindo os olhos e mais uma vez precisou acostumar-se com a claridade. O rosto do homem à sua frente, inicialmente embaçado, começava a ganhar formas conhecidas e que, apesar de aparentemente envelhecidas, ela lembrava-se de ter visto ainda na véspera.

— Dan?

Era o Dan.

Ele estava diferente. Muito diferente!

— Oi, Rebeca...

Daniel não sabia por onde começar. Apesar de ter alguns anos de experiência em clínica médica e de ter esperado muito tempo por aquele momento, ver que Rebeca havia despertado, o desconsertava. Enquanto emocionava-se com a volta da amiga, ele sabia que precisava manter o controle da situação para acalmá-la, esclarecê-la da melhor forma possível em relação ao acontecido e para não permitir que ela soubesse demais. Ele admitia, mesmo que somente para si, que algumas coisas deveriam permanecer esquecidas. Mas como explicar a uma pessoa que ela perdera doze anos de sua vida?

— O que estou fazendo aqui?

Era aquela a pergunta que ele temia.

— Você entenderá tudo...

Daniel era apenas dois anos mais velho que Rebeca e ela lembrava-se perfeitamente de que o rapaz havia completado dezoito anos em Julho e estava cursando o primeiro semestre de medicina para seguir os passos do pai, enquanto ela, aos dezesseis, havia acabado de concluir o ensino médio. Apesar de não morar no mesmo bairro, Daniel era parte do grupo. Conhecera os demais em suas andanças pelas ruas próximas, ainda quando

era pequeno, nos tempos em que acompanhava o pai, sócio em uma clínica médica local, ao trabalho. Com o passar dos anos, a amizade desenvolvida resultou na viagem que estavam prestes a realizar.

— Meu Deus! - Rebeca começava a perder o pouco de paciência que ainda tinha. — Já fiz inúmeras perguntas e ninguém me responde, ninguém me diz nada que preste! Até mesmo a minha mãe me esconde o que está acontecendo... Isso não é certo!

— Agora, neste exato momento, não está acontecendo nada, Rebeca. Já aconteceu - ele fez uma pausa que para ela pareceu eterna e depois prosseguiu. — Houve um problema em nossa viagem.

—E o que você quer dizer com isso? - Rebeca foi atropelada tão fortemente por suas próprias palavras, ela custava a perceber que a realidade era muito diferente do que supunha ser. —Foi cancelada? Alguém desistiu, é isso? Nós não vamos mais para Petrópolis?

Ela passara todo o mês esperando por aquela viagem! Desde o dia em que a mãe, depois de muito relutar, autorizou sua ida, Rebeca não pensou em outra coisa.

Como dizer a ela que eles estiveram em Petrópolis e que a volta de lá não fora como o esperado? Como contar para a amiga que, por conta daquela viagem maldita, ela ficara ausente da vida por anos? Como fazê-la entender que muitas coisas haviam mudado durante aquele intervalo de tempo?

Enquanto enchia o amigo de perguntas, Rebeca guardava a pior de todas para o final: "*Porque você parece envelhecido, Dan?*" Por mais que estivesse atordoada com toda aquela situação, Rebeca não era idiota; ela percebera as mudanças em sua mãe, que ostentava a cabeleira grisalha e o rosto enrugado, e em Daniel, cuja pele mais grossa na região da barba apontava para bem mais que dezoito anos. Além do mais, como ele já era um médico? Em seus pensamentos Dan estava ainda no início do curso universitário.

Ela sabia que havia uma lacuna, sabia que algum acontecimento desconhecido a desviara da realidade que agora se apresentava repentina e sem maiores explicações. E quantas foram as vezes em que no passado ela também se sentira invadida por realidades não escolhidas, realidades que ela não pediu para experimentar? Ansiar por explicações era normal, mas...

Lá no fundo Rebeca conhecia as respostas. Ao menos, conhecia a maior delas: o tempo havia corrido enquanto ela dormiu.

— Rebeca, talvez você não se lembre... - Dan começava sua explicação sem saber o rumo adequado. Em algumas ocasiões, a adequação era evidenciada apenas no final. — Nosso grupo *foi* à Petrópolis - ele deu ênfase ao verbo, como se sua intenção fosse conjugá-lo dentro da memória de Rebeca. — Passamos alguns dias lá.

— Não, eu não lembro e não entendo como isso aconteceu - as palavras saíam vagas. — Quando acordei pensei estar despertando no dia da viagem... Imaginei que fosse hoje, que sairíamos hoje. Fiz a mala ontem.

Daniel e Amélia se entreolharam. A princípio, todas as lembranças dos dias passados em Petrópolis haviam abandonado Rebeca. Ou foram abandonadas por Rebeca. Em algumas ocasiões, para se defender, o corpo responde de forma inesperada. Se ela não se recordava de ter estado lá, certamente não havia qualquer resquício de lembrança em relação ao acontecido. A jovem de vinte e oito anos, deitada ali naquele leito de hospital, não passava de uma adolescente estacionada em seus dezesseis, que aguardava ansiosamente por duas semanas fora de casa na companhia de seus melhores amigos.

Sem saber o que esperar daquelas pessoas que a encaravam desnorteadas, Rebeca prosseguiu:

— Me lembro perfeitamente de ter feito minha mala ontem. Você me ajudou, mãe... - ela direcionou-se à Amélia especificamente. — Nós fomos para o quarto depois do jantar e arrumamos tudo. Inclusive, você insistiu para que eu levasse agasalho, pois as noites por lá são mais frescas, quase frias mesmo em Dezembro. As meninas também estiveram lá em casa na véspera da viagem. Fui dormir ansiosa, louca para que a noite passasse rapidamente.

Havia chovido e o chão estava molhado, o que refrescava um pouco aquela noite quente de Dezembro.

— Amanhã, nesta mesma hora, nós já estaremos lá, Jamile.

— Pois é! - Jamile respondeu à Rebeca sorridente e Luciana, que estava ao seu lado na varanda, sorria também.

— Já arrumei algumas coisas, mas preciso conferir se não me esqueci de nada.

As amigas nunca haviam viajado e estavam surpresas com o fato de seus pais terem autorizado. Rebeca era a mais empolgada, seguida de Luciana. Já Jamile, ponderada como sempre, não demonstrava tanta alegria, mas aquele era seu jeito.

— Eu queria tanto que nós nunca mais esquecêssemos esta viagem! - Luciana parecia não esconder a importância que acarretava ao passeio.

— Será inesquecível para todos nós, com certeza - foi o que Jamile disse antes de levantar-se e seguir em direção ao portão. — É tarde, já. É melhor descansarmos.

Depois, foi a vez de Luciana seguir para casa. Sozinha na varanda de sua casa, Rebeca refletiu um pouco mais antes de entrar e seguir para seu quarto, pois era preciso arrumar a mala.

Amélia também se recordava daquela última noite que passara com a filha até então. Rebeca não estava apenas ansiosa, ela estava feliz. A viagem com os amigos representava não somente um primeiro passo rumo a uma possível liberdade, mas também era indício de maturidade. A filha de Amélia estava tornando-se uma adulta e em breve estaria na faculdade. A permissão para a viagem nada mais era do que um voto de confiança dado pela mãe e uma recompensa pelos muitos anos de afinco nos estudos.



Capítulo 3

Em casa, com o rosto coberto por creme de tratamento para a pele, Jamile só conseguiu chegar até o aparelho telefônico e atendê-lo após o terceiro toque e não sem antes tropeçar em uma pilha de revistas que estava no chão, próxima ao sofá de dois lugares. Era preciso ser mais organizada, constatou; se tivesse caído e se machucado, poderia perder possibilidades de trabalho. Todo cuidado era sempre pouco em sua área de atuação.

— Alô... - ela disse quase sem fôlego tão logo aproximou o fone de seu ouvido esquerdo.

—Jamile, sou eu, a Fernanda - a voz esganiçada e eufórica do outro lado lhe era mais que familiar e não exigia qualquer identificação. — O Dan me contou... Eu telefonei exatamente quando ele estava indo pro hospital... A Rebeca acordou.

Jamile não soube o que dizer. Foi tanto tempo esperando por alguma reação de Rebeca que a crença de que este despertar viesse a acontecer já não passava de algo remoto, improvável. Tudo havia se transformado ao longo daqueles doze anos e a Jamile de hoje já não nutria grandes relações com a Jamile de ontem, com aquela mesma jovem dos tempos em que Rebeca saíra de cena.

— Jamile... Você ainda está aí?

Fernanda sabia que a notícia pegaria Jamile de surpresa. Ela se lembrava de como as duas eram unidas na adolescência; tão unidas que ela, Fernanda, sentia-se um peixe fora d'água quando estavam as três juntas. O afastamento involuntário de Rebeca havia aproximado-as de forma que Jamile era a melhor amiga de Fernanda, relação que não teria se estabelecido se a vida tivesse seguido seu curso normal; se é que se pode dizer que a vida tem um curso preestabelecido...

— Sim... - Jamile respondeu com a voz embargada.

Elas eram muito próximas. Rebeca fora sua melhor amiga desde sempre, desde antes do catecismo, desde os tempos dos quais podia se lembrar.

Cresceram juntas e quando os meninos, fosse na escola ou no bairro, insistiam em chamá-la de "*Jamile Jamanta*" por causa de seu excesso de peso, era Rebeca quem a defendia. O excesso de peso era incômodo e Jamile morria de vergonha de ser a *jamanta* do grupo. Ter uma característica física denegrada o tempo todo não era nada fácil! As marcas que ficaram seriam para a vida inteira.

Mas o tempo havia passado e Jamile não era mais uma *jamanta*. Havia se cuidado e após rigorosas dietas alimentares, que resultaram em muitos quilos a menos, temporadas extensas em *spa's*, muitas idas ao salão de beleza e alguns procedimentos cirúrgicos, destacava-se no meio da moda, sendo requisitada para os desfiles de grandes marcas ou de estilistas famosos e causava inveja nas rodas sociais que frequentava. O patinho feio se transformara em um belo cisne para o dissabor dos invejosos e, como se não lhe bastasse sua beleza, ela colecionava pretendentes.

— Ficou muda? Pensei que a notícia fosse te agradar.

Fernanda ponderou antes de ligar para a amiga. Caso se tratasse de qualquer outra notícia, ela teria telefonado de imediato, porém, o despertar de Rebeca a fez refletir por cerca de duas horas antes de procurar por Jamile. Levar Rebeca de volta para a vida de Jamile representava a possibilidade de perder uma amiga e Fernanda não sabia se estava disposta a pagar preço tão alto. Em paralelo, era certo que Jamile saberia, então que fosse por seu intermédio. Talvez isto servisse para aproximá-las ainda mais, para solidificar a confiança. E além do mais, ela gostava de ser a portadora de notícias, fossem estas boas ou não.

— Só fui pega de surpresa - a voz de Jamile ainda se mostrava imprecisa.
— Acho que após tantos anos é difícil ouvir isto. Aliás, não é difícil; só é... estranho. - ela se consertou.

Toda aquela estranheza era justificada. Não era comum que uma pessoa ficasse em coma por tantos anos e acordasse naturalmente, sem qualquer sequela aparente. Contudo, Rebeca havia acordado, apesar de sua vida já não poder mais ser retomada do ponto onde havia parado. Tudo estava mudado. E Jamile, por mais cruel que este pensamento pudesse parecer, nunca acreditou em uma possibilidade de recuperação.

— E imagine você como eu também me surpreendi! - Fernanda tagarelava do outro lado tentando garantir para si a atenção de Jamile. — Liguei para o Dan por acaso e fui surpreendida com esta notícia. Ele estava

no trânsito, dirigindo para o hospital e, de acordo com as informações que recebeu, Rebeca estava bem, acordou lúcida, apesar de não entender o motivo pelo qual se encontra em um hospital. Mas acho que isto ninguém entenderia. Não após tantos anos... É maravilhoso, não acha?

Em algumas ocasiões, as perguntas idiotas feitas por Fernanda irritavam Jamile. Claro que era maravilhoso! O que mais Fernanda poderia esperar?

— Não resisti! Te liguei assim que eu soube... - Fernanda mentiu para agradar a amiga e acarretar-lhe caráter de importância. — Não sei se, além do Dan, os outros já sabem... Eu pensei em ligar para eles e avisar...

Fofoca! Se havia algo que incomodava Jamile em seu meio de trabalho era a fofoca e quando este tipo de ação se concretizava em sua vida pessoal, vindo de pessoas próximas e envolvendo aqueles que ela considerava como amigos, a coisa duplicava de tamanho, adquiria proporções estratosféricas e ela irritava-se profundamente. Ser o alvo das colunas jornalísticas nos últimos anos de vez em quando a jogava nas muitas tempestades criadas pelos fofoqueiros da mídia, que lhe davam namorados fictícios e problemas diversos. Por isto, em sua vida privada, ela evitava este tipo de pessoa. Menos Fernanda, que mostrava-se uma fofqueira nata e, em muitas ocasiões, bastante incomodada com o que se passava com as outras pessoas, comportamento que não havia como disfarçar e que Jamile relevava em decorrência dos longos tempos de convivência e amizade. Na perspectiva de Jamile, Fernanda tinha inveja de pessoas bem sucedidas; enquanto Fernanda sempre acreditou que Jamile invejasse quem tinha sua aparência física destacada favoravelmente.

Se Fernanda queria colocar a boca no trombone que o fizesse, pois não seria Jamile quem se prenderia aos problemas de caráter da amiga linguaruda. Sua intenção restringia-se a manter a diplomacia e o bom senso, coisas que Fernanda se conhecia, desprezava.

— E como vou ao hospital, pode ser que um deles queira me acompanhar. Sua agenda, como está? Tem tempo para ir também? Todos nós éramos grandes amigos e acho importante que ela saiba que pode contar conosco neste recomeço. Deveríamos estar lá para apoiá-la.

Fernanda falava mais que uma *vitrola enguiçada*, teria dito a falecida Dona Quinzinha, avó de Jamile, quituteira de mão cheia e grande responsável por sua condição de *jamanta* durante os períodos de infância e adolescência. Apesar de ter sim a intenção de visitar a amiga, a notícia de

sua recuperação acabara de chegar e Jamile não sabia se aquele era o momento adequado. Ela sequer sabia como agir.

Talvez fosse caso de deixar que a família e a equipe médica estivessem com Rebeca nos primeiros momentos ou esperar que a amiga se acostumasse à sua nova realidade por alguns dias. Em paralelo, nas ocasiões mais difíceis e certamente aquela era uma ocasião difícil para Rebeca, a presença dos amigos podia fazer grande diferença. A possibilidade de Rebeca desejar estar com todos eles lhe povoou a mente. Frente àquelas duas perspectivas, Jamile, que dificilmente sabia o que fazer quando precisava optar por algo, sentiu-se perdida. Escolher entre dois caminhos era complicado, sempre foi. Se seu peso diminuía com o passar dos anos, sua insegurança somente aumentara, apesar de ser sempre disfarçada em suas atitudes.

Àqueles dias a agenda de Jamile apresentava algumas lacunas. Era final de ano e todas as coleções da estação já haviam sido lançadas de modo que ela era requisitada apenas em festas da sociedade e confraternizações das grandes revistas, eventos que habitualmente aconteciam em horário noturno. Se a intenção de visitar Rebeca fosse levada adiante, ela poderia ir. Ainda assim a dúvida e o medo permeavam seus devaneios enquanto a tagarelice de Fernanda inundava seus ouvidos.

— E então, você vai poder nos acompanhar? - Fernanda insistia do outro lado da linha.

— Fernanda você não falou com os outros ainda. Não acha que seria melhor consultar o Dan sobre esta visita? Ele é o médico de Rebeca e sabe o que é melhor nestas horas. Chegar lá sem avisar pode ser um problema. Não acho certo que a gente se intrometa desta forma...

— Ora, não é intromissão! É só preocupação - a amiga argumentava. — Foram doze anos, Jamile! Doze anos desacordada e sem que nós soubéssemos se ela acordaria algum dia. Justamente quando ela acorda, nós não estamos lá?

Sim, foram doze anos de um afastamento involuntário, porém legítimo, Jamile reconhecia aquilo.

— E, além do mais, se eu for consultar o Dan, sei que ele vai criar problemas... Vai usar de sua posição de médico para nos impedir e ter a Rebeca só pra ele. Ele vai decidir por nós. Você sabe que sempre foi assim! - Fernanda insistiu ainda mais.

Talvez as atitudes de Fernanda se justificassem pela total falta de acontecimentos significativos em seus dias. A amiga, apesar de ter estudado, não tinha qualquer ocupação, não trabalhava, sendo sua única responsabilidade ver os dias passarem. Osvaldo, o pai, havia enriquecido inesperadamente através de um prêmio lotérico. Vivia de rendas: investira o valor ganho em imóveis que alugava. Tornara-se um "novo rico", o sujeito mais deslumbrado e brega de Copacabana, o tipo que usava óculos escuros dentro de casa, blusões com as cores e estampas geométricas mais inusitadas, calças e sapatos brancos, smoking para ir ao bar; e empregava-se das redes sociais para a ostentação, exibindo fotografias ridículas, trajando as roupas recém compradas e esnobando as outras pessoas por meio da irônica legenda "*a vida é pauleira*". A esposa, uma coitada provavelmente, o acompanhava de cara fechada nestas empreitadas, era cúmplice do ridículo que o homem insistia em passar. Muitas vezes, as pessoas sujeitavam-se ao absurdo por medo do que poderia estar por vir e, neste caso, Vânia sujeitava-se às loucuras de Osvaldo, pois sabia que qualquer indício maior de insatisfação seria um problema. Ela não sorria, quase nunca mostrava os dentes, sua presença não cheirava e nem fedia, mas ela estava sempre ali, ao lado de Osvaldo e era parte de algumas das fotografias mais patéticas. Ele a sustentava e aquilo lhe bastava. Ele já a ameaçara de separação em outras ocasiões e a rua da amargura não era o destino que ela almejava.

A vida de Fernanda era vazia, apesar dos muitos requintes proporcionados pelo pai e de todo o envolvimento com a sociedade. Para Jamile, que dividia seu tempo entre passarelas de moda e grandes eventos, observar os dias, um após o outro, sem qualquer evento significativo, conforme Fernanda costumava fazer, não deveria ser nada agradável.

— Quando terminarmos esta nossa conversa, eu vou telefonar para a Ana Paula e o Afonso. Acredito que eles topem a visita.

Na concepção de Jamile, não se tratava de *acreditar que eles topassem*; Fernanda tinha a intenção de convencê-los, assim como tentava convencê-la. Quando seus interesses eram postos em prova, não havia qualquer cálculo em relação aos esforços empreendidos: Fernanda insistia e insistia e insistia, até que vencesse as pessoas pelo cansaço.

— E então, você vai?

E ela continuava insistindo.

— Realmente, eu não sei. Não sei se é certo e tenho receio de atrapalhar. Acho que antes de combinarmos qualquer visita, precisamos consultar o Dan. Como médico de Rebeca, ele saberá nos orientar melhor em relação a esta possibilidade.

Para Fernanda, aquele senso de adequação sempre foi o que diferenciava Jamile dos demais amigos. E desde bem jovem! Não havia como pensar de forma contrária: a amiga, apesar de espalhafatosa em alguns momentos, era sempre correta em suas ações; ou ao menos tentava ser o mais correta possível. Jamile não agia de maneira impensada, não se deixava levar por impulsos, não se permitia muitos devaneios. Antes de tomar uma decisão, todos os prós e contras eram mensurados e Jamile somente levava uma ideia adiante se tivesse total segurança em relação ao seu resultado. Já ela, Fernanda, era movida por suas emoções. Se sentisse vontade de fazer algo, o faria; se sentisse a necessidade de dizer algo, diria sem rodeios. "*Certamente, as atitudes de Jamile justificavam-se pela obesidade vivenciada por anos e que fez com que ela sentisse inveja de Rebeca por sua beleza.*" -, Fernanda pensava.

Se Jamile já se destacava por seu tamanho avantajado, era natural que tentasse manter a discrição em suas atitudes para chamar um pouco menos atenção dos demais. Não deveria ser nada fácil pesar o dobro do que era proporcional à sua estatura e ter que comprar roupas somente por encomenda. Entretanto, por mais que a amiga tivesse superado esta questão em termos físicos, sendo hoje uma modelo conhecida e enaltecida internacionalmente, os incômodos emocionais experimentados por ela no passado muito provavelmente eram memórias ainda presentes. Um trauma será sempre um trauma. As ranhuras eram tão vívidas que faziam de Jamile a pessoa mais sensata e discreta do grupo atualmente.

E era por julgar conhecer a amiga tão bem, que Fernanda sabia que naquele momento não tiraria dela nenhuma resposta.

— Eu volto a telefonar então, Jamile. Assim que tiver a resposta dos outros, eu ligo para saber o que você decidiu.

Fernanda desligou sem esperar qualquer resposta de Jamile. Não adiantava insistir. Era preciso dar à Jamile tempo para pensar.

Após ouvir o sinal de ocupado do outro lado da linha, Jamile chorou. O passado estava ali, batendo às portas de uma realidade que, apesar de lhe pertencer, fazia com que ela se sentisse vazia, distante, em um caminho

tortuoso e que poderia se esvair em qualquer momento, jogando-a em um longo abismo. Reaproximar-se dos amigos de outrora interrompia sua caminhada individual e fazia com que ela desse alguns passos para trás e esbarrasse naquela que um dia fora: a gorda.

Depois, caminhou até a cozinha e sacou do freezer um pote com dois litros de sorvete de flocos. O aglomerado de gordura e açúcar, com gosto de nada e salpicado de fragmentos de chocolate, estava lá havia alguns meses, guardado por qualquer eventualidade e a tal eventualidade acabara de bater às portas de sua realidade.



Do outro lado da cidade, na porta de seu apartamento, Afonso agradecia ao entregador do restaurante japonês, enquanto Ana Paula o aguardava à mesa.

—Só vou telefonar para ela após o jantar. Por mais que a Fernanda tenha dito em sua mensagem que o assunto é urgente, acredito que minha fome seja mais urgente. Além do mais, nós conhecemos perfeitamente os tipos de urgência que ela costuma criar e não é minha intenção perder o apetite - divagava a mulher enquanto mirava a caixa que o marido trazia.

Afonso riu ciente de que quando Fernanda surgia inesperadamente, trazia consigo alguma notícia travestida de falatório. A amiga parecia ter o dom de deturpar as situações e aumentar sua gravidade. Seus estardalhaços eram sempre desnecessários.

— Mas é verdade e você sabe disso! - Ana Paula defendeu piamente seu ponto de vista.

De certa forma, sempre fora assim. Desde os tempos de colégio, quando Ana Paula e Fernanda dividiam a mesma carteira na sala de aula, as conversas propostas pela amiga eram reflexos de alguma fofoca ou intriga. Os alvos eram variados. Ana Paula se lembrava de que, entre as diversas pessoas com as quais lidavam no cotidiano escolar, fossem alunos, professores ou funcionários, Rebeca era o foco favorito de Fernanda, apesar

de ela nunca ter entendido o real motivo, já que, aparentemente, ambas sempre se deram muito bem.

Para Fernanda os avanços da tecnologia, que fizeram com que as pessoas se comunicassem com extrema facilidade e rapidez, eram válidos, porém ela preferia o olho no olho ou qualquer outro tipo de tête-à-tête mesmo que telefônico. Gostava de redes sociais, pois estas a mantinham a par de informações novas. Era interessante saber para onde Fulano havia viajado no último feriado ou que Beltrano perdera o emprego de anos. Porém, as mensagens escritas não a agradavam muito e eram empregadas apenas para chamar seu interlocutor, conforme fizera com Ana Paula. Fernanda apreciava poder acompanhar as reações, as levantadas de sobrancelhas, os ares de espanto ou as alterações no tom de voz. Nada a alimentava mais, ou melhor, do que os efeitos causados por seus relatos. Nada era mais rico que a constatação do dever cumprido e dever, para ela, era espalhar aos quatro ventos o que quer que pudesse ser espalhado.

Afonso também sabia como a amiga costumava agir, apesar de nunca ter se dado muito bem com Fernanda. Sendo ele dois anos mais velho, eles não frequentaram a mesma turma na escola, mas conhecia perfeitamente a fama que a jovem carregava. Ele fora, inclusive, vítima de suas fofocas na fatídica viagem para Petrópolis e, apesar de muito tempo já ter se passado, ele ainda não havia perdoado sua atitude. Afonso se lembrava de tudo.

— *Ana Paula está caidinha por você, Afonso. Eu percebi... Mas e Rebeca, como fica nesta história toda?*

Eram raras as ocasiões em que Fernanda direcionava-se a Afonso e quando o fazia sempre tinha intenções dúbias resguardadas.

— *O que tem a Rebeca, Fernanda?*

— *Ah! Pensa que não sei? Você arrasta suas asas pra ela há tempos... Mas também não quer perder Ana Paula, não é isso? Assumir interesse em Rebeca, que parece preferir o Daniel, pode afastar Ana Paula de você. Eu entendi seu jogo...*

A voz era irônica, o sorriso também.

— *Pensei inclusive em falar com ela, tentar descobrir quais as impressões que Rebeca tem a seu respeito...*

— *Não, Fernanda. Você pensou em bisbilhotar, fazer fofocas, nada mais. E saiu, deixando Fernanda sem saber o que dizer.*

Mais tarde, naquele mesmo dia, ele a vira puxando Rebeca para um canto e segredando-lhe algo. Depois disso, Afonso teve impressão de que Rebeca passou a evitá-lo.

— Você está me ouvindo? - Ana Paula chamou o marido de volta à realidade.

— Sim, eu sei - ele confirmou. — Sei perfeitamente que ela não vai parar enquanto não tiver destilado seu veneno. Só sossegará depois que receber um telefonema seu.

Enquanto se preparava para comer, Afonso imaginava Fernanda em casa, sentada em um sofá, roendo as unhas e sem desgrudar os olhos do telefone celular, esperando pela ligação de sua esposa. Aquela imagem e a certeza de que ela estava exatamente daquela forma o divertiam. As impressões causadas por Fernanda eram as piores possíveis, infelizmente.

— E eu não vou correr qualquer risco de perder o apetite. Não mesmo! Vou ligar para Fernanda, mas só depois de ter jantado. E se eu cismar, nem ligo hoje - Ana Paula reafirmou, afastando o marido de seus pensamentos. — Passei o dia trabalhando, estou cansada e o que mais quero quando chego a minha casa é tranquilidade, elemento que segue em direção oposta aos questionamentos de Fernanda.

Grande verdade. Fernanda não era de dar sossego às pessoas, nunca foi. A impressão que tinham aqueles que lidavam constantemente com ela era de que todos estavam em sua linha de tiro e causar discórdia era seu principal foco. Por mais que uma ou duas atitudes da moça parecessem normais, não havia qualquer traço de neutralidade nelas; tudo o que Fernanda fazia era premeditado e escondia alguma intenção. Ela não dava ponto sem nó.

Afonso e Ana Paula formavam um belo e bem sucedido casal. Ela, professora de línguas, lecionava em duas universidades e administrava com punhos de ferro um curso de inglês; ele, advogado de renome, tinha seu próprio consultório em um prédio no centro da cidade, próximo ao fórum, e liderava uma equipe excessivamente competente e respeitada no mercado. O desempenho em suas profissões havia retirado ambos do subúrbio e alçado-os à alta sociedade carioca, além de render um belíssimo apartamento de cobertura e infinitos metros quadrados no Leblon, um dos bairros mais nobres da zona sul da cidade. Suas responsabilidades

resumiam-se ao trabalho, à vida a dois e a Kal-El, o mimado shitzu com pedigree e chuquinha. O nome foi escolhido por Afonso, em homenagem ao Superman. Por opção, não tinham filhos. Quem os conhecia hoje, não diria que ambos cresceram cada um com seus dois pés bem longe dali e em meio a muita simplicidade, que Afonso ainda mantinha, apesar de Ana Paula ter deslumbrado-se um pouco. Talvez, todo este sucesso no casamento não tivesse sido possível se não fosse o acontecimento que envolveu Rebeca.

A condição social deles era mais uma questão que, em algumas vezes, parecia incomodar Fernanda. De todos os amigos do grupo, ela, mesmo desfrutando também do luxo, que lhe era proporcionado pelo pai, não havia progredido muito. Não dedicava-se à sua formação apesar de ter concluído curso superior, não tinha um emprego e toda a sua condição social e financeira encontrava-se atrelada ao pai, sendo apenas isto que a destacava em seu meio. Sozinha ela não era ninguém e o respaldo que recebia vinha das rodinhas dos quiosques e bares do calçadão, dos contatos que Osvaldo mantinha. Fernanda morava com os pais em um apartamento em edifício de destaque de frente para o mar, mas se quisesse comprar um vestido, era preciso pedir autorização para o uso do cartão de crédito e às vezes esperar dias por uma resposta. Em muitas destas ocasiões, quando a autorização lhe era concedida, o vestido havia esgotado. Evidentemente este tipo de situação que ela considerava como "vergonhosa", "catastrófica" ou "o ó" eram mantidas bem guardadas, escondidas dos amigos. Não era necessário que eles soubessem que a independência financeira de Fernanda era fachada, era quase parte de um acordo dela com o pai para que as pessoas os julgassem superiores.



Capítulo 4

Assim como Ana Paula, Lionel também recebera uma mensagem de Fernanda e, apesar de seu hábito de varar noites compondo, a mensagem o acordara. A noite anterior não havia sido fácil, fizera três shows em lugares distintos e estava exausto. A vida na estrada esgotava suas forças e os rendimentos nem sempre compensavam tamanho esforço, aliás, quase nunca compensavam. Enganavam-se aqueles que o julgavam rico; ele era famoso, tinha sua vida financeira estabilizada, desfrutava de algumas comodidades e só. Movido por tamanha exaustão, o que Lionel mais queria era dormir de forma ilimitada naquela tarde.

Fernanda o impedira.

Ooooooi! Falei com o Dan. A Rebeca despertou, acredita nisso? Não é maravilhoso? Quando você vem?

O texto na tela do celular dizia muito e havia surpreendido Lionel. Por uma fração de segundos, diversas lembranças lhe voltaram à mente. Infância e adolescência reuniam recordações felizes para Lionel e os amigos, agora distantes, faziam parte destas épocas. Ele gostaria de estar perto, de rever Rebeca e os demais após tantos anos, porém, havia um contrato que não deveria ser quebrado. Seriam mais quatro noites de shows e somente após estes dias, durante o intervalo de folgas para o final de ano considerado como férias, ele poderia visitá-los. Apesar de não estar em seus planos deixar Curitiba, cidade onde residia à época, a situação, de certa forma, exigia sua presença; e Rebeca, cuja condição clínica foi parte de sua inspiração para *Dias Vazios*, seu primeiro e maior sucesso, merecia seu apreço.

Enquanto atravessava o curto espaço entre o quarto e a cozinha, para servir-se de uma xícara de café, Lionel imaginou a confusão que Fernanda teria causado naquele dia. Ela sempre fora agitada e não se continha frente a

uma novidade. Teve pena dos outros amigos que a aturavam mais de perto. Por sorte, sua convivência era restrita, limitava-se a um aparelho de telefone, que poderia ser desligado em qualquer momento caso ele sentisse necessidade.

Eu não sei, Fernanda. Tenho uma agenda a cumprir antes de poder viajar. Talvez eu possa ir dentro de alguns dias, mas ainda não é nada certo. Preciso organizar uma série de coisas antes de pensar em me ausentar.

Era melhor responder. Fernanda não tinha papas na língua e, caso sua resposta demorasse a chegar, a perturbação seria ainda maior. Contudo, Lionel sabia que ela não sossegaria com a resposta que ele enviara, não se daria por satisfeita, mas, era melhor do que nada.

Tão logo foi enviada, sua mensagem foi visualizada e respondida.

Absurdo! Nossa amiga passa anos em coma e você não sabe quando poderá vir para vê-la? Parece que o sucesso subiu à sua cabeça mesmo, Lionel. Essa atitude me deixa muito chateada, é pouco caso! Eu não esperava isso de você!

Enquanto lia, Lionel percebeu que Fernanda, incansável, já digitava uma nova mensagem. Para evitar maiores aborrecimentos, desligou o telefone celular. A fuga, em algumas ocasiões, era excelente estratégia. Mais tarde leria o novo desaforo; agora, precisava de um banho quente e demorado. Sair do coma trazia Rebeca de volta, mas ele sabia que não seria só isso. Havia mais coisas e não era o momento de sentir-se angustiado com as possibilidades ou permitir que Fernanda o deixasse tenso.



Luciana ainda não havia terminado de lavar as roupas, não havia varrido a sala e nem começara a preparar a janta, portanto, o telefonema de Fernanda significava atraso ainda maior nas tarefas de casa.

— Fernanda, eu não tenho tempo, realmente. Fico muito feliz em saber que Rebeca acordou, mas agora não posso conversar. Daqui a pouco o Nilo vai chegar e eu preciso estar com tudo arrumado e a janta pronta.

—Ah! Coisa mais chata essa sua vida de casada... - Fernanda conseguia ser egoísta quando lhe interessava e não percebia que as pessoas tinham seus afazeres. — Será que não há um dia em que nós possamos conversar durante alguns minutos, sem que você se queixe de algo que precisa fazer?

Não, não há. Luciana respondeu em pensamento. Um alerta ecoava dentro dela. Fazia três anos desde a última vez em que atrasou a janta por causa de um telefonema de Fernanda e aquilo lhe rendera um olho roxo e duas costelas quebradas. Ninguém viu, ninguém soube. Nilo não perdoava suas falhas e muito menos, abonava seus atrasos.

— Tenho minhas responsabilidades, Fernanda. Você precisa entender isso - Luciana tentava em vão justificar-se.

E tenho um marido que exige a mesa posta pontualmente, caso contrário, só Deus sabe o que pode me acontecer; mas você não entende isso, você não percebe, não vê nada. Sua vida a faz cega para tudo aquilo que não envolva somente você e suas necessidades bobas. Os pensamentos de Luciana se fizeram presentes mais uma vez, apesar de ela não os ter verbalizado.

Luciana já colecionava oito anos de casada e as surras começaram ainda na primeira semana. Foi em uma noite de sábado, quando Nilo sugeriu que ambos fossem até a barraca de cachorro quente da praça, para lanchar. Apesar de Luciana não ter notado, um homem olhou para ela. Foi Nilo quem percebeu e ao voltarem, ele decidiu ensiná-la a não despertar olhares enquanto estivesse na rua. Desfigurou-lhe o rosto, pois mulher feia não chamava atenção. E ela ficou em casa por exatas três semanas, sem sair e sem nem mesmo aparecer na janela, até que sua face readquirisse a aparência normal. A dor não passou, ficou registrada em seu interior, em um recanto qualquer. Apesar do acontecido ficar guardado e em segredo, a vergonha também não a abandonou. As marcas ficariam para sempre impressas, fosse no corpo ou na alma. Lembranças também doíam.

— Eu pensei em irmos todos até o hospital. O que me diz? - Fernanda insistia. — Espero que você não faça como os outros que nem mesmo respostas decentes me deram.

— Não posso - aquela era a resposta mais decente e sincera que Luciana podia dar à Fernanda no momento.

E ela de fato não podia.

Eram raras as ocasiões em que Luciana saía e Nilo sempre fazia questão de acompanhá-la. O policial não permitia que sua esposa deixasse a casa sem sua companhia. Além disso, se houvesse convite para festas ou qualquer outro tipo de evento onde a presença de Luciana fosse requisitada, mesmo que envolvesse apenas sua família, se não pudesse ir por causa do trabalho ou se não quisesse ir, ele sempre criava uma desculpa para que a esposa não fosse. E ela repetia esta desculpa como se fosse sua, abrindo mão do convívio social em prol de um matrimônio fracassado e excessivamente violento. Era isso ou uma boa surra... O que mais Luciana poderia fazer?

Em se tratando de sair sem autorização, Luciana arriscou-se somente uma vez e foi para nunca mais. Era aniversário de sua mãe, cinquenta e dois anos, e o irmão fizera uma festa. Como Nilo estaria de plantão na ronda noturna, ela acreditou que poderia sair sem que ele percebesse. Mas ele estendeu a ronda até em casa e não encontrou a esposa. Sentou-se na poltrona até que ela chegasse. Ao entrar, cedo ainda, pouco antes das dez da noite, Luciana foi recepcionada com um soco na cara e diversos pontapés que exterminaram a vida que brotava em seu útero. O marido não sabia da gravidez que estava ainda no começo. O desgosto fez com que ela, sem que ele tomasse conhecimento, evitasse filhos após este acontecimento, o que deu a Nilo a falsa impressão de que a mulher era infértil, além de outro motivo para mais surras. Nestes momentos era muito bom ter um amigo médico e Dan fazia valer a ética imposta por sua profissão. Nilo nunca soube que a esposa prevenia-se. E sobre não ter filhos, Luciana não se importava, nada mais importava e seria um grande erro colocar uma criança no mundo para passar por tudo o que ela passava.

— A verdade é que depois de casada, você ficou muito chata, Luciana, está muito mudada. Você era divertida, sempre acompanhava o grupo, mas se isolou quando casou.

A verdade é que vida ficou muito chata depois de casada... Era nos pensamentos que Luciana melhor se expressava. Ninguém ouvia e ela não apanhava por causa deles. Mas havia a esperança de que um dia as coisas melhorassem, pois o pouco de força que ela mantinha represada ainda lhe permitia acreditar.

— Me desculpe, Fernanda, mas preciso desligar. Depois a gente se fala.

E desligou, sem esperar por resposta.

O relógio já marcava a hora em que Nilo habitualmente chegava e naquela noite Luciana não tinha intenção alguma de sofrer agressões. Não por causa de Fernanda ou de Rebeca. O passado havia ficado para trás, o presente era uma merda e ela, de algum jeito, precisava impedir que tudo se repetisse em seu futuro próximo, que para ela eram os momentos seguintes, quando o marido chegaria em casa.



O que Fernanda parecia não se lembrar quando procurava pelos amigos era a existência de Raimundo ou *Mundo*, como todos o chamavam, mas, após o acontecido, este já não tinha contato com os demais. Transformara-se apenas em um alguém esquecido em algum lugar antigo.

Mundo já não era especificamente um "membro do grupo". Talvez nunca o tenha sido. Apesar de ter crescido e convivido com os outros, de ter jogado com eles todos os jogos de tabuleiro possíveis e imagináveis nas tardes que dividiam na Penha, ora na casa de um, ora na casa de outro, e de ser sempre ele quem pulava para pegar a bola encardida caída no quintal de Dona Celina, tomando corridas homéricas de seus três cachorros raquíticos, era posto de lado em alguns momentos e em outros, por sentir-se em condição inferior, era o próprio Mundo quem saía pela tangente. A vida dele nunca foi fácil! Não se sabe se por pena ou por afinidade, Dan sempre o levava consigo quando saía com os amigos, o que fez com que Mundo frequentasse os mesmos lugares e se mantivesse junto deles, apesar de nem sempre ser visto como igual pelos demais. Com o passar dos anos, com o avançar das idades e com as mudanças de bairro, o afastamento foi algo

inevitável e eles não tinham notícias sobre o paradeiro do rapaz. Até tinham... Todos sabiam que Mundo morava ainda no mesmo bairro, na mesma casa, mas não o procuravam. Exceto Dan que, apesar de tudo, ainda o considerava como um irmão.

Mundo ainda pisava o mesmo chão todo santo dia, com chuva ou com sol, fosse para sair de casa logo cedo ou chegar até ela tarde da noite. Ele ocupava com sua mãe, Dolores, a casinha muito simples em uma rua comum e cujo asfalto, havia pouco tempo, tinha coberto os paralelepípedos. Ainda morava na Penha, no mesmo local em que nasceu, na mesma rua em que Rebeca também morava. Não estudou muito, mesmo sendo bastante inteligente; as contas acumuladas e a necessidade de alimento o convocaram para o trabalho antes de concluir o ensino médio. Profissionalmente, já fora de tudo: empacotador de supermercado, vendedor de picolé, ajudante de sapateiro, pintor de paredes, pizzaiolo e entregador de farmácia. Em nenhuma destas funções teve reconhecimento ou direitos ou um registro na carteira de trabalho. Mundo viveu de bicos a vida inteira e foram estes tantos bicos que tiraram ele e sua mãe da miséria que amargaram por anos. Hoje, com uma carrocinha de segunda mão e um jaleco de tergal, o rapaz vende pipocas aos pés da escadaria da Igreja da Penha, onde roga à santa proteção e coragem para os dias mais difíceis.

Certamente, Fernanda não se lembraria de contar a Mundo sobre o despertar de Rebeca. Aquela parte do passado havia ficado para trás, não? E, se porventura cogitasse a possibilidade de procurar pelo rapaz, não se daria ao trabalho. Não ela. Se havia alguém de quem a moça buscava distância, este alguém era ele que, em sua concepção, sabia muito mais do que falara naquela ocasião. Os doze anos passados não haviam amenizado as impressões da moça sobre ele.

Rebeca nunca teve qualquer objeção em relação à Mundo. Eram até bem próximos e, apesar de não poder fazer o que Dan sempre fizera, visto que as condições em que vivia não eram das mais confortáveis, ela ficava contente quando o amigo proporcionava a possibilidade de Mundo os acompanhar em suas idas ao cinema ou às lanchonetes e shoppings. Para ela, ele era um amigo como os outros e as dificuldades financeiras enfrentadas pelo jovem não eram agravantes para o entrosamento dele com o grupo, assim como não eram motivos para considerá-lo de maneira diferente. Ela também tinha seus dias ruins e, em muitas ocasiões, enfrentara dificuldades com sua mãe.

A vida financeira da família de Rebeca também não era das melhores, eles admitiam, mas este era um caso à parte, pois a jovem, apesar de ser suburbana também, não nascera na pobreza como Mundo. Todos entendiam que havia a justificativa da estagnação proporcionada pela internação da moça e pelos gastos com doze anos de hospital. Por mais que Amélia recebesse ajuda da família de Dan, uma das mais ricas da cidade, havia a tristeza, que impedia certos avanços. Desta forma, o bairro e a casa ocupados por sua família também eram os mesmos, apesar de sua mãe passar a maior parte de seu tempo nos corredores hospitalares.

Em seu consultório, no andar sobre a ala onde Rebeca era mantida em repouso, enquanto observava a noite pela janela, Dan refletia sobre a enxurrada de acontecimentos das últimas horas. Era esperado que, mesmo inconformada, Rebeca já estivesse dormindo. Os medicamentos favoreceriam o sono. Durante todos aqueles anos, mesmo quando acompanhava a internação da amiga ainda nos tempos em que era um estagiário, ele acreditou e esperou por seu despertar. Agora, quando o momento enfim havia chegado, Dan precisava encarar as dúvidas daquela realidade. Quem era o verdadeiro culpado?

Rebeca havia despertado, porém, com a mentalidade de uma menina de dezesseis anos. Para ela, o tempo era ainda 2006 e eles estavam às vésperas de viajar para a serra. Ela não se lembrava da viagem. Desconhecia os rumos tomados pelas vidas dos amigos. Não se lembrava de nada do que havia acontecido. Não tinha qualquer noção do motivo de sua internação.

Por anos, em seus pensamentos mais íntimos e enquanto as demais pessoas pareciam buscar apenas o retorno de Rebeca à vida ativa, ele a quis de volta também para entender o que havia acontecido. Do trabalho para casa e de casa para o trabalho, empenhou-se sempre em busca de respostas, de entendimento. Apesar das reações da amiga serem desconhecidas, Dan acreditou durante todo aquele tempo que ao acordar ela esclareceria os fatos, acreditou que ela fosse contar tudo o que tivesse para contar. Ele estava errado, esteve errado por doze longos anos. Rebeca não sabia de nada; os amigos, também não, juraram isso por anos a fio. O que poderia ter sido resposta, tornou-se pergunta ainda mais relevante. Para piorar a situação, a cada meia hora Fernanda telefonava, insistindo em uma visita para o dia seguinte. Algumas coisas não mudavam nunca; algumas pessoas, também não.



Capítulo 5

Na manhã seguinte, Rebeca não se conformava.

— Eu não entendo porque preciso continuar no hospital! - Rebeca reclamava com a mãe, enquanto encarava uma xícara morna de café com leite mal adoçado. — Já deu para perceber que estou bem e eu já entendi que passei doze desgraçados anos dormindo nesta porcaria desta cama. Por quanto tempo mais vocês vão me manter aqui? Vão esperar que eu enferruje ou que eu crie mofo?

Amélia não tinha como argumentar e mesmo toda sua severidade ficava rendida frente aos apelos da filha. Ela entendia suas necessidades, sabia perfeitamente que Rebeca queria correr para a vida, mas também sabia que o quadro clínico era incerto, apesar de aparentemente estabilizado. O caso era raro e a medicina parecia desconhecer as possibilidades de um despertar após tantos anos em coma, por isso Dan insistia em manter a paciente e amiga hospitalizada por mais alguns dias. Amélia conhecia as histórias e morria de medo da tal *melhora da morte*.

— Eu entendo sua pressa, Rebeca, mas acho que depois de tanto tempo, agora você está acordada e um ou dois dias não farão diferença se comparados aos doze anos que você...

— É lógico que fazem diferença! Quem dormiu fui eu! - Rebeca se alterava cada vez mais, enfurecida com todo aquele mistério. — Dormi por doze anos, mãe, e todo este tempo pra mim foi apenas uma noite acompanhada de um sonho longo e esquisito. Enquanto isso as pessoas viviam; as pessoas estudavam, trabalhavam, construía histórias. Eu não. É como se eu não tivesse uma vida para viver...

Paciência não era uma virtude de Rebeca, nunca foi. Quando o tema em voga era a vida, sua ânsia a atropelava e ela não esperava, até mesmo por saber que a vida jamais esperaria por ela. Os doze anos em coma comprovavam sua teoria: ela dormiu enquanto a vida continuou acontecendo. Sua mãe envelhecera; seus amigos haviam encaminhado suas

vidas, conforme as poucas notícias que a mãe lhe dera durante a noite; seu cachorro, ganho no "último" Natal, já não era mais um filhote, era um ancião gordo e preguiçoso, com o focinho repleto de pelos brancos. O que mais Rebeca deveria esperar?

— Apaguei com dezesseis anos e estou acordando com vinte e oito. Passei doze anos sonhando um sonho de uma noite só! Quanto tempo mais eu vou perder, mãe?

Amélia não sabia responder, mas torcia para que a estadia da filha ali fosse breve. Em paralelo, quando recebesse alta, era provável que Rebeca tentasse abraçar o mundo e aquilo a assustava. Aqueles que seguiram suas vidas talvez não percebessem as diferenças, pois as acompanharam gradativamente, mas a realidade não era mais a mesma, o mundo havia mudado. Tudo estava muito diferente e ela sabia que a filha, por não ter acompanhado todas aquelas mudanças, não tinha a maturidade pertinente à sua idade ou à realidade que se descortinaria quando estivesse fora do hospital. Por sorte, Dan entrou no quarto e interrompeu os questionamentos de Rebeca.

— Bom dia, Rebeca - ele disse ainda enquanto fechava a porta atrás de si.

— Só se for pra você, Dan. Eu não vejo nada de bom em ter que ficar com as costas coladas a uma cama quando não estou sentindo nada que me impeça de sair daqui.

Ela foi direta.

Rebeca era sempre direta, inconsequente até; medir palavras nunca foi seu forte e talvez por ter este tipo de personalidade, a situação a irritava tanto. Era quase insuportável ter que se adaptar aos planos que aparentemente outras pessoas tinham traçado para ela. Foi assim anos antes, apesar dela não se lembrar.

Ele a encarou de maneira diferente daquela que usou para encará-la durante toda a sua internação e Amélia percebeu. Quem a olhava naquele momento não era o doutor Daniel e sim o Dan, que alimentou as saudades da amiga pelos longos anos em que acompanhou a recuperação de sua paciente. Rebeca estava à sua frente, acordada, e lhe cobrava explicações.

— Rebeca, será por pouco tempo. Um ou dois dias talvez...

Ela foi enfática mais uma vez:

— Se isto não faz diferença para você, fique ciente de que para mim faz e muita! Passei doze anos dormindo, sem saber o que acontecia ao meu redor. Doze anos, merda!

Amélia engoliu em seco frente ao palavrão dito pela filha, que prosseguiu:

—E pra quem dormiu por doze anos, perder mais dois dias não é nada agradável. Se parece pouco para você, saiba que não é pouco para mim.

Rebeca não conhecia o Dan médico e por isso não sabia lidar com ele. Recordava-se do Dan brincalhão, um rapaz alegre e que, apesar de ser de família com condições financeiras bem melhores que os demais do grupo, não se deixava levar por aquela suposta vantagem; conhecia o Dan que divertia-se com eles pelas ruas e varandas do subúrbio carioca e cujo pai era dono da casa em Petrópolis para a qual ela viajara, mesmo que sem ter qualquer lembrança de ter posto seus pés lá. O Dan médico, que dedicava-se exclusivamente ao trabalho e deixava a vida pessoal de lado, era uma novidade trazida por seus doze anos de afastamento involuntário e com a qual ela teria que se habituar. Teria?

Já Amélia, depois de todos aqueles anos, conhecia bem o Dan médico, apesar de não ter boas impressões dele. Não se tratava de suas ações, pois ela admitia que a dedicação profissional do médico sobrepujava-se a qualquer outro aspecto de sua vida. Ela o culpava pelo acontecido com sua filha, o culpava pelos anos de internação e pelo tempo perdido. Se Dan não tivesse inventado a tal viagem para a casa de seus pais, se não tivesse insistido tanto, talvez Rebeca não tivesse passado pelo que passou. Amélia agarrava-se àquele *talvez* com todas as suas forças e fazia dele razão para os olhares de ódio disfarçado que ainda direcionava ao rapaz. Nem mesmo o fato de os pais de Dan terem arcado com todas as despesas hospitalares de Rebeca e do rapaz ter escolhido aquele hospital como seu local de estágio e, após a conclusão do curso, ter se mantido lá para acompanhar o andamento do caso, amenizavam a amargura e os ressentimentos da mulher. Se não fosse aquela casa em Petrópolis, nada daquilo teria acontecido, a vida teria seguido seu curso normal e sua filha teria vivido plenamente os últimos doze anos. Amélia só desconhecia que não há um curso normal estabelecido para as vidas das pessoas.

— E não venha com esta história de ter calma, pois eu não tenho! Quero a minha casa, quero o meu quarto, minha cama e as minhas coisas. Este

lugar não é meu e eu não quero permanecer aqui, será que você não entende?

Ele entendia. Rebeca não via, não percebia, mas ele entendia. O que ele não conseguia entender era o que havia acontecido com ela naquela noite em Petrópolis. Entretanto, não adiantava argumentar e a alta hospitalar seria inevitável. Passarinhos não haviam nascido para gaiolas; Rebeca também não. Aparentemente, tirando sua pressa pela vida, ela estava bem, muito bem por sinal, e era preciso dar-lhe um voto de confiança assinando sua liberação.

— Certo, vou assinar a sua alta.

Amélia, que esperou aquela informação por anos, não acreditava no que acabara de ouvir. Rebeca iria para casa, ela iria para casa. Tudo seria diferente. Após anos vivendo pelos corredores hospitalares e passando em casa apenas para arcar com algumas responsabilidades, ela poderia voltar a habitar o que era seu e, o que tornava tudo ainda melhor, levando a filha consigo. Uma lágrima furtiva lhe escorreu de um de seus olhos.

Rebeca não teve tempo de comemorar. A porta do quarto se abriu e um rosto conhecido e com um sorriso amarelo surgiu na fresta criada.

— Oi!...

A interrupção pegou a todos de surpresa. O monossílabo saiu arrastado, com um "o" mais esticado se comparado ao "i".

Era Fernanda, que cansada de esperar pelo aval de Dan, decidira visitar a amiga. Daniel levou uma das mãos à testa, como se pudesse prever a confusão que se estabeleceria. Amélia levantou uma das sobrancelhas e sua insatisfação foi notável.

Rebeca encarou a amiga e teve mais uma vez a confirmação de que o tempo se passara. O corte de cabelo de Fernanda já não era o mesmo daqueles tempos que ela chamava de "véspera", a pele ao redor dos olhos da moça também não: algumas marcas de expressão se instalaram ali de um dia para o outro em sua concepção. As roupas de Fernanda eram diferentes também e destacavam-se pelos pequenos selos que gritavam suas grifes caras. Apesar de não ser Fernanda a primeira visita que ela esperava receber, Rebeca sorriu.

— Eu quase não acreditei quando soube que você havia acordado!... - Fernanda, como nos tempos de infância, não continha sua euforia. — Quase enlouqueci ontem sem saber se era adequado fazer uma visita. Ah!... Me

desculpe, pois não sei se me precipitei, mas ficar mais um dia esperando para te ver não estava nos meus planos e, sendo assim, aqui estou eu. - ela abriu os braços em sinal de reverência, como se estivesse se apresentando a um grande público.

Aquela era Fernanda! Rebeca desconhecia o que havia acontecido com a amiga durante aqueles anos, não sabia nada sobre sua vida, mas ao menos o temperamento da moça não havia mudado. A Fernanda com quem, em suas memórias, havia conversado ao telefone na noite anterior, salvo as diferenças físicas perceptíveis e as alterações no estilo, era a mesma que acabara de entrar em seu quarto.

— Se você tivesse esperado um pouco mais, Fernanda, poderia visitar Rebeca em casa. Ela será liberada hoje. - Daniel não privou-se de mostrar sua insatisfação pela teimosia de Fernanda.

Fernanda fingiu que não ouviu, certa de que, se ela tivesse esperado, ainda estaria em casa, sentada em frente ao aparelho telefônico ou consultando o aplicativo de mensagens a cada trinta segundos em busca de informações.

— Mas me diga, como você está? - Fernanda mantinha sua atenção totalmente direcionada à Rebeca.

— Estou bem. Meio fora do tempo... - a moça sorriu timidamente. — Mas, na medida do possível, acho que estou bem.

— Pois me parece muito bem mesmo! Dormir por doze anos deve ser muito mais que um sono de beleza, querida.

"*As antigas piadas de mau gosto!*"-, pensou Daniel, que detestava aquele tipo de brincadeira, principalmente em seu ambiente de trabalho. Fernanda era vulgar e inconveniente e, definitivamente, sua inquietude gritava de dentro para fora e para quem quisesse ouvir. Aparentemente, ela não era uma má pessoa, apesar de sua fama de fofoqueira, porém, conseguia ter atitudes dúbias e, em muitas das vezes, sua curiosidade surgia disfarçada de boa intenção.

— Bem, vamos às novidades então! - Fernanda não conseguia tirar o sorriso do rosto. — Meu pai ganhou na loteria e hoje somos uma família rica, moramos em Copa... Te mete... - ela falava alto e gesticulava muito, como se seus braços tivessem vida própria. — Afonso e Ana Paula se casaram e eles não querem filhos. Ou ao menos dizem que não querem... Já

a Jamile... Ah! Rebeca você acredita que a Jamile emagreceu e é modelo? Capa de revista!

Apesar de não esperar que sua primeira visita fosse Fernanda, pois o seu contato com Jamile e Luciana era muito maior, em um primeiro momento Rebeca gostou de sentir-se querida. Entretanto, tão logo a moça começou sua narrativa de "novidades", um incômodo preencheu o olhar de Rebeca. O que mais ela havia perdido? O que deixara de viver? Todos, com exceção dela, haviam andado pra frente.

— Tudo ao seu tempo, Fernanda. Rebeca está em recuperação ainda e as informações devem chegar gradativamente. É preciso tempo para assimilar a vida que recomeça. Nós não queremos lhe causar nenhum choque, não é mesmo?

Como um pai autoritário e retrógrado, Daniel usava de sua condição de médico para tolher as ações de Fernanda que, em sua perspectiva egóica, não se poupou em responder-lhe à altura:

— O que dá choque é fio desencapado, Dan. Informações apenas trazem as pessoas para a realidade.

De certa forma, ela estava certa. Ele sabia e era incrível perceber que Fernanda apresentava características que contrastavam: ao mesmo tempo em que era extremamente fútil, ela também tinha um senso de realidade exacerbado. Fernanda não era apenas a jovem fofqueira e deslumbrada com sua condição social recém adquirida; em alguns momentos como naquele, ela demonstrava ter sensatez. Mas Daniel conhecia os possíveis resultados oriundos da nova realidade de Rebeca e eles o incomodavam e amedrontavam. Não havia como deixar os riscos de lado.

Fernanda prosseguiu, sem mensurar as consequências:

— Luciana também se casou e está mudada, quase não nos vemos, pois ela se dedica ao marido o tempo todo. Aliás, dizer que quase não nos vemos é bondade minha; não nos vemos mesmo!... Já Lionel, esse virou músico, cantor de rock, faz sucesso até e vive passeando pelo país. Agora está morando em Curitiba.

Ciente de que toda aquela conversa poderia levar a lugar algum e prejudicar a recuperação da filha, foi Amélia quem após Daniel, discretamente tentou cessar os ímpetos de Fernanda:

— E quando Rebeca estará liberada, doutor?

Ouvir sua mãe chamar de "doutor" o amigo de infância, aquele que muitas vezes havia brincado com ela no quintal e lanchava na cozinha de sua casa, era esquisito para Rebeca. O tempo, de fato, havia passado sem que ela visse e as relações entre as pessoas que a rodeavam estavam muito mudadas.

— Considerando sua condição e vontade de ir para casa, agora - ele sorriu de leve. — Vou preparar os documentos - depois, direcionou-se à porta, onde fez uma breve pausa e olhando para Fernanda, proferiu em tom baixo e catedrático: — Sem excessos, por favor.

A moça respondeu com uma careta, arrancando, sem querer, a primeira gargalhada genuína de Rebeca em doze anos. Ao ouvir a risada atrás de si, Daniel cogitou a possibilidade de que em se tratando de Fernanda, talvez o diabo não fosse tão ruim como o pintavam.

Rebeca voltaria para casa. A partir dali, o futuro seria uma incógnita, assim como o seu passado também era. A vida, ela diria, era uma janela aberta para o ontem, onde o belo, aquilo de que ela se recordava, poderia ser notado quilômetros atrás de si, enquanto à sua frente havia uma vastidão de coisa nenhuma. Havia uma lacuna instalada involuntariamente no miolo de sua vida e, de alguma forma, ela deveria preencher aquela lacuna.



Capítulo 6

O quintal estava mal cuidado e aquela foi a primeira coisa que Rebeca notou tão logo Amélia abriu o portão. Era como se o tempo tivesse encostado-se àquele muro, como se estivesse cochilando, amparado pela umidade e pelas ervas daninhas que brotavam nas pequenas frestas do concreto. Havia acúmulo de folhas secas pelos cantos. O muro baixo e revestido de pedras ornadas de rabiscos desconhecidos, não recebia qualquer cuidado, assim como a grade que fazia parte dele, não recebia uma nova camada de tinta há tempos. O pé de acácias silenciosamente implorava por uma boa poda. A aroeira, também. A calçada estava gasta, lascada pelo descuido e o numeral estampado na fachada parecia sustentar-se somente pela ferrugem que se instalara em cada um de seus algarismos. Os efeitos da corrosão também podiam ser notados nos portões. A luminosidade bucólica, emanada pelo sol do começo de tarde, fomentava ares saudosistas. A casa havia envelhecido, aquela era a realidade.

Ao chegar à varanda e olhar para dentro da sala foi que Rebeca sentiu-se realmente em casa.

— Sem qualquer trocadilho, a casa está exatamente como ontem.

A observação de Rebeca ao entrar no que ela aprendera a chamar de lar foi verdadeira. Sua poltrona favorita, forrada com uma manta grossa de xadrez, parecia esperar por ela no mesmo canto, próximo à janela. As preocupações de sua mãe estavam do lado de fora e em meio às atribulações do cotidiano hospitalar. Amélia, durante todos aqueles anos, não havia sequer trocado um móvel de lugar na casa que ocupavam na tranquila rua da Penha. Tudo estava exatamente como na véspera tão próxima e enaltecida por Rebeca e tão distante para os demais. Era como se o tempo ali também tivesse parado, o que não deixava de ser reconfortante em sua perspectiva.

O filhote de cachorro, que de filhote já não tinha mais nada, aproximou-se vagarosamente, com o olhar manso e abanando a cauda. Rebeca,

somente para si, questionou-se se ele ainda se recordava dela ou se era aquela uma reação instintiva, comum à chegada das pessoas. Quem saberia?

O impacto causado pelo passar dos anos se fez mais forte naquele abanar de cauda. Ela nunca tivera um cachorro, pois a mãe acreditava que era preciso ter maturidade para arcar com as responsabilidades impostas por um animal de estimação. Naquele Natal, em decorrência de seu desempenho no vestibular, foi acordado que o pai a presentearia com um filhote, entretanto, ela não o viu crescer. Dormiu dias depois e acordava agora, quando o animalzinho já tinha a idade bastante avançada. Rebeca perdera parte da vida de seu cachorro.

Fernanda, que havia continuado no hospital até que Dan liberasse Rebeca, e oferecido carona até em casa, estava com elas e não se conformava com a total falta de sensibilidade dos outros amigos que sequer haviam telefonado. Ainda na varanda, sacando o telefone celular do bolso de trás da calça jeans, ela convocou Rebeca:

— Vem cá, Rebeca. Vamos tirar uma *selfie* e mandar para o pessoal.

— Tirar uma o quê?!

Rebeca desconhecia o termo. Quando entrou em coma, as câmeras digitais eram bastante comuns, mas somente os mais abastados tinham telefones celulares munidos de câmeras; não se tratava de equipamento comum como se vê nos dias de hoje e as câmeras frontais destes aparelhos sequer existiam. Já o termo *selfie*, caiu no gosto popular em meados de 2013 para 2014 e ela não tinha a menor noção do que se tratava.

— É um tipo de fotografia que a pessoa tira de seu rosto. Os celulares agora vêm com câmera frontal, que facilita este tipo de ação. Já não precisamos da ajuda de outra pessoa quando a intenção é uma fotografia pessoal. *Selfie* é moda! Todo mundo tira, o tempo todo e em qualquer situação, para publicar nas redes sociais. Nos tempos modernos, querida, uma *selfie* pode falar mais que muitas palavras...

Rebeca não se surpreendeu com a informação, era natural que as tecnologias tivessem evoluído; contudo, ficou bastante assustada com a necessidade exagerada que as pessoas tinham de fotografar seus próprios rostos nas situações mais inusitadas.

E não houve tempo para pensar em nada: Fernanda colou sua bochecha na dela e apontou o telefone celular para o *click* certo, registrando junto a si uma Rebeca com ares confusos, apesar de sorridente.

— Vou mandar para a Jamile e para a Ana Paula. Elas vão ficar contentes por saber que você está bem e já está em casa. Já Luciana, infelizmente, não usa telefone celular, diz que não gosta. Nossa amiga parece ter escolhido a reclusão ou então, depois de casada, resolveu voltar ao Século XIX.

Rebeca sorriu. Apesar de não ter escolhido, ela também ficara reclusa e sentia-se em outro tempo. Sobre a fotografia, certamente, sua mãe que observava tudo à distância, diria que aquela era uma forma eletrônica que Fernanda encontrara para fazer fofoca. Mas a jovem, apesar de admitir que por muitas das vezes a amiga falava demais e não se continha mesmo nos momentos mais sérios, ainda acreditava que não havia necessariamente maldade por trás de suas atitudes. Aquele era apenas o jeito de ser de Fernanda e, se ela era assim desde sempre e Rebeca sabia que era, dificilmente mudaria.



Quando abriu a fotografia no aplicativo de mensagens, Ana Paula de imediato arrependeu-se por não ter ligado para Fernanda na véspera. Provavelmente aquela era sua urgência e, diferente de outras ocasiões, não se tratava de simples fofoca ou de algo inútil. Rebeca havia saído do coma e o que Fernanda queria era contar a novidade.

— Que merda! - Ana Paula falou baixinho, só para si e deixou que os pensamentos expressassem outros palavrões.

O susto foi grande. Ela estava preparada para qualquer coisa, qualquer bobagem, entretanto aquela notícia foi mais que inesperada. Após tantos anos, presumir que Rebeca ainda viesse a despertar era acreditar no improvável. Em seus pensamentos, a antiga amiga passaria o restante da vida naquele hospital até que, em um dia qualquer, simplesmente perderia seus sinais vitais, o que não necessariamente se tratava de um desejo, eram apenas probabilidades. Mas Rebeca estava ali naquela fotografia, de olhos bem abertos na varanda de casa e sorrindo ao lado de Fernanda, o que abalava sua segurança. A certeza de que daquele momento em diante as

coisas se complicariam caiu sobre a cabeça de Ana Paula como uma tempestade de raios.

Seu humor foi por água abaixo e foram os pobres funcionários coordenados por ela, que pagaram o preço. Ana Paula tinha personalidade controladora e, quando irritada, conseguia ser uma verdadeira tirana em seu ambiente de trabalho, proibindo as ações mais banais e condenando qualquer coisa, por menor que fosse, que fugisse de seu controle. Naquela tarde, ninguém teve autorização nem para usar o banheiro.

E os problemas não paravam por aí.

Contar ou não para Afonso era possibilidade que lhe causava outro tipo de desconforto; causava-lhe medo. Ela ainda se recordava da atenção que ele dispensava à Rebeca quando eram adolescentes e do malfadado desentendimento em Petrópolis. Entretanto, mais cedo ou mais tarde, ele saberia. O marido mantinha contato constante com Dan e se este não lhe contasse, Fernanda não pensaria duas vezes antes de fazê-lo. Como não sentir-se prejudicada com a situação? A maldita tempestade de raios destilou mais uma forte rajada sobre a cabeça confusa de Ana Paula.

Jamile, em seu telefone celular, recebeu a mesma imagem e, apesar de já saber que a amiga havia despertado do coma, também espantou-se. Pela fotografia via-se que Rebeca já estava em casa. Já estava em casa e com Fernanda ao seu lado. Nos tempos remotos, certamente seria ela, Jamile, quem teria um primeiro contato com Rebeca e não Fernanda. Fernanda, assim como Ana Paula, não era tão próxima de Rebeca a ponto de acompanhar a moça daquele jeito. Luciana conseguia ser mais próxima, mas era a presença de Jamile que prevalecia ao lado nos momentos mais distintos.

Diversas certezas povoaram os pensamentos de Jamile: Fernanda seria quem ouviria as primeiras lembranças de Rebeca sobre o acontecido; Fernanda contaria à Rebeca o que quer que a amiga quisesse ouvir e responderia, sem titubear, todas as suas perguntas; Fernanda repassaria para Rebeca as informações que tivesse vontade e de acordo com sua perspectiva, enquanto ela estava distante, causando a pior das impressões que era o abandono. Apesar de elas estarem em pontos distintos, a tempestade de raios que caiu sobre Ana Paula, também rodeou a cabeça de Jamile. Era uma pena não ter outro pote de sorvete no freezer.



Em casa, ainda na varanda, sentada em uma cadeira de ferro ornado e somente para si, Rebeca ansiava pela partida de Fernanda para poder dedicar-se ao fato de estar de volta ao que sempre foi seu. Com a amiga ali era inviável, pois Fernanda não parava de tagarelar e a atropelava com informações banais e desnecessárias. Fernanda falava de tudo e de todos, mas não mencionava nada em relação ao acontecido doze anos antes e que havia afastado Rebeca da realidade.

Foi Dan quem a havia colocado contra a parede. Rebeca desconhecía, mas em uma breve saída do quarto do hospital para fumar no jardim, Fernanda fora interceptada por Dan.

— Sei que você vai acompanhar a Rebeca, Fernanda, e espero que não comente nada sobre aquela semana em Petrópolis. Assim como também espero que os outros se mantenham neutros quando a visitarem.

O olhar de Fernanda para Daniel, com sua sobrelanceira esquerda levantada, foi questionador. Caso ela argumentasse, ele certamente se valeria de seus conhecimentos enquanto médico para justificar o silêncio que era exigido da amiga de infância, mas seria apenas por questões médicas que ela deveria se calar? Ou teria Dan algum outro interesse em uma possível omissão de fatos?

Anos antes, quando eram ainda bem jovens, a aproximação de Daniel em relação aos adolescentes com os quais ele passou a conviver e desenvolveu amizade, se deu devido ao fato de seu pai ser sócio de uma clínica médica local. Daniel não era um garoto suburbano como os outros, ele apenas acompanhava o pai ao trabalho com frequência e, em uma das muitas tardes em que deixou a clínica para passear pelo bairro, conheceu Rebeca e Mundo e acabou por aproximar-se deles e fazer parte daquele grupo. Apesar de todas as diferenças que existiam entre ele e os outros, Dan nunca tratou os amigos com superioridade. Entretanto, era ele quem levava os melhores jogos para que jogassem nas tardes chuvosas, quem sempre tinha dinheiro para alugar o último lançamento disponível na locadora de vídeos e quem sugerira o fatídico passeio à Petrópolis, na casa que seu pai mantinha.

Para Fernanda, soava estranho que Daniel fosse muito próximo de Mundo àquelas épocas, ela se lembrava. Em algumas ocasiões, parecia haver alguma proteção por parte de Daniel, como se o adolescente buscasse, a todo custo, inserir Mundo naquele grupo que apesar de não demonstrar, via o menino pobre como alguém diferente, mesmo não o destratando diretamente. Nos tantos passeios feitos ao shopping, era Daniel quem pagava a pipoca e o ingresso de cinema de Mundo e ela não sabia se a atitude do amigo era fruto de sua bondade ou de excessiva vontade de demonstrar ter mais que os outros. Por não acreditar muito em solidariedade, na dúvida, Fernanda sempre ficava com a segunda opção. Ela era a mais cismada.

Já Rebeca não e Fernanda também se recordava. Rebeca não via maldade alguma nas atitudes de Daniel para com Mundo, faria o mesmo se estivesse ao seu alcance. Ela também era bem próxima do garoto. Mundo morava na mesma rua que Rebeca e Afonso, porém muitas casas depois, na parte onde a rua ganhava ares de ladeira, e eles se conheciam desde pequenos. Se pudesse, seria Rebeca quem ajudaria Mundo a participar das atividades em grupo, exatamente como Daniel sempre fizera.

— E porque eu não devo dizer nada? - Fernanda encarou Daniel com desconfiança, louca de vontade de que ele falasse em excesso e acabasse por se complicar.

— Por questões médicas apenas. Somente por este motivo e eu acredito que você deva respeitar esta recomendação - o amigo foi direto. — Rebeca precisa se lembrar do que aconteceu naquela noite, mas essa lembrança não deve sofrer nenhum tipo de interferência. Nem eu, nem você, assim como nenhum de nós supostamente sabe o que houve e, sendo assim, a única pessoa que pode nos dar pistas em relação ao acontecido, é ela. Tudo isto é necessário para que possamos entender o que de fato houve e caso receba informações, há grande possibilidade de que Rebeca sofra influências que gerem pistas falsas... As lembranças devem vir espontaneamente e não porque alguém disse alguma coisa ou porque Rebeca foi levada a acreditar em algo, entendeu?

Fernanda entendia, mas detestava aquela maneira de falar dele, como se fosse o dono da verdade! Foi exatamente assim em Petrópolis anos atrás... E não era uma recomendação, era decisão! Por mais que Daniel justificasse as razões pelas quais exigia seu silêncio, ela ainda mantinha todas as suas

pulgas atrás da orelha e muito bem alimentadas. Tudo poderia ser, assim como também poderia não ser. Somente o tempo e as lembranças de Rebeca mostrariam a realidade e Fernanda, lá no fundo, temia aquela revelação. Mas ele estava errado pelo menos em um ponto: *nem eu, nem você, assim como nenhum de nós supostamente sabemos o que houve*; um deles deveria saber, ela tinha certeza, e era este o culpado.

O discurso incessante de Fernanda foi interrompido por Amélia, que chegou à varanda trazendo uma bandeja com café e sequilhos.

— Um cafezinho!... - disse Fernanda. — É tudo o que eu preciso.

Já Rebeca estranhou a chegada do café. Em outros tempos, sua mãe teria servido um copo duplo de leite achocolatado.



Naquela tarde, quando passou pela parte baixa da rua rumo à igreja para vender suas pipocas, Mundo teve certeza de que aquelas duas pessoas na varanda eram Rebeca e Fernanda. Ele não foi visto por elas e não sabia que Rebeca havia despertado, não tinha quaisquer notícias dela havia muito tempo e sentiu vontade de se aproximar.

Não o fez.

Não por Rebeca, com quem desde pequeno sempre se deu muito bem, mas por causa de Fernanda e de Dona Amélia, que deveria estar na casa também. O rapaz sabia que qualquer tipo de aproximação poderia gerar problemas ou humilhações, coisas pelas quais ele já não tinha vontade alguma de passar. Nem estômago! Era bastante provável que Fernanda não o poupasse de suas piadas sem graça ou de algum tipo de injúria. E a mãe de Rebeca não o olhava nos olhos desde o dia em que soube que sua filha fora hospitalizada.

Durante grande parte de sua vida Mundo fora humilhado por ser pobre, como se pobreza fosse motivo de escárnio, como se sua condição financeira o fizesse menor que os demais. Estudava em escola pública e seu desempenho escolar era excelente, mas as coisas não eram fáceis. Sempre lhe faltava condição de ter um item mais sofisticado em seu material

escolar, e por isto os colegas o olhavam de lado; quando ele assumia que não iria a uma excursão porque sua mãe não podia pagar, eles riam; e se por acaso alguém lhe desse algo, era certo que aquela doação renderia assunto. A caridade prestada lhe era jogada na cara o tempo todo e, ainda que ele não tivesse vergonha de suas origens ou de sua condição, incomodava-lhe o fato de ver que as pessoas se aproveitavam de sua humildade para tentar diminuí-lo. Mundo não era pequeno, nunca foi; e apesar da escassez de recursos em que fora criado, mesmo que ninguém visse ou soubesse ou reconhecesse, sua alma era enorme.

Desde criança Mundo acostumou-se com sobras. Ganhava a roupa que não servia no primo mais velho; ganhava os sapatos que o tio julgava estarem gastos, mesmo que estes ainda não lhe coubessem nos pés; ganhava os livros que a enteada do irmão de sua mãe usara no ano anterior. Em alguns dias, ganhava até o pão que tinha sobrado na casa da vizinha, para torrar na boca do fogão e comer no café da manhã do dia seguinte. Mundo nunca teve vergonha disso, não renegava seu passado e muito menos suas possibilidades de futuro por mais restritas que lhe parecessem; mas guardava consigo as mágoas despertadas pelas palavras duras que, sem pedir ou precisar, também passara a vida "ganhando". A vida sempre fora cruel com Mundo, mas a arte, conforme dizia a música^[1] que ele adotou pra si desde a primeira vez em que ouviu, era viver da fé e ele vivia, mesmo quando não sabia no quê deveria acreditar.

Fora criado apenas pela mãe. O pai de Mundo, assim como muitos outros pais de outros Mundos mundo afora, havia abandonado a família quando ele era apenas um menino, quando tinha três anos de idade. O homem, de hora para outra, resolveu trocar a vida de pintor de paredes no Rio de Janeiro pela possibilidade de riqueza na mineração. Deixou a promessa de fazer contato assim que estivesse estabilizado em algum canto e com serviço decente. Sumiu. O menino cresceu sem o pai e sem notícias de seu paradeiro. Depois que cruzou a porta, o pai de Mundo não mandara sequer uma carta e foi a mãe quem, à duras penas e fazendo faxina na casa dos outros, arcou com todas as responsabilidades em relação ao menino. Somente quando já estava adulto, Mundo soube através de um breve e impessoal telegrama que seu pai perdera a vida em 2015, com o rompimento de uma barragem em uma cidadezinha de Minas Gerais. Mariana era o nome da cidade. Virou estatística em um meio midiático

desgraçado e repulsivo. O corpo nunca fora encontrado e as riquezas sonhadas não foram conquistadas. Não receberam nem mesmo uma indenização.

Apesar de todas as diferenças sociais que os permeavam, Daniel nunca o tratara mal. Pelo contrário: o amigo o respeitava e recebia dele todo o respeito de volta, respeito este que muitos juravam tratar-se de interesse. Afirmavam que Mundo se mantinha próximo de Daniel para aproveitar-se das supostas vantagens que o amigo oferecia. Coisas de quem não preza a amizade verdadeira, só podia ser!



Capítulo 7

Quando Fernanda foi embora já era tarde, havia escurecido e Rebeca estava exausta. Depois de doze anos dormindo, passar um dia inteirinho acordada tinha seu valor, mas tinha também seu preço. Sua exaustão, entretanto, não remetia ao cansaço físico; pelo contrário: era algo mental, emocional, psicológico. Ela não queria dormir. Tinha como intenção dispor de algumas horas só dela, para pensar em tudo o que havia acontecido, mesmo que a total ausência de lembranças fosse uma barreira intransponível.

Onde estavam os outros? Jamile, Luciana e Ana Paula não deram notícias. Talvez as mudanças ocorridas em suas vidas tivessem afastado-as, fazendo com que apenas Fernanda se aproximasse e demonstrasse interesse. Lionel estava longe, ela entendia, mas e Afonso? O fato de ter se casado com Ana Paula seria motivo para o aparente descaso? E se tratava mesmo de descaso? O grupo, tão unido na infância e adolescência já não parecia ser mais o mesmo e Rebeca sentia por isso. O tempo havia passado para eles; para ela, não. Alguns anos tinham o poder de afastar e distorcer as amizades.

Naquela noite, o céu turvou-se em nuvens. A chuva veio fraca, uma poeirinha molhada que tingia de marrom escuro a pouca terra do quintal e fomentava o verde das folhas, coisa comum àquelas épocas do ano. Passava das dez horas e enquanto Amélia adormecia na poltrona de frente para alguma bobagem exibida na televisão, Rebeca olhava a chuva da varanda quando uma silhueta que esgueirava-se pelos muros e saltava as pequenas poças formadas, tentando em vão não se molhar, despertou sua atenção. Era Mundo, certamente! O rapaz tinha um andar característico, por alguns considerado derrotista. *Coisa de pobre!-*, diria Fernanda, esnobe desde sempre, mas que para Rebeca não passava de mais um traço saliente de sua timidez e do fardo que ele sempre carregou nas costas. Ela o reconheceria de longe e no escuro mesmo que se passassem noventa anos ao invés de doze.

— Mundo! - Rebeca, sem pensar duas vezes, chamou pelo amigo.

O barulho causado pela chuva não impediu Mundo de ouvir seu nome. Ele identificaria a voz de Rebeca até no meio de um furacão. Sem medir esforços, olhou em direção à casa da amiga do outro lado da calçada e viu que ela estava na varanda e que gesticulava para ele.

Rebeca o chamava.

Mundo respirou lentamente e aproximou-se, certo de que sua aproximação resultaria em problemas.

— Entre aqui - ela disse já no quintal, abrindo o portão. — Espere a chuva passar... Depois você vai pra casa.

— Não precisa. Já estou molhado mesmo e daqui pra minha casa o caminho é curto... É tarde. Não quero incomodar.

Aquele era o mesmo Mundo de antes! Aparentemente, ele não havia se tornado um médico como Dan, não havia emagrecido horrores como Jamile, não estava arrogante ao extremo como Fernanda. Ele não tinha sofrido grandes mudanças conforme os outros. Era o Mundo, só o Mundo; seu humilde amigo de infância que sempre insistia em não incomodar.

— Deixa de ser bobo! Não é incômodo algum.

Mundo entrou.

Em passos apressados, seguiram ambos até a varanda onde, por alguns instantes, miraram a chuva no quintal.

Mundo não sabia o que dizer. Rebeca também não.

— Quando foi? - Mundo, ainda olhando para o lado de fora, se referia ao despertar dela, mas não foi necessário explicitar. Ela entendera perfeitamente.

— Ontem. Mas só consegui receber alta do hospital hoje.

— E como você está?

— Perdida. Completamente perdida - ela falava lentamente, satisfeita por Mundo, diferente de Fernanda, lhe dar oportunidade de expressar-se. — Não me lembro de nada. Quando acordei pensei ter dormido o tempo de uma noite e achei que estava acordando na véspera de nossa viagem. Foram doze anos passados e todos os eventos próximos do coma foram apagados da minha memória. Não me lembro da viagem, não tenho noção alguma do que me aconteceu.

— Meu Deus, Beca!

Somente Mundo a chamava de Beca. Nem mesmo a mãe ou Jamile, que sempre fora a amiga mais próxima, usavam de apelidos para se referirem à Rebeca.

Ele sabia que ela ficara em coma por doze anos e sabia também que seu despertar remexeria em feridas antigas, abriria cicatrizes que muitos omitiam e revolveria a poeira escondida embaixo dos tapetes, porém não esperava que a amiga acordasse sem quaisquer lembranças. Aquilo era assustador. Principalmente para ele.

— E o que o Dan acha disso tudo?

Os olhos de Mundo encontraram os olhos de Rebeca e ele pôde ver neles a cumplicidade que dividiram por muitos anos. Rebeca era de origem humilde também, apesar de suas dificuldades não chegarem aos pés daquelas enfrentadas por Mundo. Assim como o pai de Mundo, o pai de Rebeca abandonara a casa quando a filha era pequena, lá pelos onze anos de idade, mas nunca deixou de lhe provir o sustento, os estudos e os presentes nos aniversários ou no Natal. Foi o pai de Rebeca quem, em seu último Natal "acordada", mandara o cachorro filhote. Durante a adolescência de Rebeca, Dona Amélia enfrentou problemas financeiros, mas nada que pudesse ser comparado às turbulentas tempestades pelas quais Mundo e sua mãe haviam passado à míngua. O dinheiro enviado pelo pai de Rebeca chegava ao banco todo mês e era quantia fixa. Mundo, por diversas vezes, esbarrara com a fome e só tinha onde morar porque seu pai, antes de desaparecer, tivera a maravilhosa ideia de comprar a casa que ainda ocupavam. Se dependessem de aluguel, certamente, mãe e filho teriam conhecido os recônditos esquecidos sob as pontes.

Ele se lembrava do dia em que, ao acordar pela manhã, não havia leite e a mãe precisou explicar ao filho de cinco aninhos apenas, que a caixa dentro da geladeira velha estava seca, mas que em breve e se Deus quisesse, ela se encheria novamente. A verdade era que o que Dolores, mãe de Mundo, conseguia com suas faxinas era muito pouco se comparado aos altos preços dos alimentos e às contas que chegavam todos os meses. Tudo era muito incerto: se houvessem vinte faxinas em um mês, poderiam ser apenas dez no outro mês ou menos até. Seus rendimentos acumulados no mês anterior lhe eram pagos na primeira semana do mês seguinte pelas *caridosas* senhoras do bairro, que aproveitavam-se de seu excelente serviço de faxina e de sua excessiva necessidade de trabalho. Entretanto, por mais

cautelosa que ela fosse com suas economias, a mulher nunca recebia o necessário para que, quitadas as contas, se alimentassem de forma digna após o vigésimo dia do mês. E havia ainda um menino. Um menino pequeno que fora abandonado pelo pai e que restava a ela, somente ela, amar e cuidar.

— Pelo que eu consegui entender, ele acha que eu preciso me lembrar de tudo naturalmente, sem interferências. Ele não quer que as pessoas me contem nada a respeito - a resposta da amiga o desviou das lembranças despertadas pela cumplicidade dos olhares. — Dan acredita que com o tempo as lembranças podem voltar. Mas não há como precisar este tempo... Pode ser agora, amanhã pela manhã, no mês que vem ou, até mesmo, pode não ser nunca.

A voz de Rebeca se destacava em meio ao barulho da chuva, como se este compusesse o arranjo perfeito para sua entonação afinada. E Mundo sentiu o que nunca gostara de sentir, principalmente em se tratando de alguém tão próximo: compaixão.



A mesma chuva que pegou Mundo desprevenido naquela noite, também atrasou a chegada de Ana Paula à sua casa. Ao abrir a porta do apartamento, Afonso estava sentado no sofá da sala com Kal-El aos seus pés, assistindo a um filme de Denzel Washington. Aquele era um recurso comumente usado por Afonso e ela o conhecia perfeitamente! Ana Paula sabia que quando Afonso recorria aos filmes de Denzel Washington, as coisas não estavam nada bem. A escolha não remetia à agressividade, de maneira alguma; Afonso era até bastante pacato, um apaziguador que nutria ainda os sonhos de menino, contudo, o ator era a companhia perfeita para os dias em que o marido tinha alguma questão difícil para ser digerida e quanto mais ação o filme escolhido tivesse, mais tenso ele estava. Era como uma válvula de escape. Ela viu que se tratava de *Chamas da Vingança*, o que lhe deu a real noção do nível de tensão dele. Sobre a mesa, uma garrafa de *cabernet* e

uma taça pela metade. Ela sabia que o marido só bebia em ocasiões diferenciadas. Muito diferenciadas.

— Soube de Rebeca? - Ana Paula foi incisiva, sem delongas. Não era hora de fingir que nada estava acontecendo.

Ele a encarou e Ana Paula viu que havia algo por trás daqueles olhos, apesar de não conseguir identificar de quê se tratava, se alegria ou tristeza.

Ana Paula sempre vira Rebeca como uma possível ameaça à suas intenções com Afonso. Doze anos haviam se passado e as intenções da adolescência agora eram fatos: ela o havia fisgado e eles estavam casados. Mas seria este um empecilho caso o marido decidisse reacender seus antigos interesses? O compromisso era para Afonso tão sólido como era para Ana Paula?

— Sim - foi a resposta que ela obteve.

Ana Paula detestava quando Afonso usava monossílabos!

— E? - Retribuiu monossilabicamente também.

— Dan me contou, falei com ele no final da tarde.

Dan! Era evidente que ele falaria. O médico patético, decerto queria mostrar que seu trabalho enfim surtira algum efeito e em momento algum pensara nos resultados que a informação causaria à Ana Paula e ao seu relacionamento com o marido. Provavelmente, para Daniel não havia mal algum em revirar a vida deles de cabeça para baixo, desde que todos soubessem que após anos em seus cuidados, Rebeca havia despertado graças aos seus cuidados e parecia estar bem. Era somente sua vida profissional que ele valorizava.

— Pois é! Acordou e já está em casa, surpreendentemente ciceroneada por Fernanda - Ana Paula não conseguia disfarçar seu incômodo, não conseguia esquecer o medo. Nem tentava.

— E isto te surpreende por quê?

Afonso não se espantava, qualquer ação de Fernanda, por mais absurda que pudesse parecer, era esperada.

— Me surpreende porque sempre foi Jamile a melhor amiga de Rebeca, seguida de Luciana, no entanto, a fotografia que recebi cedo mostrava a cara de Fernanda grudada na cara de Rebeca... Por outro lado, considerando a vida que Jamile leva nos dias de hoje e as ausências de Luciana, é natural que Fernanda tenha chegado na frente. Jamile não perderia muito tempo

com a amiga do subúrbio. As capas de revistas e presenças em festinhas lhe rendem muito mais. E Luciana... Ah... Luciana vive reclusa naquele casamento e não nos dá a mínima importância.

Afonso não gostava quando Ana Paula falava daquela forma. Em alguns momentos, por trás da bela fachada que a esposa sustentava, viam-se as ruínas deixadas pela amargura. E ele não conseguia aceitar tanta amargura. Não via motivos para tal.

— Exatamente. Nada mais natural se considerarmos que Fernanda tem mais tempo livre, não é? - Afonso pensou por breves segundos, mas não resistiu: — Posso ver a foto?

Putá merda!-, Ana Paula reagiu mentalmente, Pra quê eu disse isso? Pra quê falei da foto?...

Na tela de sessenta polegadas instalada confortavelmente sobre o móvel da sala, Denzel Washington, acompanhado de muitos tiros, perseguia seu algoz, mas Afonso já não lhe dava qualquer atenção.

Ana Paula sacou o celular da bolsa e abriu a fotografia para que o marido a visse, com a mais plena certeza de que muito em breve, de brava passaria a completamente arrependida.

Enquanto ele olhava a foto, ela olhava para ele e sentia que as mãos firmes do ciúme, como raízes de uma árvore antiga, agarravam seus pés e subiam por suas pernas, deixando-a completamente sem forças. Não havia mais para onde correr e lhe restava apenas esperar que as coisas não ficassem piores para o seu lado. Se Deus quisesse e o capeta também, não ficariam. Tudo fora muito bem pensado.

Por mais que Ana Paula, movida por ciúmes, pensasse em quaisquer outras possibilidades, para Afonso o retorno de Rebeca era apenas uma forma de fazer justiça. E se havia coisa pela qual ele lutava, era a justiça. Em algum momento toda a situação seria esclarecida, ele tinha a mais absoluta certeza, apesar de temer pelo final daquela história.



— Frango de novo? Como você repete o mesmo tipo de carne por dois dias seguidos, Luciana? Comeu merda? - Nilo não media palavras, nunca mediu. — Você deve estar de sacanagem com a minha cara.

Luciana sabia que Nilo detestava quando ela se repetia, mas só havia frango no congelador e ele não lhe dera qualquer autorização ou dinheiro para ir até o mercado.

— Posso fritar um ovo...

Ele a interrompeu:

— E eu tenho cara de quem chega em casa após um dia inteiro de trabalho pra comer ovo frito?

Intimidada, a voz de Luciana começava a tremer.

— Frango era só o que tinha. Mas, se você deixar, amanhã eu vou ao mercado e faço compras - respondeu com a voz embargada, certa de que o desagradaria.

— É só isso que você quer, não é? Sacudir o rabo na rua...

Com medo e tentando desviar a atenção do marido, ela mudou de assunto:

— Você se lembra do caso da minha amiga que estava em coma há anos? Ela despertou ontem. Fernanda telefonou para contar.

Apesar de ter feito uma pergunta e de imediato ter dado uma explicação, Luciana esperou por resposta que não veio. O marido conhecia perfeitamente o caso. Onze anos mais velho que a esposa, Nilo já era almejava ser policial na época em que Rebeca entrou em coma e já circulava em meio à outros profissionais do ramo. Ele sabia que nada fora descoberto à ocasião e que o caso fora abafado, para que o tal médico em ascensão não saísse prejudicado da história. Lembrava-se perfeitamente. Para se proteger, as pessoas que tinham dinheiro acabavam, mesmo sem intenção, por proteger outras pessoas, as verdadeiras culpadas.

Já em relação à Fernanda, ele nem se lembrava direito de quem ela era. Nilo não conhecia os amigos da esposa, nunca quis estabelecer contato e fez o possível para afastar Luciana da vida que ela levava antes do casamento. O passado, por mais que se repetisse devido à suas manias, estava lá atrás e o que lhe importava eram o agora e o depois, sendo ambos perfeitamente delimitados por ele que quando cismava, usava em casa a mesma mão de ferro com a qual prendia ladrões.

Frente à reação do marido, ela não sentia fome; sua única vontade era desaparecer, sumir dali, buscar uma vida diferente em qualquer outro lugar. Nunca lhe passou pela cabeça viver situações tão adversas, receber um sorriso para, em seguida, levar um tapa, coisa que comumente acontecia caso o humor de Nilo se alterasse repentinamente. E ficar sem respostas?... Somente ouvir sem obter respaldo em qualquer fato que mencionasse... Aquilo era demais, apesar de ser corriqueiro.

As amigadas de adolescência voltaram com força às suas lembranças, assim como os sorrisos que lhe estampavam a face àquela época. Como era bom viver, como tudo parecia mais leve, mais agradável! Sentiu saudade dos amigos, saudade de estar com eles e de compartilhar suas emoções com aqueles que realmente as valorizavam.



Não havia nada que segurasse o nervosismo de Jamile naquela noite e se fosse necessário comparar a situação com qualquer outra, ela arriscaria associá-la os primeiros dias do ano letivo. Nestes dias, antes de chegar até a escola e descobrir com quais pessoas deveria conviver durante o período, sua tensão também era paralisante. Uma pessoa obesa nunca sabe como será recepcionada por estranhos e com Jamile foi deste jeito a vida inteira: deboche, escárnio, apelidos. Os primeiros dias de aula eram os piores. Depois, ela acostumava; as provocações não diminuían, mas ela se habituava à situação e permitia que tudo se mantivesse até a época de férias. Não havia outro jeito.

A certeza de que com o retorno de Rebeca algumas coisas seriam reviradas trazia a perspectiva de passado, dos tempos onde o excesso de peso a orbitava. Jamile não queria que o tempo parecesse voltar, não após tantas transformações, não após ter se tornado a modelo mais cogitada do país para as capas de revistas.



— É tarde, Rebeca.

Amélia não gostou nem um pouco de chegar à porta que dava para a varanda e ver que Mundo estava com sua filha. Ela não queria aquele homem ali, não mais!

— Eu sei, mãe. Vou entrar daqui a pouco - ela respondeu sem olhar para a mãe.

— Vai entrar agora.

Amélia foi seca.

Se Rebeca sentia-se com dezesseis anos, a mãe parecia manter sua postura como se a filha ainda tivesse realmente aquela idade.

— Eu vou indo, Rebeca. A chuva já diminuiu.

Mundo tentou remediar a situação, puxando para si o encerramento daquela conversa. Ele sabia da implicância que Amélia adquirira ao longo de todos aqueles anos de dúvidas e respeitava seus pensamentos. Rebeca não. Ela não sabia de nada e em momento algum viu motivos para que mãe destratasse seu amigo.

Para evitar maiores problemas, Rebeca achou por bem não contestar. A despeito do que a mãe pudesse fazer após tamanha grosseria, era melhor deixar que Mundo se fosse e depois de sua partida, questionar Amélia.

Foi exatamente o que aconteceu.

— O que houve, mãe? Ele é meu amigo... Porque tratar o Mundo daquela forma?

Ela perguntou enquanto a mãe fechava a porta da casa, dando indícios de que se recolheria.

Amélia não sabia o que dizer. Não medira sua atitude ao ver aquele sujeito em sua varanda, mas agora se lembrava das orientações dadas pelo doutor Daniel. Ela não poderia extrapolar, não poderia falar muito ou insinuar quaisquer de suas impressões e suspeitas, por mais valiosas que estas lhe parecessem. Não disse nada.

— Será que ninguém percebe que eu preciso entender o que está acontecendo?

— No tempo certo, Rebeca. No tempo certo você vai entender - a mãe tentou amainar as expectativas da filha.

— E são vocês que escolhem qual é o tempo certo? São vocês que vão ficar me impondo limites e decidindo o que eu faço ou deixo de fazer, bem como com quem posso conversar?

O tom empregado por Rebeca foi de desafio, coisa com a qual Amélia não sabia lidar.

— Não - a mãe respondeu séria. — Não somos nós, ninguém vai decidir nada. O tempo apenas vai chegar pra você e é esse tempo que vai nos trazer as respostas que buscamos.

— Se eu continuar trancada aqui, sem contato com as pessoas, nunca vou conseguir fazer qualquer associação que remeta aos acontecimentos. Não é justo que me escondam as coisas. Eu preciso saber o que aconteceu comigo!

— Nós também - foi a resposta seca dada por Amélia.

E depois, a mãe de Rebeca seguiu em direção ao quarto, onde teria sua primeira noite de sono após a volta da filha.



Em seu quarto, Rebeca não dormiu.

Mesmo que sem ter noção do que havia acontecido ou sensação de que o tempo que havia passado, ela sabia que se tratava da primeira vez em doze anos que se encontrava sozinha naquilo que era seu. Estava com suas coisas, por mais que muitas delas já não correspondessem à sua idade. Os livros lidos para as provas escolares ainda estavam na estante: *A Droga da Obediência*, *O Mistério do Cinco Estrelas*, *Éramos Seis*, *Vidas Secas* e *Dom Casmurro*, que lera mais recentemente, entre outros. A agenda de 2006, com bobagens e adesivos em todas as páginas, jazia inerte e esquecida sobre a mesinha de canto. Talvez tão esquecida como a própria Rebeca. Ao lado da agenda, um aparelho de telefone celular fora de moda, ainda com flip e sem a câmera frontal que era tão valorizada por Fernanda. E no canto esquerdo, próximo à janela que dava para o jardim, sobre a escrivaninha, o computador e os cadernos do último ano cursado no colégio. Tudo estava ali, intacto, exatamente como ela havia deixado.

Ligou o computador. Apesar do sistema quase obsoleto, talvez ele pudesse lhe trazer alguma informação, algum indício do que acontecera. No Google, não encontrou nada, não havia qualquer rastro do acontecido com ela. Decerto, caso se tratasse de algo com grandes proporções, estaria ali, noticiado em algum site. Provavelmente o fato não havia despertado a atenção da imprensa ou daqueles que se mostravam sensacionalistas. Ou, em outra hipótese... tudo fora apagado. Mas o que levaria a isso? Pra quê? Quem teria poder suficiente para excluir da rede todos os registros sobre seu trágico passado? A situação já estava passando dos limites.

Tentou as redes sociais e sua surpresa foi grande ao perceber que o Orkut já não existia mais. Com o pensamento imaturo de dezesseis anos ainda, Rebeca se deu conta de que tudo o que ela compartilhara ali estava perdido, parte do passado realmente parecia ter ficado para trás e tornava-se inalcançável. Não há como revirar aquilo que fora desfeito. Na caixa de email, spams e informativos de lojas virtuais, nada além disso. Restava-lhe o Facebook, que ela quase não utilizava em 2006.

No perfil, a fotografia de uma adolescente ainda com sardas. Poucas notificações para tantos anos de ausência. Treze solicitações de amizade, apenas tios e primos distantes que haviam feito suas contas naquela rede social após ela ter entrado em coma. Na caixa destinada às mensagens, alguns registros de Fernanda, datados de anos antes e esperando por sua recuperação. Só Fernanda?

Certa de que aquela não seria a fonte onde saciaria suas dúvidas, Rebeca desligou a máquina revoltada. Lá fora, a chuva permanecia, fraca, e o tempo parecia mais fresco, quase frio para um Dezembro. A luz do abajur trazia apenas lembranças antigas, frescas a seu ver. A mala, feita na véspera, fora organizada doze anos antes; o cachorro, ganho no último Natal, havia envelhecido; seus amigos, cada qual a seu modo, haviam encontrado caminhos para suas vidas e suas fotos no Facebook mostravam faces amadurecidas, envelhecidas até. Ela estava ali, no quarto, meio que com dezesseis anos ainda, tentando enxergar tudo aquilo que seus olhos não viam e tentando ouvir o que o silêncio da madrugada era incapaz de contar.



Capítulo 8

O primeiro café da manhã em casa poderia ter sido mais agradável se a campainha não tivesse tocado ainda antes das oito.

Foi Amélia quem atendeu e quando a mãe voltou ao interior da casa, Rebeca viu que ela não estava sozinha. Atrás de Amélia, que parecia conformada e talvez até satisfeita com a situação, a enfermeira Hilda entrava sorridente, com uma sacola de viagens razoavelmente grande pendurada no ombro e um pacote na mão esquerda. O cão, em festa, abanava o rabo sem parar, o que mostrou à Rebeca que sua reação na véspera poderia não ter nenhuma associação com lembranças que ele pudesse guardar dela. Ao que tudo indicava, aquele rabo peludo sacudia-se para qualquer pessoa que chegava à sua casa.

— Pão doce! - Hilda disse, mostrando o pacote para Rebeca. — O doutor Daniel disse que você gosta, Rebeca.

— Sim, eu gosto. E gosto também de informações. Por acaso o *doutor* Daniel mandou alguma? - Foi irônica. Apesar de não ter lembranças, a ironia, que Rebeca só usava em momentos extremos, permanecia intacta.

Se algum desinformado pudesse ouvir aquela conversa, diria que Rebeca invejava a evolução de seus amigos, principalmente de Daniel, que era um médico enquanto ela, de certa forma, era ainda uma adolescente e não tinha formação ou perspectiva concreta de futuro. Rebeca não tinha nem passado! Mas não se tratava de inveja, pelo contrário: Rebeca sempre quis ver os amigos bem, sempre torceu por suas conquistas. Sua reação, além de quase irracional, foi apenas reflexo de sua total ausência de conhecimento. Ela estava na sala de sua casa, em companhia da mãe e de uma enfermeira que apesar de ser uma recém conhecida, a conhecia havia anos e ambas sabiam de todos os detalhes daquilo que Rebeca buscava apenas entender um pouco que fosse, mas ninguém lhe dizia nada.

Era revoltante.

— Não, querida. Nenhuma informação que não esteja registrada em suas memórias, mesmo que elas pareçam adormecidas - a mulher não tirava o sorriso do rosto. — Na hora certa e através do estímulo adequado, ou até mesmo de alguma grande necessidade, estas memórias voltarão. Nem tudo acontece quando e como queremos, não é mesmo? A vida, em alguns momentos, pode se mostrar dura, restando a nós passar por isso.

Hilda falava com conhecimento de causa. Já havia sofrido muito e fora isto que a levava a cuidar tão bem das pessoas com as quais trabalhava.

Ela prosseguiu:

—Nos resta esperar, apenas esperar, Rebeca. O passado não se desfaz, ele está armazenado apenas, guardado em algum lugar e quando chegar à hora, tudo virá à tona.

Rebeca sentiu-se indignada e sua indignação nada mais era do que fruto de um egoísmo necessário, que clamava por respostas. E em relação à enfermeira, nada irritava aquela mulher? Apesar de toda a sua falta de compostura, a enfermeira Hilda mantinha seu sorriso e seus olhos transmitiam tranquilidade. Lógico! A vida dela tinha um ontem, tinha um curso, enquanto Rebeca não vislumbrava nada de relevante para a sua.

Sem cerimônia, Hilda sentou-se à mesa enquanto Amélia buscava uma xícara para ela.

— Vim acompanhar sua evolução, Rebeca. Vou ficar por aqui... Sua mãe está de acordo e o doutor Daniel acredita ser bom, pois pode ser que você precise de algum tipo de assistência - Hilda informou. Apenas informou, sem se importar com a opinião de Rebeca. —Prometo que não vou atrapalhar, não serei um estorvo.

Se dependesse de sua vontade, Rebeca deixaria a mesa. Deixaria a enfermeira Hilda falando sozinha, pois ela não tinha nenhum interesse naquela informação. Não era boba e, pelo volume da sacola de viagem que a mulher carregava, suas intenções estavam bastante claras. Ela viera para ficar, não havia dúvida alguma.

Amélia entregou a xícara à Hilda que rapidamente a encheu com o café fumegante, mas não sem antes informar:

— O doutor vem mais tarde, após o expediente no hospital. Ele quer vê-la e passar mais algumas orientações - depois justificou-se: — Não há necessidade alguma de preocupação extra com a minha presença aqui.

Estou mais que acostumada a dormir em cadeiras, então, não se incomodem com acomodações ou com conforto. Eu fico bem em qualquer cantinho.

— Menos mal! - Rebeca deixou escapar desafortadamente. — Imaginei uma cama de dobrar sendo montada ao lado da minha...

Hilda riu. Se ela soubesse o quanto sua risada irritava Rebeca, a guardaria para quando estivesse em frente a um espelho.

— Não, querida. Não há necessidade. Não estou aqui para vigiá-la e sim para acompanhá-la. Sou apenas uma profissional de saúde à sua disposição - Hilda realmente não perdia a calma.

— Temos um quarto extra, enfermeira. Apesar de ser pequeno, há uma cama e uma cômoda. Ele já está arrumado e você pode se estabelecer lá.

— Está ótimo! Obrigada - a enfermeira agradeceu sorrindo, enquanto passava manteiga em uma torrada.

A conversa estava cansativa e Rebeca não tinha condição alguma de acompanhar aquilo por mais tempo. Pensava em qual momento foi, durante aqueles anos, que as pessoas perderam os parâmetros... Decisões eram tomadas sem que ela fosse consultada e tudo ali lhe soava desconexo, sem qualquer sentido.

A campainha tocou mais uma vez e Amélia deixou a mesa do café para dirigir-se ao portão. Quando entrou trouxe consigo um grande buque de flores que entregou à Rebeca. No cartão, uma breve mensagem de Jamile: "*Seja bem vinda de volta!*" Rebeca não gostava de flores, as detestava e talvez Jamile tivesse se esquecido deste pequeno detalhe. O cheiro lembrava morte, o que contrastava com o fato de Rebeca ter "voltado à vida".

Deixou a mãe e a enfermeira à mesa e voltou ao quarto, ao computador. Talvez, com a cabeça mais fria, pudesse analisar melhor o que estava à sua disposição na rede social. Se deixou levar pelas coisas que lia na tela, evidentemente sem se deixar influenciar por elas. Era muita bobagem! Discussões inúteis onde cada qual defendia seu ponto de vista como verdade soberana; orgulhos vazios sobre elementos que não significavam coisa alguma; disputas baratas, fossem estas políticas ou profissionais; bajulação e enaltecimento do eu. Àqueles tempos, a rede parecia ter se tornado um grande dicionário de palavras ocas ou palavras de significado restrito, entendido apenas por aquele que a empregava; palavras que não diziam nada e que ficariam para trás a partir da publicação seguinte. Tudo

ali estava muito fora de seu tempo, com índices de modernidade ou de contemporaneidade que ela não havia atingido e, por não ver-se engajada em muitas daquelas supostas verdades, não queria entendê-las de forma alguma. Para as pessoas, poderia até parecer um curto intervalo, mas doze anos jamais seriam doze dias e para assimilar tudo aquilo, ela precisaria de tempo.

Os perfis mantidos pelos amigos já não faziam muita conexão com o que ela guardava de lembranças. No perfil de Ana Paula, logo à frente, via-se a fotografia da amiga grudada em Afonso, o marido. Ambos estavam bonitos, o tempo os havia favorecido, mas a posse que Ana Paula tentava exercer sobre Afonso estava evidente naquela imagem e era algo descomunal. Vasculhando demais fotos, Rebeca percebeu que em todas, sem exceção, Ana Paula mostrava-se ao lado de Afonso; ora segurando o marido pelo braço, ora agarrada em seu cangote, ou até mesmo colocando-se à frente dele, como se sua real intenção, ao menos ali, fosse estabelecer uma barreira entre ele e o mundo. As diferenças e a suposta necessidade de mostrar posse de Ana Paula sobre o marido ficavam evidentes no perfil de Afonso, onde a fotografia de destaque o mostrava sozinho e sorridente, apesar de a palavra "casado" constar em sua descrição pessoal. Ela gritava seus casamento e mostrava o marido para quem o quisesse ver; ele era mais discreto, apesar de não omiti-la.

Já Jamile estava realmente muito bonita, sem qualquer resquício da menina gorda e desajeitada que no passado fora sua amiga mais próxima. As fotografias de passarela eram de cair o queixo, principalmente o queixo daqueles que um dia viram como Jamile fora. Ela estava deslumbrante e não havia termo que a descrevesse melhor! Além de magra, sua musculatura estava bem definida e sem exageros, seus cabelos estavam longos e bem cuidados e a pele do rosto, sem quaisquer traços das antigas espinhas, estava mais lisa que bundinha de neném. A amiga, que diminuía-se quando adolescente em decorrência de seu peso e aparência, merecia todos os louros por sua superação e pelo empenho em ser melhor do que sempre julgara ser capaz.

No perfil de Fernanda, era uma *selfie* sorridente quem dava as boas vindas aos visitantes e diversas outras *selfies* poderiam ser encontradas no decorrer do *feed*. Uma *selfie* tirada na varanda de casa, onde via-se ao fundo a praia de Copacabana, com a legenda "*home swett home*"; uma *selfie* de

quatro anos antes, com as Pirâmides do Egito logo atrás dela; outra em Machu Pichu, uma na Disney e mais uma em frente à Torre Eiffel. Fernanda sempre sonhou em conhecer aqueles lugares, o que na perspectiva de Jamile, em breves comentários à época, em nada referia-se à cultura local. Para Jamile, Fernanda queria apenas passear pelo mundo, por lugares que destacavam-se e tinham pompa. Pelo que Rebeca percebia, a vida de Fernanda estava muito diferente e o fato de Osvaldo ter ganhado na loteria, fizera bem aos planos da amiga. Havia fotos de Fernanda com o pai também e...

— Caramba! Como se veste mal... - ela falou consigo, pensando em voz alta. — Nem sempre o dinheiro faz bem às pessoas; ao menos, não a algumas pessoas. Seu Osvaldo não tem noção alguma de moda, coitado. Essas estampas são terríveis. Virou um sujeito brega e deslumbrado...

Deixando de lado o perfil de Fernanda, seguiu para Lionel. A fotografia de perfil trazia o amigo usando uma jaqueta de couro e tocando guitarra. Ou seria contrabaixo? Os cabelos, desalinhados ao extremo e precisando com urgência de um bom corte, compunham a moldura do rosto do roqueiro. Alguns vídeos destacavam-se nas publicações, cenas de shows e cliques oficiais. Lionel era um músico de sucesso. Ao menos, parecia ser.

O perfil de Mundo não mostrava muita coisa, era atualizado "*vez na vida, vez na morte*" como dizia-se no modo popular. Sua última atualização datava de Outubro, festa da Penha, e mostrava a escadaria da igreja toda decorada com fitinhas coloridas. Ao canto, uma carrocinha de pipocas.

Luciana parecia não manter um perfil na rede social; ou talvez o mantivesse com nome de casada, que era desconhecido de Rebeca e impedia sua procura. E Dan? Dan também não tinha um perfil no Facebook. Era de se estranhar, pois ela se lembrava que o amigo nunca fora avesso à socialização, mas, certamente ele teria seus motivos e, lá no fundo, Rebeca imaginava tratar-se de alguma questão - impedimento? - profissional.

Não foi somente os perfis dos melhores amigos que chamaram a atenção de Rebeca. Havia mais coisas que sobressaíam-se nas publicações das poucas pessoas que ela mantinha em sua rede de amigos. Patrícia, a filha da vizinha, que antes de Rebeca entrar em coma apenas compartilhava fotografias de desenhos animados e bichinhos fofos, trazia conteúdos completamente diferentes e quase vergonhosos. Quase vergonhosos, não; Rebeca estava abusando da generosidade ao pensar daquela forma. As

merdas publicadas por aquela garota eram vergonhosas e com v maiúsculo, coisas que enrubesceriam até o próprio diabo. A irmã dela, Vitória, dois anos mais nova, seguia a mesma linha e tinha como intenção estabelecer disputa para ver quem publicava mais bobagens ou quem publicava bobagem maior, enquanto a mãe de ambas parecia não ver nada daquilo ou, se via, era conivente ou devia achar bonitinha exposição tão grotesca e desnecessária.

Além disto, havia discussões entre pessoas que apresentavam visões políticas diferentes, cada qual defendendo a ferro e fogo seus pareceres e partidos; um sem fim de solicitações para jogos; inúmeros resultados de testes propostos por sites duvidosos também se destacavam: *"quem você foi na vida passada?"*, *"com quem você vai se casar?"*, *"quando você vai ficar rico?"*; *"qual celebridade mais se parece com você?"*.

Em meio a tudo aquilo, um detalhe saltou aos olhos de Rebeca: algumas pessoas imploravam por atenção, quase rastejavam por ela e faziam o possível, o absurdo, para conseguí-la, enquanto outras tentavam tirar vantagem do conteúdo alheio, como se quisessem tomar para si conquistas que não eram suas.

Eram os conteúdos mais vazios que caíam em evidência. Ela viu a campanha que uma senhora fazia em prol de um hospital que tratava crianças com câncer não ser alvo de receptividade alguma, enquanto uma fotografia de uma das vizinhas usando biquíni colecionava mais de duzentas curtidas; viu a divulgação do trabalho de crochê feito com perfeição por uma conhecida de sua mãe passar despercebido, enquanto a fotografia do filho desta senhora, bêbado e rodeado de garrafas de cerveja, era enaltecida; viu mãe bajular os filhos que só bajulavam estranhos; viu as mensagens mais esquisitas de aniversário; viu gente rasgando seda para aqueles de quem antes falavam mal - ela se lembrava perfeitamente! -; viu pessoas debochando umas das outras sem que os alvos percebessem se tratar de deboche - o importante era conquistar alguma reação! -; viu parentes serem renegados para que recém conhecidos tivessem prioridades; viu de tudo e não gostou. Evidentemente, havia os que divulgavam conteúdo sério, divulgavam até mesmo trabalhos alheios, mas esta divulgação, quase que sem exceção, estava atrelada a algum ganho; quem o fazia não fazia de graça, não fazia por benevolência. No seu tempo, o mundo era outro e as mentes não eram tão fúteis, tão vazias.

Rebeca estava acostumada com pessoas que faziam pelas outras pessoas, com a união e a interação sadia e ali ela deparava-se apenas com a vulgaridade e banalização, fosse do todo ou do eu. Pensou em publicar uma atualização:

O que aconteceu enquanto eu vagava desacordada pela vida? Onde foi que vocês se perderam, se é que em algum momento souberam onde estavam ou o que eram ou o que queriam? Cadê o bom senso? Porque a fotografia de um bêbado é mais interessante que um trabalho caprichado e feito à mão? Porque os parentes, que são conhecidos de uma vida inteira, bem como os feitos destes, valem menos que uma piada infame ou uma pessoa que se encontrou ontem em uma festinha qualquer? Porque uma bunda merece mais respaldo que crianças doentes e que precisam de ajuda? Porque antigos alvos de críticas ferrenhas hoje são bajulados e considerados melhores amigos?

Perdida mais uma vez, ela não sabia o que havia mudado ou o motivo daquilo. Na realidade, ela nem sabia se houvera realmente alguma mudança ou se tudo sempre fora exatamente daquele jeito banal e somente ela, que tanto considerava e esperava pelo melhor das pessoas ao seu redor, é que não havia percebido.

Se o mundo pudesse ser comparado a um céu estrelado, Rebeca seria aquela estrela que ainda pode ser vista, apesar de ter morrido há milhões de anos; a estrela cuja existência já findada parece se perpetuar para nada. Ela ainda estava ali, porém talvez já não estivesse mais.



O empresário que se fodesse, que desse seu jeito, pois Lionel não estaria ausente em momento tão significativo. Estar no Rio de Janeiro era preciso, ele sabia. O atestado médico ficara sobre a escrivaninha e no laudo, o diagnóstico de estafa, que lhe dava direito ao descanso. Não importava o que a mídia pensaria ou diria... Seriam apenas quatro shows agendados para os próximos dias que teriam que ser cancelados, pois suas férias para as

comemorações de final de ano vinham logo na sequência, o que lhe daria tempo de sobra para acompanhar de perto o que quer que os amigos fizessem.

Os tempos em que foi preciso cantar em bares para garantir o sustento e aos quais ele era grato, já estavam para trás. Lionel não era rico, mas era bom no que fazia, muito bom, e já tinha seu público. Ele tinha consigo as lembranças do que era e a certeza de no que havia se transformado; sabia que não precisava provar nada a ninguém e de que seus fãs, além de terem os valores gastos com ingressos ressarcidos, entenderiam sua ausência.

Antes das nove ele já estava no aeroporto, mochila nas costas e uma pequena mala nas mãos, fone nos ouvidos e óculos escuros na face, para disfarçar e afastar possíveis aproximações de fãs. O violão, um eletroacústico Giannini preto, vinha envolto na capa de couro e pendurado no ombro. Naquela manhã, o roqueiro sempre tão solícito, não tinha intenção alguma de dar autógrafos e tirar fotografias. Em breve estaria próximo de um passado que mesmo distante, não fora esquecido, o que fazia do confronto algo inevitável, bem como interferia diretamente em seu raciocínio. E havia Luciana, por quem ainda nutria sentimento especial e a quem deveria proteger.



Capítulo 9

Durante os dois dias que se seguiram, a visita de tios e primos, os mesmos tios e primos que sequer deram as caras no hospital durante aqueles anos por julgá-la caso perdido, foi inevitável. Era como se aquelas pessoas precisassem se mostrar presentes após seu despertar para reafirmar algo que Rebeca nem sabia se existia. Apesar de todo o tumulto enfrentado dentro de casa com o falatório de tantas pessoas, Rebeca gostou de sentir-se acolhida. O pai de Rebeca, que morava em outro estado, deu apenas um telefone, prometendo uma visita para quando pudesse se ausentar do trabalho. A recuperação da filha valia menos que sua conta bancária e sua nova esposa, sem dúvidas.

A enfermeira Hilda, para surpresa de Rebeca, conseguia passar despercebida na maior parte do tempo. Pela manhã fazia suas caminhadas e à tarde, após fazer questão de lavar toda a louça do almoço, lia. Hilda era apaixonada pela literatura inglesa clássica e carregava sempre alguns exemplares em sua bolsa, fossem de Jane Austen ou das irmãs Brontë. Conforme Amélia insistia em afirmar. Hilda mantinha-se *na dela*. Entretanto, por mais discreta e tranquila que a mulher parecesse, para Rebeca ela era um cão de guarda, uma naja, cuja cabeça estava sempre para fora do cesto de vime.

O grupo de amigos havia combinado de visitá-la apenas no final de semana e Rebeca estava ansiosa, esperando que este dia chegasse. Rebeca não sabia, mas a ideia fora de Hilda. A enfermeira conseguira convencer Dan de que alguns dias eram necessários para sua ambientação e ele determinou que o encontro aconteceria somente no sábado. A chegada surpresa de Lionel era mais um motivo para empolgação, pois ele viera por causa de seu despertar. Estariam todos lá, com exceção de Luciana que, de acordo com Fernanda, ainda não havia confirmado se poderia ir. Mundo, sequer fora mencionado.

Mundo não tinha qualquer noção de que o encontro fora marcado. Iriam no sábado, após o expediente de trabalho. A decisão em relação ao dia partiu de Dan, que queria estar presente para impedir que a empolgação fizesse com que os outros falassem em excesso. Em paralelo, ele almejava também dar à Rebeca tempo o suficiente para estabilizar-se naquela nova realidade e, se possível, colocar os dois pés no chão de seus vinte e oito anos, arrancando-os definitivamente dos dezesseis.

Não se vive doze anos em poucos dias. De forma alguma.



No sábado, após o encerramento da última aula do curso de inglês, Ana Paula deslocou-se rumo ao bairro onde passara sua infância. Agradeceu aos céus por ser um sábado, pois, àquelas horas, durante a semana, o trânsito estaria tão caótico quanto o inferno em dias de festa profana. A distância que separava a Ilha do Governador, bairro onde ficava o curso que Ana Paula coordenava, da Penha, para onde a moça deslocava-se, não era extensa, porém, a região mergulhava nas trevas da fumaça de óleo diesel e dos engarrafamentos todo final de tarde. Uma breve parada para um café expresso no Plaza, pois, para Ana Paula, nas horas de tensão, a cafeína era seu Denzel Washington.

Olhou para o relógio do carro e constatou que, por seus cálculos, chegaria à casa de Rebeca pouco antes do horário combinado pelo grupo. Por volta das seis e meia, talvez um pouco depois, e esperava que o fato de adiantar-se alguns minutos não fosse considerado um problema.

Seu nervosismo era tão grande quanto a sua irritação. Não que ela não quisesse a recuperação de Rebeca, ela queria; a questão envolvia as possíveis consequências trazidas por esta recuperação. E as consequências não eram poucas e tampouco eram pequenas. Ela jurava para si que se não fosse aquele maldito acontecimento - bendito? -, não estaria hoje casada com o grande amor de sua vida.

Certamente, caso se tratasse de um sábado comum, estaria com Afonso em um shopping sofisticado, na fila do cinema, esperando para assistir à

estréia da semana ou até mesmo em casa, arrumando-se para um jantar. Mas estava atravessando a Estrada do Galeão em direção à casa de Rebeca; rumava para a Penha, bairro onde não punha os pés desde quando sua vida financeira começara a dar certo. Provavelmente veria as mesmas casas, os mesmos muros e, se fosse tão azarada como julgava ser em alguns momentos, esbarraria com faces de um passado que ela gostaria de manter bem enterrado. A vida havia mudado, havia dado uma guinada de 360 graus e revisitar tempos remotos era sempre um incômodo para ela, apesar de nada disso ser mencionado nem mesmo para o marido. Se Fernanda havia mostrado naquela *selfie* que tinha condições de voltar sorrindo ao seu bairro de origem, ela também teria.

A estrada do Galeão ficara para trás e agora, mansamente, Ana Paula encarava a pouca movimentação da Avenida Brasil. Mais a frente, dentro de poucos minutos, pegaria a saída para a Avenida Lobo Júnior e depois disso, com três ou quatro minutos, estaria na casa de Rebeca. Aumentou o rádio e *Era Uma Vez* ecoou alto dentro do carro e ela se deixou levar por aquele som.

*Era uma vez
O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão
Dava pra ser herói no mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche
Um banho quente e talvez um arranhão^[2].*

A música a levava de volta à tempos diferentes e confrontava seu medo. Medo que cresceu e mudou de forma, virou irritação e extrapolou todos os limites quando Ana Paula estacionou em frente à casa de Rebeca e percebeu que ali na calçada havia um carro estacionado. Apesar de estar um pouco adiantada, ela não fora a primeira a chegar.



Rebeca sabia que os amigos haviam combinado de chegar por volta das sete em sua casa e pedira à mãe que fizesse cachorro quente, pois este era o

lanche favorito nas tardes em que eles reuniam-se para assistir filmes ou para jogar. Na geladeira, deitadinhas, as diversas latas de Coca-Cola disputavam espaço nas prateleiras e também esperavam por aqueles que estavam por chegar. Porém, eram seis ainda quando a campainha tocou e ao espiar da varanda ela viu o homem alto, barba por fazer, sem paletó, apesar de usar gravata e segurando uma garrafa de vinho. Era Afonso.

Quando mais jovens, Rebeca e Afonso sempre se deram muito bem e a diferença de três anos na idade deles não causava nenhum afastamento. Na época em que moravam no mesmo bairro, ele ocupava uma casa na calçada em frente e ambos, quando havia oportunidade, dividiam seus finais de tarde conversando sobre filmes. Apesar de não terem o mesmo gosto, Afonso apreciava os filmes de ação enquanto Rebeca gostava mais dos suspenses, o cinema sempre os aproximou. Eram eles também que obtinham os melhores resultados quando o grupo se reunia para jogar *Scotland Yard*; não havia caso que não fosse desvendado por Afonso ou por Rebeca ou pelos dois simultaneamente. Toda aquela proximidade incomodava Ana Paula, que nutria uma paixão quase obsessiva por Afonso, mas Rebeca não tinha qualquer outro interesse no rapaz além da amizade, apesar de Ana Paula não acreditar muito naquela suposta falta de interesses.

— Oi, Afonso! - Rebeca disse ainda antes de chegar até o portão, quando estava na calçadinha de acesso à entrada de casa.

— Oi! Você está ótima, Rebeca - ele disse e um brilho diferente e leve pôde ser notado em seu olhar. — Trouxe vinho! - Afonso então levantou a mão direita, mostrando a garrafa.

Afonso trouxera vinho. Claro! Era evidente! Ele era um homem de trinta e um anos, bem sucedido no trabalho e engratado, enquanto Rebeca, que ainda se mantinha agarrada ao passado e de mãos dadas com os seus dezesseis, havia pedido à mãe que fizesse cachorro quente e comprasse Coca-Cola. Sem que ela tivesse qualquer noção, sua atitude havia pontuado uma grande diferença entre os dois e, muito provavelmente, entre Rebeca e o restante do grupo: enquanto todos andaram para frente, ela ainda estava lá atrás; enquanto o vinho embalava seus encontros, o intervalo de doze anos fez com que ela se mantivesse como uma adepta de refrigerantes.

Se alguém perguntasse o motivo que o levara a chegar mais cedo, Afonso não saberia explicar. Acarretava o fato à ansiedade, mas era mais que isso. Em algumas ocasiões, a vida parecia tão insignificante que

qualquer possibilidade de retorno ao passado, era mais que válida. Diferente da esposa, ele nutria ótimas lembranças do bairro e de seu passado. Ele queria ver Rebeca logo, queria ver os amigos todos reunidos, queria os bons tempos de volta. A nostalgia era parte relevante de sua personalidade pacata.

— Você também está muito bem. Diferente...

Saber o que dizer era complicado para Rebeca. Ela sempre foi muito comunicativa, mas depois de todo o seu afastamento, da mesma forma em que ela não sabia o que esperar das pessoas, também não tinha noção alguma do quê as pessoas esperariam dela. E não era só isto! Rebeca já havia percebido que em alguns momentos suas reações eram compatíveis com a idade em que *desaparecera do mundo* - expressão que, para desgosto de Amélia, ela insistia em utilizar - e talvez as pessoas esperassem mais dela. Naquela noite não seria diferente. Ela se reuniria com os antigos amigos, cujas idades eram iguais ou superiores aos seus vinte e oito anos e teria que adaptar-se a isto e de certa forma manter este padrão. Mas como ter vinte e oito sem ter visto o tempo passar?

Eles entraram e sentaram-se na varanda à espera dos demais.

— Fiquei contente quando soube que você se recuperou, Rebeca. E Ana Paula também - ele fez uma breve pausa antes de explicar. — Nós estamos casados... Você sabe, não é?

Ela sabia e fazia gosto daquela união. Sempre se deu muito bem com Afonso, o que, em diversos momentos, gerou dúvidas, pois os amigos acreditavam que havia entre eles algum interesse que ia além da amizade. Era um triste engano; não havia nada. Não para Rebeca, já Afonso...

Afonso, em tempos atrás, tinha sim interesse em Rebeca, apesar de nunca tê-lo verbalizado ou assumido. Era uma paixão adolescente, que acabou encoberta quando ela entrou em coma e seu relacionamento com Ana Paula evoluiu. Encoberta, não necessariamente esquecida, ele julgava. Ele não sabia se teria sido assim se não fosse o acontecimento que desviou Rebeca do convívio com o grupo; ele não sabia se teria sido assim se Ana Paula não tivesse insistido tanto em uma aproximação maior. Mas, para sua insatisfação, que lhe causava um pouco de irritação, Rebeca parecia vê-lo apenas como um amigo, nada mais. De qualquer forma, o tempo havia passado, ele havia se casado e muitas coisas foram deixadas para trás. Apenas deixadas para trás, não necessariamente esquecidas!

O cão de Rebeca saiu para a varanda e deitou-se aos pés de Afonso, ganhando do rapaz um breve afago na cabeça. Lá da sala, sentada na poltrona onde habitualmente Rebeca ficava, a enfermeira Hilda mantinha-se atenta a tudo, apesar de ter em frente aos olhos um exemplar com capa dura de *"O Morro dos Ventos Uivantes"*. A mulher sempre disfarçou muito bem.

Na varanda, a conversa entre os dois era fluida e girava em torno do passado, o que gerava algumas risadas. Rebeca sabia que não adiantaria fazer quaisquer perguntas, pois todos estariam bem instruídos pelo *"doutor"* Daniel e nada de relevante seria dito. Se insistisse, se tentasse extrair alguma informação e não conseguisse, a conseqüência direta seria sua irritação, então era melhor nem tentar. Todo aquele marasmo a incomodava, mas reconhecer que há tempo para tudo era uma necessidade e, se soubesse aproveitar a reunião com os amigos e mantivesse sua atenção voltada para pequenos detalhes, poderia descobrir alguma coisa. Alguém talvez deixasse escapar algo.

A opção de não especular não fora propriamente uma escolha de Rebeca, era uma necessidade. Não se tratava de conformismo, visto que ela nunca se conformava com a incompletude; mas sabia que sua insistência apenas faria com que os amigos tivessem cautela. Era preciso deixá-los livres e, se tivesse sorte - tinha? - eles deixariam alguma informação, por mínima que fosse, escapar.

A conversa de Rebeca e Afonso foi interrompida pelo barulho de uma motocicleta, que virou a esquina acelerando alto.



Quando viu que o marido se escancarava em sorrisos na varanda da casa de Rebeca, um alerta soou dentro de Ana Paula e, em um ímpeto, ela deixou o carro, batendo os pés firmemente no chão. Seu rosto pegava fogo e sua ira extrapolava todos os limites. Foi contida por Jamile, que também acabara de estacionar e percebera o que estava por acontecer.

— Menos, Ana Paula, por favor - Jamile disse segurando a amiga pelo cotovelo e tentando contê-la. Na outra mão, trazia uma caixa de bombons

importados para presentear Rebeca.

Afonso e Rebeca estavam tão distraídos com as lembranças da adolescência que não perceberam a chegada das duas.

— E por quê? Porque eu devo me conter? Menos por que, Jamile? Será que só por Rebeca ser uma coitada que acabou de sair do coma, eu devo deixar que ela flerte deliberadamente com o meu marido?

Jamile detestava aquela obsessão de Ana Paula. Sempre viu a relação entre ela e Afonso como algo doentio, onde Ana Paula impunha condições e ele sobrevivia a elas.

— Pelo simples fato de que você está exagerando, só por isso! - Jamile falava entre dentes, tentava ser discreta para que a discussão não fosse notada. — E ela não está flertando! Rebeca e Afonso sempre se deram muito bem e nós duas sabemos disso, eles moravam um de frente para o outro, cresceram juntos. E mesmo com todo este contato, nunca houve nada entre os dois! Estão conversando apenas e você deveria parar com essa palhaçada.

Na cabeça de Ana Paula, nunca houvera nada entre eles porque ela não deixava brechas. Se Afonso ia, ela ia também; quando Afonso estava, ela também estava. Se todos combinavam de encontrarem-se em determinado horário, ela chegava antes para não dar a ele qualquer oportunidade de passar algum tempo sozinho com Rebeca. Depois de doze anos ela se descuidou. Ali, naquela varanda, havia uma brecha e ela não tinha qualquer noção de quando fora aberta. Há quanto tempo ele havia chegado?

— Nós vamos entrar normalmente e você vai se dar a chance de entender o que está acontecendo antes de criar um escândalo.

Jamile! Mais uma vez Jamile, sempre tão serena, tão sensata e discreta, era a *ex-jamanta* quem de certa forma travava os ímpetos de Ana Paula. Fora assim anos atrás, apesar de nenhuma das duas comentar sobre o fato.

Quando ambas preparavam-se para dar os primeiros passos em direção à calçada, o som de uma motocicleta acelerando foi ouvido ao longe. Logo depois, o veículo de duas rodas dobrou a esquina e estacionou colado na traseira do carro de Jamile. Quando o motociclista tirou seu capacete, elas viram que se tratava de Lionel.

— Puta merda! Quem diria... Jamile Jamanta em cima do salto e estonteante - o roqueiro mantinha os mesmos ares de sempre.

— Ei! Sem apelidos idiotas, por favor. E, além do mais, você já me viu após meu emagrecimento, portanto qualquer piadinha boba é descabida.

Jamile detestava comparações, detestava quando as pessoas insistiam em fazê-la voltar aos tempos da obesidade e Lionel parecia ter aquele dom. Ele havia crescido, mas talvez não tivesse amadurecido.

Da varanda, após ter sua atenção despertada pelo barulho da moto e considerando que Jamile levantava a voz com Lionel, Rebeca viu o quanto a amiga estava mudada. Mais ativa, mais segura. A Jamile de doze anos atrás jamais contestaria qualquer atitude e nunca retrucaria àqueles que lhe jogavam na cara seu excesso de peso; ela se calaria e abaixaria a cabeça.

— Foi só uma brincadeira... - Lionel tentou consertar o que não tinha conserto e depois, como se nada tivesse acontecido, cumprimentou as amigas.

— Eu não sabia que você viria - foi Ana Paula quem questionou a chegada do rapaz que, até então, ela julgava estar em turnê.

— Avisei pro Dan... No dia seguinte à alta de Rebeca eu meti o pé. Deixei um atestado médico à disposição do meu empresário e peguei um avião - inesperadamente seu semblante pareceu mais sério. — Não dava pra ficar em cima de um palco cantando sem saber o que estava acontecendo aqui.

Jamile levantou uma de suas sobrancelhas em sinal de desconfiança, o que não passou despercebido à Ana Paula.

— Não? - A modelo perguntou e, em seguida, deu sua alfinetada: — Mas foi exatamente isso que você fez nos últimos anos... Se manteve em cima de um palco, ganhando dinheiro com Dias Vazios, enquanto Rebeca dormia, não foi?

— Antes não havia nada a ser feito além de esperar, mas agora ela acordou e precisa dos amigos, não é isso que vocês acham? Nada mais justo que eu, que estive lá naquela noite e que sempre fui parte do grupo, estivesse aqui, Jamile Jamanta - o rapaz justificou, sem medo de cutucar a amiga mais uma vez. — E Dias Vazios, eu acredito que você saiba, é uma homenagem à Rebeca.

Talvez fosse mais e, de certa forma, eles não sabiam. Dias Vazios não retratava apenas a ausência de Rebeca ou a lacuna deixada por sua ausência, a canção ia além. Falava de todas as ausências, do afastamento estabelecido

entre os membros do grupo e da ruptura estabelecida naquela amizade antes tão sólida.

A careta que Jamile fez foi interrompida por Rebeca, que chegava ao portão da casa.

— Fico muito feliz em ver vocês depois de tanto... tempo - e depois abraçou cada um deles, convidando-os para entrar.



— Não imaginei que você fosse chegar cedo.

Aproveitando-se do fato de que os amigos estavam distraídos, Ana Paula aproximou-se do marido para tomar satisfações. Há quanto tempo ele havia chegado? O que acontecera entre ele e Rebeca desde então? Se havia algo que ela detestava eram os raros momentos em que perdia o controle em relação ao tempo e Afonso, ela sabia, não tinha o hábito de adiantar-se apesar de também não se atrasar. Se ele chegara mais cedo foi proposital, certamente tinha interesses em jogo, mas quais?

— Nem eu - foi a resposta de Afonso, antes de seguir em direção ao quintal, para encontrar Daniel, que acabava de chegar, e trazia Fernanda consigo.

— Imagina! Ficar sem carro justamente hoje... - ela se queixava enquanto deixava o interior do veículo e Afonso não soube identificar exatamente com quem. A impressão era de que frente à necessidade de justificar-se para não se sentir por baixo, Fernanda falava até sozinha.



Capítulo 10

De um canto da sala, tentando não interferirem na reunião, Amélia e a enfermeira Hilda, mesmo que receosas, observavam o grupo, que já parecia bastante entrosado.

— É bom tê-la em casa novamente, não é? - Hilda comentou, sem saber que aquilo afetaria Amélia.

— É bom tê-la em casa sim, mas não me sinto à vontade com a presença deles. Eu ainda os culpo... Eles estavam lá - a mágoa estava ali, o rancor também. — Não há registros de nenhuma outra pessoa na casa. Sei que um deles é o responsável pelo que aconteceu. Sei que se não tivesse acompanhado-os naquela maldita viagem, minha filha não teria passado todos estes anos ausente da vida.

Algumas pessoas nunca estão satisfeitas com o que têm ou com o que conseguem alcançar. Hilda reconhecia as dificuldades pelas quais Amélia havia passado durante o extenso período de internação da filha; ela estava lá nos momentos de incerteza e, apesar de ser uma profissional de saúde, esperava que a mulher demonstrasse algum alívio passado tanto tempo. Porém, Amélia apenas se queixava e deixava clara sua intenção de ter Rebeca só para si, como se ela fosse ainda uma garotinha. Talvez, um pouco de gratidão pela recuperação de Rebeca não lhe fizesse mal.



— Luciana não veio - Rebeca afirmou ao constatar que, pelo avançar da hora, a amiga não chegaria mais. — Nem Mundo...

Todos entreolharam-se, mas foi Lionel que deu seu parecer:

— Talvez, Rebeca, depois de tantos anos, o nosso grupo já não seja mais o mesmo - ele falava sério desta vez, sem qualquer resquício do rapaz

inconsequente que ofendera Jamile um pouco antes. —O tempo passou e novos interesses surgiram, é inevitável. Nem todos terão sempre a mesma dedicação que um dia tiveram e nem a mesma disponibilidade.

— Eu ainda tenho, por todos vocês - a dureza das palavras de Rebeca não conseguiu apagar sua emoção. — Pode parecer que para mim o tempo não passou, mas eu sei que ele passou e eu perdi a maior parte. Gostaria que todos estivessem aqui hoje.

Fernanda decidiu interceder por Luciana e para tal, mentiu.

—Eu falei com a Luciana pela manhã e ela disse que não poderia vir; disse que lamentava, mas não poderia. Me parece que o marido tinha um compromisso de trabalho, um evento se não me engano, e ela o acompanharia.

Lionel também sentia pela ausência de Luciana. De algum jeito, os sentimentos do passado ainda moravam dentro daquele coração rebelde. Já em se tratando de Mundo, aparentemente não havia quem sentisse sua falta.

—E o Mundo? - Rebeca insistia. — Estive com ele no dia da alta, mas depois não o vi mais. Alguém lembrou-se de avisá-lo?

—Mundo, provavelmente, está trabalhando neste horário e não teria como vir - Jamile justificou sem qualquer certeza em relação ao que dizia.

— Pipoqueiro... - Fernanda foi quem balbuciou.

— E o que há de errado nisso, Fernanda? - O olhar de Rebeca foi de reprovação. — É um trabalho como qualquer outro. Uns tocam guitarra, outros desfilam em passarelas, há os que são médicos ou advogados ou professores de línguas, da mesma forma que há os que vendem pipocas e há aqueles que nada fazem, como eu e você.

A tensão instalou-se sobre todos ali. Rebeca, que sempre foi a apaziguadora, lançava o estopim de uma discussão, desafiava a amiga sem qualquer pudor, sem reservas. O silêncio que se seguiu àquela última frase foi incômodo e quebrado por Lionel que, passado o susto causado pela resposta de Rebeca, resolveu fazer graça:

— Puta que pariu! Podia dormir sem essa, hein, Fernanda?

— Cala a boca, Lionel. Nossa intenção não é discutir. Acho que todos aqui deveriam alimentar a intenção de ajudar a Rebeca e não de criar intrigas. E digo mais: se eu soubesse que me aborreceria, não teria me humilhado e pedido carona ao Dan só para poder estar com vocês...

— E desde quando uma carona é humilhação? - Daniel questionou surpreso.

Era. Era muita humilhação. Fernanda já não sabia pedir nada, não sabia depender de qualquer pessoa que não fosse seu pai e o dinheiro que ele tinha. Inclusive, se tivesse um pouco menos de bom senso, talvez conseguisse até ser tão brega como seu pai... Habituada à vida fácil, o fato de estar sem carro naquele dia representava tragédia legítima, mas, ainda assim, ela se submetera e pra quê? Pra ser envergonhada em público por uma mulher com mentalidade de adolescente e que ainda acreditava que o mundo ao seu redor era perfeito? Ah! O tempo havia passado, mas Rebeca ainda era a mesma garotinha sonhadora que no passado, em muitos momentos, a irritara.



Nilo demorava para voltar. Era curiosa a forma como o homem considerava seus atrasos normais e condenava a esposa por qualquer deslize, fosse com o tempo, com as ações ou com as próprias palavras. Certamente estava enchendo a cara em um bar ou gastando tempo com conversa fiada. Na poltrona da sala, com a televisão ligada no noticiário e a mesa posta para o jantar, Luciana esperava por ele.

Moravam em uma vila de casas situada em uma rua calma do Méier e cujo movimento era quase nenhum. Ela não estava muito longe dos amigos, mas também não estava perto; nada era perto quando as vontades de Nilo se faziam presentes. Mas ela aguentava mesmo sabendo que as alegrias eram pequenas, quase nulas quando comparadas às dores. Aquela fora sua escolha e os motivos que a levaram a ela já não tinham mais qualquer importância. O amor, que jurava sentir anos antes, havia se acabado.

Pelas manhãs, quando tinha garantias maiores de que Nilo se manteria fora de casa, era por meio da música de Lionel, que Luciana sentia-se mais próxima dos amigos. O refrão ecoando através do rádio e que fora composto para Rebeca, encaixava-se perfeitamente a ela também.

*É nos momentos em que os amigos imploram
A presença, um abraço, um por que
Que você se mantém mais ausente
Sem que algo se possa fazer
É em todos estes dias vazios,
Enquanto você não está mais aqui,
Que o coração se faz presente na estrada,
Para entoar o que alguém possa ouvir*

Era certo que os *dias vazios* cantados por Lionel não pertenciam somente à Rebeca. Luciana identificava-se com a canção. Ela havia se afastado, não estava mais presente e reconhecia o vazio que instalara-se dentro dela, contudo, mesmo de longe, sabia que havia um grande vazio em cada um de seus amigos. Ninguém conseguia passar por tudo aquilo e sair ileso.

Rebeca, agora desperta, não estava mais ausente, voltara a fazer parte da vida dos seus. Já ela, Luciana, não tinha qualquer data ou previsão de retorno ao seio do grupo. Àquele momento estavam todos reunidos, todos menos ela; àquelas horas, eles certamente compartilhavam lembranças, enquanto ela sufocava as suas para que não lhe deixassem marcas de choro na face, que despertariam a atenção e a ira do marido quando este resolvesse aparecer.

Em um telefonema rápido e eufórico dias antes, Fernanda havia avisado sobre o encontro marcado e recebera um talvez vago como resposta. Os amigos sabiam que para Luciana o *talvez* nada mais era do que uma forma delicada de dizer *não*; um *não* que não era seu, era imposto, vinha de Nilo, apesar de desconhecerem este detalhe.

A dificuldade de Nilo ao abrir a porta da casa, desviou Luciana de seus pensamentos e acusou o estado em que o marido se encontrava: caindo de bêbado.

— Demorou hoje...

As palavras anteciparam-se ao raciocínio de Luciana, escaparam sem que ela conseguisse segurá-las. Em contrapartida, o tapa que levou foi calculado, acertando em cheio o lado esquerdo de seu rosto.

— Pois eu chego a hora que eu quiser, quando eu quiser e se eu quiser - foi a resposta do marido, que caminhou em direção à mesa, para em seguida informar: — Já jantei.

Depois, em fração de segundos, Nilo meteu a mão nas travessas servidas pela mulher, jogando tudo ao chão. Ele estava alimentado, não havia qualquer necessidade de janta naquela noite.

— Vou tomar um banho. Limpe essa merda. Não quero ver nem um grão de arroz no chão quando eu sair do banheiro.



Os dias mais quentes de Dezembro sempre trouxeram turistas, até mesmo para o subúrbio. O movimento na escadaria da Penha naquele sábado fora excelente e Mundo, satisfeito, voltava para casa com arrecadação suficiente para pagar a conta de luz vencida na véspera. O sorriso no rosto era inevitável. Nos momentos em que conseguia sentir-se vitorioso, o homem cedia espaço ao menino que ainda habitava dentro dele e era cheio de orgulho e de mãos dadas com este menino, que ele seguia para seu descanso.

Ao passar pela calçada em frente à casa de Rebeca, repetindo seu trajeto diário, percebeu os muitos carros na calçada e a grande movimentação na varanda. Eram os amigos de antes, todos reunidos naquilo que parecia ser uma comemoração. Comemoração para a qual ele não foi convidado.

Era de se esperar, a mãe dela não gosta de mim e todos, bem lá no fundo, me culpam. Menos Dan, mas ele não contrariaria a maioria. Os anos se passaram e apesar do acontecido não ter sido esclarecido, na cabeça de cada um deles o verdadeiro responsável sou eu, infelizmente. Sempre foi assim... Quando tocávamos a campainha e saíamos correndo, era eu quem recebia a cara feia dos vizinhos que abriam seus portões, era para mim que direcionavam seus olhares de raiva. Depois da internação, nas poucas vezes em que tentei visitar Rebeca no hospital, fui hostilizado, a mãe dela me enxotou de lá sem que o Dan conseguisse convencê-la de me ouvir. Aliás, nem sei por que não me botou pra correr no dia em que me encontrou na varanda... Consideração com a filha recém chegada, só pode ter sido.

Os devaneios se apossaram de Mundo. Tratava-se de responder ao que não lhe fora perguntado, de entender o que não tinha explicação. Entre todos do grupo, fora ele, o filho da faxineira, o único mal quisto após o acontecimento que afastou Rebeca da vida ativa. Dona Amélia, que sempre o tratara muito bem, jamais o encarara da mesma forma.

Agora, estavam todos reunidos em um mesmo ambiente, enquanto ele, sem que percebessem, passava pelo outro lado da rua. Quem disse que a vida era justa com os menos favorecidos? Mundo seguiu seu rumo, esperançoso de que em um dia qualquer as coisas seriam diferentes. Ele só não sabia quando.



Capítulo 11

Foi a enfermeira Hilda quem deu um ponto final ao encontro quando já passava das onze da noite e Afonso parecia ter bebido além da conta. Discreta durante todo o tempo, a mulher buscou circular entre as conversas sem intrometer-se, para obter informações em relação ao que era falado. Dan tinha o intuito de fazer o mesmo, mas ele era um só e a colaboração de Hilda foi de grande valia. Pelo que puderam perceber, ninguém mencionou nada sobre o que levara Rebeca ao coma, apesar da jovem, em alguns momentos, ter tentado colher informações.

Para Ana Paula as coisas não pareciam tão seguras, assim como para Dan. Enquanto a esposa de Afonso tinha receio de que o vinho levasse seu marido a insinuar-se para Rebeca, o médico tinha medo de que ele falasse em excesso, se é que Afonso teria algo para falar. O fato de desconhecer o que havia acontecido fazia com que Dan buscasse tomar todos os cuidados possíveis para que Rebecca não esbarrasse em nenhuma informação que levasse a associações ou possibilidades. Eles buscavam certezas e certezas não admitiam suposições.

O encontro estava encerrado e dali para frente cada um seguiria sua vida, o que dava à Rebeca a perspectiva de vazio. O que ela faria após a saída do último amigo? O que seria dela na manhã seguinte, quando todos seguiriam sua rotina? O que havia acontecido doze anos antes? Não havia como conformar-se com o nada, sua personalidade não lhe permitia. Era absurdo imaginar-se em meio a um redemoinho onde a estagnação era válvula motriz.



— Talvez ela não se lembre nunca - Fernanda comentou dentro do carro, enquanto Daniel dirigia em direção à Copacabana para deixá-la em casa.

— Pode ser. Não há garantia e nem certezas. Rebeca pode não se lembrar, assim como pode acordar amanhã com tudo esclarecido.

E o que viria depois, caso isto acontecesse? Quem seria o prejudicado, se é que se pode chamar de prejudicado o causador de tudo aquilo... As perguntas povoavam os pensamentos de Daniel e ele, sem querer despertar maiores questionamentos em Fernanda ou possíveis suspeitas, se calava.

— E o Mundo? Tem falado com ele? - Fernanda foi incisiva.

Assim como Amélia, ela também não queria Mundo por perto. As diferenças eram claras e, por mais que o passado tivesse os aproximado, em sua concepção o presente já não permitia mais tamanha proximidade.

— Conversei com ele após o despertar de Rebeca, mas, como sabia que ele não seria bem vindo à reunião, o evitei nestes últimos dias para não ter que convidá-lo. Não era minha intenção proporcionar-lhe constrangimentos ou humilhações.

Era verdade; quando não sabia o que dizer ou fazer, Daniel fugia, exatamente como fugiu de Mundo. Depois, o médico completou:

— Ele ficou contente quando soube que ela havia saído do coma. Esteve com ela noite dessas...

— E certamente não disse nada.

O tom de Fernanda foi de provocação; ela queria atizar Dan, certa de que ele tinha mais a dizer. O amigo sempre defendeu Mundo, a vida toda.

— E o que ele diria?

— Ah! Me poupe, Dan - a irritação falava mais alto que a própria Fernanda. — Todo mundo sabe que a probabilidade de ter sido Mundo o responsável pelo acidente, é grande. Ele foi o primeiro a chegar...

— Todo mundo sabe? Baseados em quê, pode me explicar?

Ela não podia. Não havia justificativa que pudesse acarretar culpa à Mundo, ao menos não que estivesse fundamentada em fatos. Em sua concepção, a culpa caía automaticamente sobre ele por ser o mais pobre, o filho da faxineira; somente por isso. Era mais cômodo que todos o julgassem ao invés de buscar a verdade dos fatos. Contudo, se Mundo poderia ser considerado culpado, qualquer um deles também poderia. Se fossem esmiuçar, todos teriam motivos, mesmo que fúteis ou banais. E ela,

apesar de afirmar para proteger Jamile, nem tinha certeza de que fora realmente ele quem chegara primeiro ao local.

Fernanda não disse nada. O preconceito estampado em sua face já falava por ela. Manteve-se calada até o momento em que Dan estacionou em frente ao prédio onde ela morava para só então despedir-se e seguir para casa.



Ao entrar em seu apartamento, Jamile foi direto para o banheiro. O dedo na goela resolveu os excessos do estômago, ingeridos durante a reunião, e era uma pena que ela não pudesse cuidar também de seu excesso de nervosismo. Tensão não pode ser vomitada. Rebeca estava bem, muito bem por sinal, e carregava consigo os traços de sua adolescência, aqueles dos quais Jamile não queria nem mesmo as lembranças. E pensar que tudo havia começado naquela mesma varanda...

— *E se a gente fosse para a casa que meus pais têm em Petrópolis?*

Foi Dan quem interrompeu a partida de War, hábito que o grupo mantinha há alguns bons anos, com a sugestão.

— *Topo! - Afonso, sempre descompromissado, aderiu à ideia de imediato. Era certo que seus pais autorizariam.*

— *Eu também! - Lionel concordou, ciente de que não teria qualquer problema em conseguir autorização de seus pais.*

— *Não sei se minha mãe deixaria... - Luciana foi a primeira a falar sobre a possibilidade de não ter autorização e após seu pronunciamento, as meninas concordaram, com exceção de Fernanda.*

Fernanda conhecia bem o pai e Osvaldo não lhe permitia grandes feitos. Ela não podia fazer quase nada e somente estava ali, na casa de Rebeca naquele momento, por se tratar especificamente da casa de Rebeca; fosse, por exemplo, na casa de Afonso, não teria obtido permissão. E se por acaso, Osvaldo passasse na calçada e visse a presença dos meninos, ela seria posta para casa; era sempre assim. A filha de Osvaldo não tinha direitos, assim como a esposa também não os tinha, situação que mudaria anos depois, após o enriquecimento, quando o tempo do homem se tornaria

curto para contar vantagens, beber água de coco em quiosques da orla e publicar fotografias ridículas na internet. Se as amigas achavam que seus pais talvez não deixassem que elas fossem, Fernanda tinha a mais absoluta certeza de que ouviria um "não" de Osvaldo.

— Posso pedir pra minha mãe falar com eles. Meus pais se responsabilizam, podem ter certeza - Dan insistiu.

— Seria muito legal!

Mundo! Aquela frase só poderia ser de Mundo, aquele que nunca ia a lugar algum. Mesmo que ninguém fosse, mesmo que a viagem caísse por terra, Mundo estaria lá, como uma mosca varejeira, sobrevoando a riqueza da família de Daniel.

— Nós poderíamos ir para lá depois do Natal, só não sei ainda em qual dia, e ficaríamos até a primeira semana de Janeiro. Conseguem imaginar como seria bom todos nós em uma viagem dessas?

Ele era generoso, não se podia negar. Petrópolis não era novidade para Dan, mas ele queria dividir suas férias com os amigos, queria proporcionar-lhes algo diferente.

Jamile gostou da ideia. Teria sido bem pior se Daniel sugerisse alguma região praiana... Ela se negava a usar maiô em público, o que fazia da serra local perfeito para ajudar a esconder suas imperfeições. Se tivesse sorte, seus pais autorizariam. O único problema remetia ao fato de ter se programado para iniciar uma rigorosa dieta naqueles dias. Fazer dieta em meio a uma viagem não seria nada agradável...

O maiô já não era mais um problema para Jamile e a lembrança do antigo dilema fez surgir um sorriso em sua boca, ainda com gosto de vômito. Não se tratava de passado, era o futuro que estava em jogo e o jogo, definitivamente, não era mais *War*. *Jogo da Vida*, talvez; ou *Detetive*, quem saberia?



Ana Paula estacionou seu carro dentro da garagem, na vaga ao lado de Afonso, que fazia o mesmo. Chegaram simultaneamente ao prédio onde

moravam. Ao deixar o veículo, ela foi direto para o elevador e ele a seguiu. Somente ao entrarem no apartamento, após terem sido saudados por Kal-El, ele se pronunciou:

— Achei que Rebeca está bem...

— É? Achou? - Ela não esperava que ele elogiasse a rival descaradamente. — Não reparei.

Ela havia reparado sim e sabia que fisicamente Rebeca estava bem, sua aparência era excelente quando considerado o tempo que a jovem esteve ausente.

— É até curioso ver que todos estamos diferentes e ela continua quase do mesmo jeito. Até o corte de cabelo ainda é o mesmo.

— Sim, pateticamente ela se mantém como se tivesse seus dezesseis anos ainda...

Ana Paula não sabia se a força que fazia para esconder o ciúme era suficiente, parecia que não. Anos antes, o interesse de Afonso em Rebeca era notório, todos percebiam e o fato de saber que não teria chances com o bonitão não impedia sua amizade com a jovem. Mas agora a coisa era diferente! Ela teve a chance enquanto a amiga brincava de Bela Adormecida e soube agarrá-la; não havia intenção alguma de perder o marido.

Sem saber mais o quê dizer, seguiu para o chuveiro. Na sala, Afonso serviu-se de um cálice de vinho e ligou a televisão para acompanhar o noticiário. Era os acontecimentos políticos que o motivavam naquele momento, apesar de sua mulher acreditar que seus pensamentos estavam voltados para Rebeca.



Na penumbra do quarto de hotel, Lionel sacou o violão e entoou os primeiros acordes de Dias Vazios. Ele soube disfarçar durante o encontro com os amigos, entretanto era exatamente daquela forma que se sentia: vazio.

Depois que você se foi, não sei dizer quem ficou,

*Não consigo ler o que restou, quem sobrou
Conheço as dores de um espaço qualquer,
Vejo lembranças remotas, coisas que ninguém mais quer*

Luciana não compareceu e ele esperava revê-la. Os outros pareciam todos envoltos em inverdades, como se buscassem disfarçar o passado, omiti-lo no véu turvo que encobria o presente. Buscavam por respostas que talvez um deles tivesse e que somente Rebeca poderia confirmar, mas para isso era preciso reaver as lembranças.

Todos poderiam ter culpa. Todos. Inclusive ele mesmo. Quem mandara escolher justamente aquele dia para um pileque que lhe apagaria todas as recordações daquela fatídica noite? Que merda! A bebedeira serviu-lhe para uma única coisa: nunca mais ingerir um só gole de álcool. A lição foi bem aprendida.

Havia uma porta ali e à minha frente, uma cortina de tecido fino. Era somente aquilo que eu conseguia ver. O vento, que parecia traiçoeiro, insistia em movimentar a tal cortina, mas, ainda assim, não me revelava nada. Eu não conhecia aquele lugar, nunca o vi.

Nenhum som se fazia presente, sem sonoridades além daquela provocada pela chuva fina lá fora. Sim, havia alguma chuva, apesar de pouca. Sem saber onde estava ou como havia chegado até aquele lugar, eu chamei por Luciana, mas não obtive resposta. Era como se o local estivesse completamente vazio, sem ninguém, apesar daquela porta aberta e do vento que insistia em chacoalhar a cortina. E apesar das pegadas.

Vi pegadas no chão, marcadas pela umidade. Alguém, em momento recente, havia varado aquela porta e esgueirado-se pelo cômodo, mas quem? Que lugar era aquele?

Eu corri, mesmo sem saber onde estava e sem saber aonde chegaria. A cada passo dado, a escuridão aumentava, ou minha visão ficava turva, eu não sabia distinguir; não conseguia. Chamei por Fernanda, por Jamile, por Daniel, mas ninguém respondia; não havia voz que se fizesse ouvir além da minha. O único som presente remetia a passos pesados, quase arrastados, e cada vez mais próximos. E o cheiro... um perfume que me era familiar...



Capítulo 12

Rebeca acordou alterada ainda às seis da manhã, o sonho não lhe fizera bem. O sol invadia o quarto por uma fresta da janela e o lençol estava úmido de suor. Que lugar era aquele? Que porta era aquela? Quem parecia persegui-la? E o perfume?

As dúvidas eram muitas. Assim como poderia ser apenas um sonho, havia possibilidade de que fossem antigas lembranças que vinham à tona involuntariamente. Estudiosos da psique humana viam verdades nos sonhos, diziam que o inconsciente tinha o dom de falar sobre os acontecimentos que o lado consciente mantinha escondidos. O que exatamente seu inconsciente queria lhe dizer naquele momento? O que lhe mostrava? Qual era o peso daquela lembrança para que a mente de Rebeca tivesse a enterrado tão fundo?

Seguiu para o banheiro. Um banho antes do café da manhã lhe faria bem. Era preciso se recompor antes de encarar a mãe caso não quisesse preocupá-la.

Minutos depois, quando chegou à sala, encontrou Amélia e a enfermeira Hilda montando a árvore de Natal. O cachorro cochilava aos pés do sofá.

— Já? - Foi sua reação, tanto por não ter se dado conta de que era Dezembro, como também por ser de manhã, ainda bem cedo.

Para Rebeca, de alguma forma, o Natal fora há poucos dias. Ela ainda não havia se acostumado com a ideia de que o tempo passara. Muito tempo, por sinal.

— Claro! Hoje já é dia quinze de Dezembro. Quando eu era jovem, nos tempos em que mamãe era viva, montávamos a árvore ainda no final de Novembro. Depois as coisas mudaram um pouco. Contudo, sou completamente apaixonada pela época natalina - Hilda parecia mais simpática; ou talvez fosse apenas reflexo da boa vontade de Rebeca, já acostumada com sua presença.

Em paralelo, a vida que tivera não tirara de Hilda seus sentimentos em relação à data. Se havia coisa que a encantava era o clima natalino, sua decoração e os costumes que acompanhavam a época. Apesar de tudo ter se transformado após a morte de sua mãe e o novo casamento de seu pai, que lhe deu um irmão com o qual ela já não tinha qualquer contato, os Natais passados em família eram parte boa de seu imaginário.

— Durante todos estes anos eu não a montei. Não havia motivo algum para comemorar e minhas noites de Natal foram todas ao seu lado, Rebeca, no hospital - Amélia afirmou, forçando um sorriso.

Quinze de dezembro! Doze anos atrás os amigos estavam programando a viagem para Petrópolis, aquela que aconteceria logo após o Natal e que eles julgavam ser um divisor de águas em suas vidas. Na realidade, para Rebeca foi; foi um divisor de águas turvas, nebulosas até.

A enfermeira Hilda percebeu que havia algo de estranho com Rebeca naquela manhã, algo que ela caracterizaria com um incômodo. Teve vontade de perguntar, mas reconhecia que a implicância da jovem para com ela estava presente ainda e qualquer insistência poderia gerar maior afastamento. Calou-se.

A frase seguinte veio de Rebeca:

— E se refizéssemos a viagem?

A pergunta pegou ambas de supetão. Hilda e Amélia entreolharam-se; a primeira gostando da ideia, enquanto a segunda a detestou.

— Você só pode estar brincando, Rebeca!

Amélia não queria correr o risco de perder a filha mais uma vez. Maldita enfermeira que insistiu na montagem da árvore. Era de se esperar que o tal "clima natalino" remetesse sua filha ao passado. Era de se esperar que Rebeca visse na época, sempre tão bem representada pelos ornamentos, uma possibilidade de entendimento do que havia acontecido. Mas reviver tudo era absurdo! E havia os riscos das lembranças. Doutor Daniel não mencionara claramente, mas não existia nenhuma especificação de qual reação Rebeca apresentaria caso se lembrasse, o que levava Amélia a imaginar a pior reação possível. As recordações, em sua concepção, poderiam levar a filha ao coma novamente ou a algo ainda pior.

Já Hilda, apesar de estar certa de que as intenções da moça desmemoriada eram as melhores, não se viu no direito de incentivá-la, ao menos não naquele momento, mas sabia que as possibilidades eram vastas.

Voltar ao local do acontecido poderia fomentar as lembranças e trazê-las de volta, bem como poderia causar novos traumas. A mente era uma incógnita, as pessoas também. Todos os momentos vivenciados por Rebeca eram permeados de incertezas e qualquer atitude que não fosse muito bem calculada, poderia prejudicar exponencialmente a jovem e causar novos transtornos.

A negativa da mãe não foi capaz de amenizar ou diminuir os anseios de Rebeca. Ela não tinha nenhum resquício que fosse de lembranças acerca da viagem realizada, não havia lhe sobrado nada, apesar de ela ter estado lá. E não lhe importava que houvesse despertado há poucos dias ou o tal "dar tempo ao tempo" tão falado por Dan. Ela queria respostas, precisava de respostas. Estava cansada de ser a única boba no meio dos amigos; estava farta de ter vivido sem viver. Deixou a mãe e a enfermeira e seguiu em direção ao aparelho de telefone. Ao lado dele havia uma lista com os números dos amigos que fora deixada ali por ela, no dia da reunião.

Ligou para Jamile, que atendeu ao telefone somente após o terceiro toque.

— Oi, Jamile. Sou eu, Rebeca.

A voz do outro lado era ainda a mesma de tantas madrugadas insones, falando sobre garotos, sobre os filmes que estavam em cartaz ou sobre as provas escolares. Saudosa, Jamile sorriu antes de responder à amiga.

— Oi!...

— Eu estava pensando aqui e... O que você acha de repetirmos nossa viagem à Petrópolis este final de ano?

A vontade de saber a verdade fez Rebeca soltar tudo de uma só vez, sem rodeios.

De imediato, Jamile lembrou-se de uma brincadeira antiga e bastante comum entre eles: *"quem peidou, está com a mão amarela!"* Aquela era uma forma de encontrar um suposto culpado por algum ato e o bobo que olhasse para sua mão, seria considerado responsável. Recusar a viagem, para ela como para qualquer um dos outros amigos, não seria apenas recusar-se a ajudar Rebeca; seria confissão.

Do outro lado da linha, sem esperar por respostas, Rebeca prosseguia:

— O que me deixou desacordada aconteceu lá e nesta mesma época, dias após o Natal. Imaginei que se a gente estivesse na casa, se tentasse repetir os mesmos feitos, talvez eu conseguisse me lembrar. Sei que o tempo hoje é

outro... Claro que não somos mais adolescentes e cada um tem sua vida, suas responsabilidades e estas responsabilidades talvez precisassem ser deixadas de lado por alguns dias, caso seja possível viajar. Não sei se todos poderiam ou se estariam dispostos, mas acho que me ajudaria. O Dan não permite que nada seja falado e eu não faço a mínima ideia do que realmente aconteceu.

Jamile fazia. Todos sabiam que ela fora encontrada com Mundo ao lado do corpo inerte de Rebeca naquela madrugada de chuva fina. Os amigos só desconheciam o que ela havia feito minutos antes.

— Teria que falar com o Dan... Eu não sei se os pais dele ainda têm aquela casa. - não adiantaria desconversar, mas Jamile também não tinha nenhuma intenção de incentivar a amiga.

— Eu sei, vou falar com ele. Caso fosse possível, você concordaria?

Quem peidou está com a mão amarela!

— Claro - a voz saiu trêmula. — E porque não? - Tremeu ainda mais.

— Vou conversar com o Dan, mas não por telefone. E vou falar com Afonso também. Ele sempre foi justo, sempre brigou pelo certo e sei que, se for preciso, não vai medir esforços em me ajudar a convencer o Dan. Não é possível que essa coisa de ser médico consiga sobrepor-se ao fato de ser meu amigo.

A inocência de Rebeca ficou clara para Jamile naquela única frase. *Não é possível que essa coisa de ser médico consiga sobrepor-se ao fato de ser meu amigo.* A amizade era algo comumente deixado para trás, a realidade mostrava este fato, infelizmente. Quantas eram as relações de amizade que decompunham-se com o passar dos tempos? Não precisava ser um estudioso do tema para constatar que raras eram as relações que sobreviviam ou mantinham-se no mesmo patamar após anos. Em se tratando de adolescentes, quando a idade adulta chegava, os interesses acabam por colaborar com este desmonte, levando cada um para um lado. Rebeca parecia não ter se dado conta disto. Ela ainda via o grupo da mesma forma como o via há doze anos: sólido. Solidez que já não existia.

Despediram-se e enquanto em sua casa Rebeca discava o número telefônico de Afonso, Jamile pegou uma generosa barra de chocolate branco que sorria para ela sobre a mesinha do telefone. Havia se prometido não comer nada naquele dia, pois precisava mostrar-se impecável em um evento que aconteceria ao final da tarde, mas a ocasião pedia glicose e

feniletilamina. E, se fosse o caso, era melhor explodir de culpa por comer o chocolate do que explodir de tensão pelos últimos acontecimentos.



Ana Paula já havia recusado duas ligações de Rebeca e apagado o histórico para que Afonso, que estava no banho, não descobrisse; mas a moça ligava pela terceira vez. Por sorte, era domingo e ele estava em casa, o que dava a ela condições de interceptar as ligações. Mas como seria nos outros dias caso Rebeca insistisse?

— Que inferno! Será que agora vai ser assim? - Reclamou consigo antes de anular a ligação novamente.

E havia a música... Ana Paula ouvia o marido cantarolando no chuveiro: "*Diga lá, meu coração que ela está dentro em meu peito e bem guardada...*"

[3] Afonso sempre teve interesse em Rebeca e ela, Ana Paula, sempre soube. Associar a canção à volta da amiga, foi inevitável.

Não havia como conformar-se com as possibilidades que acenavam para seu futuro. Rebeca sempre foi o fantasma que assombrava o casamento de Ana Paula, isso depois de tê-la assombrado na adolescência, quando eclodiram os primeiros sinais de sentimento em relação a Afonso. Ana Paula viu os olhares e sorrisos que o marido direcionara para a amiga. Toda aquela situação revirou seu passado, reacendeu os tempos em que Afonso só tinha olhos para Rebeca.

— *Vai me dizer que se a Rebeca estivesse aqui você me daria atenção?*

— *Ué! E por que não?*

Com a mais absoluta certeza de que Rebeca não chegaria naquele momento - foi ela quem sugeriu que cada um tomasse seu próprio rumo naquela noite e havia afirmado que sairia sozinha da casa -, Ana Paula aproveitou-se da solidão de Afonso para aproximar-se. Ela não esperava encontrá-lo ali e tinha quase certeza de que o vira deixar a casa pela porta principal algum tempo antes. Mas, aparentemente o rapaz assistia a um filme na televisão.

— *Você sempre dá mais atenção pra ela... - e sorriu sem reservas, mostrando os dentes desalinhados, envoltos na haste metálica.*

Afonso também estranhou o fato de Ana Paula estar na casa. Se todos acataram a sugestão de Rebeca e falaram em sair, o que ela fazia ali? Ele jurava ter ouvido a amiga dizer que iria até a praça, na sorveteria.

— *Impressão sua, Ana Paula. Eu converso com todos, trato todos da mesma forma. E, convenhamos, de uns dias para cá a que Rebeca mal fala conosco...*

Era verdade, a mais absoluta verdade. Rebeca estava esquisita nos últimos dois dias, como se algo tivesse acontecido após a chegada à casa de Petrópolis. Mantinha-se calada, distante e parecia constantemente apreensiva, como se esperasse por algo ou por alguém, ou como se seus interesses divergissem do senso comum. Poirot^[4] diria que ela era um negro mistério.

— *Que nada... Com a Rebeca você age de forma diferente, eu percebo, e isso não vem de hoje, não. Faz tempos que você direciona estes belos olhos pra ela. E o sorriso? Até o seu sorriso é mais sincero se Rebeca estiver no meio da situação.*

Os olhos de Afonso encantavam Ana Paula. Eram profundos, indecifráveis e ela, por diversas vezes, sentia-se submersa neles quando o encarava de frente. A paixão recolhida que nutria por ele falava mais alto a cada dia e Ana Paula estava disposta a fazer o que fosse preciso para conquistá-lo. Rebeca não a impediria.

Afonso sabia do interesse que Ana Paula direcionava para ele, assim como sabia das cismas da amiga em relação à Rebeca. Tais cismas não eram infundadas, não havia como negar. Ele gostava de Rebeca e gostava muito, mas ela não tinha qualquer interesse por ele além da amizade, era o que o rapaz havia acabado de descobrir, infelizmente e isto justificava sua volta repentina ao sofá.

Se dependesse de Ana Paula, a conversa entre ela e Afonso teria rendido mais, porém eles foram interrompidos pela movimentação na casa.

— *Bom dia.*

O cumprimento do marido afastou-a de seus devaneios.

— *Bom dia! - Ana Paula sorriu sem qualquer naturalidade. — Como hoje é domingo, pensei em almoçarmos no shopping e depois comprar*

alguns presentes de Natal. Um dia só nosso, sem telefonemas, sem trabalho, sem interrupções, o que você me diz?

Não era exatamente o que ele tinha em mente. Depois do reencontro da véspera, Afonso queria pensar, precisava pensar. Era sabido que muitos acontecimentos seriam revirados após o despertar de Rebeca e ele gostaria de ter tempo para se preparar para tudo o que estivesse por vir. Se é que há meios de preparar-se para o desconhecido...

— Pode ser - foi a resposta que conseguiu dar à Ana Paula, torcendo lá no fundo para que ela mudasse de ideia.

— Ótimo!

Não funcionou, ela não mudaria de ideia.

— E como o combinado é sem telefonemas e sem interrupções... - ela complementou antes de seguir para o banheiro. —... nada mais justo de começarmos isto agora mesmo. - e levou consigo o aparelho de telefone celular de Afonso, que estava sobre a mesa. Caso Rebeca insistisse, enquanto o aparelho não estivesse em posse do marido, ele não atenderia suas ligações.



— Oi, Dan. Acho que preciso falar com você.

Daniel não surpreendeu-se ao atender a ligação de Rebeca. Havia muito que conversar e, em sua concepção, houve até certa demora naquela procura.

— O que acha de sairmos para almoçar? -

A sugestão veio a calhar. Rebeca sabia que era melhor que a conversa se desse fora da sua casa e sem interferências da mãe.

O médico desconhecia as reais intenções de Rebeca, apesar de julgar que o assunto envolveria os anos passados em coma. Entretanto, apesar do tema indigesto para a hora do almoço, era melhor que ela buscasse sanar suas dúvidas com ele e não com algum dos outros amigos. Conversar explicitamente com Fernanda, por exemplo, seria um verdadeiro desastre.

Por um intervalo de breves segundos, Rebeca cogitou a possibilidade de pedir autorização à mãe antes de aceitar. Depois, deu-se conta de sua real

idade, que significava independência, e respondeu:

— Sim, eu aceito.

— Passo aí as onze, pode ser?

Ficou combinado deste jeito. Amélia teria que almoçar na companhia da enfermeira Hilda e não gostaria nem um pouco da ausência da filha.

Para Dan, aquela seria uma chance de desvendar o passado. Ele sabia que havia necessidade de entender o que se processara e levara Rebeca ao coma, mas não se tratava somente disto. Ele também se lembrava de como a amiga parecia distante dias antes do acontecido, lembrava-se do quanto ela havia mudado dias após a chegada do grupo em Petrópolis.

Observador nato, Daniel viu que Rebeca escondia algo e só não foi direto e lhe questionou à época por saber que as impressões causadas não seriam das melhores. O fato de ser mais velho que ela faria com que parecesse autoritário e o fato de ser o dono da casa poderia assemelhar-se a controle, o que não estava em seus planos. Ele já havia causada aquela impressão. Em paralelo, o rapaz somente preocupava-se com a amiga e sabia que ela não era a mesma de dias antes.



Curiosamente, recém desperta em seu quarto, Fernanda também juntava memórias daquele dia.

— *Não há nada, Fernanda. Eu juro.*

Fernanda sabia que havia. Ela havia percebido que Rebeca, desde cedo, estava calada e aquilo não era típico da amiga. Quando levantaram a hipótese de assistir filmes de terror pela madrugada, Rebeca foi a primeira a pensar antes de responder. E não quis. Partiu dela a ideia de que cada um deveria fazer aquilo que quisesse, sem que a decisão envolvesse o grupo.

— *Rebeca, eu a conheço bem e sei que você não é assim - insistiu.*

Era certo que Jamile a conhecia bem mais, mas as mudanças saltavam aos olhos e não havia como Fernanda deixar de perceber como Rebeca estava diferente.

— *Impressão sua. É só cansaço mesmo.*

Fernanda não se convenceu. Ela sabia que Rebeca escondia algo, mas o quê? O fato de sua amizade ser mais forte com Jamile e Luciana a incomodava. Ela queria ser a melhor amiga de Rebeca, sempre quis. Imaginou que, o que quer que Rebeca escondesse, era de conhecimento das outras duas e sentiu raiva. Raiva, não; o que sentia era mais forte que raiva.

Incomodada e precisando falar sobre o assunto, mais uma vez Fernanda telefonou para Luciana. Foi o marido da amiga quem atendeu a ligação.

— Bom dia. Eu poderia falar com a Luciana, por favor?

— Não está. Quem quer falar com ela?

Da passagem que dava para a cozinha, onde terminava de preparar o almoço, Luciana observava Nilo que mentia ao telefone.

— É a Fernanda. - Fernanda respondeu, passando por cima do asco que o marido da amiga, mesmo sem que ela o conhecesse, lhe causava.

—Luciana saiu e não tem hora pra chegar. Nem adianta ligar novamente.

— Certo, então. Obrigada - e Fernanda desligou, ciente de que naquele domingo não conseguiria falar com a amiga.

Luciana fingiu não ter ouvido o que o marido dissera. Era melhor assim. Ela sabia que não tinha condição de encará-lo, sairia perdendo. Maldita a hora em que dissera sim perante o padre.



Capítulo 13

— Sim, Rebeca. A casa de Petrópolis ainda está lá, no mesmo lugar e exatamente do mesmo jeito. Meu pai tem aquilo há muitos anos. Ele diz que foi sua *primeira aquisição desnecessária* e foi mesmo. Ele a comprou somente após ter certeza de que a vida estava estabilizada e poderia dar-se o luxo de manter uma casa extra e fora da cidade. Passamos bons momentos lá, apesar de tudo, e a casa lhe traz boas lembranças - Daniel riu sem jeito, sabendo que para Rebeca não havia lembrança e, caso houvesse, não seria boa.

Após o sucesso de sua clínica e a abertura de mais duas unidades que lhe rendiam boas quantias e garantiam sua estabilidade financeira, o pai de Daniel comprara a casa de Petrópolis para que tivesse onde refugiar-se nos momentos em que o cansaço lhe tomava o corpo e nas férias escolares do filho. A serra sempre o atraiu, bem como a tranquilidade da cidadezinha pitoresca.

— Então, minha ideia não é impossível.

O shopping estava cheio naquele domingo. Além de ser Dezembro e as pessoas estarem envolvidas em compras de Natal, era hora de almoço. Se Dan não tivesse usado de seu conhecimento para conseguir uma reserva de última hora em um dos restaurantes, eles não teriam uma mesa onde pudessem comer.

— Não. Se nós considerarmos somente a existência da casa, não é impossível - ele confirmou, sem querer entusiasmá-la em excesso. — A questão é a disponibilidade das pessoas. Os tempos hoje são outros, Rebeca. São todos adultos, com responsabilidades distintas. O trabalho de cada um deles pode ser empecilho.

Para Daniel cada um dos amigos tinha sua realidade e precisava arcar com as responsabilidades da vida adulta, portanto não havia certeza alguma de que eles estariam dispostos a fazer a viagem. Em paralelo, ele não sabia se seria adequado recriar o cenário de anos antes. Daniel, como médico, era

contra estímulos que pudessem influenciar as lembranças de Rebeca e em sua concepção aquele era um estímulo e tanto. Valeria a pena tratando-se de um caso raro na medicina? Os possíveis resultados assombravam o médico.

Já Rebeca precisava do estímulo.

— Pensei nisso também - ela concordou. — Mas acho que não custa tentar. Todos são independentes, sem filhos e nesta época do ano as pausas no trabalho são normais. Caso eles concordem, você faz alguma objeção?

Havia doze anos que Daniel não sabia o que eram comemorações de final de ano. Passara os últimos no hospital por amor, com Rebeca. Em paralelo, frente à apreensão da amiga, não achava justo tolher-lhe a oportunidade. Ele era médico, estaria lá e se manteria atento e preparado para quaisquer eventualidades.

Contudo, lá no fundo, ele não sabia se queria revirar aquele "vespeiro". As incertezas e os receios eram demasiadamente vastos para que sua reação à proposta fosse natural. No que dependesse de sua vontade, a vida seguiria como estava e se porventura Rebeca nunca se lembrasse, o tempo encontraria o rumo certo para que a jovem pudesse prosseguir.

— Não, inicialmente acho que não faço.

Antes que Rebeca falasse novamente, a conversa foi interrompida.

— Oi! Como é bom encontrar vocês aqui.

Era Afonso, de mãos dadas com Ana Paula. Ele sorria, ela não.

Tantos shoppings e restaurantes pela cidade e eu tinha que ter sugerido justo este aqui?-, Ana Paula questionava-se, completamente arrependida. Merda! Antes tivesse pedido comida por telefone e inventado de assistir um filme qualquer na televisão. Enquanto o marido cumprimentava os amigos, ela não sabia o que fazer com as sacolas que carregava.

Rebeca não sentiu-se tão insatisfeita como Ana Paula sentia-se intimamente, mas se lhe fosse permitido escolher, ela teria continuado sua conversa com Dan sem a presença dos amigos. Fora Afonso quem não havia atendido suas ligações mais cedo e, em sua perspectiva, tratava-se de uma recusa. Se ele não quis falar com ela pela manhã, porque se aproximara com tanto entusiasmo agora?

Cumprimentaram-se e Daniel convidou os amigos para o almoço. Afonso aceitou de imediato, o que fez com que Ana Paula, mesmo sem querer, também aceitasse.

— Por um lado é bom que estejam aqui, pois assim já adiantamos para vocês as intenções de Rebeca.

Rebeca não gostou de Dan ter revelado aos amigos que ela havia pensado em algo. Não era sua intenção naquele momento passar a ideia adiante, apesar de já ter procurado por Afonso para falar sobre a possibilidade.

— De que se trata?

A pergunta partiu de Ana Paula, que associou o fato aos telefonemas que interceptou mais cedo.

— Uma volta à casa de Petrópolis no intervalo entre o Natal e o Ano Novo, para ver se Rebeca consegue se lembrar de alguma coisa...

— Ué! - Ana Paula o interrompeu, visivelmente incomodada com a possibilidade. — Mas não é você que acha errado provocar lembranças?

— Sim, eu acho...

Foi Afonso quem o interrompeu desta vez:

— Pois eu topo. O final de dezembro é ocasião em que habitualmente damos uma pausa nos trabalhos no escritório. Ana Paula também já estará de férias no curso e sendo para ajudar Rebeca, nada mais justo que possamos todos colaborar - e sorriu, o que deixou a esposa ainda mais irritada.

Ele realmente tinha intenção de ajudar. Afonso imaginava o tamanho do desconforto de Rebeca por não se lembrar de nada e havia Dan... Ele tinha visto Dan e Rebeca no jardim na noite do acontecido. Ambos estavam envolvidos em uma discussão.

Se o marido, descaradamente, havia acabado de aceitar o convite, não seria Ana Paula quem ficaria de fora. Ela precisaria estar lá para vigiá-lo, para garantir que seu casamento não desmoronasse.

— É claro... Nós vamos - disse entre dentes, forçando o sorriso.

Rebeca podia parecer estacionada no tempo, mas não era idiota. Ela notou a insatisfação da amiga e inevitavelmente associou-a a ciúmes em relação ao marido. Percebeu claramente que antes de ajudá-la, Ana Paula tinha como objetivo tomar conta de Afonso e tentar reduzir as possibilidades de contato do marido com ela. Não importava. Ter ciúmes, por mais que percesse infundado, era um direito de Ana Paula e ela, Rebeca, precisava da presença de todos.

— Nós ainda não falamos com todos os outros... - explicou. — Eu e Dan estávamos começando a pensar na ideia quando vocês surgiram.

Então ela primeiro procurou pelo Dan? Eu já devia esperar por isso... Rebeca sempre demonstrou ter uma queda por ele. -, foi o pensamento de Afonso, saudoso dos tempos em que após todos terem ido para suas casas, era ele quem sobrava na varanda de Rebeca para conversas que estendiam-se até a hora em que Dona Amélia, furiosa, mandava a filha entrar para dormir.

— Não sabemos se todos estarão disponíveis ou dispostos - Ana Paula comentou.

O desdém estava claro em sua voz. Lá no fundo Ana Paula imaginava que se um ou dois dos amigos rejeitasse a ideia, o encontro não aconteceria e ela estaria livre dos riscos. Se não fosse possível reunir todo o grupo, os demais desistiriam também e ela agarrava-se àquilo, apesar de ter plena certeza de que não competia a ela discordar.

— Vocês toparam... Lionel eu acho que topa. Ele cancelou os shows que faria antes do final do ano e só retorna aos palcos em meados de Janeiro, portanto, imagino que estará livre de compromissos. Acredito que Jamile possa fazer isso também. Desconheço seus compromissos, mas ela sempre foi a melhor amiga de Rebeca e certamente não negará ajuda. Fernanda... Fernanda é completamente descompromissada e não perde nada. É certo que aceite. Ficamos na dependência de Luciana e Mundo.

Involuntariamente, Ana Paula arregalou os olhos antes de se pronunciar:

— Mundo? Você só pode estar de sacanagem, Daniel!

Afonso não gostou da reação da esposa e sua única reação foi dar uma cotovelada em Ana Paula, mas somente após ela já ter falado, o que apenas reforçou a impressão que Rebeca tinha.

— E porque ele estaria? - Rebeca questionou. — Mundo também esteve lá. Ao menos, eu acho que esteve e foi o que me disseram. Todo o nosso grupo conseguiu autorização dos pais para passar aqueles dias na casa de Petrópolis, todos nós tomamos o ônibus na rodoviária naquele final de Dezembro. Estávamos todos lá, os nove! E se a intenção é trazer de volta as minhas memórias, o ideal é que estejamos todos lá mais uma vez. Mundo faz parte desta história.

Daniel percebeu que Rebeca estava alterada e Ana Paula havia colaborado com a irritação da moça. *Quando ela vai perceber que não era*

Rebeca quem gostava de Afonso e sim o contrário? Ana Paula vai fazer o impossível para estragar esse passeio... -, pensou também irritado.

— É que quase nenhum de nós tem contato com ele. E, além disso, também não sei se Luciana aceitaria... Ela é casada e, diferente do meu caso, seu marido não faz parte de nosso grupo. Ele não tem nenhum contato conosco, nós nem mesmo fomos ao casamento dela... Pode ser que não esteja de acordo e não acho conveniente termos uma pessoa estranha ao grupo entre nós. -Ana Paula respondeu à pergunta de Rebeca de forma evasiva. — Provavelmente, se eu fosse casada com outra pessoa ou se Afonso fosse casado com outra pessoa, as coisas seriam diferentes. - a voz saiu embargada. Imaginar o marido casado com outra pessoa era inadmissível para Ana Paula.

Percebendo o incômodo de Ana Paula e sem saber se deveria ou não insistir para obter resposta plausível, Rebeca prosseguiu:

— Já falei com Jamile e ela aceitou.

— Vamos tentar falar com os outros - Daniel encerrou o assunto e o garçom trouxe os pratos que eles haviam pedido.



O restaurante demorou a entregar a lasanha, o frango assado e os dois potes de sorvete, de baunilha e pistache respectivamente, que Jamile havia encomendado para o almoço. Enquanto aguardava, a jovem encheu um copo com Coca-Cola e fez o que não fazia havia alguns anos: revirar fotografias antigas.

Eram duas caixas de sapatos pesadas de recordações que, na maioria das vezes, Jamile preferia esquecer. Aqueles eram os registros concretos dos tempos em que ela era maior, muito maior, e se pudesse evitá-los, ela o fazia. Naquele momento, entretanto, sentiu necessidade de recorrer ao passado. Porém, quando as coisas ficavam ruins, não havia recordação que amainasse sua fome.

Uma fotografia do grupo completo, na rodoviária no dia da viagem, foi a primeira que Jamile encontrou. Afonso, entre Rebeca e Ana Paula,

compunham a fileira de trás, com Mundo sorridente em uma das pontas e Fernanda na outra. Na frente deles estavam Daniel, Luciana e Lionel e abaixo, sentada de lado no chão, com os braços abertos e fazendo um biquinho escandaloso, como se jogasse um beijo para a câmera, ela, Jamile, a jamanta. *Porque os gordos insistem em querer aparecer nestes momentos? Onde eu estava com a cabeça naquela época?-,* pensou sentindo-se ridícula novamente. Mas ela sabia a resposta. Defesa. Sua simpatia deveria destacar-se para que a gordura e o excesso de peso ficassem em segundo plano, já que não havia como passarem despercebidos. Era melhor rirem do que ela fazia do que rirem dela. Sempre foi assim.

Havia mais fotografias na caixa; familiares, aniversários, presentes de Natal. Jamile bebê rechonchudo, Jamile criança fofinha, Jamile adolescente obesa. *Gorda! Gorda! Gorda! -,* o termo lhe voltava à mente repetidamente, entoado por diversas vozes, vozes que ficaram para trás, vozes que ecoavam no pátio da escola durante o recreio ou na hora da saída, quando cabisbaixa ela seguia solitária para casa e, pra compensar, se fartava durante o almoço.

Rebeca não tinha este problema, nunca teve, nunca foi gorda, pelo contrário: destacava-se por sua beleza, que sempre atraiu os olhares dos rapazes. Nas fotografias seguintes era possível notar os olhares de admiração que Afonso e Daniel direcionavam à amiga linda e magra.

Eles nunca a olharam da mesma forma... Era verdade que não faziam parte do grupo que debochava constantemente de Jamile, mas, vez ou outra, soltavam alguma piada de gordo com duplo sentido. Lionel, com seu jeito brincalhão, era mais debochado, sempre lhe jogava alguma indireta... Aliás, somente Mundo nunca havia direcionado comentários sobre seu peso ou feito piadas. Mundo era diferente e apesar de suas dificuldades serem diferentes também, Jamile entendia o que ele passava. Se riam dela por ser gorda, riam dele por ser pobre. E foi exatamente a pobreza do rapaz que fez com que os amigos se afastassem dele após o acidente. De certa forma, para Jamile, era melhor assim; não havia motivo para ela dedicar-se aos problemas de Mundo. Jamile conhecia seus traumas, ninguém mais; e eles lhe bastavam.



Nas poucas vezes que telefonava para a casa de Luciana, Fernanda detestava quando era Nilo quem atendia. O marido da amiga fazia questão de ser grosseiro e sua desculpa era sempre a mesma: Luciana não está. Fernanda já sabia que, se Nilo estivesse em casa, não conseguiria falar com a amiga. O homem era possessivo e ela tinha quase certeza de que o afastamento de Luciana em relação aos amigos era acarretado por seu temperamento. Ligou então para Lionel, que estava hospedado em um hotel próximo, e combinaram de se encontrar na praia, no quiosque que Osvaldo, seu pai, frequentava todas as tardes. Fernanda precisava falar, precisava de alguém que a ouvisse.



Capítulo 14

—Você sabe perfeitamente que eu não gosto de aproximações com pessoas que não sejam da família. E em muitos momentos até os parentes devem ser mantidos afastados, já falei isso mais de trezentas vezes, Luciana. A impressão que tenho é de que você é uma débil mental que não entende merda nenhuma do que eu digo... Ou ainda não aprendeu o suficiente e por isso insiste em me contrariar - Nilo queixava-se sentado na poltrona em frente à televisão, assistindo um daqueles programas banais de auditório que inundavam a programação aos domingos, fosse com histórias trágicas ou com apresentação de cantores. Seus pés estavam sobre duas almofadas e uma garrafa de cerveja, a terceira daquela tarde, estava ao lado, na mesinha de canto.

Luciana sabia que se dependesse das vontades do marido ela não daria nem mesmo um "bom dia" para a senhora de 87 anos que morava na casa ao lado. Sabia que ele não gostava quando os amigos telefonavam; aliás, depois de tanto tempo afastada, ela não sabia se ainda podia considerá-los como amigos. Nilo havia destruído tudo o que ela guardava de seu passado e lhe dera dias infernais, fazendo de seu presente algo que não lhe fornecia qualquer visão de futuro. Seu cotidiano estava fadado às paredes daquela casa, nada mais; sua vida era quase em preto e branco e quando surgiam cores, era o vermelho do sangue ou o roxo, dos hematomas.

— Eu sei, Nilo - concordou, pois era o que lhe restava, ainda mais após três garrafas de cerveja.

— E é assim que eu gosto... Obediente. Sem queixas e sem discordar do que eu digo, dedicada somente a mim, já que você é incapaz de me dar um filho, e à vida que levamos. É desse jeito que deve ser sempre, Luciana. Quando você me escuta e segue as regras que eu digo, tudo corre bem.

E riu. Um riso sádico.

Não era o que ela esperava, não era o que havia planejado pra sua vida. Quando era mais nova, Luciana alimentou o sonho de estudar; queria ser

professora de literatura, disciplina que adorava. O curso na faculdade foi interrompido pela metade, pouco antes do casamento, pois Nilo insistiu que ela trancasse a matrícula para dedicar-se um pouco a casa recém comprada. Nunca mais Luciana conseguiu voltar aos estudos.

No começo ainda tentava discutir, mas a violência dele a calava. Depois, em alguns momentos tentou negociar, o que deu no mesmo: Luciana apanhou e apanhou muito, diversas vezes. Por fim ela apenas acatava. Não tinha forças para lutar sozinha e não havia quem a ajudasse. Até havia... Havia Dan, mas ele não conhecia toda a história, não sabia que Nilo espancava a esposa.

Quando procurou pelo amigo médico para que ele lhe indicasse um contraceptivo, Luciana alegou não achar adequado ter filhos considerando a rotina de trabalho do marido e Dan, mesmo sem interesse de perguntar o que o homem fazia, acreditou. Talvez porque fosse mais fácil acreditar em qualquer coisa; ou talvez fosse porque Dan estava com sua atenção totalmente voltada para a condição de Rebeca. Dan sempre foi apaixonado por Rebeca, Luciana sempre soube; assim como ela era completamente louca por Lionel, coisa que só confirmou depois de casada, quando o viu em uma apresentação na televisão. Luciana nunca soube direito o que era o amor, confundia o sentimento com qualquer fagulha de alegria que a pessoa pudesse despertar nela. Foi assim com Nilo, mas agora era tarde demais para reverter a situação. Sua alma já estava maculada.



Fernanda não contava de encontrar seu pai no quiosque, assim como não contava com o atraso de Lionel. O amigo continuava o mesmo de anos antes, quase irresponsável. Não houve como evitar: Tão logo avistou o pai, ela pausou *Burguesinha*^[5], música com a qual muito se identificava e que tocava no *Ipod*, em sua playlist, e sentou-se à mesa junto de Osvaldo.

O pai naquela tarde, havia caprichado na estampa brega. Trajava camisa laranja, que refletia descaradamente o sol da tarde, com listras azuis em direções variadas. Não havia quem não olhasse para o homem ao passar pelo calçadão e depois disfarçasse o riso. Aquele tipo de situação a deixava

encabulada. Na concepção de Fernanda, o enriquecimento repentino fizera de Osvaldo um homem ridículo. Talvez até mais ridículo que Jamile, quando era ainda uma jamanta.

Fernanda aceitou uma limonada e manteve-se atenta ao redor, pois sabia que precisava ver Lionel antes dele se aproximar. Caso o rapaz chegasse até a mesa e visse seu pai, certamente soltaria uma de suas piadinhas toscas e engendraria conversas infinitas, onde Osvaldo, que não era bobo, só contaria vantagens. Ela não tinha intenção alguma de passar constrangimento por causa do deslumbramento de seu pai. Ao mesmo tempo, apesar de reconhecer todos os exageros do homem, sabia que seu enriquecimento fora proposital e lhe trouxera benefícios. A vida teria sido bem diferente se não fosse aquele prêmio lotérico.

A situação nem sempre fora daquela forma. Apesar de ser um homem rigoroso com a educação da filha, nos tempos em que era pobre Osvaldo parecia ter alguns limites e ela, Fernanda, não sentia vergonha do pai. Agora tudo era diferente e apesar de fazer-se de desentendida, ela sabia que Copacabana inteira o conhecia pela extravagância, pelo que havia de mais patético em sua personalidade. E ela era a filha do homem mais brega e ridículo do bairro. Não havia dinheiro que arcasse com os custos desta vergonha, apesar dela desfrutar de todas as suas vantagens. Afinal de contas, ela não pediu para ter pai rico.

— O inquilino daquele apartamento já saiu, Fernanda. Entregou as chaves ontem. Já mandei pintar as paredes e coloquei placa para alugar. Amarela, pra chamar atenção, sabe como é que é?

"Amarela, pra chamar atenção...", - se havia coisa de que Osvaldo gostava era chamar atenção. Enquanto o pai falava e ele falava com a rapidez característica do interior de Minas Gerais, sua terra de origem, Fernanda olhava ao redor buscando Lionel, o que deixou Osvaldo completamente irritado.

— O que você tanto procura, Fernanda? Parece até que não está prestando atenção em mim... - e ele olhou também, percebendo que Lionel se aproximava. — Olha ali! Não é aquele seu amigo que virou cantor? - Osvaldo apontava para o lado contrário ao qual Fernanda olhava.

Putá merda! Porque eu não olhei pra esquerda?, - Fernanda pensou apesar de não verbalizar. Seria crueldade expor ao pai suas reais intenções.

Ela tinha orgulho do dinheiro do pai, mas morria de vergonha do homem que ele havia se tornado após o prêmio lotérico.

Lionel chegou até o quiosque. Ele ria. Depois, tirou os fones do ouvido e, sem medir o tom, fez um elogio ao pai da amiga.

— Uau, seu Osvaldo! Como o senhor está... diferente! E essa camisa laranja? Sensacional! Dá pra ver o senhor lá de longe! - O tom de escárnio podia ser notado por trás das palavras de Lionel.

Irônico. Lionel sempre foi irônico. Ele jamais deixaria passar a camisa laranja com listras azuis de Osvaldo. Algumas pessoas eram imutáveis. Osvaldo mudara após o prêmio lotérico, enquanto Lionel, por mais que tivesse alcançado a fama tão almejada pelo pai de Fernanda, continuava o mesmo garoto de tempos atrás.

— Bonita, não é? E foi cara! Gastei um bom dinheiro nela, mas dinheiro não me falta - enquanto falava, Osvaldo alisava uma das mangas da camisa.

— Eu não sei que graça vocês jovens veem em usar só roupas pretas.

— Ora, sou roqueiro, seu Osvaldo. O preto faz parte. Se eu subir ao palco com uma camisa igual a sua, ninguém vai prestar atenção em minha música.

Lionel, ao responder, mantinha ares de riso no rosto enquanto Fernanda o encarava seriamente.

Osvaldo ajustou os óculos escuros espelhados sobre o nariz e passou as mãos pelos cabelos negros, recém pintados, antes de responder:

— E eu sou rico, rapaz. Posso usar o que eu quiser.

— Tenho certeza disso - Lionel respondeu.

Foi interrompido por Fernanda.

— Vamos? - Depois ela dirigiu-se ao pai: — Nós vamos dar umas voltas - e puxou Lionel pela mão, sem que ele tivesse tempo de despedir-se adequadamente de Osvaldo, que dirigiu-se ao garçom e pediu uma água tônica.



O fato de Amélia acreditar que Rebeca estava com Daniel facilitou os planos da jovem. Após o almoço, naquele final de tarde, ela aceitou a

carona do médico somente até um ponto de ônibus perto de onde morava, alegando que precisava reaprender a andar sozinha pelo bairro. Ele concordou, sem saber que sua real intenção era procurar Mundo antes de ir para casa.

A Igreja da Penha com seus 382 degraus seculares, apesar de situar-se no mesmo bairro, não ficava próxima à rua onde Rebeca e Mundo moravam; ficava do outro lado da linha férrea. A distância até poderia ser percorrida a pé, mas para chegar à matriz que recebia o nome da santa, passaria pelas ruínas do antigo Curtume Carioca^[6], que tornava a área erma e perigosa. Era mais cômodo e seguro tomar um ônibus. E foi exatamente o que ela fez. Àquelas horas, era certo que Mundo já estava por lá com sua carrocinha de pipocas, para vender antes da missa.

A carrocinha de Mundo ficava na subida da escadaria, onde os degraus começavam e tão logo chegou ao largo, Rebeca o viu. Ele atendia a uma senhora sem sapatos, que tinha duas crianças também descalças pelas mãos. Certamente estavam ali para pagar promessas.

— Oi, Mundo - ela disse assim que se aproximou.

— Beca! Você aqui?

A surpresa demonstrada por Mundo não remetia especificamente à ação de Rebeca apesar dele não esperar por sua visita. Tratava-se de Dona Amélia. Considerando que a amiga havia despertado do coma recentemente, ele imaginava que a mãe não permitiria que ela saísse sozinha às ruas. E muito menos que procurasse por ele.

— Eu precisava falar com você - ela explicou. — Tive uma ideia e gostaria de poder contar com a sua ajuda.

Rebeca iniciou as explicações sobre seu plano e enquanto ela falava, diversas recordações povoaram a memórias de Mundo.

Sem saber que rumo tomaria, antes de decidir-se Mundo, aproveitou pra ir ao banheiro, mas ninguém notou. Os amigos dificilmente lhe davam atenção e esperar que sentissem por sua falta era querer muito. Além do mais, àquele momento estavam todos distraídos com suas próprias vontades, cada um deles havia seguido seu caminho e apenas ele não tinha um caminho definido. Porque cargas d'água Rebeca criara aquela situação? Ele não via problema algum em manter os programas sugeridos por Dan; pelo contrário, até gostava, pois aquilo fazia com que ele

conhecesse melhor a cidade. No entanto, por decisão dela, cada um tomaria seu próprio rumo naquela noite.

A casa era grande, tinha diversas salas distribuídas em seus três pavimentos. No primeiro pavimento ficavam a sala de estar e sala de jantar, uma ampla cozinha, sala de vídeo, escritório e um banheiro social. No segundo pavimento, interligados por corredores que se cruzavam, ficavam os quartos, dois banheiros, a biblioteca, a sala de jogos e outro escritório, que aparentemente era de uso da mãe de Dan. No terceiro pavimento ficavam o terraço e o salão de festas. Do lado de fora, em um terreno enorme, havia jardins bem planejados, piscina, sauna e outro espaço para festas, este ao ar livre.

A casa toda estava na penumbra, silenciosa; e a noite estava fria, típica da serra. Mundo não tinha pressa. Com a decisão dos amigos de terem noites independentes, ele não sabia para onde ir. Não conhecia a cidade, não tinha noção alguma do que visitaria e o dinheiro que carregava consigo era quase nenhum. Ficar na casa lhe pareceu o mais certo.

Mundo subiu ao andar dos quartos e enquanto estava no corredor, pensando no que faria, o rapaz sentiu um encontrão. Jamile, que vinha apressada, dobrou o corredor atrás dele, sem vê-lo e acabou por esbarrar em suas costas. Ela tinha ares assustados na face, como se... fugisse de algo? Ou como se tivesse feito ou estivesse por fazer alguma grande bobagem?...

— Então, é isso - Rebeca concluía sua explicação. — Nós estamos pensando em passar uns dias na casa após o Natal e eu gostaria de saber se você vai.

Rebeca sorria e Mundo viu em seu sorriso a esperança de uma vida inteira. Como dizer não? Como negar ajuda a uma amiga tão querida? Por mais que os demais não fizessem questão de sua presença e ele sabia que não faziam, Rebeca precisava de todos lá. Em paralelo, afastar-se do trabalho naquela época seria ruim. Final de ano sempre atraía turistas e no ano seguinte o bairro completaria seu centenário, o que além de levar mais pessoas à igreja que o nomeava, também inseria Mundo nos planos festivos da paróquia. Talvez não fosse adequado ausentar-se. Mundo sobrevivia com as rendas de suas vendas e se ele não estivesse aos pés da igreja, não venderia; não haveria arrecadação e as contas não seriam pagas. E havia os

olhares também... Ele não fora convidado para o encontro do grupo na véspera... Ninguém gostava dele, principalmente Fernanda, e apesar dele desconhecer o real motivo, lembrava-se de que naquela noite, ela apareceu logo após ele e Jamile terem chegado até Rebeca. Fernanda o acusou, lhe apontou o dedo sem pensar duas vezes mesmo vendo que Jamile também estava no local.

Mas como negar ajuda a Rebeca?

Rebeca o encarava, esperava resposta. Ele não sabia o que deveria dizer.

— Não sei se os outros estariam de acordo com a minha presença, Beca.

— Não importa - ela foi direta. — Eu preciso ter todos lá, preciso tentar revirar minhas lembranças que devem estar esquecidas em algum lugar...

Mundo entendia perfeitamente. Se ele tivesse uma chance, por mais remota que fosse, de refazer aquele dia, o faria. Se a vida antes fora difícil, depois ficara muito pior. Ele já colecionava doze anos de olhares de condenação e repúdio, de descaso. Se estivesse passando pela rua em paralelo à mãe de Rebeca, Dona Amélia trocava de calçada e se pudesse ela influenciava os vizinhos, colocando-os contra o rapaz. Frente a tudo isso, as contas pendentes eram meros detalhes.

— Eu vou. Se Dan que é o dono da casa não fizer nenhuma objeção, estarei lá.

Dan não faria, Mundo tinha certeza.

Rebeca também.



Enquanto Fernanda e Lionel caminhavam nas areias mornas e já estavam quase chegando à Mureta do Leme^[7], o telefone celular dela tocou. Era Daniel, para falar sobre os planos de Rebeca.

— O que?! Voltar à casa?... Você deve estar de sacanagem!

Fernanda falou alto, claramente incomodada. Lionel, que pacientemente aguardava o fim do telefonema a encarou, confuso com sua atitude.

A conversa ao telefone não se estendeu e após desligar, Fernanda explicou para Lionel o que acontecia.

— Quer dizer então que Rebeca quer todos nós na casa de Petrópolis novamente este final de ano? - Lionel repetiu por repetir, tudo estava muito bem entendido, principalmente a insatisfação de Fernanda em relação àquela possibilidade.

— É.

Mais um disparate, ele notou. Fernanda sempre falava em excesso, mas ali, naquele momento, escolheu um monossílabo cuja tonicidade saiu quase apagada em sua voz embargada. Ela realmente não havia gostado da ideia.

A verdade era que Lionel não fazia questão alguma de sair naquela noite. Ele preferia que os amigos tivessem optado por ficar na casa e juntos, pois as conversas que tinham sempre rendiam inspiração para as músicas que o aspirante a cantor escrevia escondido. Um dia ainda faria sucesso! E, além do mais, ele havia encontrado vodka na casa e, como havia bebido um pouco para experimentar, não estava muito ciente de si, o que tornava arriscada qualquer investida em uma cidade desconhecida.

Enquanto os amigos preparavam-se para deixar a casa, com a desculpa de que buscaria por algo no quarto antes de sair, Lionel deixou a sala, levando o violão consigo. Havia uma biblioteca em algum lugar e ele queria bisbilhotar um pouco. Livros, principalmente os mais antigos, também eram fonte de inspiração. As páginas amareladas e capas gastas, ambas carregadas de histórias, sempre despertavam nele algo mágico, assim como suas dedicatórias. Livros antigos sempre continham dedicatórias inspiradoras.

Encontrou o cômodo e entrou. As estantes eram amplas e recobriam todas as paredes. As obras ali dispostas eram das mais variadas. Lionel perdeu-se em meio a tantos livros até que selecionou dois de capa dura, letras douradas nas lombadas, e os levou consigo para uma poltrona que ficava ao canto, perto da janela.

Lionel nunca soube ao certo quanto tempo ficou ali. Cochilou em determinado momento, ou acreditava ter cochilado. Os efeitos da bebida não eram dos melhores e sua mente estava um pouco turva, a cabeça doía. Mas ao acordar, ele acreditava ter ouvido um grito... Deixou a biblioteca. Em determinado momento, percebeu-se no corredor, ao lado de Luciana, que, atônita, poderia estar chegando ao andar naquele momento, como se

buscasse fugir de algo. Será que ela não havia ouvido o grito? Ou será que entrar na biblioteca seria sua única alternativa?

A amiga parecia assustada.

— O que foi? - Luciana perguntou com a voz embargada.

— Um grito. Veio lá de fora.

Lionel pegou Luciana pela mão e fez com que ela o acompanhasse até o térreo. De lá, ambos seguiram para o jardim, buscando entender de onde viera o grito. Caminharam desnorteados - ele por causa da vodka, mas e ela? qual seria o motivo de seu descontrole? -, até que encontraram Mundo e Jamile tensos em um canto do jardim. Lionel seguiu a direção dos olhares dos amigos e viu o corpo de Rebeca estirado no chão. Para piorar a situação, ao lado do corpo ele percebeu destroços que eram de seu violão. Ele sabia que havia levado o violão consigo quando deixou a sala, mas não sabia o que fizera com o instrumento. Maldita curiosidade! Maldita dose de vodka!

Algo de muito grave havia acontecido. Rebeca parecia machucada... Ele vira a tensão nos olhos de Luciana quando a encontrou. Porque a amiga parecia tão nervosa? O que seu violão fazia lá embaixo, junto ao corpo de Rebeca? Era somente o corpo de Rebeca ou ela tinha vida ainda?

— Puta que pariu... - falou entre dentes, certo de que alguém, provavelmente ele, se enrolaria.

— O que mais me espanta é o fato do Dan ter concordado com essa merda toda - Lionel deu seu parecer e Fernanda percebeu agitação em sua voz. — Não era ele quem falava em preservar a Rebeca? E aquela história toda de que as lembranças devem ser espontâneas?... Eu acho que ir até a casa é provocar lembranças deliberadamente!

Fernanda sabia que Lionel tinha razão, só não entendeu o aparente nervosismo do rapaz. O violão dele estava ao lado de Rebeca, porém, Luciana fora seu álibi. Ele afirmara que esteve com ela lá em cima, no segundo andar da casa. Luciana... Justamente Luciana, que era apaixonada por ele e logo depois surgiu com um novo namorado, casou-se e passou a evitar o grupo. Estranho... O que Lionel temia?



Em casa, incomodada com o fato de Rebeca ainda não ter chegado, Amélia queixava-se com a enfermeira Hilda que tentava, sem sucesso, acalmá-la.

— Mas se ela está com o doutor Daniel, eu garanto à senhora que não há motivo algum para preocupações...

— A questão é que, apesar da idade, Rebeca não amadureceu, não teve oportunidade. Foram anos desacordada e o mundo está diferente... Já era violento antes, mas hoje, a senhora sabe, está pior.

Apesar de passar a impressão de que vivia confinada em um hospital e realizava-se somente mediante seu trabalho, Hilda conhecia bem o mundo. Sua vida não fora fácil quando nova e após a morte da mãe tudo havia ficado ainda pior, restando-lhe esforçar-se para que nada faltasse, já que o pai não arcava adequadamente com suas responsabilidades. Ele havia se casado logo após a viuvez e a nova mulher já chegara grávida. Anos depois, com a morte do pai, a jovem Hilda sentia-se uma estranha na casa. A madrasta era atenciosa e sempre a tratava bem, mas o meio-irmão a desprezava. Hilda trabalhava durante o dia e estudava em horário noturno. As coisas ficaram ainda piores quando o garoto chegou à adolescência e sua verdadeira personalidade começou a despontar. Por sorte, Hilda sempre foi muito boa em sua profissão, o que lhe proporcionou deixar a casa. Depois disto, Hilda não teve mais notícias deles. Acalentou a solidão dos dias vividos ciente de que era aquela sua única maneira de manter a sanidade e, apesar de sentir por ter abandonado a madrasta, sabia que se tratava de recurso único. Quando uma situação mostra-se excessivamente nociva, se a pessoa não reage logo no início corre risco de soterrar-se, de afundar-se até não ter mais forças para emergir. Hilda escolheu reagir e o fez enquanto havia tempo.

— Vai ficar tudo bem, tenha fé - Hilda insistiu com um sorriso que amansou a ansiedade de Amélia.



Capítulo 15

Quando o jogo de futebol exibido na televisão terminou, Nilo roncava no sofá o que, apesar dos riscos, deu à Luciana oportunidade de telefonar para Fernanda. A amiga ainda estava na praia com Lionel.

— Ah! Apareceu a margarida... - Fernanda atendeu a ligação, sinalizando para Lionel que era Luciana do outro lado.

O coração do rapaz deu um pulinho. Fazia anos que ele não falava com a amiga. Lionel estava em início de carreira quando Luciana se casou e suas atividades eram intensas, mas, mesmo que vida estivesse estacionada no mais completo marasmo, ele não compareceria à cerimônia. Recusava-se a assistir com os próprios olhos a perda daquela a quem ainda amava.

— Sim, liguei - Fernanda prosseguiu e Lionel manteve-se atento. — Mas após minha ligação, já surgiu outra novidade. Rebeca está pensando em reunir todos nós na casa de Dan em Petrópolis, na semana após o Natal. Vamos reviver o passado que ela esqueceu... É um jeito que ela encontrou de tentar lembrar-se do acontecido e eu sinceramente, apesar de achar tudo isso muito esquisito, também acho que todos devemos ir. Fazer o quê, não é? É aquela velha história, Luciana: quem não deve, não teme.

Foi uma ameaça.

A frase de Fernanda foi uma ameaça, Luciana percebeu. E se havia intenção de identificar possíveis culpados somente em decorrência do fato de estarem presentes na tal viagem, ela sentiu-se condenada. Era certo que não teria autorização de Nilo para viajar. Levar o marido estava fora de cogitação e ele também não aceitaria. Não ir poderia soar como a confissão de um crime pelo qual ela não queria pagar. Os amigos jamais entenderiam sua ausência.

A vida nem sempre era justa, nem sempre seguia as tramas idealizadas. Luciana idealizou uma vida perfeita e amargava o inverso sem que ninguém soubesse. Os problemas eram seus, ela tinha absoluta convicção, mas se houvesse coragem, se ela pudesse expô-los... Se pelo menos houvesse a

quem procurar ou com quem conversar... Não havia; não mais. Durante os primeiros anos alimentou esperanças de mudança, mas descobriu que a esperança era como um vaga-lume, que acendia-se para logo em seguida apagar-se e sumir na escuridão. Foi assim durante todo aquele tempo.

Luciana ficou nervosa e seu nervosismo não passou despercebido para Fernanda, que do outro lado da linha fazia caras e bocas para Lionel. Este, por sua vez, não entendia nada. Somente o que queria era tomar o aparelho das mãos de Fernanda e ouvir a voz de Luciana. Conteve-se e aguardou o desfecho da conversa.

— Ainda não há nada definido, mas assim que a data for marcada, eu te ligo e aviso. Você vai, não é?

— Talvez... - era somente o que Luciana podia dizer. Um "não" naquele momento geraria desconfiança.

Despediram-se e antes de Fernanda encerrar a ligação, Luciana pôde ouvir que, do outro lado, uma voz de homem mandava-lhe um beijo. Era Lionel, ela teve certeza.

A letra de Dias Vazios, entoada pela voz melodiosa do amigo, ecoou dentro de Luciana.

*É nos momentos em que os amigos imploram
A presença, um abraço, um por que
Que você se mantém mais ausente
Sem que algo se possa fazer*

O peso dos anos passados instalou-se em seu coração. Luciana sentiu falta dos amigos. Sentiu saudades de Rebeca, apesar do desentendimento que tiveram na tarde do acidente.

— *Só eu que acho errado que seja o Dan a escolher toda a programação que vamos seguir nestes dias?* - Rebeca perguntava à Luciana.

— *Mas é ele quem conhece a cidade...*

Luciana sempre acatava o que as outras pessoas diziam, dificilmente contestava algo, mas contestou. Não havia razão para que Rebeca reagisse daquela forma.

— *Pois eu já estou de saco cheio. Me sinto presa! E vocês parecem um bando de idiotas aceitando tudo o que ele sugere!*

A reação de Rebeca machucou Luciana. Ela jamais esperaria que a amiga a tratasse assim. E se Rebeca não lhe contava o que estava acontecendo, era porque provavelmente já não confiava mais nela. Aquela constatação foi dolorosa.

Tantos anos depois vem a oportunidade de voltar a casa e talvez, desfazer o mal entendido daquela noite de Dezembro. Ela sabia que eles nunca entenderiam sua ausência.

Naquela noite, o que mais Luciana queria era a confiança de Rebeca de volta. Elas haviam discutido, não houve desentendimentos graves, mas Luciana sentiu-se ofendida. A amiga lhe escondia alguma coisa e isso vinha acontecendo desde a tal festa no clube. Luciana sabia que Fernanda percebera a mesma coisa e mencionara o fato com Rebeca, o que gerou discussão entre as duas. Não era sua intenção discutir com ninguém. E, se fosse parar pra pensar, Rebeca tinha direito de guardar seus segredos, por mais que lhe doesse admitir isso.

Quando os amigos decidiram por uma noite independente, apesar de não ter mencionado nada, ela optou por ficar na casa e foi para o quarto. Viu o violão de Lionel em um canto, mas não se ateve àquele fato. Dormir seria seu refúgio. A noite fria parecia acolhedora, assim como o quarto bem decorado que lhe fora destinado. Luciana pegou no sono rapidamente, mas em determinado momento acordou.

Levantou-se, deixou o quarto e desceu com intenção de ir até a cozinha, mas não sem antes passear pela sala de jogos e pela sala de jantar da casa, apreciando cada detalhe, ciente de que aquela realidade não lhe pertencia. Durante esta incursão, teve a impressão de ver um vulto através da janela que dava para o jardim, mas não deu importância ao fato.

Quando entrou na cozinha viu que Jamile estava lá, próxima à geladeira e pareceu espantar-se com sua chegada. A amiga parecia tensa. E, além disso, Luciana jurava que Jamile fora a primeira a deixar a casa, dizendo que iria até uma loja de conveniência comprar balas dietéticas.

— O que foi? - Jamile disse áspera, coisa que não era de seu costume.

Luciana ficou sem jeito. Apenas sorriu e deixou o cômodo, com intuito de seguir para a biblioteca, pois havia perdido o sono, e decidida a levar sua sede consigo. No meio da escadaria ouviu vozes e parou para tentar entender o que era dito. Não conseguiu. Voltou ao seu quarto e passou

alguns minutos, veio o grito. Ela apressou-se de volta ao corredor e chegou rapidamente à porta da biblioteca. Lionel estava ali e parecia... confuso? Nervoso? Não havia como determinar. Ele estaria deixando a biblioteca ou buscava refúgio no local?

— *O que foi? - ela perguntou e sentiu que sua voz não estava inteira.*

— *Um grito. Veio lá de fora.*

Entreolharam-se, como se um buscasse respostas no olhar do outro. E então, ele a puxou pela mão e a levou para o andar de baixo. Conforme cortavam o ar denso que se instalara na casa, ela pôde sentir cheiro de álcool. Lionel havia bebido. Quando chegaram à sala principal, saíram para o jardim. Depois circundaram a casa até encontrarem Rebeca desacordada em meio a um dos bem cuidados canteiros da mãe de Daniel. Ela estava rodeada por fragmentos do violão de Lionel que ela vira pouco antes de voltar ao seu quarto.

Luciana não gostava de lembrar-se daquela noite, nunca gostou. As sensações não eram das melhores e ela temia por Lionel. Temia tanto que optou por afastar-se do grupo com medo de falar em excesso e comprometer o amigo. O violão estava ao lado do corpo e ele mostrou-se nervoso no corredor. Ela sentiu o cheiro de álcool... Era certo que ele tinha algum envolvimento naquele acidente, mas ela, mesmo sendo muito amiga de Rebeca, encobriu a possibilidade; não disse nada em momento algum. Apenas se afastou. E foi exatamente este afastamento que propiciou sua aproximação de Nilo e a levou ao casamento. Se arrependimento matasse...

Envolta em seus pensamentos, não percebeu que o marido havia acordado, se aproximado e tocava sua nuca.

— *Pensando em mim?*

O bafo de cerveja era quase insuportável. O toque não era delicado, era grosseiro, sem jeito, oscilava entre brutalidade e ignorância, por mais que Nilo, futuramente e se preciso fosse, negasse tal fato.

— *Claro... - ela respondeu com a voz trêmula e virando-se para encará-lo.*

Ele continuou com uma das mãos em sua nuca, mas passou a exercer mais pressão. Seus olhos estavam tomados por algo indecifrável, injustificável, mas que Luciana conhecia bem.

— Porra nenhuma! - Nilo trouxe a outra mão para o pescoço da esposa e apertou ainda mais. — Pensa que eu não te conheço? - Ele ria insanamente. — Sei que não está pensando em mim, sei que você é uma mentirosa e que vive pelos cantos pensando em outros homens, pensando na vida mundana que levaria se eu lhe desse oportunidade. Uma vaca mentirosa e feia que ninguém quis, é isso que você é, Luciana. Ninguém quis, só eu...

— E eu te amo por isso, Nilo.

Em algumas ocasiões ele era tão violento e ela tinha tanto medo, que acabava por acatar a todas as bobagens que Nilo dizia. Concordava com o marido por não ter alternativas. Ali, naquele momento, ela seria a vaca mentirosa que ele afirmava e torceria para que isso fosse suficiente para não apanhar mais uma vez.

Não foi.

A proximidade das mãos de Nilo em seu pescoço fez com que uma delas segurasse os cabelos de Luciana. Ele os puxou e quase suspendeu a esposa do chão.

— Se tem coisa que eu detesto, é mentira. Você não tem noção de como os bandidos de merda que eu prendo, mentem para livrar o próprio couro.

As lágrimas desciam pela face de Luciana. Nilo prosseguiu:

—E sabe o que fazem depois? Choram. Depois, eles choram, exatamente como você está fazendo agora. Será que você também é uma bandida de merda, Luciana? Ou é só uma puta sonsa buscando chance para agir como tal?

A dor no couro cabeludo não era maior que a dor que Luciana sentia por dentro, na alma. E se negasse, se ela não concordasse com o que Nilo dizia, os resultados seriam piores.

— Sou... Sou, sim. Eu não valho o arroz com feijão que você coloca na mesa desta casa.

— E somente agora você descobriu isso? - Ele ria ainda mais, uma risada doentia. — Eu sempre a vi desse jeito... Uma vaca mentirosa, uma porca desgraçada que não vale o preço de um ovo frito. E é por isso que você precisa apanhar, é pra aprender a ser gente, a respeitar seu marido.

Deu-lhe um tapa no rosto e Luciana teve uma única certeza: não poderia mais ficar ali.



Não importava o que acontecesse depois, Jamile estava certa de que ela iria à Petrópolis. Por mais que sua vida tivesse mudado e que a viagem proporcionasse uma volta ao passado, negar ajuda ou parecer displicente não fazia parte de seus planos.

As palavras de sua analista, ressuscitadas de consultas antigas, ecoaram no quarto naquele meio de noite. *O passado ficou pra trás e você não pode negá-lo. Faz parte de sua história, faz parte de você. Se hoje você é uma pessoa diferente, mais forte até, isso se dá porque um dia foi preciso mudar. E você mudou, Jamile.*

Ela sabia que havia mudado, o espelho lhe dissera e reafirmava aquilo todos os dias. Contudo, por mais que o presente se resumisse em ostentar menos da metade do peso que tinha antes e o passado fosse passado realmente, ele ainda doía; os xingamentos estavam na memória: *Gorda! Rolha de poço! Elefante! Baiacu!-*, e eram estas as vozes que tinham maior peso. A rolha de poço, o elefante e o baiacu, ainda moravam dentro dela e vez ou outra despertavam para comer uma barra de chocolate ou um pote de sorvete.

Foda-se! -, pensou consigo. Ela não era mais a gorda esquisita, ao menos não por fora. Por fora Jamile era capa de revista, requisitada nos desfiles das melhores marcas e era isso que seus amigos viam. Exceto Lionel, que insistia nas piadas babacas, mas ela se quisesse ou precisasse, poderia colocá-lo em seu devido lugar. Foi o violão dele que estava todo quebrado no jardim, ao lado de Rebeca, não foi? Todos conheciam este fato, todos viram os frangalhos do instrumento. Se fosse necessário, não seria ela, Jamile, a prejudicada. E além do mais, não havia nada que ela não pudesse fazer. Seu passado era prova e o fato de reviver algumas situações não traria as antigas de volta. Não mesmo. E se trouxesse, seria somente aquelas que ela permitisse. Era preciso ser forte.



Já no quarto de hotel, Lionel sentia sua ansiedade crescer. Aquela seria sua oportunidade de estar com Luciana novamente e ele não via a hora disso acontecer. Eram cúmplices de algo que o passado havia abafado e que ele sequer conhecia. Ele vira Luciana na porta da biblioteca na noite em que Rebeca caiu; ela parecia ter acabado de chagar àquele andar da casa e estava tensa. Depois, o sumiço. Luciana passou a evitar o grupo e todo aquele afastamento fazia sentido para Lionel. Mas ele estava decidido a protegê-la. Se até então os dias foram vazios, talvez chegasse à hora de preenchê-los.



Após o expediente, Mundo seguiu com Rebeca até em casa e Amélia, que os viu da varanda, não gostou nem um pouco. Se fosse preciso dizer para a filha afastar-se, pois aquele era o principal suspeito do que lhe havia acontecido, ela o faria. Não havia mais condições de manter a situação em segredo sem arriscar a vida de Rebeca. Se antes aquele garoto havia feito mal à sua filha, agora com a moça desperta e com grandes chances de ter sua participação na ação descoberta, ele tornava-se ainda mais perigoso. E Amélia não economizou palavras quando a filha entrou.

— Eu já disse que você deve evitar esse rapaz, Rebeca.

Rebeca não sabia o que havia acontecido, mas sabia que todos culpavam Mundo. Eles nem mesmo disfarçavam.

— Eu percebi. Percebi que todos o evitam, percebi que ele sequer foi mencionado em ocasião de nosso reencontro ontem, ninguém o convidou, não foi? Na perspectiva de vocês a culpa pelo que me aconteceu, é dele. Foi Mundo o responsável por eu ter passado todos esses anos em coma, é o que vocês acham... E vou ser sincera, mãe: eu não teria toda essa certeza.

Foi a gota d'água.

Rebeca não era mais uma adolescente e Amélia percebeu que precisaria lidar com o fato. Em outros tempos a filha jamais a desafiaria.

— Pois vou lhe dar uma notícia... - a jovem mantinha-se firme. — Nós iremos à Petrópolis após o Natal e eu vou me lembrar do que aconteceu, custe o que custar.

- Mesmo que o preço a pagar seja a sua amizade com este delinquente?
— Mesmo que o preço seja a minha vida.

Amélia não esperava por resposta tão seca, tão direta. Ela acreditava que dramatizar faria com que a filha desistisse, mas recebeu drama ainda maior como resposta. Ao que tudo indicava, Rebeca não tinha medo do passado e nem do futuro. A menina de dezesseis anos virara uma mulher de vinte e oito, mas sua coragem era a mesma. Nada impediria Rebeca de ir atrás de seu passado e ela, Amélia, não sabia se sentia medo das possibilidades ou orgulho da filha.



Sentado no sofá de casa e remexendo as fotos que tirara no pedalinho doze anos antes, Daniel estava seguro de que tinha tomado a decisão acertada. Ele não era dono do mundo, não era dono do futuro de Rebeca e, de certa forma, se a amiga buscava maneira de entender o acontecido, não havia nada que o impedisse de ajudar. Ele não diria nada, mas jamais seria contra o reencontro do grupo na casa de seus pais, mesmo sabendo que ao recuperar suas lembranças Rebeca poderia voltar-se contra ele novamente.

— *Só eu que acho errado que seja o Dan a escolher toda a programação que vamos seguir nestes dias?*

Daniel, do corredor, ouvia a conversa entre Rebeca e Luciana.

— *Mas é ele quem conhece a cidade...*

— *Pois eu já estou de saco cheio. Me sinto presa! E vocês parecem um bando de idiotas aceitando tudo o que ele sugere!*

A reação de Rebeca o incomodou muito; não esperava aquilo dela, não dela. Falar mal dele pelas costas?

A discussão, que ele não provocou, veio naquela mesma noite.

— *Não acho que só por ser o dono da casa você deva tomar todas as decisões sozinho...*

Ele sabia que Rebeca estava certa. Estavam na casa havia quatro dias. Visitaram o Parque Cremerie^[8] logo no primeiro dia e, apesar dele ter escolhido o lugar para declarar-se à Rebeca, faltou-lhe coragem. Na manhã seguinte foram ao Museu Imperial^[9] e a Casa de Santos Dumont^[10]. À noite, foram ao baile de final de ano no clube em que seus pais eram sócios. Rebeca curiosamente desaparecera durante todo o evento. Na manhã seguinte foram ao Quitandinha^[11] e depois desfrutaram de um café colonial em uma confeitaria temática. Naquela manhã haviam conhecido o centro comercial... Todos os passeios foram escolhidos por Daniel, mas caramba... era ele quem conhecia o local!

— É até justo que você tenha escolhido os locais de passeio, já que você conhece a cidade, e a festa no clube foi maravilhosa, mas fazer questão de escolher o filme, Dan? Isso é bobagem.

Rebeca estava diferente e se coubesse a Dan explicar a mudança ele a caracterizaria como falta de interesse. A amiga parecia ter descoberto algo que a desviava do grupo; era como se ela estivesse com eles sem querer estar. E as discussões, todas elas, eram bobas, infantis. Em momento algum ele fizera questão de escolher o filme... Havia levado alguns DVDs sim, mas se o grupo preferisse, poderiam optar por algo que Afonso levara, não fazia diferença.

Mas Daniel não teve tempo para explicar-se.

—Acho melhor cada um escolher o que quer fazer, cada um tomar seu próprio rumo hoje. Eu vou sair e sozinha.

Rebeca disse e deu-lhe as costas; saiu por uma das portas de acesso aos jardins da casa.

O restante do grupo, como se concordasse com Rebeca, optou por passeios independentes.

Daniel seguiu Rebeca até o jardim.

— Você está enganada. Eu não tenho nenhuma intenção de controlar a vida de vocês enquanto estão aqui ou de decidir por vocês - interceptou-a ainda do lado de fora da casa, antes que ela deixasse a propriedade.

Ele precisava desfazer o mal entendido, não queria causar má impressão.

— Mas é o que você faz desde que chegamos! Você decide aonde vamos, o que faremos... Isso é chato, Dan! Nenhum de nós é criança.

Talvez ela estivesse certa, mas não houve intenção de desagradar aos amigos. Ele só queria ser cordial e, como bom anfitrião e conhecedor da região, sugerira passeios que até então foram aceitos por todos.

À chuva fina e fria, juntou-se uma brisa leve. Ele aproximou-se, estendeu um dos braços e tocou o rosto de Rebeca. Como queria que ela soubesse tudo que ele sentia... Deslizou as costas de sua mão levemente pela bochecha da amiga, que baixou os olhos, encarando o chão.

Após alguns minutos em silêncio que poderia ser considerado romântico se observado à distância e com o toque dele ainda presente na face dela, despediram-se:

— Certo, esquece isso. Hoje cada um vai para o seu lado e amanhã juntamos o grupo para falar sobre isso - ela sugeriu e ele acatou.

Depois, Rebeca seguiu pelo extenso jardim em direção ao portão, enquanto Daniel tomou o rumo dos fundos da casa.

O estudante preferiu dormir tamanha sua chateação em decorrência da discussão. Ele nunca soubera aonde os outros foram. Ele lembrava-se de ter acordado para ir ao banheiro e de lá foi à pequena cozinha do andar de cima, para beber água. Havia deixado a porta de seu quarto aberta. Durante seu percurso, teve impressão de ver alguém no corredor. Parecia ser Fernanda, mas caso ele parasse para confirmar, acabaria se mijando ali mesmo.

Daniel não esperava pelo que estava por vir...

Depois foi confirmado que todos estavam na casa quando Rebeca foi encontrada desacordada no jardim.

— Eu não sabia que após essa discussão, levaria doze anos pra ouvir a voz dela novamente. E como senti raiva de Rebeca naquele dia... - pensou alto.

De alguma forma e apesar de muitas coisas terem mudado, Daniel ainda nutria por Rebeca os mesmos sentimentos. Agora, com o despertar da amiga, as sensações que o tomavam eram ocas. Se o trabalho sempre o preencheria e Rebeca era parte relevante deste trabalho, como seria a vida dali por diante?



Em casa, enquanto Ana Paula arrumava os presentes que havia comprado, Afonso lembrava-se do que acontecera doze anos antes.

Da varanda, pronto para sair após a decisão de que cada um faria o que quisesse, Afonso, ao deparar-se com aquela cena foi tomado por sensação desconhecida até então. Vazio. Medo. Frustração. Tristeza. Perda. Ele acreditava amar Rebeca e ali, naquele momento, parecia que era Daniel quem levava a melhor.

Rebeca e Daniel, que não perceberam que Afonso os observava. Ele havia levado a mão à bochecha dela.

Eles desculpavam-se, reaproximavam-se. Talvez Daniel estivesse forçando a situação...

— Certo, esquece isso... - Afonso pôde ouvir parte do que ela dizia e imaginou que se tratasse de medo em relação ao que o amigo poderia fazer.

Daniel pareceu bem alterado na perspectiva de Afonso.

Depois eles separaram-se.

Revoltado, Afonso voltou para dentro da casa. Não sairia mais, não havia ânimo. Era melhor procurar algum filme na televisão e contar com a sorte deste filme ajudá-lo a digerir as sensações oriundas do que acabara de ver.

Naquela mesma noite Rebeca foi encontrada desacordada e ele, somente ele, sabia de seu encontro com Daniel no jardim, apesar de não ter mencionado nada na ocasião. Não assumiu seu fracasso. Apenas carregou consigo uma angústia camuflada de qualquer coisa inominável e que o passar do tempo apenas disfarçou, sem permitir que ele se esquecesse.



Capítulo 16

O Natal transcorreu sem alardes. Aliás, não para todos eles.

Rebeca confraternizou em casa, com a mãe e a enfermeira Hilda. A ceia, primeira em muitos anos, foi especial para mãe e filha, e Hilda sentia-se contente por fazer parte daquele momento. Tivera comemorações felizes em família, mas aquilo era parte de realidade antiga e saudosa, que às vezes voltava sob forma de lembrança para cutucar seu coração. Nos anos anteriores, os mais próximos, ela passara as festas no hospital, portanto, estar ali e sentir-se novamente amparada por uma família de verdade, mesmo que pequena, de algum jeito a acalentava.

Quando já era tarde, Daniel apareceu de surpresa e com um presente: um aparelho de telefone celular moderno, pois o de Rebeca já não tinha funções que correspondessem à realidade de 2018. Ela ficou contente com o presente, apesar de considerá-lo dispendioso. Ele a ajudou com as configurações do aparelho e apresentou à Rebeca uma canção que ela desconhecia, pois havia estourado nas paradas durante seu sono, mas que tinha versos que de alguma forma, pareciam acolhê-la em braços cálidos. *Oração ao Tempo*^[12], na voz melodiosa de Maria Gadú, passou a ser o toque do telefone de Rebeca e fazia jus à sua história.

Fernanda, ciente de que não tinha como omitir as vergonhas e excessos cometidos pelo pai, convidou Lionel para a ceia. Era justo. Não podia deixar que o amigo passasse a data sozinho em um quarto de hotel. O rapaz, buscando ser cordial, levou flores para Vânia, a mãe da amiga, e uma garrafa de vinho para Osvaldo.

— Já bebi vinhos mais caros, meu rapaz. Bem mais caros, mas agradeço pela lembrança. Sabe como é que é... Cada um dá aquilo que pode, não é mesmo? - Osvaldo respondeu ao deparar-se com a garrafa e sem ter qualquer noção de sua estupidez.

Lionel apenas sorriu frente ao inconveniente e pensou em tudo o que havia mudado nos últimos anos. Ele lembrava-se de Osvaldo perfeitamente e, apesar de alguns conceitos distorcidos defendidos pelo pai de Fernanda

tempos atrás, não imaginou que o dinheiro repentino pudesse ter causado tantos estragos. O homem estava esnobe, fazia pouco caso de tudo e não tinha limite algum no que concernia às palavras que proferia. Nem às roupas que usava... Era como se Osvaldo pudesse fazer qualquer coisa, como se o poder monetário lhe desse plenos direitos de diminuir as demais pessoas. E aquilo não era nada bom.

Fernanda arrependeu-se de ter convidado o amigo, mas já era tarde. Seu pai não desperdiçava oportunidades de mostrar-se rico. Ela apreciava a condição financeira que tinham, mas reconhecia que o homem deveria optar por atitudes mais contidas. Mesmo que Fernanda exagerasse em sua tagarelice com frequência e apreciasse o luxo de que dispunha, ela sabia que em alguns momentos, menos era mais. No caso de Osvaldo, a quem menos cores e estampas já ajudariam bastante, menos palavras seriam ainda mais úteis.

Minutos depois, Osvaldo pediu uma fotografia à mesa e foi Vânia quem fez o registro, que imediatamente foi lançado na rede social. Na legenda Osvaldo escreveu: *"Eu, minha filha e o amigo dela, que é cantor, preparados para a ceia, com bacalhau do Porto e bebida de excelente qualidade. A vida é pauleira!"* A vida de Osvaldo não era "pauleira", era ostentação; mas o bordão patético fazia parte dele, era quase um detalhe abstrato de sua indumentária e a complementava jocosamente.

Ana Paula e Afonso optaram por um Natal a dois, mais por vontade dela do que dele. Ela queria uma noite romântica. A moça agia como se os aqueles dias fossem realmente os últimos ao lado do marido. Não havia garantias em relação ao que a viagem proporcionaria ao grupo. Seus receios eram grandes e ela não estava disposta a perdê-lo. Para desfazer qualquer má impressão, caprichou no presente para o marido: um terno bem cortado, encomendado no melhor alfaiate da cidade. Como se não bastasse, mandou que flores fossem entregues na casa de Rebeca. *Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.*^[13]-, já dizia o poeta; mas Ana Paula sabia-se minúscula frente às possibilidades. As flores talvez soassem como trégua para uma guerra silenciosa, que ela travava dentro de si e com seus próprios pensamentos. Ou talvez fossem apenas afronta. Quem entenderia?

Jamile aceitou o convite de um empresário da moda e compareceu à festa patrocinada pelo homem, na cobertura de um famoso edifício de Copacabana. O ambiente, apesar de requintado, não era dos melhores. As

pessoas pareciam exaltadas, muitos embriagados e outros entorpecidos por substâncias mais pesadas, o que a fez deixar o local antes do previsto. Ela também era apreciadora de substâncias indevidas, mas suas favoritas eram as que encontravam-se na deliciosa composição química do chocolate e no turbilhão de sensações causado pelo açúcar. Inclusive, havia percebido que nas últimas semanas vinha abusando de doces e outras guloseimas. Se não se cuidasse, seus amigos em breve teriam a jamanta de volta. Passou o restante da noite em casa, tentando em vão distrair-se com a programação da televisão. Os filmes já não eram os mesmos e a tela era inundada de bobagens, diferente de seus tempos de criança, quando os clássicos do cinema eram exibidos na noite de Natal. Aquela era uma das poucas partes saudosas de sua infância.

Na casa de Mundo, a ceia foi simples, assim como a pequena e antiga árvore montada em um cantinho da sala. Ele e Dolores, sua mãe, puderam arrumar uma mesa graciosa e sem exageros, mas que atendia perfeitamente aos dois. Um generoso frango, com arroz e salada; e como sobremesa, rabanadas e a mousse de maracujá que ele tanto gostava. E panetone! O panetone não poderia faltar, Mundo adorava panetone com café na manhã seguinte à noite de Natal. Antes da refeição, uma oração para agradecer à Santa que, lá do alto da escadaria, acompanhava suas lutas e abençoava suas conquistas.

Já para Luciana... Para Luciana a noite de Natal não trouxe sorrisos, assim como os dias comuns também não traziam. A esposa de Nilo passara a tarde preparando a ceia, esperançosa de que ele, quando chegasse do trabalho, a levasse até a casa da mãe, que ela não via há meses. Quando Nilo chegou, já havia escurecido e Luciana estava no banho. Sua surpresa foi grande ao, após deixar o banheiro, notar que ele estava acompanhado de três amigos da delegacia.

— Traga cerveja, Luciana.

Foi somente o que ouviu. Nada de "*boa noite*" ou "*como foi seu dia?*"; apenas ordens. Luciana serviu a bebida. Mais tarde, Nilo e os amigos, armas na cintura, sentaram-se à mesa, onde fartaram-se do que ela havia preparado. Comiam como porcos, revirando as travessas e deixando que grãos de arroz escapassem de suas bocas abertas e salpicassem a toalha de renda da mesa, também ornada pelas rodela de umidade deixadas pelos copos de cerveja. Ela apenas observava, sem qualquer vontade de

compartilhar daquele momento. Natal para Luciana era sagrado, era coisa de família; mas Nilo desconhecia este conceito. Ela sentiu asco.

Sentou-se à poltrona e buscou um canal que exibia um filme natalino. Naquele momento, a ficção era mais tênue que a realidade e ela precisava de toda aquela leveza, precisava escapar do contexto grotesco estabelecido na sala de sua casa e buscar subterfúgios no impossível oferecido pela TV a cabo.

Quando os homens foram embora já era madrugada e Nilo, obviamente, estava embriagado.

— Você não se comportou, Luciana... Mais uma vez eu trouxe amigos para confraternizarem comigo e você não se comportou adequadamente. Todas as vezes que a cerveja acabou foi preciso que eu te mandasse buscar mais na geladeira... Todas as vezes que eu olhei pra você, suas pernas estavam cruzadas, joelhos à mostra, e você claramente se oferecia para meus amigos...

Ela não se oferecera para ninguém. Mas Nilo via somente o que lhe convinha e quando não via nada, criava. Oferecer-se estava fora de cogitação e tornava-se algo ainda mais absurdo em se tratando daqueles homens. Ela tinha nojo deles, só nojo.

— Será possível que sempre que eu trago alguém aqui você precisa mostrar o corpo, precisa se exhibir como uma puta na vitrine da zona?

Ele não media palavras, não mensurava as ofensas que dirigia à esposa.

— Aqueles homens são meus amigos, entendeu? Meus amigos, sua ridícula! E o que você faz? Me faz passar vergonha, agindo como uma piranha.

Ele apenas aproximou-se e Luciana se preparou para o que estava por vir. Seu Natal acabara antes mesmo de começar.



Capítulo 17

Assim como doze anos antes, a viagem fora agendada para o dia 26 de Dezembro. Rebeca despertou radiante e colocara suas roupas na mesma mala que usara anteriormente. Em relação ao que dependesse apenas de Rebeca, ela estava decidida a fazer tudo o mais próximo possível do passado, ao menos daquilo que antecederia a partida do grupo para Petrópolis e que ainda mantinha-se vivo em sua memória. As diferenças iniciais estavam no transporte: quase todos tinham seus carros e a rodoviária não seria o ponto de partida.

O percurso seria de aproximadamente uma hora, talvez mais conforme o trânsito. Rebeca e Mundo iriam de carona com Dan, assim como Lionel pegaria carona com Fernanda, pois subir a serra de moto era muito cansativo, além de arriscado e a moto era alugada, o que complicava ainda mais a situação. Afonso e Ana Paula decidiram por usar um carro só, viajando juntos, já que não havia necessidade de levarem dois veículos. Somente Jamile viajaria sozinha, mas seria bom poder passar àquela hora ao volante analisando a situação. O que ela mais precisava era pensar, refletir sobre tudo o que estava por vir e a solidão seria excelente companheira. Assim como as balinhas que estavam no porta luvas.

O combinado foi que se encontrassem na propriedade no final da tarde e a moça que cuidava da casa, ciente de que o grupo estava por chegar, teria preparado tudo e estaria lá para recebê-los.

Foi na subida da serra que Mundo deu-se conta da real situação à qual submetia-se. Algumas vezes era como se o tempo abrisse brechas para o passado acontecer de novo; o agora parecia brotar em meio às marcas do que já havia sido, do que já deveria ter ido, mas ainda estava por ali, escondido em algum lugar. Tudo de volta... Tudo muito de repente e com a simplicidade de um momento qualquer, fazendo a dor nascer das cicatrizes. Não era amargura. Não era azedume. Eram apenas as sobras das ranhuras de uma vida ácida em um tempo distorcido e em um corpo frágil, calejado,

que voltavam à tona na expectativa de provar algo que ele não conseguia identificar.



— Nervosa ainda? - Lionel perguntou, enquanto Fernanda tentava manter-se atenta à subida da serra.

— Eu?... Não. De onde você tirou isso?

A resposta travestida de pergunta saiu seca, azeda e aguda, sem que Fernanda medisse a intensidade de sua voz.

— Eu notei seu nervosismo, Fernanda. Parece que você só aceitou participar dessa viagem para não contrariar a maioria, o que não causaria boa impressão. Contudo, se dependesse somente de você, a ideia seria descartada.

Lionel sempre fora um excelente observador e após a maturidade, tornou-se um homem sagaz. Em paralelo, na ocasião do acontecido, Luciana havia comentado brevemente que vira Fernanda e Rebeca discutindo na cozinha. O fato de conhecer Fernanda e saber que a amiga não tinha limites e não sabia lidar com discussões, na perspectiva de Lionel somava um ponto contra a jovem. Se Luciana era suspeita e se ele era um suspeito, a discussão de Fernanda com Rebeca podia perfeitamente colocar a amiga na mesma lista.

Realmente, Fernanda não estava nem um pouco à vontade com aquilo tudo. Uma coisa era fazer fofoca da vida dos outros, intrometer-se, vasculhar; outra completamente diferente, era inserir-se em contexto onde sentia-se coobaia de um experimento macabro e sobre o qual ninguém tinha expectativas definidas. Ela havia discutido com Rebeca pouco antes da moça ser encontrada desacordada e suas lembranças eram incômodas. Sabia que alguns dos amigos talvez nutrissem impressões dúbias a seu respeito.

— Não sou eu quem deveria estar com os nervos à flor da pele - rebateu.
— Se bem me lembro, o que estava ao lado de Rebeca quando Mundo a encontrou, foi o seu violão. Aliás, ele diz que a encontrou, não é? Mas para mim, Mundo já estava lá... Cada um conta a versão que acha que deve, aquela que de alguma forma pode lhe favorecer...

E em pedaços! Meu violão estava em pedaços... -, Lionel pensou confuso. Não saber o que havia acontecido o atormentava, fora assim durante todos aqueles anos em que como em um sopro de luz desconectada do presente, buscou inspiração para compor os dias que estavam por vir. Ele nunca esqueceu que o passado, traiçoeiro de todas as épocas, espreitava por atrás dos ponteiros arredios do relógio. Seu momento seguinte nada mais era que um reflexo do antes, uma interseção entre o que fora e que estava por ser, um epitáfio distorcido. Mas muitas noites passadas em claro, Lionel viu o presente fundir-se com o passado, viu retrocessos que andavam pra frente e seguiam segmentados de lembranças e de fragmentos dos sonhos rasgados. Construiu sua vida e sua carreira no reflexo das bifurcações que apontavam as variantes entre o ir e o ficar, para solidificar-se no ponto exato onde ele apenas existia; onde se fazia presente, sem ser mais passado e sem ser ainda futuro... Oscilava sem sair do lugar frente às incertezas de um pequeno momento apagado.

Mas os devaneios deveriam ser postos de lado, pois Fernanda merecia uma resposta.

— E se eu ainda me lembro, não foi só o Mundo quem encontrou Rebeca. Jamile chegou até ela no mesmo instante... E se pararmos para pensar, todos nós nos deparamos com Rebeca desacordada quase que ao mesmo tempo. Estávamos todos na casa, apesar de termos dito que sairíamos - foi a vez de Lionel rebater.

Aquele era o grande mistério da história que os envolvia. Aquele era tema sobre o qual todos evitavam falar. Podia parecer irrisório, soar como bobagem em um primeiro momento, mas... Em um grupo de nove jovens e pelo fato de sentirem-se atados a uma "agenda" construída por um deles, todos decidiram que sairiam sozinhos naquela noite e todos aparentemente saíram, foram vistos deixando a casa ou em situação que acusava partida breve. Entretanto, nenhum deles saiu de fato e não havia justificativa plausível para que permanecessem no local. Ninguém tinha motivo que pudesse ser considerado justo; todos ficaram por motivos banais ou usaram de motivos banais para justificar sua permanência. Rebeca fora encontrada horas depois, desacordada no jardim. Incompreensivelmente e desafiando todos os preceitos da medicina, dormiu por doze anos.



— Sinceramente, Afonso, eu só espero não ter problemas e espero não precisar ter que lidar com nada que fuja aos critérios de normalidade - Ana Paula dizia enquanto selecionava uma música na *playlist*.

—Não é uma viagem de férias, Ana Paula, não estamos saindo para divertimento, não vamos enfrentar uma casa assombrada, então o que fugiria à normalidade? Pode até parecer algo associado à condição de férias por causa da época e do local, mas todos nós estamos nesta empreitada por um objetivo...

— Objetivo que não é meu e nem seu! - A esposa de Afonso o interrompeu abruptamente. — Eu não perdi a memória! Se nós estamos aqui neste carro seguindo para Petrópolis agora, é para prestar um favor à Rebeca, esqueceu? Eu não preciso estar lá e nem você. Sei muito bem o que aconteceu em minha vida neste intervalo.

— Mas nenhum de nós sabe o que aconteceu naquela noite. Ou talvez um saiba. É isso que precisa ser descoberto.

— Você fala como se não tivesse medo do que pode vir à tona...

Incrédulo, ele encarou a esposa. A frase de Ana Paula era quase uma acusação. A mulher falava como se desconfiasse do marido, como se soubesse que ele tinha alguma carga de culpa no acontecimento.

Apesar da surpresa e de não esperar que Ana Paula fosse tão direta, Afonso não podia negar que todos eram suspeitos. Ele mesmo havia afirmado que sairia e sua intenção era procurar alguma loja de departamentos que estivesse aberta para vasculhar os últimos lançamentos em vídeo. Ele ainda não havia visto o último filme de Denzel Washington, esgotado em todas as lojas que ficavam perto de casa, e vinha guardando dinheiro para comprá-lo. Mas a chuva fina e a preguiça de andar sozinho pelas ruas, atreladas ao fato de perceber que Rebeca e Dan conversavam no jardim, o desanimaram e fizeram com que ficasse na casa. E quem acreditaria que justamente ele que aceitava de primeira todas as propostas e possibilidades de passeios, se mantivera em casa por preguiça ou frustração? Se havia desculpa esfarrapada e nem um pouco condizente com ele, a desculpa era aquela.



Quanto mais próxima da casa, mas tensa Jamile ficava. No rádio, a canção levava à reflexão.

*Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações^[14].*

Ter chegado onde ela estava, assim como suas conquistas, não lhe diziam muita coisa, não sem os amigos por perto, não sem a certeza de que a amizade prevalecia. E havia o medo. Aquela era uma volta e tanto ao passado obeso que a afligia. Ali, dentro daquele carro, ela retorcia-se nos implementos impostos pela existência e renascia nas cinzas que os sentimentos, vez ou outra, reviravam. Era como se conseguisse burlar as defesas suscetíveis aos lapsos, ou como se tropeçasse nos lapsos que suas defesas não conseguiam omitir. No espelho retrovisor, seus olhos refletiam os fragmentos de uma realidade ilusória, mas que lhe era essencial.

Na adolescência, nas tantas vezes em que começara uma dieta, viu-se tentada a voltar atrás. A fraqueza que sentia era tão pesada quanto seu corpo e deparar-se com guloseimas que não deveria comer, era realmente algo tentador. Ela não sabia resistir, sua mente não lhe permitia tal ato.

Jamile admitia que precisava perder peso e aceitar passar aqueles dias em Petrópolis na época foi prova de que correria todas as tentações. Era certo que os pais de Daniel providenciariam boa comida e ninguém se lembraria de cozinhar chuchu ou ovos e preparar gelatinas dietéticas para a sobremesa. Além disso, os passeios eram oferta farta de calorias, fosse no café colonial ou nas inúmeras lanchonetes visitadas. As amigas, ao mesmo tempo em que a incentivavam para que se mantivesse na dieta rigorosa, vez ou outra lhe forneciam as desculpas esfarrapadas de sempre: "...é só um pedacinho, que mal tem?"; "...uma colherada não interfere em nada!"; "...mas e se você só provar?" As frases proferidas só não ecoavam mais alto que os xingamentos. *Jamanta!* E aquele só um pedacinho, era via que não

permitia volta; depois do primeiro pedacinho, vinha o segundo, o terceiro e mais um sem fim de outros.

Hoje a situação era diferente e ela saberia lidar com qualquer disparate. Achava que sabia. Não se deixaria levar por lembranças de um passado ruim e que, apesar de distante, ainda revirava suas angústias e ameaçava puxá-la para trás. Bastava ter em mente seu progresso, seu sucesso nas capas de revista e os inúmeros convites para desfiles. Os dois quilos adquiridos após o despertar de Rebeca não eram nada de tão relevante e ela os perderia com facilidade.



A tarde já começava a cair quando o carro de Daniel estacionou no jardim, em frente à fachada da casa. Rebeca, que estava no banco de trás, foi a última a deixar o veículo. Ela fez questão de respirar fundo antes que seus pés tocassem a alameda que circundava o jardim da frente.

Não teve lembranças. Ela, que tanto acreditou que ao chegar ali fosse ouvir o grito de suas recordações, foi tomada pelo silêncio das vozes que a abandonaram no meio daquela história e incapacitaram sua premissa. Um sentido poderia ter vindo em auxílio do outro... No tremular do silêncio ela quis que se fizessem as imagens do passado, quis sentir os aromas de tempos remotos e dos sonhos guardados no fundo da gaveta. Mas nada se fez.

Não havia nada pudesse ser mais frio do que aquela beleza triste; nada que pudesse ser mais vazio do que aquela presença ausente; nada que pudesse ser mais estranho do que aquele todo de realidade conhecida que ela acreditava desconhecer. Era um passado novo, um futuro velho, acontecendo outra vez, em outro tempo, em um mesmo lugar. Rebeca sentia-se como uma bailarina de caixinha de música tão logo a tampa é aberta; uma bailarina que bailava um mesmo acorde de um novo eco, e que levantava-se na propulsão de uma mola, para acontecer novamente em um tempo difuso do seu e cujos contornos, ainda indefinidos, sequer projetavam sombras. Contudo, seu passado estava ali e ela chegava para resgatá-lo.

— Confiante, Beca?

Mundo, que tentou aparentar tranquilidade durante toda a viagem, sorria para ela.

— Não sei dizer... Acho que estou confiante e temerosa ao mesmo tempo. Confiante pela possibilidade de me lembrar do que aconteceu, e temerosa por não saber ao certo o que vou descobrir.

Frente às tantas possibilidades, o maior medo de Rebeca era ter a certeza de que um de seus amigos era culpado por seu estado nos últimos doze anos. Apesar do combinado de que ninguém lhe daria pistas, ela havia percebido que, de alguma forma, algo de difuso estabelecera-se entre os membros do grupo. Os olhares e as reações eram de acusação na maior parte das vezes. Era como se cada um deles tivesse seu "culpado favorito", enquanto ela não culpava ninguém.

Repentinamente a porta da frente da casa se abriu e uma senhora surgiu no vão estabelecido. Por trás dela, uma moça aparentemente abatida. Luciana.



Capítulo 18

—Ela chegou cedo, antes do horário de almoço ainda - a tal senhora, que Rebeca soube mais tarde chamar-se Genoveva, explicou ao perceber que todos estranhavam a presença de Luciana.

— Oi - Luciana disse sem jeito, acenando e sem saber se sorria ou se mantinha a face desanimada de sempre.

Foi Rebeca quem reagiu e partiu ao encontro da amiga de infância, dando-lhe um abraço apertado. A saudade que sentia era de muito tempo. Luciana retribuiu ao abraço, sentindo-se acolhida e forte pela primeira vez em muitos anos.

— Não sabia que você viria, mas fico feliz por ver que está aqui - Rebeca disse ao ouvido de Luciana, ainda enquanto a abraçava.

Luciana também não sabia que iria.

Após a noite de Natal, havia remoído tudo o que vinha lhe acontecendo depois de seu casamento com Nilo. No revival alegórico de suas feridas, viu brotar novas vontades. Aquilo não era vida! Viver para atender ao marido como se fosse uma empregada e apanhar cada vez que ele cismasse que ela não havia feito algo corretamente, nunca fez parte de seus planos. Ela se casara por amor ou por acreditar que amava aquele homem que conhecera ao acaso, passando por cima de todos os sentimentos que nutria por Lionel até então.

Lembrava-se perfeitamente de seu primeiro contato com Nilo, alguns meses após a hospitalização de Rebeca. Ela já havia visto-o pelas redondezas, mas foi naquela ocasião em que ele se aproximou.

Ela seguia para o ponto de ônibus.

— Posso ajudar a moça? Uma moça bonita como você não deveria carregar tanto peso.

Ele era um pouco mais velho, ela notara; mas era um sujeito gentil, bastante preocupado ao perceber que ela levava tantos livros pesados nos braços.

Luciana, que não sabia como agir quando cortejada, ficou sem jeito, mas sorriu para o rapaz que lhe sorriu de volta. Um sorriso bonito, encantador até.

Ele a ajudou com os livros até o ponto do ônibus enquanto conversavam trivialidades. Disse que era policial em início de carreira. Trocaram telefones. Depois veio o primeiro encontro formal. O segundo, o terceiro. Ela gradativamente afastou-se dos amigos, pois um namorado exigia tempo e aquele especificamente, exigia-lhe atenção. Toda a atenção que pudesse receber. Anos depois, casaram-se em cerimônia religiosa simples e o inferno começou.

— Eu também não sabia se conseguiria vir, mas, como vocês podem ver, estou aqui - e sorriu de novo, quase aliviada por sentir-se perto de pessoas que compunham seu passado mais feliz.

O desconcerto de Luciana não passou despercebido a Daniel. Havia algo de forçado na fala da amiga, ele percebeu; era como se ela precisasse demonstrar naturalidade da qual não dispunha. Não naquele momento.

Seu último contato com ela foi quando Luciana o procurou pedindo indicação de contraceptivo. Como médico, ele estava habituado às situações mais adversas e sua ética não lhe permitia julgar as vontades de um casal em relação a ter ou não ter filhos. A realidade era complicada; a vida, difícil e cada um deve saber o que escolhe para si. Com a intenção única de ajudar, ele lembrava-se de ter consultado a ginecologista da clínica na ocasião em busca de uma solução para a questão trazida por Luciana. O medicamento fora receitado e Luciana nunca mais o procurou. Mas ela estava tensa naquela ocasião e para Daniel foi como se Luciana omitisse algo, como se não lhe contasse o que realmente acontecia ou quais eram seus reais motivos para não almejar filhos. Não se importou. Talvez até tivesse se importado, ele não sabia exatamente, mas esmiuçar a situação seria em demasiado trabalhoso e ele já tinha Rebeca para cuidar. Daniel apenas deixou passar. Fernanda sempre cuidara de saber da vida de todos e se houvesse algo de estranho ou de errado com Luciana ela teria descoberto e

espalhado aos quatro cantos. Se Fernanda nunca comentara nada, era sinal de que tudo estava bem.

Após os cumprimentos, entraram todos na casa.

Rebeca estava encantada com a magnitude do lugar que ela julgava não conhecer.

— Isso aqui é lindo!

— Você também achou lindo da outra vez, Rebeca. Eu me lembro bem...

Foi Luciana quem disse, recebendo de imediato o olhar de reprovação de Dan. Mundo, ao notar que a situação não era das melhores, ficou sem graça. O combinado era não dizer nada que provocasse lembranças e deixar que estas surgissem naturalmente. Mundo entendia, mas entendia também que Luciana provavelmente por causa de seu afastamento, não estivesse a par daquela "regra". Daniel não gostou nada do que ouviu.

— Não devemos fazer qualquer menção em relação ao que aconteceu ou a como Rebeca se portou na ocasião, Luciana. Todas as lembranças devem partir dela espontaneamente, sem estímulos.

Foi grosseiro. Suas palavras soaram estúpidas, o que deixou Mundo ainda mais sem graça. Se havia coisa com a qual Mundo nunca soube lidar era a ignorância, a grosseria, provavelmente por ter sido vítima deste tipo de ação durante sua vida inteira.

— Me de-de-desculpe...

Os ouvidos sensíveis de Mundo captaram o estrago que a resposta dada por Daniel causara em Luciana. Após a fala da moça foi notório que aquilo a afetara e ele ficou sem saber como agir, exatamente da mesma forma em que ficara por diversas vezes em seu passado, quando era destrutado ou humilhado por outras pessoas. Sensações antigas subiram por seu estômago, estacionando em sua garganta e travando todas as suas reações. Seria possível que aquela casa tivesse capacidade de mexer tanto assim com seu ânimo, revirando seu passado e jogando-o na sua cara? Ele também fora humilhado ali e não foi uma vez só.

— Será que o anfitrião não deveria estar na porta, esperando por seus convidados?

A voz ecoou atrás deles.

Era Jamile, com uma bolsa grande a tiracolo e uma mala de rodinhas pela mão. A moça sorria descontraidamente parada à porta de entrada. Depois, largou a mala e juntou-se aos demais, cumprimentando-os.

— Acabamos de chegar também - Rebeca disse e depois consertou-se:
— Eu, Dan e Mundo, pois a Luciana chegou cedo.

— Ah!... - Jamile pareceu decepcionada. — Eu vim sozinha, Luciana. Dirigi esse estirão todo sem companhia. Se tivesse me avisado, poderia ter vindo comigo.

Luciana, que não via Jamile havia bons anos, surpreendeu-se não somente com a aparência da moça, mas também com sua desenvoltura. Ela sabia que Jamile estava bem mais magra e a vira em alguns trabalhos para revistas, mas fotos eram apenas fotos e vê-la pessoalmente era completamente diferente. Quanta força havia em Jamile! Quantas conquistas! Quanta segurança! Sentiu-se ainda mais fraca, insignificante. Sua realidade era completamente destoante mesmo, fato que a fez questionar-se sobre o que fazia ali. A resposta mental veio automaticamente: *Você está fugindo de Nilo, sua idiota!*

Naquela manhã, Luciana havia acordado decidida. Na verdade, ela já dormiu sabendo o que faria após o telefonema dado para Fernanda, onde a amiga informou-lhe sobre os planos do grupo. Independentemente das consequências, ela sabia que não mais cabia na vida que levava.

Os ônibus para Petrópolis tinham saídas frequentes da rodoviária e, apesar do marido não lhe dar qualquer autonomia financeira, sem que ele soubesse, ela tinha ainda aquele dinheiro que ganhara da mãe em seu último aniversário. Era pra comprar um presente e ela até queria comprar alguns livros e ter roupas novas, mas a compra envolvia sua saída de casa. Como não tinha autorização para sair, o montante acabou esquecido no fundo da gaveta de calcinhas. Foi este dinheiro que pagou o táxi até a rodoviária e sua passagem para Petrópolis.

Saiu de casa assim que clareou, enquanto Nilo roncava como um porco, ocupando quase toda a cama. O intervalo entre o Natal e o Ano Novo era regado a bebedeiras com o pessoal da delegacia após as inúmeras incursões que faziam em busca de achacar alguém e tirar-lhe dinheiro ou após as contribuições daqueles a quem policiais como Nilo, acobertava, portanto chegar embriagado naqueles dias era de praxe. Ele não notou quando ela se levantou e não ouviu quando, decidida, fechou a porta atrás

de si, trancando um passado para o qual não tinha a menor intenção de retroceder.

Nos ouvidos, os fones do antigo MP3 que guardava dos tempos de adolescente, refletiram seus desejos durante toda a viagem e sob forma de uma única canção:

*Eu quero uma lua plena
Eu quero sentir a noite
Eu quero olhar as luzes
Que teus olhos não me têm deixado ver
Agora eu vou viver^[15]*

Ela estava disposta a viver de novo.

— Nem pensei nisto, não me lembrei que poderia tentar conseguir carona com alguém. Como me decidi em cima da hora, apenas segui para a rodoviária e tomei um ônibus - e Luciana sorriu de leve, tentando recobrar o controle em relação aos seus sentimentos. — Ao chegar descobri que não foi tão *em cima da hora* assim, já que vocês chegariam bem mais tarde.

Na resposta da amiga Jamile constatou mais uma vez a imensidão que emana do verbo não dito. Se não é falado, não é ouvido e talvez nunca seja notado. Falar é necessidade. Mesmo sem conhecer as dores de Luciana, a modelo imaginou que as dores talvez doessem menos se fossem compartilhadas com alguém. Jamile guardou as suas durante a vida inteira.

Rebeca esquadrinhou ao redor mais uma vez, tentando identificar alguma familiaridade na casa onde passara alguns dias. Nada. Nenhuma pista, nenhuma possibilidade de lembrança imediata, o que lhe soava bastante esquisito. Era de se esperar que por ser um lugar tão diferenciado, tão imponente, a casa lhe trouxesse algum resquício de memórias. Talvez tudo tivesse se apagado sem quaisquer chances de volta.

Dona Genoveva voltou à sala trazendo café para os recém chegados. A conversa seguiu serena, apenas trivialidades. Ninguém ousou mencionar a possibilidade de traçarem planos para os próximos dias. Daniel até pensou em sugerir uma volta pela cidade, mas absteve-se do comentário. *Foi exatamente isso que gerou discórdia da outra vez... Eu decidi todos os passeios que faríamos e Rebeca se revoltou, sugerindo que cada um de nós*

seguisse seu rumo naquela noite. Se não fosse minha mania de controlar tudo, talvez nada do que aconteceu tivesse se efetivado... -, pensou.

Para Mundo o pior ainda estava por vir: Fernanda. Depois de Dona Amélia, a mãe de Rebeca, era Fernanda quem mais o desprezava. Dentro de pouco tempo ela estaria na casa e ele teria que lidar mais uma vez com todo o desprezo que lhe era direcionado. O tempo havia passado, as pessoas estavam diferentes, mas Fernanda mantinha a mesma mentalidade preconceituosa de sempre. Pessoas como ela não mudavam com facilidade. E seus receios confirmaram-se mais tarde, quando os outros chegaram.

Os dois carros surgiram simultaneamente no terreno, circundaram o jardim principal e pararam na alameda de acesso a casa. O movimento e os sons levaram todos para a varanda. Afonso e Ana Paula desceram do primeiro veículo. Depois, Fernanda desceu do seu carro.

Lionel não encontrou forças para levantar-se de imediato do banco do carro. A visão de Luciana na varanda, parada ao lado de Mundo, pareceu lhe tirar o chão. Ele não havia se preparado para vê-la, imaginou que a amiga não estivesse presente, ao menos fora exatamente isto que Fernanda sugeriu. Respirou fundo. Não via Luciana desde a noite do acontecido. Nas poucas vezes em que visitou Rebeca no hospital, ela não estava lá. Depois, cada um seguiu seu rumo e ele, assim como os outros, não foi ao casamento dela. *Ainda bem!*-, era o que pensava todas as vezes que se lembrava. Seria doloroso ver seu amor entregue a outro.

Quando Lionel surgiu à porta do veículo, foi a vez de Luciana emocionar-se. Emoção boa, daquelas que, fazia anos, ela não experimentava.

Todos se cumprimentaram, abraçaram-se e a algazarra foi grande. Por um breve momento pareceu que o motivo que os levava até Petrópolis fora esquecido, posto de lado. O grupo era só confraternização e o fato de Fernanda mal falar com Mundo - os olhares que ela dirigia ao rapaz eram de desconfiança velada - foi pequeno perto da alegria que Afonso e Lionel demonstraram ao vê-lo.

Jamile também não deu muita atenção para Mundo. Ela e ele foram encontrados junto ao corpo de Rebeca. Apesar de Fernanda, que chegara em seguida, defendê-la com unhas e dentes, Mundo insistiu em afirmar que foi Jamile quem chegara ao local primeiro. O grupo nunca soube qual dos dois realmente fora o primeiro a chegar; nenhum dos dois assumiu para si tal

responsabilidade. Mas Fernanda, que tinha suas cismas em relação à Mundo, jurava de pé junto que tinha sido ele. Como angariar certezas frente à situação tão desconexa? Independentemente da confusão, manteria suas convicções até o final.

E Rebeca, Jamile já havia notado, estava mesmo muito bonita. Na adolescência, a amiga magra nunca precisou de maquiagem ou penteados mirabolantes para despertar atenção nas pessoas; tudo se dava naturalmente. Já Jamile, sempre chamou atenção pelo excesso de peso e se resolvesse usar algum penteado, ficava parecendo um bolo de casamento, *grande e fofo*. Agora, contudo, ela definitivamente precisava de um doce.

Em meio ao falatório, Luciana tinha uma única certeza: não podia deixar que a felicidade se instalasse. Tudo era provisório e ela torcia para que o marido não a encontrasse. Pedia a Deus para que Nilo não associasse seu desaparecimento aos amigos, para que ele não se lembrasse das poucas vezes em que ela lhe contara sobre a história de Petrópolis. Sem expectativas... O Deus para o qual ela fazia a súplica era o mesmo que trouxera o homem violento para sua vida e Luciana não sabia se era válido acreditar.

Já Ana Paula não conseguia desgrudar seus olhos de Afonso. Porque diabos ele insistia em manter-se perto de Rebeca? O ciúme era o mesmo de anos atrás, porém suas dúvidas divergiam. Seria a necessidade de defender-se que o levava a cercar a moça ou seriam somente os sentimentos antigos que se aprumavam e ganhavam solidez? De uma coisa ela estava certa: seu objetivo era ali era ajudar Rebeca a recuperar a memória; perder o marido estava fora de cogitação. E Mundo? O que ele fazia ali? Ela não conseguia acreditar que ele tivera a cara de pau de aceitar o convite.

Todos foram alojados em seus quartos por Genoveva conforme Daniel a havia instruído na véspera, por telefone, mantendo as mesmas acomodações de anos antes. Era preciso deixar a realidade atual o mais próxima possível da antiga e depois descobrir o que aconteceria.

Ana Paula não gostou nem um pouco daquilo. Enquanto o marido parecia não se importar com a questão, ela se incomodava. Havia se casado com Afonso e era justo que ambos dividissem um quarto. A moça já ia abrir a boca em protesto quando levou um cutucão de Jamile.

— Fique quieta! São os mesmo quartos que ocupamos no passado, não percebeu?

Jamile. Mais uma vez era Jamile quem a continha. Sempre foi assim...

— *Afonso não desgruda dela... - Ana Paula comentou naquela tarde em Petrópolis, sem ter noção do que a noite reservava para o grupo.*

— *Isso é coisa de sua cabeça, Ana Paula. Eu não vejo diferença alguma na forma como Afonso trata Rebeca - Jamile respondeu discretamente.*

— *Lógico que não! Às vezes você não vê nem mesmo seu reflexo em um espelho... Parece que não percebe sua própria condição...*

Algumas pessoas eram assim: quando perdiam ou não tinham argumentos, partiam para ofensas. Ana Paula referia-se ao excesso de peso de Jamile, aquilo estava evidente.

— *Pois vou lhe dizer uma coisinha: Não há nada entre eles, mas se você continuar agindo desta forma, vai acabar despertando essa possibilidade e aguçando a curiosidade de Afonso. Mantenha a calma, encare tudo com maior tranquilidade e pare de me chamar de gorda, mesmo que indiretamente.*

De certa forma Jamile tinha razão e Ana Paula viu que manter a diplomacia poderia lhe favorecer.

Ela percebera perfeitamente, assim como percebera também que Dan mantinha-se atento aos detalhes mais banais. Banais em sua perspectiva, principalmente por afastá-la de Afonso. Mas se Rebeca pensava que aquilo os aproximaria, ela estava enganada. Assim como anos antes, Ana Paula não permitiria que ela se aproximasse de Afonso, mesmo que para tal tivesse que tomar decisões extremas mais uma vez.



Capítulo 19

Passava das quatro da tarde quando Nilo despertou. Aquela era a melhor época do ano, sem dúvidas! O trabalho lhe exigia muito, mas a propina rolava solta e a cada incursão, ele buscava algum jeito de garantir o seu, mesmo que para isso fosse necessário fingir não ver algumas situações. E garantia, as somas arrecadadas de maneira ilícita eram sempre altas, compensando o salário de merda que julgava receber da corporação. Nunca foi muito honesto mesmo, seus desvios de verba vinham deste os tempos em que trabalhou como segurança, e não seria sua colocação profissional que lhe acarretaria tal dom. Havia policiais e *policiais*, e Nilo fazia parte do segundo grupo: os corruptos, orgulhando-se de sempre tirar proveito deste fato.

Com a arrecadação oriunda de extorsão, a grande maioria feita nas blitz rodoviárias para as quais era designado ou incursões surpresa a pontos de vendas não registrados, ou enviada por traficantes dos locais da área pela qual ele e seu grupo respondiam, Nilo enchia a cara. Bebia até que as pernas tivessem força suficiente somente para levá-lo para casa. Na noite anterior fora assim.

Onde estava a mulher? Andou por toda a casa e não achou Luciana.

— Aquela vadia... Puta safada! Deve estar de fofoca na casa de algum vizinho ou então batendo pernas pelo bairro. Provavelmente é o que ela faz enquanto trabalho como um condenado para lhe dar conforto que ela não deveria ter...

Nilo achava que dava muito à mulher e por não ser merecedora de tanto, por não mostrar-se digna, ela apanhava. Bater em Luciana lhe fazia bem. Bater sempre lhe fez muito bem! Ela sempre lha dava motivos... Quando não dava, ele criava só para satisfazer sua necessidade sádica.

A primeira namorada de Nilo apanhou; a segunda também. As muitas garotas com as quais ele havia ficado, sentiram o peso de suas mãos e sem querer, saborearam o amargo de suas palavras. E quando sua irmã mais

velha demonstrou que queria abraçar a vida, apanhou também, pra deixar de ser besta. Afastaram-se depois disso e ele nunca mais procurou saber dela, apesar de ter a certeza de que lhe bateria novamente se houvesse oportunidade. Quem não lhe acrescentava, não lhe fazia falta. Bater era prazeroso, era bom. Sua doença sempre fora mantida encoberta sob as palavras adocicadas que ele usava para a conquista de moças que caíam como moscas no mel. No fel.

Com Luciana não foi diferente, ele apenas precisou se conter um pouco para garantir o casamento, fato necessário sob seu ponto de vista. Se batesse nela antes, poria tudo por terra. Mas a porrada prometida não passou da primeira semana - quem mandou ela se engraçar para o cara na barraca de cachorro quente? - e quando ele bateu, o fez com gosto. Ultimamente só usava de força em suas incursões policiais e estava há tempos sem dar uns tapas em uma mulher que fosse sua...

Nilo decidiu que ficaria no sofá, sentando em frente à porta da sala e assim que a esposa entrasse levaria uma sova. Sova das boas, para aprender a respeitar o marido que lhe provia o sustento.



Após o jantar, que transcorreu sem problemas, todos reuniram-se na varanda. Rebeca foi quem iniciou a conversa.

— Sei que não há intenção de me revelarem detalhes sobre o que aconteceu, mas alguém poderia me dizer onde foi? Em qual parte da casa?

Todos entreolharam-se.

Talvez aquele fosse o detalhe principal, o ponta pé que faltava para acordar alguma lembrança. Se o fato de estar na casa até o momento não havia lhe trazido recordações, ir até o local do acontecido poderia revirar as coisas e dar à Rebeca algum indício.

— No jardim - foi a resposta dada por Daniel, pois ninguém ousou falar.
— Jamile e Mundo a encontraram.

— Epa! Alto lá! Ninguém sabe ao certo qual de nós dois chegou primeiro - Jamile protestou, convicta de que precisava defender-se.

Fernanda lhe deu respaldo:

— Sim... Acho que foi Mundo quem chegou primeiro. Certamente foi ele...

— Você chegou depois, Fernanda. Não pode afirmar isso.

Aquela foi a primeira vez em que a voz de Mundo encontrou forças para interceder em seu favor. Por diversas vezes, quando acusado de algo ou quando era seu nome o primeiro a figurar em supostas listas de culpados, fosse pelo lápis que desaparecia em sala de aula ou pelo muro da vizinha que aparecia pixado, ele se calara. Depois de adulto, as situações semelhantes espaçaram-se; ela evitava pessoas que pudessem ofendê-lo vivendo somente para seu trabalho, sua mãe e sua casa. Ali não. Estar com os amigos trazia de volta um passado difícil e ele não podia permitir que este passado o condenasse mais uma vez. Estava farto de injustiças.

Antes que a discussão se agravasse, Lionel tomou a frente e explicou:

— Nós a encontramos desacordada no jardim, Rebeca. E chegamos até você quase simultaneamente. Você estava desacordada e meu violão estava quebrado ao seu lado.

Ele jurava que Daniel protestaria, mas o amigo não disse nada. Foi Rebeca quem se pronunciou.

— Não me lembro de nada e não vejo motivos para que ainda não tivessem me contado isso...

Ana Paula pensava o mesmo. Se alguém tivesse tido a coragem de falar aquilo para Rebeca, eles não precisariam estar ali e ela desfrutaria de suas férias em algum outro lugar, na companhia do marido. Só dele.

Não havia qualquer consternação na voz de Rebeca. O fato de saber que o violão de Lionel estava ao lado de seu corpo, não lhe provava nada, não alterava sua situação. Em sua perspectiva, a amizade deveria sempre sobrepor-se às suspeitas. E ela, apesar de reconhecer as inúmeras diferenças que se estabeleceram naquele intervalo de tempo e lamentar por elas, mantinha a real intenção de acreditar em seus amigos.

— E acho que se estamos aqui para ajudar Rebeca, não custa nada falar - Luciana tomou coragem e intercedeu. —Naquele dia você estava estranha, Rebeca. Fomos ao baile do clube um ou dois dias antes, não me lembro direito, e desde esse baile você se comportou de maneira diferente. Mais calada, fechada, voltada apenas para si. Em alguns momentos parecia que queria dispensar nossa companhia para ficar sozinha... Chegou a ser grosseira. Era como se você nos escondesse algo.

Pronto! Estava dito! Se em casa ela não podia abrir a boca, ali, entre amigos, sentia-se confortável e confiante para expressar seus pensamentos, coisa que não fazia há tempos.

— Então eu fui encontrada no jardim e antes disso eu estava esquisita? - Rebeca recapitulou. — Realmente, não me lembro de nada...

— Lembrará quando chegar a hora, Rebeca - Afonso tentou amainar a tensão da amiga. — E caso não se lembre, minha querida, tocará sua vida para frente mesmo assim, valorizando seu futuro cada vez mais.

As palavras de Afonso eram como uma britadeira para os tímpanos de Ana Paula. *Minha querida?...*

Dona Genoveva surgiu à porta, trazendo uma travessa repleta de pedaços de bolo de cenoura com cobertura de chocolate. Jamile foi a primeira a estender a mão para servir-se. Tudo aquilo mexia exponencialmente com seu ânimo. A casa a atordoava, a situação a atordoava; o passado estava mais que remexido.

Jamile sabia que não podia frustrar os amigos, principalmente as meninas. Elas lhe davam força para manter a dieta e não seria uma viagem banal que estragaria seus planos. Já havia perdido dois quilos e almejava perder mais até o final das férias, pois queria que as pessoas percebessem a diferença assim que o ano letivo começasse. Jamile não queria mais ser a jamanta.

Sentia-se lutando contra um demônio maldito, que lhe acenava com quilos extras a cada refeição, a cada passeio que faziam. As tentações eram muitas, eram exageradas, eram doces e salgadas. O cuidado tomado pelos pais de Dan para que nada faltasse ao grupo era tudo com o que Jamile não esperou deparar-se: almoços fartos, lanches mirabolantes, jantares extraordinários. E as sobremesas? Uma melhor que a outra... Na noite do acontecido, fora pudim de doce de leite. Um suculento e generoso pudim de doce de leite injustamente dispensado por todos eles, que haviam comido em excesso e não aguentavam a guloseima. O pudim foi parar na geladeira, inteirinho...

Quando ela pegou o segundo pedaço de bolo de cenoura, veio a piadinha infame:

— É! Parece que a *jamanta* também veio para nosso encontro e quer voltar ao corpo que um dia foi seu...

Lionel. Sempre Lionel, o *maluco beleza* que nunca ligou para regras e nunca se preocupou em mensurar as próprias palavras; o desajuizado que sempre buscava ganhar a atenção dos outros através de situações que não tinham a menor graça.

Fernanda tentou sem êxito disfarçar o riso que se apossou de sua face. Ela nunca foi gorda, não sabia o sofrimento que Jamile carregava.

— Imagina... Jamile está ótima, Lionel. Não vai ser um pedaço de bolo que vai alterar esta realidade - Luciana, que percebera o incômodo da amiga, intercedeu em seu favor. Inclusive, interceder em favor dos outros estava se tornando hábito após sua chegada a casa. — Se a vida pode ser um pouco mais doce, por que não?

— É verdade. Há ocasiões em que, se quisermos viver de fato, precisamos deixar algumas questões incômodas de lado - Mundo complementou.

Ele se referiu à sua estadia ali, só não entendeu quem não quis. Se fosse considerar todos os agravantes, Mundo teria recusado o convite, pois sabia que entrava em uma floresta escura e mal povoada, onde lobos sob pele de cordeiro não iriam se privar de arrancar pedaços de sua carne, para degustá-la com ânsia desconhecida. Fazer o inesperado para safar-se de coisas ainda mais inesperadas, era estratégia de muitos e ele conhecia bem aquele tipo de atitude.

A frase dita pelo rapaz despertou a atenção de Ana Paula, que o considerou abusado. Era ele o diferente ali! Como principal suspeito e *persona non grata*, Mundo deveria abster-se o máximo possível de dar opiniões. Fernanda ficou séria e Ana Paula constatou que seu pensamento era semelhante ao dela.

Jamile apenas sorriu para Luciana. Ver suas fraquezas postas às claras e em sua cara, era algo com o qual ela já não sabia mais lidar. Sua realidade era de elogios e enaltecimento, as pessoas com as quais se relacionava desconheciam a *jamanta*. E havia ainda os quilos adquiridos recentemente... Pediu licença e foi ao banheiro. Ainda dava tempo de devolver o jantar e o bolo de cenoura.

A conversa prosseguiu na varanda, porém a tensão estabelecida não seria dissolvida com facilidade.

Eles estavam de volta a casa onde algo havia acontecido e tirado Rebeca de cena por doze anos. Naquela noite, todos sem exceção, deveriam ter saído da casa. Foi o que combinaram após inúmeras queixas de que Dan decidia sobre seus passeios e controlava a liberdade do grupo. Ninguém saiu. Em paralelo, ninguém assumiu que ficaria na casa o que fez com que cada um deles ali acreditasse estar sozinho. A amplitude da propriedade favorecia tal percepção, havia tanto espaço que perder-se ali era possível. Somente quando Rebeca foi encontrada, por Jamile e Mundo inicialmente, e pelos demais que chegaram até a cena segundos depois, levados pelo grito que ouviram, eles constataram que estavam todos na casa. Uma casa, nove jovens; um acidente - atentado? -, oito possíveis culpados.

Quando chegou ao jardim, Fernanda deparou-se com Jamile e Mundo observando Rebeca que estava deitada no chão. Logo depois chegaram Luciana e Lionel por um lado, e Afonso e Ana Paula por outro. Daniel foi último a aparecer. Mas eles não deveriam estar todos fora de casa? Não fora isso o que combinaram? E o que havia acontecido à Rebeca?

— Ninguém toca nela! - Dan gritou, fazendo jus ao curso de medicina que havia iniciado.

— O que aconteceu?

A pergunta que Fernanda fez foi direcionada à Mundo. Ela olhava fundo nos olhos do rapaz sem importar-se com o fato de ao chegar ter visto que Jamile também estava ali.

— Não sei... Ela já estava assim quando chegamos.

— Não... Chegamos, não! Foi você quem chegou aqui primeiro - Jamile retrucou em sua defesa, excessivamente nervosa.

— Não, Jamile. Eu esbarrei em você lá em cima, no andar dos quartos e sei que não saiu da casa. Depois disso, foram apenas alguns minutos até que chegássemos aqui por acaso e ao mesmo tempo. Houve um grito...

— Sim, houve! - Jamile confirmou.

— Nós ouvimos e por isso viemos - Luciana interrompeu Mundo.

— Nós também - Afonso afirmou, buscando compreensão no olhar de Ana Paula, não sem antes considerar a maneira estranha como ela se aproximara dele pouco antes, na sala de vídeo. Ana Paula havia entrado pela porta que dava acesso àquela área do jardim. Coincidência?

Enquanto todos discutiam e Rebeca agonizava, Luciana observava os pedaços do violão de Lionel e comparou a fala de Mundo ao que ela havia encontrado. Se Mundo dissera que Jamile parecia nervosa, ela também notara nervosismo em Lionel quando o viu próximo à biblioteca. Teria ele alguma culpa? Seria burro a ponto de deixar vestígio tão seu no local do acontecido?

— E onde vocês estavam?

Foi Daniel quem questionou, tentando entender o que acontecera.

— Na casa - a resposta ecoou inteira, de todos.

Os oito entreolharam-se. Lionel devolveu a pergunta para Daniel, apesar de temeroso em relação ao que Luciana poderia ter feito. A amiga parecia tão perdida minutos antes, como se escondesse algo.

— E você, onde estava?

— Na cozinha. Também não sai da casa.

Nove pessoas na casa e uma delas gravemente ferida. Oito suspeitos, todos disseram que sairiam e naquele momento estavam aparentemente sem álibis que justificassem permanência na casa. Um não sabia o que o outro fizera. Certamente um deles atentara contra Rebeca. Quem? Por quê? A confiança estava quebrada. O grupo nunca mais seria o mesmo.

Mais tarde, quando recolheram-se, todos sabiam que os dias que teriam pela frente seriam pesados. Lidar com a desconfiança era algo complexo e cada qual ali tinha seu suspeito, ao mesmo tempo em que precisava provar-se inocente na certeza de que era o suspeito de alguém. As histórias contadas nunca fizeram sentido, nunca foram capazes de silenciar as perguntas... Todos sairiam da casa, mas todos ficaram nela e, apesar de alguns eles terem se esbarrado lá dentro, suas defesas eram frágeis. Afonso trocou a possibilidade de sair por um filme na televisão, que levou à conversa desconcertante com Ana Paula, que nunca disse por que optara por não sair, depois de ter mencionado que iria à sorveteria. Luciana optara por dormir e Lionel pela biblioteca que ficava no mesmo andar dos quartos, e quando se viram lá em cima, ambos estavam estranhos, tensos. Mundo trafegou pela casa, deslumbrado com a riqueza do lugar, e encontrou Jamile nervosa no andar dos quartos; minutos antes, Luciana vira Jamile na cozinha e amiga a tratara friamente. Jamile, acreditando estar sozinha na casa surpreendeu-se duas vezes: primeiro quando Luciana entrou na

cozinha e depois, a segunda vez, quando esbarrou com Mundo fuçando um dos andares de cima. Depois, ouviu Daniel afirmar que estivera na cozinha, mas ela não o vira lá. Fernanda, que discutira com Rebeca, acreditava ter ouvido Daniel afirmar que iria dormir, mas ela havia passado pelo quarto dele e a porta aberta, revelava a cama vazia. E na perspectiva de Daniel, se todos saíram, o que Fernanda fazia pelos corredores da casa altas horas, quando ele levantou-se para ir ao banheiro?

O tempo passou, os relacionamentos haviam se alterado, assim como os interesses de cada um deles também; o afastamento foi algo inevitável e somente um fator os aproximava agora: Rebeca.



— Você há de convir que não há como não me preocupar... Todos ali têm suas vidas estabilizadas, mas minha filha... Minha filha parece ter estacionado em um tempo que já não existe mais. Ela não tem maldade... Se tivesse seria mais cuidadosa e não optaria por viajar sabendo que um deles foi quem a feriu.

Nada do que Hilda dissesse convencia Amélia. Fazia quase meia hora que a mãe de Rebeca reclamava sem parar, o que para a enfermeira era completamente sem razão. A mulher já havia vivenciado tantas situações ruins, fosse em sua vida pessoal ou na profissional, que em sua perspectiva Amélia deveria estar grata. A maturidade adquirida por Hilda bem como o sossego conquistado, lhe permitiam visão mais leve da vida e ela acreditava piamente que momentos ruins deveriam sempre ser deixados para trás, para que pudessem ceder espaço para novos acontecimentos.

Ela abandonara seu passado ruim quando optou por não mais passar por humilhações e constrangimentos na casa deixada pelo pai após sua morte e que também era sua. Quando as lágrimas derramadas no escuro do quarto, deixaram de amenizar suas dores, e quando a realidade cotidiana mostrou-se cruel aos seus olhos, Hilda mudou-se de cidade. Largou a madrasta e o meio-irmão, que eram somente o que ela tinha de família, em troca de paz, que garantiu através de sua dedicação árdua ao trabalho. Apesar de temer pelo que poderia acontecer à velha senhora na ocasião e de sentir saudades

dela, não se arrependia. Nunca se deixou voltar atrás. Há situações que não permitem arrependimentos e na maioria das vezes, estas situações remetem à sobrevivência ou garantia de sanidade. Hilda sabia que precisava manter-se sã e sobreviver e assim o fez, dedicando-se mais do que nunca àquilo que alimentava sua alma: seu trabalho e às pessoas que dependiam dele.

O sonho estava fragmentado; as imagens formavam-se a partir de flashes e não havia muita correlação entre elas. Em um momento eu estava fora da casa, em lugar desconhecido e com pouca luz; em outro, já estava do lado de dentro, em ambiente silencioso. Mas havia mais alguém. Passos podiam ser ouvidos.

Depois, o jardim, onde a umidade do ar parecia favorecer minha tensão. A chuva deixara poças no chão. Estava frio, provavelmente resultado da noite que ia alta. A casa, enorme e vazia, não servia como companheira naquelas horas. Talvez, se eu andasse um pouco mais, poderia entender o que havia acontecido. A verdade estava lá, em algum canto daquele jardim. E eu a procurava, fuçava tudo.

Mais um flash. Voz. Uma voz desconhecida e uma silhueta que eu não conseguia identificar. Primeiro de longe, depois mais perto. A pessoa se aproximava vagorosamente e pelos passos não era alguém que tinha intenção de esconder-se; aquela pessoa esperava por mim e, acredito, sabia que eu estaria ali. Na silhueta sem face, surgiu um sorriso e este eu vi com perfeição. Não reconheci, não sabia de quem era. O nervosismo me tomara por completo.

— Eu já estava esperando aqui por um bom tempo... Você demorou...

Um relógio... A pessoa, dona daquela silhueta, me cobrava horário, como se eu tivesse me atrasado para algo, como se algo não estivesse de acordo com o esperado. E então uma mão veio em minha direção.

Outro flash. O violão... O violão de Lionel - era mesmo o de Lionel? - veio em minha direção.

A escuridão aumentou. Os poucos sons tornaram-se ocos e distantes até que derem lugar a um silêncio absoluto.



Capítulo 20

Não foi somente Rebeca quem teve sonhos ruins naquela noite.

Jamile sonhara com quilos extras, o dobro de seu peso e risadas enlouquecidas de Lionel. Luciana sonhou que Nilo a procurava e encontrava. Ana Paula sonhou que perdia o marido para Rebeca. "*Eu sempre amei a Rebeca e nunca me conformei com o fato dela preferir o Dan...*", Afonso dissera no sonho. Afonso sonhou que era parceiro de Denzel Washington e ambos investigavam um assassinato; o assassinato de Rebeca. Daniel sonhou com um monitor cardíaco estático, acusando a morte de um paciente cujo rosto ele não conseguia identificar. Mundo, em seu sonho, via-se algemado, levado por policiais, enquanto Jamile apontava-lhe o dedo, culpando-o. Lionel tivera o pior pesadelo de toda a sua vida: em cima de um palco e enquanto cantava *Dias Vazios*, sua platéia composta apenas pelos oito amigos, lhe jogava ovos e tomates podres. Fernanda, que em seu sonho vestia roupas baratas e fora de moda, viu-se entre Mundo e Jamile, cada um deles chamando-a de mentirosa, e em segundo plano no mesmo sonho, Osvaldo dizia que estava na merda, havia perdido todo seu dinheiro. A casa, definitivamente, não fizera bem a nenhum deles. Voltar ao passado tinha seu preço.

Pela manhã, não houve quem estivesse à vontade, era notório. A mais mal humorada era Fernanda; a mais preocupada, era Luciana; Rebeca mantinha-se tensa, enquanto Jamile despertava com uma fome fora do comum, fome psicológica. Lionel tentava parecer indiferente, mas sua atenção encontrava-se toda voltada para Luciana; Daniel, incomodado com os resultados do suposto "experimento", mantinha-se atento a qualquer reação diferente de Rebeca; Afonso, já havia percebido a insatisfação da esposa e por isso procurava evitar Rebeca, enquanto Mundo... Mundo ficava quietinho em seu canto, para não incomodar a ninguém.

Quase nada foi dito na mesa do café e Jamile, para não despertar a atenção de Lionel, tomou apenas uma xícara de chá. Era melhor assim.

Depois, quando Afonso já seguia para a varanda com intenção de acender um cigarro, Rebeca decidiu falar:

— Quando estivemos aqui da outra vez, o que nós fazíamos?

Entreolharam-se. Rebeca havia tocado exatamente no motivo da discórdia.

— Foram cinco dias, Rebeca. Ficamos aqui por exatos cinco dias. Chegamos em 26 de dezembro, logo pela manhã e... Enfim, tivemos que voltar para casa no dia 30, quando tudo aconteceu. Durante estes dias nós visitamos os pontos turísticos da cidade e na noite do dia 28, fomos ao baile do clube.

Quando Daniel mencionou a palavra "baile", pequenas luzes piscaram na memória de Rebeca. Não eram luzes metafóricas; eram luzes mesmo: ela viu-se em imagens de lembranças em uma pista de dança.

— Beca? - Mundo percebeu que a fisionomia da amiga se alterara. — O que houve?

— Uma cena... Tudo muito embaçado, mas era uma pista de danças, tenho certeza.

— O baile?! - Fernanda deixou escapar, enquanto todos observavam Rebeca, a espera de mais alguma informação.

Jamile correu até a cozinha e voltou com um copo de água para Rebeca. Afonso, sob o olhar seco da esposa, fez com que a amiga se sentasse e Daniel, de imediato, sacou de uma das gavetas próximas um esfigmomanômetro. Qualquer possibilidade de alteração deveria ser verificada e a face pálida de Rebeca poderia ser indício de queda de pressão arterial. Os demais acompanhavam a cena à distância, alguns consternados, enquanto Ana Paula se roía de inveja.

Minutos depois, aparentemente recuperada, Rebeca sugeriu o que ninguém estava preparado para ouvir:

— Vamos voltar a este clube. Pode ser que eles tenham algum registro, fotografias desse baile e elas me ajudariam.

— Puta que pariu... - Jamile falou, sem que os outros entendessem sua reação.

Talvez tudo parecesse uma grande bobagem para as pessoas que estavam de fora ou que vivenciavam indiretamente a situação. Para Rebeca, não. Era o passado dela que estava em jogo e se quisesse seguir em frente, era preciso entender este passado. Ter ficado em estado de coma por doze anos,

saindo dele sem nenhuma sequela, era quase um milagre, se não o fosse de fato; mas não bastava se calar e fingir que nada acontecera. Ela tinha pressa e sua pressa era justa.

— Eu vou com você - Lionel foi o primeiro a oferecer-se.

— Eu também - Mundo prontificou-se a ajudar.

Fernanda, como se acusar fosse regra, não perdeu tempo:

— Claro!... Um sabe que seu violão foi a arma do crime; o outro já nasceu com cara de culpado. É evidente que os dois se ofereceriam...

— Lógico! É conveniente estar por perto para esconder uma possível pista - Ana Paula concordou rapidamente com a amiga.

Rebeca apenas encarou as duas por alguns segundos que pareceram longos. Depois, olhou para a cara de cada um naquela sala. O que havia acontecido que desviara tanto o grupo de amigos? Onde estava a cumplicidade de tempos atrás?

— Tudo isso é desnecessário - ela disse pausadamente, como se Fernanda e Ana Paula não tivessem capacidade para entendê-la — Não sei onde nos perdemos... Talvez eu até saiba, mas certamente estou mais perdida que todos vocês aqui. Cada um tem sua vida estabilizada hoje, eu não tenho, não sei o que aconteceu comigo. Há doze anos estávamos aqui, nesta casa, quando algo me deixou desacordada... Doze anos! O que vocês faziam nestes doze anos? O que viveram? Vocês têm noção do tamanho da lacuna que se estabeleceu dentro de mim? Vocês sabem o que é olhar para trás e não ver nada, não se lembrar de nada? Sabem o que é acordar aos vinte e oito anos acreditando ter ainda dezesseis?

Todos entreolharam-se e era perceptível que a desconfiança transitava entre eles. Luciana, preocupada e ciente de que Rebeca estava certa, pediu a palavra.

— Eu quero falar e Dan, por favor, não me interrompa. Há doze anos nós viemos para cá e durante os dias em que ficamos na cidade tudo foi maravilhoso. Nós nos divertimos muito até que uma picuinha boba nos desviou - ela encarava Rebeca. — Você, Rebeca, queixou-se dos passeios em grupo e de ser Dan quem sempre escolhia o que faríamos. Você sugeriu que naquela noite cada um de nós tomasse seu próprio rumo e foi assim que nos separamos para nos reunirmos ao seu redor, quando você foi encontrada desacordada no jardim. O grande problema é que, apesar de cada um de nós demonstrar ter um interesse fora daqui, nós descobrimos depois que

ninguém saiu desta casa naquela noite; estávamos todos aqui quando alguém atentou contra a sua vida, não sabemos se deliberadamente ou ao acaso. Isto faz de todos nós possíveis suspeitos e possíveis culpados também, porque não? Todos, sem exceção e não é fácil admitir isso, não é fácil imaginar que em algum momento houve tamanha ruptura entre nós - dessa vez, Luciana encarou Fernanda e Ana Paula. — O que mais me intriga nisso tudo, foi a sua vontade de não estar aqui, foi sua insistência em sair sozinha. Era como se você nos evitasse ou quisesse se livrar de nós, como se nos escondesse algo. Até foi grosseira comigo.

Pronto. Mais uma vez Luciana havia falado o que ninguém tivera coragem até então. Não se tratava de culpar Rebeca, mas situá-la dentro da questão que os movia.

— Eu também achei. Te questionei naquela noite... Tentei conversar, mas você foi grosseira comigo também. Você estava muito diferente, Rebeca, e era como se fizesse questão de nos manter afastados. Isso não necessariamente nos exclui da situação ou nos inocenta, mas havia algo acontecendo e sobre o qual nós não tínhamos nenhuma noção ou possibilidade de controle.

Em um sopro de sensatez, aquela foi a primeira vez que Fernanda mostrou-se imparcial, sem culpar ninguém. Algumas verdades tinham o dom de fazer com que as pessoas acordassem. Talvez as palavras ditas por Luciana tivessem despertado a lucidez de Fernanda.

A imagem vislumbrada momentos antes voltou à cabeça de Rebeca. A pista de dança, a euforia, pouca luz, os amigos dançando... Uma silhueta ao longe. Um sorriso. O que quer que tivesse acontecido, provavelmente tivera início no tal clube.



— Quem era? - Hilda perguntou tão logo Dona Amélia chegou à cozinha, referindo-se à pessoa que tocara a campainha e que a mãe de Rebeca havia acabado de atender ao portão.

— Um rapaz, mas eu não o conhecia. Disse que é marido da Luciana, amiga de Rebeca. Estava procurando a esposa... Eu soube do casamento à

época. Eu me lembro de Fernanda ter comentado que Luciana tinha conhecido um rapaz e se casado alguns anos depois do acidente, mas mesmo antes do casamento ela já não visitava mais Rebeca no hospital. Foi se afastando aos poucos. Dizem que é assim, não é? Quando uma doença se estende por muito tempo, as pessoas somem.

— Em alguns casos, sim - Hilda falava manso. — A pessoa doente muitas das vezes pode soar como um fardo para os mais fracos ou para os desinteressados. No começo as visitas são até exageradas, constantes; mas se a situação se estende um pouco além do previsto, cada um segue para um lado. As visitas dão lugar aos telefonemas. Depois, passado algum tempo, nem mesmo o telefone toca mais.

A experiência de Hilda não era apenas técnica, era humana. A vida, antes mesmo da formação profissional, ensinara muito àquela mulher. Com a morte do pai, a situação de Hilda na casa onde morava se transformara em um verdadeiro inferno. O meio-irmão, anos mais novo, quando viu-se adulto não a poupou de sua perversidade, o que fez com que ela abandonasse a casa e optasse pela solidão. Aliás, talvez solidão não fosse o termo, pois ela sentia-se acolhida em ambiente de trabalho e sentia-se útil ao cuidar de seus pacientes. Aquelas eram as pessoas que verdadeiramente precisavam dela e, por mais que lhe doesse sentir-se sem uma família para chamar de sua, era a elas que Hilda se dedicava.

— E o que a senhora disse a ele?

— Ah... Fui sincera. Falei que não vejo Luciana há muitos anos e nem mesmo tenho notícias dela. Disse também que Rebeca está em Petrópolis com os amigos e se estivesse em casa, talvez ela pudesse ajudar, talvez soubesse de algo. Depois disso, ele me deu as costas e se afastou... Nem mesmo agradeceu. Mas antes... Posso estar enganada, às vezes temos impressões errôneas, contudo acho que ele ficou muito bravo. Vi raiva em seu olhar antes de me dar as costas.

Hilda conhecia a raiva quando refletida nos olhos de uma pessoa e sabia perfeitamente o que vinha depois, apesar de não mais precisar experimentar este depois.



O administrador do clube precisou de explicações antes de mostrar os arquivos do estabelecimento.

— Me lembro do caso - ele afirmou. — Foi bastante comentado na ocasião, mas depois caiu no esquecimento. Cidade pequena é assim, nada dura por muito tempo.

— E nós cuidamos para que a questão tivesse realmente algum sigilo.

Daniel não era um sujeito esnobe, mas em alguns momentos, se julgasse necessário, ele sabia se impor. O fato de sua família ser respeitada na cidade o favorecia e o administrador percebeu que não adiantaria tentar obter informações.

— Temos fotografias - o sujeito divagava enquanto os guiava até uma sala dentro do clube. — Talvez vocês possam identificar algo nas imagens. Acredito que esta seja a única maneira que eu tenho de ajudar neste caso.

Três minutos depois, Daniel, Rebeca, Lionel e Mundo foram deixados na sala, com uma remessa de álbuns de fotografias e a recomendação de que "ficassem à vontade e não tivessem pressa". Quando Rebeca insistiu em ir ao clube, Mundo e Lionel ofereceram-se para acompanhá-la de imediato. Daniel decidiu-se depois, tanto por causa de seu conhecimento e contatos no local, como também para levá-los de carro.

— Os álbuns têm datas. Não vai ser complicado encontrar o de 2006.

Mas foi. Eram muitos álbuns, inclusive dos últimos anos, apesar de toda a tecnologia recente e que levava a maioria à hospedagem de fotografias online ou em ferramentas que divergiam do papel. O clube, tradicionalmente mantinha o hábito de ter fotografias impressas, o que acumulava muito material e a inscrição "2006" estava etiquetada em nove álbuns, sem maiores detalhes. Seria necessário revirá-los até que descobrissem qual tinha as imagens do baile de ano novo.

Foi Mundo quem o localizou.

— Achei!

A fotografia mostrava a fachada do clube muito bem iluminada e com a grande faixa que fora instalada lá na ocasião: "Reveillon 2006! Feliz Ano Novo, cidadãos petropolitanos!"

Bastou passar duas páginas para que uma foto deles surgisse. Era todo o grupo, os nove amigos fotografados quando chegavam ao clube. Na legenda: "*Daniel Assis, filho do Doutor Luis Assis, e amigos em sua*

chegada ao baile." Mais fotografias vieram, de pessoas chegando ao local e momentos variados da festa. Eles estavam lá, registrados naquelas imagens, em várias delas, ora juntos, ora separados.

Menos Rebeca.

Rebeca só aparecia na primeira, na fotografia que registrava a chegada do grupo ao clube.

— Onde eu estava? Isso é absurdo. Se eu tenho memórias da pista de dança, como não apareço em nenhuma outra fotografia?

Realmente, era tudo muito esquisito. As imagens retratavam inúmeros momentos da festa, pessoas diversas, exceto Rebeca.

— A única prova de que eu estive neste baile é a fotografia da minha chegada... Onde eu fui parar depois disso?

Daniel lembrava-se de ter visto Rebeca no baile, assim como Lionel e Mundo também lembravam-se, porém, em seus pensamentos e apesar de não terem atentado-se para isto, ela realmente não foi vista algum tempo após a chegada ao local, reencontrando-se com eles somente na hora de ir para casa.

— *Oi. Quase não encontro mais vocês! - Rebeca chegou esbaforida à portaria do clube, onde todos combinaram de se encontrar ao final do baile.*

— *Sumiu! - Fernanda foi quem comentou, percebendo que o suor escorria pelo rosto da amiga e que já não havia nenhum sinal de batom em seus lábios.*

— *Só me atrasei.*

Aquela foi a primeira vez em que Rebeca respondeu secamente aos amigos. Não fazia parte de seus planos revelar-lhes onde estivera.

— *Nós esperaríamos por você, Rebeca. Não arredaríamos os pés daqui sem que você chegasse.*

Daniel nem bem terminou a frase e Ana Paula já o rebateu:

— *Fale por você, Dan. Eu não esperaria nem mais um segundo. Estava prestes a convidar Afonso para me acompanhar até a casa - e sorriu para Afonso, que nem mesmo olhava para ela.*

— *Pois é, mas agora eu estou aqui e já podemos seguir para casa.*

Rebeca não disse nem uma palavra durante todo o trajeto. Caminharam por cerca de meia hora até a casa de Dan e tanto Jamile como Luciana,

perceberam que a amiga mantinha expressão diferente na face. Era como se Rebeca estivesse "encantada" com algo e insatisfeita por ter de deixar o clube.



Capítulo 21

Mais tarde, na sala da casa e depois do almoço, eles observavam as imagens pelo computador. Daniel fotografara tudo com o aparelho de telefone celular e a tela grande do computador permitia ampliação e aumento do brilho, o que poderia ser de alguma ajuda. Usando destes recursos talvez pudessem identificar a silhueta de rebeca ao fundo de alguma fotografia.

Nada.

Tirando a fotografia da chegada ao clube, não havia nem rastro de Rebeca nas outras imagens.

— Já estou começando a ficar irritada comigo... Onde eu estava?

Jamile cuidadosamente falou para Rebeca sobre o reencontro de todos na saída do clube e não deixou de expor suas impressões.

— De alguma forma e eu posso estar errada, parecia que você tinha algo para esconder... Esconder não. Talvez o termo seja exagerado, mas você definitivamente não mencionou nada sobre o local em que ficou durante a maior parte do baile ou sobre o que fez. E eu me lembro de tê-la visto dançar, mas só no começo; depois, não a vi mais.

Na cabeça de Luciana havia uma conexão entre o que acontecera com Rebeca no baile e o acidente dois dias depois. Ela não fazia ideia de qual era esta conexão, mas seu sexto sentido - aquele que lhe aconselhava a lavar a louça e passar todas as roupas, pois Nilo talvez não chegasse de bom humor - acusava a relação. Nestas horas Luciana percebia como as vontades pessoais fragilizam as relações. Todos os amigos envolvidos em suas atitudes displicentes na noite do baile, não perceberam a ausência de Rebeca, pois estavam voltados apenas para as suas necessidades. Se eles eram tão amigos, porque ninguém cuidou de Rebeca? Porque ninguém deu por sua falta? De alguma forma aquilo já não importava mais. O tempo havia passado e as atitudes eram ainda as mesmas. Ninguém cuidava dela, ninguém demonstrou incomodar-se com seu afastamento após o casamento.

— Esta informação me deixa mais nervosa, Luciana.

E Rebeca estava mesmo nervosa, tão nervosa que a tensão transformava-se realmente em irritação.

— Acho que o fato de não identificarmos a Beca nas fotos, já é uma pista. Nenhum de nós até então havia dedicado atenção ao desaparecimento dela durante o baile... Agora nos demos conta disso e, de certa forma, temos algo a mais para tentar entender.

Mundo estava certo. Não havia como dizer que a opção de viajar fora um fracasso. Rebeca tivera *flashes* do baile e eles se deram conta de que apesar de estar lá, ela parecia não estar. Havia algo a mais para entender como ele dissera e, em paralelo, algo a mais para não fazer o menor sentido.



Naquela mesma tarde, após muitas especulações sobre possíveis acontecimentos e sobre o desaparecimento de Rebeca durante o baile, o grupo decidiu espalhar-se. Deixaram a casa ao escurecer e tomaram o rumo de uma churrascaria no centro de Petrópolis. Conversa e boa música os ajudaria na distração, o que parecia ser mais que necessário naquele momento.

Dividiram-se em três carros. No carro de Daniel seguiram ele, Rebeca, Mundo e Luciana. Já no carro de Jamile, ela levou Fernanda e Lionel; enquanto Afonso, por exigência de Ana Paula, seguiu somente com a esposa.

Já no restaurante, sentindo-se um peixe fora d'água, Luciana buscou abrigo na cadeira que ficava entre Rebeca e Mundo. Sentia-se de alguma forma mais segura entre os amigos cuja simplicidade parecia não ter sido perdida com o passar dos anos. Ana Paula escolheu a penúltima cadeira de um dos lados da mesa e insistiu para que Afonso sentasse ao seu lado, na ponta, de forma que mais ninguém ficasse próximo de seu marido.

Alguns curiosos observavam-nos, sua atenção voltada para Jamile e Lionel, que eram conhecidos em decorrência de suas profissões. Algumas poucas pessoas, fingindo discrição, fotografavam o grupo com seus celulares ultramodernos, o que soava estranho para alguns deles e principalmente para Rebeca. Ninguém tinha intenção de ser objeto de fãs

que não eram seus, contudo, não havia como evitar a situação. Houve uma mocinha que se aproximou e pediu o autógrafo de Lionel em um guardanapo, mas foi uma só; os demais apenas olhavam para a mesa longa ocupada pelo grupo.

Cientes de que a conversa deveria girar ao redor de trivialidades, pois podiam ser ouvidos pelas pessoas ao redor, ninguém falou sobre a situação de Rebeca durante o jantar. Nenhum deles queria que o assunto fosse captado por ouvidos alheios e surgisse na manhã seguinte em alguma página de blog ou coluna sensacionalista de jornal.

Daniel falou sobre seu trabalho no hospital, Jamile, que se absteve à água mineral sem gás e não provou nem mesmo um pedaço de carne, falou um pouco sobre os desfiles previstos para o começo do ano seguinte. Naquele dia ela havia optado pelo jejum. Precisa descontar todos os excessos cometidos ultimamente e apesar de já sentir indícios de tonteira e alguma fraqueza, mantinha-se firme em sua decisão.

Afonso falou sobre filmes e sobre Kall-El, que havia ficado em, um hotel para cães, já que a mãe de Ana Paula não pôde abrigá-lo por causa de seus cinco gatos persa. Luciana apenas ouviu, não havia muito que falar. Até havia... Ela gostaria de poder desabafar com os amigos, mas a vergonha a impedia. Só de pensar na possibilidade de ter que olhar nos olhos de Nilo mais uma vez, sentia o sangue gelar dentro das veias. Mundo, em determinado momento, comentou sobre os planejamentos acerca do centenário da Penha que seria no ano seguinte e sobre as comemorações que proporcionadas pela paróquia, mas somente Rebeca e Luciana pareceram lhe dar atenção. Já Lionel, este não via a hora de conversar a sós com Luciana, que evitava encará-lo diretamente. Fernanda sondava todos, buscando alguma informação na qual pudesse se escorar.

Em determinado momento, o gerente se aproximou.

— Não é minha intenção incomodar, mas meus clientes, assim como meus funcionários, estão lisonjeados com a visita - ele dirigia-se a Lionel.
— Você poderia cantar um pouco para nós? Só uma música?... Não é todo dia que recebemos um cantor famoso em nosso estabelecimento.

Sem jeito e ao mesmo tempo satisfeito com o reconhecimento, Lionel subiu ao pequeno palco da churrascaria. A banda que tocava deu-lhe os primeiros acordes de *Dias Vazios* e ele acrescentou sua voz à melodia.

Para Rebeca, que ouvira a música uma só vez quando assistira ao clipe pela internet, o momento foi mágico. Para Luciana também; apesar de ouvir a música constantemente, ela nunca acompanhara uma apresentação de Lionel, nunca o vira cantar ao vivo e nunca cedera a ele a oportunidade de cantar olhando em seus olhos. A confirmação de que também havia um pouco dela em *Dias Vazios* foi inevitável.

Na sequência, como se *Dias Vazios* não fosse suficiente para expressar o que Lionel sentia e sem informar o que faria, empolgado ele pediu que a banda o acompanhasse. Depois, entoou os primeiros versos de *Velha Roupas Coloridas*, composição de Belchior, bravamente gravada por Elis Regina em 1976.

*Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer*

A canção era antiga e cronologicamente não correspondia ao tempo de nenhum de seus amigos, mas músicas são eternas e a mensagem era direta. Lionel estava certo! Todos entenderam. As mudanças batiam às portas de cada um deles, fosse de um jeito, ou de outro. Era preciso rejuvenescer não para que voltassem a ser os jovens de antes ou ser o que foram no passado, mas apenas para que pudessem ser novamente, na íntegra, com toda a força do verbo.

*Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento
Amor e flor que é do cartaz
No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais*

Era preciso ressuscitar o grupo, reuni-lo de verdade e apesar de todos os pesares. Se quisessem seguir em frente e fazer ressurgir o tempo em que comungavam suas vivências, o passado, ao menos a parte mais tenebrosa

dele, deveria, de alguma forma, ser despedido para que cada um pudesse tirar da bagagem construída durante aqueles doze anos, uma nova roupagem. Cada um deveria ser o que de fato era, sem renegar o que se foi, mas privilegiando o que estava por vir. Lionel acreditava no futuro e aquela canção foi a forma encontrada por ele para mostrar sua crença aos amigos.



— Quero falar com a Rebeca.

A voz do outro lado da linha telefônica foi incisiva e direta, sem dizer "alô" ou qualquer outro cumprimento quando Amélia atendeu ao telefone.

— Ela não está. Quem quer falar com ela?

Na sala, atenta, Hilda já colocava sua cabeça para funcionar. Se Rebeca estava na serra com os amigos e eram somente estes amigos que costumavam telefonar para a jovem, quem estaria ao telefone com Dona Amélia?

— Não importa... - a voz masculina respondeu secamente.

— Não quer deixar recado? - Amélia insistiu, com olhar questionador direcionado para a enfermeira.

— Eu disse que não importa.

O sinal de ocupado se fez ouvir.

O homem havia desligado.

Puto, Nilo colocou o fone no gancho.

Procurar por Rebeca fora apenas pretexto para tentar localizar a esposa. O fato de ser um policial e dispor de conhecimentos tinha suas vantagens. Não foi difícil conseguir o número de telefone da casa da bela adormecida, mas ela ainda não havia chegado. Era certo que a porra da viagem se estenderia por alguns dias e considerando ainda o desaparecimento de Luciana, ela provavelmente estava com o grupo. Contudo, qualquer outra pessoa que estivesse realmente preocupada com um desaparecimento e livre de qualquer culpa, registraria queixa em uma delegacia passadas vinte e quatro horas. Ele não.

Maldita! Se não sabe respeitar o marido, vai aprender mesmo que seja na marra. Ah, vai!... Ninguém brinca com a minha cara desse jeito e sai

ilesa da situação. Luciana vai descobrir o que é apanhar de verdade, vai aprender a não me contrariar. Já fiz isso antes...

Em casa, assoberbada com a ligação àquelas horas da noite, Amélia não conseguia fazer com que a situação apresentasse sentido.

— De fato, enfermeira, é tudo muito esquisito. Rebeca não se dá com ninguém além destes amigos e eles estão lá com ela. Nenhum dos rapazes teria motivo para procurá-la em casa. E a voz... Não sei especificar, mas acho que já ouvi esta voz em algum outro momento.

— Não havia mais ninguém com quem ela talvez tivesse alguma relação e que tenha sabido de seu despertar, que possa ter decidido por procurá-la somente agora?

— Ora, claro que não! Ela nunca se envolveu com estranhos, Rebeca sempre foi muito sensata. Eu conhecia todos os amigos de minha filha e nos últimos anos ela não fez nenhuma nova amizade, não é? - Amélia tinha convicção do que dizia. — As pessoas com as quais Rebeca tem alguma ligação, estão com ela em Petrópolis agora.

Os muitos livros lidos sempre forneceram à Hilda certezas que estendiam-se para além do que estava ao alcance dos olhos e ela sabia que as pessoas, em sua maioria, só viam aquilo que queriam ver. Era assim o tempo todo... No hospital, por exemplo, parentes de seus pacientes insistiam em ver melhoras inexistentes em quadros clínicos gravíssimos, apenas para amenizar seu desespero. Na vida, a madrasta nunca vira os erros do meio-irmão, protegendo-o e deixando que ele vivesse de forma deliberada, sem regras. Talvez aquele fosse o caso de Amélia; talvez a confiança que a mulher depositava na idoneidade da filha fosse uma ilusão.

Enquanto Hilda revirava suas quase certezas, em casa Nilo também pensava. Era preciso agir, mas qualquer atitude que ele tomasse poderia complicar sua situação. Se Luciana passasse muito tempo com aquelas pessoas poderia sentir-se confiante a ponto de contar sobre o que acontecia dentro de sua casa. Seria necessário ter algum respaldo e como bom covarde que era, Nilo decidiu que não agiria sozinho.

— Reinaldo? - Nilo mencionou o nome do amigo policial por hábito, pois ele sabia que era o próprio do outro lado da linha telefônica.

Reinaldo era mais velho, mais experiente, *casudo* na linguagem dos amigos da corporação e sabia exatamente como agir em situações duvidosas. Já estava aposentado, mas trabalhara em Petrópolis, onde

também morava. Era Reinaldo quem anos atrás e antes de Nilo entrar para a polícia, lhe arranjava bicos de segurança em bares e festas noturnas. Fora dele a iniciativa de desvios nas diversas ocasiões em que Nilo envolvera-se no começo, tão logo passou a compor o quadro efetivo da polícia. Eram cúmplices em muitas empreitadas e um sempre encobriu o mal feito do outro. Porém, algumas atitudes de Reinaldo, consideradas impróprias para a profissão levantaram suspeitas e ele foi afastado das ruas, atuando em serviços internos durante os últimos anos de carreira. Reinaldo certamente poderia ajudá-lo.

— Quer dizer então que a tua mulher meteu o pé? - Reinaldo disse após Nilo explicar-lhe a situação.

O velho aposentado era irônico, sempre foi, o que irritava Nilo profundamente. Para Nilo, suas ironias eram válidas, somente as suas. O policial não tinha o hábito de aturar desaforos ou ser contestado, porém ali, naquele momento, era preciso engolir o sapo se quisesse tirar proveito da experiência do homem e contar com sua ajuda. Não havia nenhuma outra pessoa a quem Nilo pudesse recorrer e se fosse de sua intenção alterar a situação, o jeito seria submeter-se às piadas idiotas de Reinaldo.

— Acho que ela está com esses amigos em Petrópolis - respondeu secamente, tentando não dar margem para mais comentários patéticos. — Sabe como é... Durante todo este tempo eu consegui manter a Luciana no cabresto, mas com essa merda da garota ter saído do coma, eu acho que ela se empolgou, acho que resolveu acreditar que é gente e foi atrás deles. Só pode ter sido isso... É muita coincidência ela ter desaparecido justamente quando o tal grupinho do passado resolve se reunir.

— Sei sim, sei bem como é. Em algumas ocasiões, parece que o passado vem à tona só pra destrambelhar a vida da gente... O passado é uma merda, meu amigo, e pode ter certeza de que se ele não estiver muito bem enterrado, ressuscita de repente para acabar com o futuro.

Filosofia? O mundo se acabando sob os pés de Nilo, sua mulher desaparecida e Reinaldo filosofando? Quanta babaquice! Ainda assim, Nilo não disse nada. Aguardou para ver o que Reinaldo diria.

— Por sorte, minha Isaura nunca me deu esse tipo de problema, nunca me deu trabalho - Reinaldo prosseguiu. — Sempre tive meus casos, minhas garotas, e ela, se sabia, nunca disse nada. Mas eu sei que tem mulher que não se conforma, que não se conserta mesmo com o pior dos corretivos.

Reinaldo riu. Ele sabia que Nilo era violento e que nem a esposa escapava de sua ira.

— E o que você quer fazer?

— Quero trazê-la de volta pra casa - Nilo foi direto, ciente de que Reinaldo o conhecia bem e sabia do que ele era capaz.

Eu chegava a sentir o vento frio batendo na minha pele apesar de o salão ser fechado. Me sentia perdida em meio àquele monte de pessoas o que era mais que natural, pois eu nunca havia estado em uma festa daquelas. Tudo era excessivo, desde a música alta até as luzes tremulantes que me ofuscavam a visão. Porém, em meio às pessoas que dançavam, uma destacava-se e ele parecia ser muito bonito.

Houve um beijo. Sim, um beijo longo, acelerado! O perfume ficou marcado e era como se eu pudesse senti-lo. Olhou ao redor para ver se outros a observavam, pois não era de sua intenção que os demais soubessem daquela... relação?

Depois, um flash mudou toda a cena. Eu já não estava mais no clube, estava no jardim, perto dos bouganvilles. Havia chovido, poças lastravam-se pelo chão e uma delas refletia minha imagem e o muro de tijolos de concreto que cercava a propriedade. Atrás de mim, alguém.

Me virei, deparando-me com a mesma silhueta.

Um relógio me foi mostrado; dedos fortes apontavam para um relógio grande, de pulso. Talvez eu estivesse atrasada; talvez o atrasado fosse ele e mostrar o relógio fosse forma de justificar-se. Não sei...

A silhueta veio em minha direção.

Ele ria, mas sua risada não era algo normal. Era uma risada nervosa, apesar de baixa para que não fosse ouvida.

Fiquei tensa, mas não se a tensão que eu sentia era boa ou ruim.

Chegou mais perto e me deu um beijo. Me deixei levar pela emoção daquele momento, que rapidamente tornou-se tumultuado, confuso.

Havia algo mais naquele contato. A força foi aumentando e senti que meus cabelos estavam enrolados em seus dedos. Ele me puxou. Depois, ainda pelos cabelos, levantou meu rosto para que eu o encarasse, mas eu não o via; tudo estava enevoado.

Eu sentia dor, muita dor. Eram solavancos, socos, pontapés. Alguém falou... O violão veio certo sobre a minha cabeça... Ouvei o barulho de madeira se quebrando. Depois, eu não conseguia abrir os olhos, não mais...



Capítulo 22

Passava um pouco das sete da manhã quando Hilda atendeu ao telefone. Amélia, exausta desde a véspera e com uma forte de crise de enxaqueca, ainda não havia se levantado.

— Quero falar com Rebeca.

— Bom dia, meu rapaz. Rebeca não se encontra no momento, mas eu posso registrar seu recado.

— E Luciana? Sabe se ela está com Luciana?

— Desculpe-me, mas eu não conheço esta jovem... Quer deixar algum recado? - Hilda insistiu educadamente.

— Vai pro inferno! - Foi a resposta que obteve antes da ligação ser encerrada.

Certamente era o marido da jovem, o mesmo que estivera lá dias antes procurando pela esposa.

Sem titubear, Hilda telefonou para Daniel. A atitude do homem do outro lado da linha lhe era familiar, ela conhecia pessoas grosseiras violentas e teve certeza de que se a tal Luciana estivesse com eles, teriam problemas. A insistência daquele homem não era casual nem normal e não se tratava de preocupação para com a esposa desaparecida, não mesmo. Era posse, era necessidade de controle.



— Acho que me lembrei!

Fernanda, Mundo, Luciana e Jamile, que estavam na sala de estar olharam para Rebeca.

— Foi um homem. Quem me bateu naquela noite foi um homem.

De imediato, Fernanda e Ana Paula, que surgiu no topo da escada, encararam-se para depois fitarem Mundo, a quem suas suspeitas estavam direcionadas desde sempre. Jamile mantinha os olhos arregalados. Luciana, lembrando-se da tensão de Lionel naquela noite, elevou seus pensamentos ao rapaz e teve pena dele. Não havia mais nada que ela pudesse fazer.

Daniel, que havia se afastado para a cozinha, onde ficava o telefone convencional, com intuito de responder à ligação da enfermeira Hilda que ficara registrada em seu telefone celular, apareceu na sala.

— O que houve? - Ele também parecia nervoso e Fernanda não deixou de notar sua alteração.

Fernanda estivera com Daniel minutos antes de Rebeca descer e ele parecia tranquilo. O que justificava sua mudança de humor? Ela se lembrava de que ele, apesar de ter dito que dormira, não estava no quarto naquela noite.

— Eu sonhei com um homem com quem me encontrei no jardim naquela noite. Não vi o rosto e a voz parecia destorcida, mas ele era alto, bem alto.

Ana Paula aproximou-se de Afonso, que voltava de uma caminhada matinal, tomou o braço do marido e não perdeu tempo:

— Excelente! Isso exclui Afonso. Tanto Daniel, como Mundo e Lionel são mais altos do que ele. Podemos voltar para nossas vidas agora?

— Cale a boca, Ana Paula!

Nenhum dos rapazes poderia ser considerado de baixa estatura, todos eram altos, mas mesmo entre os altos, Afonso era o mais baixo, com seus 1,78. Contudo, o egoísmo de Ana Paula irritou Mundo, fazendo com que ele a respondesse daquela forma.

— E quem você pensa que é para falar comigo dessa forma, Raimundo? Um merda... Você não passa de um merda que sempre quis ser como nós, mas a vida não permitiu. Sempre se escorou em Daniel, um otário, já que ele tinha dinheiro e podia situá-lo melhor em nosso meio.

— Ana Paula... - Afonso, completamente envergonhado, tentou em vão repreender a esposa.

Ela prosseguiu, enquanto Lionel, que havia despertado com o falatório, surgiu no topo da escada:

— O filho da faxineira que vivia de migalhas, que destoava por completo de nosso grupo, mas que era mantido nele pelo menino riquinho que gostava de fazer caridade e podia arcar com suas despesas... Não é isso

que você sempre foi? Não é isso?! E se naqueles tempos nós falávamos normalmente com você, devia ser por pena, só pena.

Dizem que os menos favorecidos ou injustiçados, se protegem. Foi Luciana quem tomou as dores de Mundo, colocando-se à frente de Ana Paula e peitando a amiga como há muito não fazia com qualquer outra pessoa:

— Fale por você, Ana Paula. Só por você. Eu nunca tive pena de ninguém - o dedo em riste quase tocava o nariz de Ana Paula, que a encarava com desdém. — Eu nunca enxerguei Mundo de outra forma e para mim ele sempre foi um dos nossos. Sempre! Éramos todos iguais, sempre fomos; todos muito próximos. Infelizmente nossas vidas tomaram rumos diferentes e que acabaram por nos afastar. Cada um foi viver o que era seu enquanto Rebeca estava em um quarto de hospital e, falo com a mais plena convicção, um nunca quis saber dos problemas do outro, não é verdade? Só o que sabemos é o superficial... Sabemos que Dan é médico, que o pai de Fernanda enriqueceu, que Lionel é cantor, que Jamile estampa capas de revistas, que Mundo vende pipocas na escadaria da Igreja da Penha, que você leciona e que Afonso é advogado. Só isso! Ninguém conhece o caminho que o outro trilhou para chegar onde está, ninguém conhece suas dificuldades... - o choro começava a subir até a garganta de Luciana, mas ela não se calou: — Vocês sabem que me casei, mas desconhecem a vida que eu levo. Nenhum de vocês sabe, por exemplo, que perdi um bebê nos primeiros anos de casamento, não é verdade? Só conhecemos nossas conquistas e cada um de nós faz a mais absoluta questão de manter as derrotas bem escondidas. Nossos fracassos, como poeira fina que ninguém vai notar, são constantemente varridos para de baixo do tapete.

Quando encerrou seu discurso, Luciana chorava. Lionel, que já havia descido e se encontrava ao lado da amiga, a abraçou. Jamile, que não se alimentava havia mais de vinte e quatro horas e percebia sua visão enevoada, como se pensasse alto, completou:

— Não houve quem sentisse a dor do outro, ninguém nem mesmo percebe que ainda há dor.

Afonso sentiu vergonha da esposa. Rebeca, sem saber o que dizer, apenas observava a cena, certa de que algo entre seus amigos havia se quebrado enquanto ela dormia e sem qualquer condição de contestar a

amiga. E antes que qualquer um deles pudesse postergar a discussão, a campanha se fez ouvir.

Foi Daniel quem se dirigiu até a porta. Ao abri-la, deparou-se com um homem desconhecido do outro lado.

— Bom dia, rapaz - o sujeito atarracado, de cabelos grisalhos e com um bigodinho roto, tentava olhar além dele.

— Pois não? - Daniel respondeu sem se incomodar com a presença do estranho. A situação dentro de sua casa era muito grave para ele deter-se àquele fato.

— O portão de entrada da propriedade estava aberto e por isso subi com meu carro pela alameda. Sempre o deixam aberto? Isso é perigoso...

O homem pareceu divagar por um breve momento e mais uma vez Daniel não lhe deu atenção. Considerando a extensão do terreno que circundava a propriedade e os antigos costumes de seus pais, não havia motivo para deter-se àquela questão. O portão de acesso a casa sempre ficara aberto.

— Quem é o senhor?

— Policial. Sou policial lotado no batalhão de polícia militar da cidade na ocasião em que uma das moças aí sofreu um... acidente? É assim que chamam o evento? - O homem pigarreou, esticando o pescoço mais uma vez para olhar além de Daniel e depois prosseguiu: — Eu soube que vocês estão de volta e gostaria de tomar alguns depoimentos.

Fernanda despencou na primeira cadeira que encontrou e buscou o olhar confuso de Jamile. Ana Paula aproximou-se de Afonso, enquanto Lionel apertou ainda mais Luciana em seus braços. Rebeca solidarizou-se com Mundo, como se pressentisse que o amigo teria problemas. Daniel olhou para trás e encarou o grupo. Se em algum momento houve cumplicidade entre eles, ela parecia ressurgir naquela sala, sob os questionamentos de um policial que nenhum deles conhecia e que muito provavelmente não deveria estar ali.

O homem entrou. Esquadrinhou o cômodo e Mundo teve impressão de que ele se deteve um pouco mais em Luciana e Lionel, ainda abraçados.

Reinaldo, por sua vez, identificou de imediato a mulher de Nilo agarrada a outro homem no meio daquela sala. Ele não a conhecia pessoalmente, nunca estivera com ela, mas o amigo lhe enviara uma fotografia pelo aplicativo de mensagens. Era ela. Aquela era a putinha que havia

abandonado Nilo para entregar-se ao desfrute com um cara mais jovem e bem apessoado. Certamente Nilo não gostaria nem um pouco de saber daquilo e a atitude não teria perdão.

— Só acho estranho que um policial venha até aqui para falar sobre um caso que já foi encerrado... - Daniel tentou interceder ao ver que o homem impunha-se dentro de sua casa.

— Encerrado? Só se for para você que talvez tenha interesse em esconder alguma coisa... Será que eu estou certo? Acredito que sim - ele mesmo respondeu.

A risada que veio depois, seguida de uma coçadinha indiscreta na barriga, foi irônica, quase espalhafatosa.

A gargalhada do homem fez com que os pêlos da nuca de Luciana se ouriçassem e sua musculatura se contraísse. A atitude fez com que ela lembrasse do marido. Lionel sentiu a tensão da amiga que acomodava-se em seus braços e percebeu que a presença do policial a incomodava. Talvez, ele pensou, Rebeca estivesse errada; talvez não tivesse sido um homem quem a agredira. A imagem de Luciana tensa na noite do acontecido ressuscitou nas memórias do cantor trazendo desconfiança que ele não queria ter, mas que parecia inevitável. Seu coração espremeu-se dentro do peito mais uma vez.

— Não, policial, o senhor não está certo. É de nosso interesse entender o que aconteceu naquela ocasião e por isso nos reunimos aqui.

— Ah!... Uma investigação por conta própria? Sem aval ou participação da polícia... Interferir neste tipo de questão é deveras complicado, principalmente quando há vidas em jogo. Acho que não começamos muito bem, meu rapaz.

O estômago vazio de Jamile revirou-se e ela precisou deixar a sala. Vomitar, muitas das vezes, virava hábito em sua condição, era como uma válvula de escape das angústias que a realidade instalava em seus dias. Era preciso expurgar o que não condizia com seus desejos, era preciso que o sofrimento fosse posto para fora e seguisse esgoto abaixo.

Ana Paula apertou a mão do marido e Luciana afastou-se um pouco de Lionel, causando no rapaz a impressão de que ela buscava defender-se com o próprio corpo, impondo-se e mostrando postura mais firme. Mundo se manteve estático e certo de que poderia se complicar, pois, se fossem questionadas, algumas pessoas manteriam as acusações de anos atrás. Sem

que os demais notassem, Fernanda enviou uma mensagem ao pai, informando que tinha problemas.

E o homem sentou-se na poltrona, com o queixo em riste e olhar inquisidor. Parecia disposto a esmiuçar a situação e, estava claro, não pouparia nenhum deles. Não havia o que fazer... Dali pra frente, seria como Deus quisesse.

— E o que especificamente o senhor quer saber?

Foi Rebeca quem o questionou, certa de que era ela quem deveria tomar alguma atitude e, se possível, defender seus amigos.

O policial riu mais uma vez e depois respondeu:

— Tudo.



Capítulo 23

O policial se manteve lá até o começo da tarde. Conversou com cada um deles em separado, sobrando até mesmo para Dona Genoveva, a governanta, que foi interrogada pelo simples fato de estar convivendo com o grupo de amigos durante sua estadia na casa. A última a falar com ele foi Luciana, o que despertou atenção de Rebeca. Se o homem começara por Afonso e Ana Paula, seguindo seu interrogatório em ordem alfabética, o que ela inicialmente imaginou ser apenas uma estratégia banal para que alguma ordem fosse mantida, perdeu completamente o sentido quando ele pulou Luciana e a deixou para o final.

— Seu nome?

— Luciana Sampaio Gusmão.

— Não consta aqui - ardiloso, ele mencionava a lista que Juvenal, um amigo policial, havia lhe arranjado e que trouxera consigo, composta pelos nomes de todos que estavam na casa no dia do acidente.

— Me casei. Na sua listagem deve constar Luciana Pontes Rodrigues, meu nome de solteira - ela explicou imaginando que Ana Paula deve ter recebido o mesmo questionamento, pois assim como ela, a jovem provavelmente tinha outro nome agora. — Eu adotei todo o sobrenome de meu marido, ele fez questão.

— Corretíssimo! Uma boa esposa deve seguir seu marido sempre. E onde ele está agora? Pelo que percebi e de acordo com o sobrenome, não é aquele jovem ao qual a senhora estava abraçada quando cheguei, correto?

— Em casa. Meu marido está em casa e seu trabalho não permitiu que ele me acompanhasse na viagem - ela respondeu séria, mas seus lábios tremeram frente à mentira que contava.

Safada! Mentirosa... Além de desaparecer sem deixar notícias, ainda engana Nilo se agarrando com outro bem nas minhas barbas, afirmando que o corno não pôde vir. Ele não vai gostar nem um pouco de saber que é

dono de um par de chifres, apesar disso ser engraçado pra mim. Nilo, sempre tão machão, é chifrudo... Otário! -, Reinaldo pensava consigo.

Luciana sentiu-se incomodada com a observação feita pelo homem. Ela realmente estava abraçada a Lionel, mas não havia nenhuma outra intenção por trás daquele ato além de obter o conforto decorrente da amizade que perdurava por anos. As palavras do homem soaram como um atestado de traição aos seus ouvidos; traição que não existia. Ela causara má impressão e aquilo não passara despercebido para o policial experiente. A culpa pelo ato foi inevitável.

Ao final de todo o interrogatório, o homem foi enfático ao se pronunciar na sala, para que todos ouvissem:

— O caso é complicado. Ao que me parece, temos personalidades distintas aqui, que estendem-se desde um suposto delinquente juvenil até uma adúltera inconfessa...

Todos entreolharam-se, bastante chocados com as palavras do homem. O policial não media esforços em ofendê-los e fazer valer sua suposta autoridade.

— Vou repassar estes dados aos meus superiores e acredito que muito em breve vocês tenham notícias dos desdobramentos do caso.

Depois, deu as costas ao grupo e deixou o interior da casa.

Da sala todos ouviram quando o motor do carro foi ligado e o som de seu afastamento pelos jardins da propriedade.

Na casa, todos pareciam perplexos, enquanto Luciana sufocava com a vergonha resultante da exposição causada pelo policial.

— De onde este homem surgiu? - Jamile foi a primeira a falar, tentando não transparecer o medo, que estava evidente em seus olhos.

— Acho que o fato de Lionel ter cantado ontem na churrascaria pode ou deve ter chamado atenção das pessoas da cidade. Boatos se espalham rapidamente e ele tem fama... O policial deve ter vindo por isso... A polícia soube que estávamos aqui e decidiu esmiuçar. Talvez devêssemos ser mais discretos em outra ocasião. - Rebeca, sem maldar aquela presença, deu seu parecer.

— Meu bem, de onde ele surgiu, eu não sei, mas sei que Afonso mostrou-se um verdadeiro idiota... - foi a constatação de Ana Paula, que pela primeira vez difamava o marido perante os amigos. — Querido, como advogado que é você não deveria ter permitido que ele entrasse sem

mandato e falasse daquela forma. Foi abuso de poder, não foi? Como um policial pode usar de termos pejorativos para referir-se às pessoas da maneira como ele fez? Ele nem mesmo se identificou...

Ana Paula, que na véspera também usara de termos pejorativos para referir-se à Mundo, estava certa. Afonso poderia ter intercedido. Mas ele não o fez. Por quê?

— Isso não importa. O homem já se foi e daqui pra frente precisamos analisar toda esta situação com cautela. A impressão que tenho é de que a nossa chegada na cidade despertou a atenção da polícia e não acho que isto deveria ter acontecido. Como falei, o caso fora encerrado por falta de evidências, não foi encontrada nenhuma linha de investigação ou suspeito em potencial. E não posso negar que meu pai intercedeu a este favor... Éramos jovens, ele quis nos poupar de escândalo maior. Apesar do coma de doze anos, que é realmente algo fora do comum, o quadro de Rebeca estabilizou-se e a polícia acabou realmente deixando a situação de lado. Não faz sentido que eles queiram retomá-la agora.

A explicação de Daniel era viável. O fato de o grupo ter voltado à cidade não deveria ser considerado como reabertura do caso, até mesmo porque ninguém a solicitara e, tirando o administrador do clube, nenhuma outra pessoa conhecia os planos que eles tinham para a viagem. O que estaria acontecendo?



— Ela está na casa, sim, eu vi. Tua mulher estava lá, Nilo...

... *E agarrada num cara bem mais novo e bem mais apessoado que você, corno!* -, Reinaldo se segurava para não completar a informação. O riso contido remexia sadicamente o estômago do homem. Nilo sempre se vangloriou de sua fama de machão e saber que esposa, além de ter fugido de casa, ainda se enroscava com um roqueiro, mexeria com seu brio e renderia boas gargalhadas aos amigos que trabalharam com ele em sua antiga corporação. Mas Reinaldo preferiu guardar a informação e usá-la somente em momento oportuno, quando e se fosse preciso puxar os freios de Nilo.

— Vou avisar na delegacia que preciso me afastar por uns dias e sigo hoje mesmo pra Petrópolis, acho que no final da tarde - Nilo respondeu, sem noção alguma do que o amigo omitia.

— Certo... Mas veja bem: toda e qualquer ajuda que eu lhe dê, será por baixo dos panos, compreendeu? Estou aposentado, mas tenho pessoas lá das quais posso vir a precisar ainda; pessoas que me prestam favores e não quero comprometê-las. A delegacia hoje é chefiada por uma mulher... Uma delegada toda certinha, bonita, novinha e cheia de frescuras, que não engole qualquer sapo... É certo que se a história chegar até os ouvidos dela, os problemas serão grandes. E se ela souber como você age, se imaginar como trata sua mulher, meu amigo, você estará fodido.

— Puta que pariu...

Se havia algo que Nilo detestava, era ser comandado por mulher, nunca admitiu tal coisa. Saber que havia uma mulher chefiando aquela delegacia, o incomodava. Saber que ela tinha o hábito de defender outras mulheres era ainda pior. Ele descobriu que deveria manter a discrição se não quisesse ter problemas.

— E você pode ficar lá em casa. Eu moro sozinho desde que minha Isaura morreu. Vai ser bom ter companhia, podemos relembrar os velhos tempos, jogar conversa fora e dar umas risadas... - Reinaldo ofereceu.

— Sim, vou ficar lá mesmo, ou você acha que eu teria o prejuízo de pagar por estadia só pra dar umas porradas na Luciana e ensinar pra infeliz que lugar de mulher é em casa, sob os olhos do marido?

Reinaldo lembrou-se mais uma vez de Luciana abraçada a Lionel e precisou segurar o riso. Nilo era realmente um imbecil.

Após combinarem sobre a chegada de Nilo, a ligação foi encerrada.

Nilo, em casa, sorriu satisfeito. Ele sabia exatamente o que faria.



Na casa de Petrópolis, apesar do policial ter ido embora no começo da tarde, ninguém quis almoçar naquele dia. A comida não desceria, o nervosismo de todos era evidente. A amizade, tão bem nutrida na adolescência e que parecia ter lhes escapado das mãos quando a idade

adulta chegou, fora posta em teste por um homem que ninguém conhecia, que ninguém imaginou que pudesse aparecer. Cada um tinha seus segredos, suas fraquezas e eram estas fraquezas que poderiam colocá-los em enrascadas. Todos tinham a real noção de sua inocência, mas desconheciam esta possibilidade quando voltavam seus pensamentos para os demais. Já não havia confiança. Tirando Rebeca, a vítima, cada um de seus oito amigos parecia enxergar sete possíveis culpados e nenhum deles tinha um alibi perfeito, uma justificativa que os livrasse do fardo da culpa.

— Tem uma coisa... - Daniel falou e ele estava ciente de que precisava colocar os amigos a par dos acontecimentos. — Há um homem telefonando para a casa da Rebeca. Ligou hoje pela manhã, a enfermeira Hilda foi quem me avisou. Eu falava com ela ao telefone quando o tal policial chegou. O homem não se identificou, mas perguntou também por Luciana - ele encarou Luciana, que o olhou de volta visivelmente preocupada. — E parece que seu marido esteve na casa de Rebeca logo após nossa viagem, Luciana. Ele procurava por você. Juntando os fatos, Hilda acredita que tenha sido ele quem telefonou.

O mundo de Luciana desabou por inteiro ali, naquela sala de estar. O peso das mãos de Nilo e acidez de suas palavras puderam ser sentidos mesmo à distância. Não havia segurança quando se tratava de Nilo; não havia esconderijo que fizesse jus ao nome. Se atrasar o jantar era motivo para surras homéricas, uma fuga poderia resultar em algo muito pior, algo ainda mais grave. Ela teve medo.

— Ele deve estar preocupado comigo... - foi o que conseguiu dizer, enquanto todos a encaravam.

— Ué! Mas você não avisou que vinha?

Fernanda não mediu as palavras e nem o tom empregado. O casamento de Luciana sempre lhe soara estranho demais e apesar de não conhecer Nilo pessoalmente, nas ocasiões em que falara com o homem ao telefone, ela percebera que ele era controlador, indigesto.

— Avisei - Luciana mentiu.

Mentir foi necessário e ali, em meio aos amigos, ela podia mentir. Ninguém lhe bateria se descobrisse a verdade - ao menos ela acreditava que não! - e a mentira lhe daria tempo para pensar em alguma atitude que pudesse tomar.

Foi Ana Paula quem interrompeu a conversa, desviando-a por completo:

— Olha só, Dan, eu acho que isso não vem ao caso. Certamente se eu tivesse viajado sozinha e já estivesse fora de casa há alguns dias, Afonso também me procuraria cheio de ciúmes - olhou para o marido, convicta de que ele correspondia, mas frustrou-se; a atenção de Afonso estava voltada para Luciana.

Alguns anos de tribunal deram a Afonso experiência para perceber quando uma pessoa omitia dados. Luciana escondia algo, ficou claro para ele.

— Talvez seja bom que Luciana dê um telefonema para o marido. Isso certamente vai acalmá-lo - Afonso sugeriu.

A sugestão foi maneira encontrada para testar a amiga que, sem saber, lhe entregou a situação de bandeja ao gaguejar em sua resposta.

— Sim... Vo-vou telefonar para ele a-agora.

— Pode ligar da cozinha. Há um telefone convencional lá - Daniel informou, ciente de que Luciana não portava um telefone celular e ela, com as pernas trêmulas, deixou o cômodo.

Ele, assim como Afonso, também percebeu que ela parecia tensa e buscou o amigo com os olhos. A cumplicidade daqueles olhares mostrou que a amizade de anos sobrevivia.

Foi Mundo quem retomou a conversa após Luciana desaparecer no vão que dava acesso à cozinha

— Eu acho que a presença desse policial só acelera nossa função aqui. Se ele chegou com intenção de se intrometer e se isso não nos agrada, independentemente do motivo e mesmo que vejamos como tal motivo apenas sua autoridade desregrada, precisamos buscar as respostas para a questão antes que ele nos incomode mais uma vez.

— Falou aquele que quer fugir da polícia - Fernanda disse entre dentes, porém alto o suficiente para que todos a escutassem.

— Chega! - Lionel tomou a palavra. — É perceptível que cada um de nós tem suas cismas, assim como cada um de nós também isenta-se de culpa. Somos todos culpados. Todos, sem exceção! Nos perdemos naquela época e, de algum jeito, permitimos que interesses pessoais se sobrepusessem ao interesse inicial do grupo, que era a diversão em conjunto. A distância que estabelecemos em uma única noite foi a principal responsável pelo que aconteceu à Rebeca. A banalidade de nossos atos

levou nossa amiga ao coma por doze anos e nos afastou de vez, ou alguém aqui ainda se considera próximo de um de nós como era antes?

Ninguém respondeu e ele prosseguiu:

— É natural que não sejamos mais o grupo que brincava com jogos de tabuleiro na varanda até altas horas, mas desconfiança é outra coisa... É mais grave. Nenhum de nós se preocupou com os problemas que o outro poderia ter, nem antes e nem agora. Se pararmos para pensar, talvez nem mesmo a preocupação em entender o que aconteceu com Rebeca seja genuína e estamos todos aqui com o intuito único de livrar o próprio couro ou de mostrar o progresso que a vida nos proporcionou - respirou fundo e completou: — Eu não conheço o que realmente se passa com Fernanda, por exemplo, apesar de falar com ela por telefone constantemente; ela não sabe os dramas que vivencio, apenas ouve minhas músicas no rádio e vê minhas apresentações nos programas de televisão. Imagino que isso se dê com vocês também: nenhum de nós conhece a vida pessoal do outro, seus anseios, suas vontades, suas verdadeiras dificuldades. Temos notícias em relação às vitórias e é só isso. Eu arrisco afirmar que a intenção de cada um aqui é provar a própria inocência, nada mais.

Ele estava certo.

— E se nós não nos aproximarmos agora, dificilmente o faremos em outra ocasião. - Mundo completou.

Era agora ou nunca.



Incomodado com a reação de Luciana, Daniel logo após a conversa na sala e sem que ninguém percebesse, foi até a cozinha, tirou o telefone do gancho e apertou a tecla *redial*. Após o terceiro toque, uma voz de mulher disse *alô* do outro lado da linha.

—Boa tarde. Quem fala?

— Amélia.

— Olá, Dona Amélia. Sou eu, o Daniel... Posso falar rapidamente com a enfermeira Hilda?

— Sim, doutor, vou chamá-la.

Não havia nada que Daniel quisesse falar com Hilda, mas era certo que a enfermeira entenderia e saberia disfarçar depois, quando e se Amélia a questionasse. Sua única intenção era confirmar uma suspeita. Se o último número discado era o número da casa de Rebeca, ele fora a última pessoa a usar o telefone ainda pela manhã, quando respondeu à ligação de Hilda. Sendo assim, Luciana que deixou a sala com intuito de telefonar para o marido, não havia feito ligação alguma.



Capítulo 24

Às sete da noite Nilo descia de um ônibus na rodoviária de Petrópolis. Reinaldo o aguardava e de lá foram direto para o apartamento do policial, onde a conversa correu solta, regada à cerveja de baixa qualidade.

— Vou até lá amanhã de manhã, vou pegar Luciana de surpresa e ela não vai ter pra onde correr...

— Você precisa ter cuidado, Nilo. Aplicar corretivos dentro da sua casa é uma coisa, mas lá... São muitas pessoas... Sua mulher não está sozinha e há um médico e um advogado naquele grupo e esse tipo de gente tem mais facilidade para identificar algumas... *situações*, se é que você me entende. Se você der bobeira, eles podem perceber e denunciá-lo, o que não pega bem para um policial.

Reinaldo não tinha preocupação alguma com Nilo, mas deixar de adverti-lo seria descabido e, como amigo das antigas, ele precisava manter as aparências. Após a morte da esposa, ninguém mais além do dinheiro merecia sua real intenção e compactuar com Nilo àquela altura dos acontecimentos, não lhe renderia nada. Aceitar aproximar-se envolvia apenas a garantia de acompanhar o desenrolar da história para não ter problemas maiores.

— E pensa que eu não sei? Você acha que a mantive afastada dessa gente esses anos todos por quê? Se tem coisa que eu não sou, é burro...

— E desde quando eu o chamei de burro? Só acho que você não pode esquecer...

— Eu não esqueci, Reinaldo - Nilo o interrompeu.

— E tem mais! Se der alguma merda, a delegada não vai ajudar, não, pode ter certeza. Depois que o capitão se aposentou, aquela delegacia foi se perdendo cada vez mais. Só apareceu delegado certinho, que reza na cartilha da corporação. Os caras dizem que até dinheiro de blitz custa pra entrar por lá... E com essa mulher no poder, homem errado não tem vez.

Quando ela desconfia de injustiça ou de qualquer outra merda, fuça tudo até achar e não vai ser difícil pra ela descobrir o que você faz... Ou fez.

— Vai pro inferno, Reinaldo - foi a resposta que o velho obteve, antes de Nilo entornar goela abaixo e em uma talagada só, mais de meia lata de cerveja.



Enquanto lavava a louça na casa de Amélia, Hilda pensava a respeito do telefonema que atendera pela manhã... Aquele tom de voz tão peculiar lhe era conhecido e ela, movida por tudo o que já havia experimentado, temeu pela moça que o homem procurava. O desassossego vivido tão logo o irmão viu-se homem voltou a incomodá-la. Hilda sabia o que era conviver com um homem violento; nem mesmo a diferença de muitos anos entre eles a afastara desta possibilidade e o fato de ser mais jovem não fazia com que ele a respeitasse. Foi aos dezessete que ele lhe levantou a mão pela primeira vez... À época, ela estava prestes a completar trinta. As ameaças continuaram e Hilda viu-se obrigada a deixar a casa que herdara do pai e nunca mais procurou pelo meio-irmão ou pela madrasta.

Imaginou que a tal Luciana talvez passasse por situação semelhante nas mãos do marido. Se aquele homem fora capaz de mandar para o inferno uma desconhecida que atendera ao telefone, o que não fazia com a esposa? Teve pena da moça. Uma pessoa tão jovem não merecia passar pelo que ela havia passado; não era qualquer pessoa que conseguia lidar com violência doméstica, que conseguia desvencilhar-se do fardo. Luciana não comparecera ao encontro marcado quando Rebeca teve alta; foi a única do grupo que não apareceu e o fato, agora lembrado, reforçou as suspeitas de Hilda. Possivelmente o marido a tolhia de vida social... O irmão quis fazer isto com ela em determinada situação.

— *Vai aonde? - Ele perguntou naquele sábado, quando viu que Hilda, arrumada, havia chamado um táxi.*

— *Festa de final de ano do pessoal do hospital...*

— *E precisa se vestir como uma puta?*

— *Ei! Olha como fala, não estou vestida desta forma...*

— *Ah! Precisa de um espelho, então - saiu e voltou com um espelho de parede, que ficava no quarto da madrastra, nas mãos: — Veja aqui se não está como uma puta!*

Ele aproximou o espelho do rosto de Hilda e ela pôde ver que lágrimas desciam de seus olhos, carregando consigo o pouco rímel que usara na maquiagem.

Quando percebeu que ela estava fragilizada, o irmão simplesmente lhe atirou o espelho na face, cortando-lhe a bochecha esquerda.

Hilda levou a mão ensaboada à cicatriz que tristemente ilustrava seu rosto e a lembrava todo santo dia daquele acontecimento infeliz. Certamente, em diversos lugares não distantes dali, outras pessoas passavam por situação semelhante. Luciana talvez o passasse e os amigos que estavam com ela naquele momento, pois o doutor Daniel confirmara em ligação que ela estava em Petrópolis, desconheciam o fato. A vergonha impedia de contar, Hilda sabia. Ela também não contara a ninguém... O corte em seu rosto fora resultado de descuido, de um tombo no chuveiro que quebrara a porta do boxe, só isso. Era melhor assim.



Naquela noite, em Petrópolis, Daniel dispensou Genoveva e encomendou pizza. A mulher já havia passado poucas e boas em um interrogatório desnecessário e era injusto exigir-lhe mais.

Jamile, que mantinha o jejum, voltava da cozinha com um copo de mate sem açúcar em tempo de ouvir o parecer de Afonso:

— Não houve prescrição do crime, se é que houve crime...

— Houve! Ninguém aparece espancado em um jardim, sem que outra pessoa tenha lhe batido. E muito! Espancamento é crime - Mundo o interrompeu.

Não havia nada que Mundo precisasse omitir, não havia motivo para deixar de mencionar o que pensava. Se as pessoas quisessem desconfiar

dele o fariam, permanecendo ele calado ou não. Foi exatamente isso que fizeram nos últimos doze anos. E, além do mais, aparentemente já não havia como ocultar informações e esperar que as lembranças eclodissem automaticamente para Rebeca; não havia tempo para esperar. A presença ofensiva daquele policial era prova real disto.

— Vou até a delegacia amanhã. Como advogado, posso tentar esmiuçar a questão e entender o aparecimento deste policial sem que tenha sido chamado e de certa forma, sem motivo algum.

— E não seria pior? Isso não soaria como se nós estivéssemos com medo?

A pergunta inesperada de Jamile fez com que todos se entreolhassem, como se um buscasse o medo no olhar do outro ou como se buscassem alguma confirmação através da identificação do medo.

Ela se explicou:

— Pensem... Nenhum de nós em momento algum requisitou qualquer ajuda policial, no entanto recebemos a visita de um sujeito que diz ter sido enviado pela delegacia para entender o que estamos fazendo aqui. Ele mostrou que conhece o caso e considerando sua idade, é provável que tenha inclusive trabalhado nele. Se este homem chegou até aqui, certamente nossa presença atiçou a curiosidade das autoridades locais então, cobrar satisfações diretamente na delegacia não poderia nos trazer problemas?

— Para eles, somos todos suspeitos... - Fernanda, do seu jeito, concordou com Jamile.

— Não somente para eles. Somos todos suspeitos até mesmo para nós, correto? Todo mundo aqui se isenta de culpa, mas não perde tempo na hora de apontar o dedo para o outro. É como se cada um soubesse que não fez nada, mas não acreditasse que os outros também podem não ter feito... - Lionel pontuou e depois complementou: — A amizade que tínhamos ruiu naquela noite, naquele jardim. Deixamos que ela se dissolvesse para ceder lugar a algo grave: a desconfiança. Nunca mais nos encaramos da mesma forma, nunca mais fomos além de palavras triviais ou gentilezas vazias ou brincadeiras bobas. Cada um tomou seu rumo e não há laços reais, nada do que nos envolve hoje é concreto como foi no passado. Como falamos outro dia, o que cada um sabe sobre os demais é pouco, é pequeno, é o básico, só isso. Antes não era assim...

— Ora, Lionel, antes não era assim porque não havia nada de grave que nos envolvesse. Éramos amigos, um bando de adolescentes querendo apenas curtir a vida, até que Rebeca apareceu espancada e quase morta no fundo do jardim dessa casa. Você acha que dá pra seguir naturalmente depois disso? - Ana Paula levantou a voz, visivelmente irritada.

Lionel a respondeu:

— Não penso que seria seguir a vida naturalmente, mas quando foi que paramos para conversar sem acusações? Quando cada um aqui ouviu a versão do outro sem permitir que suas próprias impressões ou seus preconceitos prevalecessem?

— Nunca - Luciana respondeu. — Não houve sequer um momento em que tenhamos nos preocupado única e exclusivamente com o outro. Cada um sempre se preocupou apenas consigo.

Ela falava com conhecimento de causa. Nenhum de seus amigos desconfiou de suas ausências, de seu afastamento. Para eles, Luciana era uma pessoa egoísta que abandonara o grupo após o casamento, como se não precisasse mais deles e provavelmente por ter encontrado realidade melhor em seu relacionamento. Nenhuma outra hipótese foi aventada, ninguém imaginou que se tratasse de situação completamente adversa. Era mais fácil acreditar na inocência daquela justificativa frouxa, do que ter o trabalho de ler nas entrelinhas.

— Talvez eu deva ir com você, Afonso - Rebeca ofereceu-se, certa de que como principal interessada, sua presença na delegacia causaria melhor impressão. — Se a intenção da polícia é descobrir o que aconteceu comigo, o fato de eu estar lá pode ser um atenuante para todos vocês. Inclusive, posso afirmar que a ideia de irmos para cá foi minha, o que realmente foi.

— Desnecessário... - Ana Paula, movida pelo ciúme, deixou escapar seu pensamento.

— Chega, Ana Paula! - O marido a repreendeu. — Ou estamos todos aqui por um objetivo comum, ou voltamos para nossas casas como se nada tivesse acontecido e não falamos mais neste assunto.

Ele estava certo.

Aquele era o momento em que uma decisão deveria ser tomada, não havia mais como adiá-la. Ou juntavam-se de uma vez por todas e entregavam-se seriamente ao caso, ou o abandonavam definitivamente, seguindo cada um para o seu lado.

Mundo foi o primeiro a falar:

— Eu concordo com o Afonso. Quem não deve, não teme, não é o que dizem por aí? Se a polícia tem interesse no caso, porque não demonstrar a ela que nós também temos? Porque nos mantermos reclusos aqui sem contar com qualquer ajuda, como se somente nós pudéssemos encontrar a verdade?

— Não sei se há interesse por parte da polícia, Mundo. Minha intenção é justamente entender a visita desse policial, pois na minha concepção, tudo pareceu muito esquisito. Ele não tinha um mandato, como Ana Paula citou mais cedo e eu não me dei conta disso...

— Ficou nervoso para perceber, Afonso? - Fernanda não perdeu a oportunidade de cutucar o advogado.

Frente à observação de Afonso, Luciana, que não deu ouvidos à provocação de Fernanda, pronunciou-se:

— Não, não tinha, Afonso, e se ele não tinha um mandato, porque você permitiu que nos submetêssemos ao interrogatório?

Seu casamento com Nilo lhe dera experiência suficiente para reconhecer que a polícia ou alguns de seus membros, nem sempre estavam do lado correto da história. Deixar-se corromper por vantagens, fosse por insatisfação com o sistema ou por falta de caráter, infelizmente era comum naquele meio. Não se tratava de fato generalizado, mas acontecia, Luciana via e não podia negar.

Ainda incomodado com sua falha, Afonso respondeu:

— Não sei... Foi tudo tão inesperado... Acho que a necessidade de atender àquele homem para que não tivéssemos problemas, prevaleceu. Não me dei conta de que ele não apresentou um encaminhamento oficial até Ana Paula comentar o fato - seu nervosismo era real, estava aparente, assim como sua culpa por ter falhado.

— Advogado de merda! - Fernanda, sempre direta, partiu para ofensas.

Antes que Afonso pudesse responder, Daniel que até então observava a conversa, decidiu que era momento de intervir:

— Faremos o seguinte: amanhã cedo o Afonso vai até a delegacia com a Rebeca e eu vou voltar ao clube, vou tentar encontrar mais alguma informação sobre o tal baile de final de ano. Se alguém quiser me acompanhar, agradeço; duas ou mais cabeças pensam melhor do que uma.

Àqueles que ficarem na casa, sugiro que façam uma busca minuciosa dos fatos, que tentem ligá-los de alguma forma com conversas honestas.

E mais uma vez, assim como acontecera anos antes, foi Daniel quem decidira o destino do grupo. Ninguém percebeu, todos acataram.



Capítulo 25

Apesar de a campainha ter soado cedo na manhã seguinte, Afonso e Rebeca já estavam fora, a caminho da delegacia local, e Daniel já seguira para o clube. Foi Genoveva quem atendeu à porta, enquanto os remanescentes terminavam o café da manhã na grande mesa da sala de jantar.

Segundos depois, a governanta adentrou o cômodo.

— Tem um senhor na porta e ele procura por você, Luciana. Disse que é seu marido.

Luciana sentiu seu corpo congelar. A mão direita, que segurava a xícara de café, tremeu, o que não passou despercebido para Mundo e Lionel.

— Ora, vejam só! Vamos enfim conhecer o Nilo!

A frase de Fernanda poderia ter soado irônica, mas não foi. Nenhum deles conhecia Nilo pessoalmente e apesar de reportar-se diretamente ao homem nas ocasiões em que ele a atendera no telefone, ela nunca o vira. Depois que Luciana engrenou o namoro e afastou-se do grupo, não houve quem se sentisse à vontade para comparecer à sua cerimônia de casamento. E depois do casamento, não houve como Luciana reaproximar-se do grupo. Uma coisa levou à outra, como habitualmente acontece. O suposto desinteresse dos amigos em seu casamento e as atitudes do marido fomentaram o afastamento de Luciana, fazendo com que ela não os buscasse nem mesmo nos piores momentos.

Nilo havia encontrado a esposa. Estava do lado de fora e aguardava por ela. Era certo que a levaria embora, que a faria passar vergonha. Provavelmente não lhe levantaria a mão, guardaria as agressões para quando estivessem sozinhos. Mas o medo a tomou.

— E o que a senhora disse para ele? - Perguntou, apavorada com a resposta que teria.

— Eu disse que viria chamá-la.

Aquela foi a sentença.

Luciana levantou-se devagar, seu corpo pesava e se pudesse, ela postergaria seu encontro com Nilo o máximo que conseguisse. O constrangimento era inevitável. Se fosse possível arrastar-se pelo chão lentamente até chegar à porta de entrada, o faria; se fosse possível desaparecer como em um passe de mágica naquele momento, o faria; se fosse possível morrer repentinamente para não ter que encará-lo, o faria também.

Ao chegar à sala de estar, sem perceber que os amigos estavam atrás dela, Luciana apenas encarou o marido que tinha uma mochila nas costas. Nilo, de frente e com visão privilegiada de todo o grupo, fez seu teatro:

— Nossa, quanta saudade! Alguns dias sem você são como tortura pra mim, sabia? - Ele sorria, mostrando simpatia fora do comum.

Luciana ouviu apenas uma palavra de seu discurso: *tortura*.

— Juro que tentei me manter em casa, mas não consegui. Viajei de madrugada... Pedi dispensa de alguns dias no trabalho para ficar com você e espero que não seja uma atitude inconveniente de minha parte... Espero que seus amigos não se incomodem com minha chegada repentina - ele encarou o grupo.

Para os demais, a situação não trazia nada de errado. Certamente, ao informar que viajaria, Luciana deixara o endereço com o marido e ele, movido por preocupação ou por saudade conforme dissera, decidiu ir atrás dela. Para Luciana tudo estava bem claro: Nilo conseguiu o endereço usando de suas facilidades como policial e estava ali para aplicar-lhe um corretivo.

— Não há problema algum, imagine! - Fernanda foi que respondeu, sorrindo para o homem, e depois apresentou-se: — Sou Fernanda. Sou eu quem às vezes telefona para a sua casa para falar com Luciana...

E você nunca a chama, sempre inventa alguma desculpa esfarrapada e me despacha... -, completou em pensamento, perguntando-se como aquele homem, que não era bonito, mas era muito simpático, podia ser tão grosseiro ao telefone.

— Então, muito prazer, Fernanda. Eu sou o Nilo.

Lionel torceu o nariz. Não era de sua intenção chegar a conhecer o marido de Luciana, ele nem mesmo se lembrava que o homem existia, contudo o infeliz estava na sua frente.

Mundo, sempre atento como a vida o obrigara a ser, percebeu que havia uma estranheza no ar. Luciana não dissera nada, apenas encarava o marido e, mesmo sem poder ver seu rosto, ele sentia que ela estava decepcionada. A presença do tal Nilo não era somente inesperada, era também desaprovada, apesar do silêncio da esposa. Voltando seus olhos para as mãos de Luciana, percebeu a instabilidade. A moça tremia.

— Bem, Nilo, já que você chegou, entre... O dono da casa não está, mas fique à vontade. Estávamos tomando o café da manhã. Você já tomou café? Aceita nos acompanhar? - Jamile, sem saber se agia corretamente, disse ao homem.

Em qualquer outra situação, Lionel não perderia a piada. Diria de imediato que Jamile Jamanta estava fazendo seu melhor: oferecendo comida. Mas não vinha ao caso, não mesmo. A tensão de Luciana, que ele assim como Mundo, também havia notado, o impedia de qualquer brincadeira idiota. A presença daquele homem também.

— Eu aceito - Nilo respondeu, entrando e passando um de seus braços sobre os ombros da esposa, que viu-se obrigada a acompanhá-lo.

Antes mesmo antes de apanhar, Luciana já sentia o peso da presença do marido instalado sobre seu corpo. Se tivesse sorte - tinha? - ele a levaria embora e guardaria suas reais intenções para quando estivessem em casa, privando-a da humilhação perante seus amigos.

Com todos de volta à sala de jantar, Nilo sentou-se à mesa ao lado da esposa e serviu-se de café e uma generosa fatia de queijo. Depois, depositou sua mão direita propositalmente sobre a coxa de Luciana que estava ao seu lado, visando demonstrar controle, intimidar qualquer iniciativa que ela viesse a apresentar e que pudesse prejudicá-lo.

— É um grande prazer conhecer os amigos de minha esposa. Sinto que este contato pareça tardio, claro, mas sempre há tempo para fazer novos amigos.

Ana Paula, que se mantivera calada até então, assim o permaneceu. O homem era falso e era quase impossível imaginar que seus amigos acreditavam nele. Por trás de toda aquela falsidade, havia uma segurança exagerada e era como se ele estivesse blindado, como se nada pudesse atingi-lo ou incomodá-lo. E Luciana... *Meu Deus, ela não disse uma palavra depois que ele chegou-*, pensou.

— Caramba! Estou sentado na mesma mesa que pessoas famosas. É realmente um grande prazer... Aprecio muito aquela sua música, rapaz, Dias Vazados...

— Dias Vazios. O nome da música é Dias Vazios - Lionel o corrigiu, dirigindo-se ao homem pela primeira vez e pondo sua insatisfação às claras, para quem quisesse vê-la.

Nilo o ignorou, dedicando-se a bajular Jamile:

— E você é modelo, famosa pelas capas de revistas.

A falsidade ficou ainda mais clara para Ana Paula que, ao olhar ao redor, encontrou cumplicidade nos olhos de Mundo, que parecia buscar também algum alento para aquela situação patética. Ela decidiu deixar a mesa, seu asco era grande demais para permitir que continuasse ali.

— Se me dão licença, já terminei a refeição e vou esperar por Afonso em meu quarto.

Mundo fez o mesmo:

— Também já terminei. - e seguiu pelas escadas, atrás de Ana Paula.

Lá em cima, no corredor, um parou para ouvir o outro, coisa que há tempos não acontecia.

— Você percebeu o mesmo que eu? - Mundo perguntou, certo de que Ana Paula, que claramente concordava com as impressões de Fernanda e habitualmente o ignorava, lhe daria um fora.

— Que o homem é falso? Claro! Um bajulador de marca maior que não foi convidado, mas chega com uma tremenda cara de pau e ainda com ares de bom moço. Não gostei dele, Mundo.

Mundo. Ela o chamara de *Mundo*, o que não fazia desde a adolescência. Dias antes ele era *Raimundo, o merda...* Foi exatamente assim que ela havia dito, ele se lembrava. Mas ali, frente a uma suposta adversidade que nenhum dos dois conseguia entender por completo, a aproximação se deu.

— Nem eu. É como se ele escondesse algo... E Luciana não demonstrou satisfação ao vê-lo.

— Parece que não, ela não disse nada, nem uma palavra sequer depois que se deparou com ele à porta, mas ao mesmo tempo... Luciana falou com ele ontem por telefone e pode ser que tenha o convidado. E o pior é não saber se os outros também perceberam tudo isto.

— Lionel percebeu - Mundo a respondeu.

— Será? Lionel sempre gostou de Luciana e talvez a reação dele tenha sido apenas pela chegada do homem e não necessariamente por suas atitudes. Nessas horas, a presença de Daniel faz falta. Acho que como dono da casa ele poderia impor-se mais que nós.

— Sim, poderia, mas a educação do Dan não permitiria que ele colocasse o homem para fora... Talvez ele até ficasse cismado, como eu e você estamos agora, mas permitiria que ele entrasse e ficasse.

Era verdade.

Mundo tinha razão, Daniel não seria deselegante a ponto de não concordar com a presença de Nilo na casa.

— Vou ficar de olho nele e fique você também, caso não se importe. Se notar alguma coisa que pareça divergente, que escape à normalidade, me fale, por favor.

Ele pediu e ela, após sorrir com sinceridade, concordou:

— Pode deixar!



Lá embaixo, todos já haviam deixado a mesa, quando Nilo sugeriu à esposa:

— Querida, percebi que o terreno da casa é grande e que há belos jardins aqui. Se incomoda de darmos um passeio lá fora?

Luciana concordou com um breve acenar de cabeça. Concordar era o que lhe restava.

Quando percebeu que ambos haviam deixado a sala, Lionel aproximou-se de Jamile. Ela, de imediato, na defensiva e habituada com as piadas grosseiras do rapaz, defendeu-se:

— O que é? Vai fazer alguma piadinha de gordo mais uma vez?

— Não. Acho que, assim como eu, você também não gostou dele. Estou errado?

— Não, Lionel, você está certo, muito certo. Ofereci café da manhã porque não havia outro jeito... O homem já havia chegado! Fico com a impressão de que há algo por trás desse sujeito, suas atitudes me parecem...

conhecidas... Mas não gostei da presença dele e acho que Luciana também não gostou.

— Ah! Disso eu não tenho a menor dúvida...

— Alguém sabe o que ele faz da vida? - Jamile perguntou, estendendo a conversa à Fernanda, que também estava na sala.

Fernanda não sabia nada a respeito do homem, não se recordava de ter ouvido de Luciana qualquer informação detalhada. Em paralelo, seguindo seu comportamento habitual, ela analisou as cismas e questionamentos de Jamile. Seria inveja por Luciana ter um marido, coisa que ela, Jamile, não tinha? Na adolescência os comentários sobre o fato de Rebeca parecer ter Daniel e Afonso aos seus pés incomodavam Jamile que por ser gorda, à época nunca tivera um namorado ou pretendente. Fernanda sempre acreditou que Jamile nutrisse inveja das amigas e de Rebeca principalmente, o que poderia ser visto como algo suspeito. Algumas pessoas matavam por inveja.

— Eu não sei - ela respondeu. — Pode parecer esquisito já que aparentemente sou eu quem tem mais contato com Luciana, mas nunca conversamos sobre o marido dela. Ele sempre foi muito seco ao telefone, nas poucas vezes em que me atendeu quando liguei. E, confesso, nunca tive curiosidade em relação a ele... Ou vocês se esqueceram que depois de casada Luciana simplesmente ignorou os amigos? Pra ser sincera, nem sei por que eu ainda a procurava...

Por fofoca! -, Jamile pensou. *Mas você só faz fofoca sobre temas que são de seu interesse e não lhe cabia esmiuçar sobre o marido de Luciana já que você não tem um...* -, completou o pensamento, certa de que era Fernanda quem invejava algumas conquistas das amigas. Inclusive ela se lembrava dos inúmeros comentários de Fernanda sobre Afonso e Daniel não esconderem o interesse que tinham pela jovem, e lembrava também do quão irritada Fernanda ficava com a aparente disponibilidade de pretendentes de Rebeca.

— Agora está feito, ele vai continuar aqui pelos próximos dias... Cabe a nós apenas prestar atenção, pois se trata de um estranho. Nossa intenção era reunir o grupo e ajudar a Rebeca. O fato de ter alguém de fora em nosso meio pode nos desviar de nossos planos.

Lionel estava certo. Desta forma, os três, a jamanta, a fofoqueira e o maluco beleza, selaram o pacto de observar Nilo. As diferenças e os

desentendimentos corriqueiros foram postos de lado em prol de um bem comum, exatamente como faziam Mundo e Ana Paula no andar de cima.

Nenhum deles notou, mas os cacos nos quais o grupo havia se tornado, começavam a se juntar.



Capítulo 26

Na delegacia, Afonso tinha impressão de que ele e a delegada não falavam a mesma língua.

— Deixar ver se eu entendi o senhor, doutor... Um policial esteve em sua casa ontem para interrogar você e seus amigos, é isso?

A mulher, apesar de jovem, era séria, postura impecável, o que fez com que ele, de alguma forma, sentisse maior segurança em relação ao caso, apesar de ter a certeza de que ela perceberia suas falhas.

— Exatamente. Aliás, não exatamente, pois a casa não é minha, mas foi deste jeito.

— Mas nenhum mandato foi expedido e confesso, não conheço o caso a fundo. Sei do acontecido pelos jornais da época e comentários, mas eu nem policial era àquela ocasião. O caso não foi reaberto e eu não mandei ninguém àquela casa. Talvez seja algum equívoco.

Rebeca sentia que tudo aquilo não os levaria a lugar algum. Ela não queria o envolvimento da polícia e insistira durante todo o trajeto para que Afonso mudasse de ideia.

— E qual era o nome deste policial? - A mulher perguntou.

Afonso, que teve vontade de rasgar seu diploma de advogado quando viu-se obrigado a admitir tamanha falha, titubeou um pouco antes de respondê-la.

— Não sei. Nós não perguntamos e ele, por uma vez, não nos informou seu nome.

— Doutor, o senhor está me dizendo que recebeu um homem que se diz policial em casa e nem sequer lhe solicitou uma identificação? É sério?

Rebeca intercedeu:

— Foi tudo muito repentino, delegada. Nenhum de nós esperava por uma visita da polícia. Estamos aqui em uma tentativa de reunir nosso grupo e me fazer lembrar, apenas isto; não há grandes pretensões. Talvez tenha sido um equívoco como a senhora disse e acho melhor deixarmos isto de lado.

— Não sei, minha jovem. É deixando de lado que as pessoas param de andar pra frente - a delegada, que parecia não entender o que acontecia, mostrava-se sensata. Se aqueles dois chegaram lá para saber sobre o tal policial que os visitara, como desistiam da informação tão rapidamente?

Gabriela Trindade, a jovem delegada, era uma justiceira nata ou carne de pescoço, como diziam seus subordinados. Não aceitava qualquer coisa e não se dava por satisfeita com facilidade. A visita da dupla de amigos logo pela manhã lhe soava como, no mínimo, constrangedora por denotar sua falta de controle em relação ao que se sucedia dentro de sua delegacia. Aparentemente um de seus homens fora ao encontro daquelas pessoas sem que ela ordenasse, para investigar algo que não era de sua alçada. Seu faro dizia que havia algo de podre naquele acontecimento.

— Vocês poderiam ao menos descrever o homem que os visitou? Estatura, idade, características físicas ou algum traço marcante e que ajude na identificação?

E assim eles fizeram. Detalharam as características do policial, bem como a suposta ironia presente em suas atitudes, o que despertou ainda mais a curiosidade e a fúria de Gabriela. Ninguém brincava de ser policial em sua jurisdição. Ela chegaria até este sujeito e descobriria suas reais intenções.

— Sugiro que voltem às suas tarefas e deixem a polícia trabalhar. Farei contato em breve, fiquem certos disto - disse confiante de que tinha trabalho pela frente e apontou a porta de sua sala para que ambos saíssem.

Depois que Afonso e Rebeca deixaram a delegacia, Gabriela chamou seu assistente.

— João! João!

Tão logo o homem surgiu à porta, completou:

— Quero os arquivos do caso da moça que foi espancada em 2006 na minha mesa o mais rápido possível. Quero saber quem estava na casa, quem cuidou do caso na época, o que foi descoberto e tudo mais que constar na papelada. E rápido!

Se antes não havia nenhuma interferência da polícia, ao menos não sob a ótica da delegada, a partir daquele momento, haveria.



Após deixar a delegacia, Afonso viu que havia mensagens de Ana Paula no aplicativo.

Estávamos todos à mesa do café ainda quando o marido da Luciana chegou e ele é estranho, ninguém gostou dele, Afonso. Parece que veio pra ficar, trouxe mochila.

Depois da chegada do tal Nilo todos nós ficamos tensos, apreensivos. Não simpatizamos nem um pouco com ele. O cara é ofensivo, parece fingir gentilezas o tempo todo como se precisasse agradar. Você vai demorar pra chegar? Nem leu a mensagem anterior ainda...

Será que dá pra você me responder?!?!?!?!?

Eram três as mensagens, com intervalo aproximado de dez minutos entre cada uma delas. Chegaram enquanto Afonso ainda estava na delegacia, ele sentira o aparelho vibrar dentro do bolso.

— O marido de Luciana chegou. Está na casa - Afonso comentou com Rebeca após a leitura e sem dar-se ao trabalho de responder a esposa. — Ninguém gostou dele.

— Ué! Mas vocês não o conhecem? - Rebeca questionou, surpresa com a informação captada nas entrelinhas.

A pergunta, partindo de uma pessoa que estivera ausente por doze anos, poderia ser natural, banal até, mas não era. A vida nos impõe provas como se precisássemos provar algo a ela, mas basta que sejamos algo para nós mesmos, que sejamos justos, que sejamos corretos. Afonso sabia que não havia normalidade alguma em não conhecerem o homem com o qual a amiga estava casada há anos, casamento este que inclusive resultou no afastamento desta amiga. Onde cada um deles estava enquanto a vida dos outros seguia seu rumo?

— Não. Ninguém foi ao casamento dela...

— Por quê?

— Ora, Rebeca, porque não. Luciana se afastou depois que começou a namorar este sujeito, não nos procurava mais e se um de nós a procurasse, ela nos evitava. Parecia só ter olhos para o namorado. E quando ela casou... Quando ela casou o grupo já estava quebrado. Ninguém foi.

Afonso havia notado que Luciana ficara tensa quando Dan comentou sobre o telefonema. Guardou a informação consigo com intuito de comentar mais tarde com Mundo ou com o próprio Daniel, o que acabou não fazendo. Por um breve momento sua ação pareceu comum: guardar atitudes com intuito de fazê-las e permitir que caíssem no esquecimento. Era sempre assim. Foi assim na noite em que Rebeca foi encontrada... Ele pensou em questionar Ana Paula sobre o que ela fazia no jardim minutos antes, mas em meio a toda aquela confusão, acabou deixando para mais tarde. Doze anos se passaram, eles casaram-se neste intervalo, e a pergunta nunca foi feita.

— E no seu casamento, eles foram? - Rebeca chamou-o de volta à realidade.

— Sim, mas nem todos. Você não foi, claro; e Luciana também não.

— E o Mundo? Ele foi? - Ela perguntou, mas já sabia qual seria a resposta.

— Não. Ana Paula não quis convidá-lo.

Rebeca constatou que seus amigos deixaram de ser amigos e ela não estava lá para ver ou tentar impedir. O grupo, coeso na adolescência e que somente discutia por picuinhas, já não existia, apesar de todos negarem o fato ou fingirem não vê-lo.

— O que faremos agora? - Afonso perguntou, desviando-a de seus pensamentos.

— É possível que Dan ainda esteja no clube. Vamos até lá.



— Não, rapaz. De uns anos pra cá tudo está diferente. O clube oferece o baile na noite de réveillon mesmo, dia 31 de Dezembro, com queima de fogos, ceia especial e tudo mais. Descobrimos que isto atrai público -

administrador respondeu a Daniel, quando este perguntou se o baile já havia acontecido. — Hoje é dia 29, o baile será depois de amanhã. Estão todos convidados!

Aquilo parecia coisa de filme ou de livro de mistério e seria óbvio ter que levar Rebeca ao baile, onde anos antes ela tomara chá de sumiço, para que suas lembranças acordassem. Daniel não esperava ter que fazer isto, ele torcia para que tudo fosse resolvido antes.

— Até temos mais material... Algumas filmagens dos bailes e sei que naquele ano foi tudo filmado. Deve estar aqui em algum lugar, mas não posso procurar, não tenho tempo, sabe? Ainda preciso dar um jeito de conseguir os champanhes para a festa... Você acredita que não houve um empresário da região que oferecesse as garrafas de champanhe em doação? Se o clube precisar comprar, o prejuízo será grande... Não sei como vou resolver isso...



— Pensa que sou idiota? Você acreditou mesmo que eu não fosse te encontrar aqui? - Nilo pressionava a esposa.

Ambos caminhavam lado a lado pelos jardins da casa e ele, esperto como só, mantinha um sorriso no rosto. As palavras grosseiras saíam trincadas, pois assim, se alguém estivesse observando-os à distância, não perceberia.

— Eu só queria ajudar a Rebeca...

— E não me retruque. Não pense você, Luciana, que só por estarmos aqui, eu vou deixar isso passar barato. Não vou mesmo - ele falava olhando ao redor e, como não havia ninguém por perto, pegou o braço da esposa com força e a puxou para si, antes de completar: — Você vai ficar caladinha até amanhã, quando iremos embora. Seus amigos sabem que sou um policial? - ela negou com a cabeça e ele prosseguiu: — Não quero que fale para eles, não quero que conheçam minha função. Não quero que comente sobre nosso casamento, sobre nossa relação - ele falava das surras, ela entendeu. —Tenho as costas quentes, tenho conhecimentos, você sabe disso

e se eu tiver algum problema, por menor que seja, não terei receio algum de apagar um deles e não vai ser só por doze anos, entendeu?

Nilo passava dos limites.

Luciana tentou desvencilhar-se do toque e ele apertou seu braço com mais força, levando-a a expressar em seu rosto a dor que sentia.

— Bem abusadinha, hein? Os amigos lhe dão coragem? - ele torceu-lhe o braço. — Pois vou repetir: se alguém desconfiar do que acontece em nossa casa, eu não tenho nada que me impeça de me defender apagando esta pessoa. Ficaremos aqui hoje, para socializar com esses imbecis e não levantar suspeitas e amanhã cedo tomamos um ônibus para casa. Lá você vai aprender a não brincar comigo. Já deveria ter aprendido, mas como você é burra e parece que ainda não aprendeu direito, vou te ensinar novamente.

— Mas Nilo...

— Não adianta nem implorar, Luciana. Você está errada! Errada, entendeu? - Nilo sacudia a esposa pelo braço e, para não despertar a atenção e nem erguer o tom de voz, mantinha seu rosto colado ao pescoço dela, suas palavras repletas de ódio eram vociferadas ao pé do ouvido de Luciana. — Você me deve obediência... Não pode me largar em casa e sair pelo mundo como se fosse uma puta sem dono, acompanhando meia dúzia de babacas que estão brincando de detetive. Maldita foi à hora em que essa garota acordou... Devia ter morrido, ter seguido pra terra dos pés juntos! Agora vamos voltar para a casa, não quero despertar a curiosidade dessa gente.

E seguiram rumo à entrada da casa, ela tensa, ele ostentando um sorriso falso e patético no rosto.

Lá de cima, da janela do quarto que ocupava, sem que eles percebessem, Ana Paula viu tudo, apesar de não ter escutado nada. Depois, sem saber ao certo o motivo, caminhou até a porta do quarto e a trancou. Sentou-se à cama e enviou uma mensagem para Afonso:

Acho que esse Nilo é violento. Vi pela janela que ele discutia com Luciana no jardim. Segurou-a pelo braço e a sacudiu com força... Definitivamente eu não fui com a cara dele e não estou gostando nem um pouco de sua presença na casa.

Depois, ciente de sua falha da facilidade de ter em mãos um telefone celular, constatou: *Eu deveria ter fotografado isso!*



Na sala, o telefone de Fernanda apitou de forma estridente. Era o alarme de mensagens, que ela fazia questão de manter em tom alto, para que não perdesse as informações que lhe chegavam.

Vi sua mensagem e você falou em polícia. Está com algum problema? Quer que eu vá ao seu encontro? Prefere que envie alguém... Um advogado?

Era Osvaldo e ela arrependeu-se de ter comunicado ao pai sobre a visita do policial. O homem não exagerava somente nas roupas, exagerava em suas atitudes também e se ela não tivesse cuidado, provavelmente ele daria jeito de Skerlock Holmes^[16] ou Miss Marple^[17] aparecerem ali para investigarem o que acontecia. Para Osvaldo não havia impossível que pudesse ser considerado como tal. O dinheiro não lhe impunha limitações.

Está tudo bem, pai. A situação já foi resolvida. Diz pra mãe que mando um beijo.

Respondeu e de imediato Osvaldo devolveu-lhe seu bordão:

A vida é pauleira! Sua mãe também manda um beijo.

— Tudo bem? - Lionel perguntou ao ver que Fernanda se comunicava pelo aplicativo de mensagens.

— Sim - ela respondeu. — Era apenas meu pai, preocupado com a incursão do policial ontem.

Lionel meneou a cabeça e rebateu:

— Acredito que agora nós devemos nos preocupar com outra incursão...
- e apontou para Nilo, que entrava pela porta da frente, segurando Luciana pelo braço.



Capítulo 27

O aparelho de telefone vibrou dentro do bolso da calça de Afonso que, certo de que se tratava de mais uma cobrança da esposa, não deu-se ao trabalho de ler a mensagem. Deixaria para depois.

Estacionou o carro em frente à fachada do clube, lembrando-se da fotografia que retratava o grupo e que fora tirada ali anos antes. Na ocasião nenhum deles imaginava as mudanças que estavam por vir. Depois, ele e Rebeca entraram, encontrando Daniel que aguardava na recepção pelo retorno do administrador.

— Conseguiu alguma coisa? - Afonso foi incisivo.

— O administrador está tentando localizar as filmagens do baile de 2006. Eles têm tudo em arquivo também, assim como as fotos, mas este material quase não é usado então, ele não sabe exatamente onde está.

— Ah! - Rebeca protestou. — E ele não poderia ter dito isso antes?

— Foi o que pensei, mas acho que ele não nos levou a sério da outra vez em que estivemos aqui e por isso não falou sobre estas filmagens...

Era mentira.

O homem aceitara remexer os arquivos e buscar os DVDs mediante a generosa oferta de Daniel, muito empenhado no caso, de custear todo o champanhe da festa. O cheque, de valor altíssimo, já estava assinado e muito bem guardado dentro de sua carteira, mas o médico achou melhor omitir este fato de seus amigos.

— Não sou eu quem vai se prender a detalhes, não mesmo - ele pensava, enquanto resgatava dois discos na sala da diretoria. — Não tenho nada a ver com isso, nunca tive. Doze anos é tempo mais que suficiente para fazer um acordo cair por terra e, considerando a qualidade das imagens, não acredito que alguém possa ser identificado no vídeo. Esse pessoal está insistindo muito e se eu não fizer algo que possa satisfazê-los, vou ter problemas.

Entre manter palavra que não é e nem nunca foi minha e ter bebida de qualidade na festa, fico com a segunda opção. Aqueles merdas nunca me deram nada...

Alguns minutos depois o administrador surgiu na recepção. Ele trazia discos nas mãos.

— A gravação deve estar nesses discos, vejo pela descrição nas capas. Mas, será necessário que assistam aqui. Não posso permitir que o material saia do clube...

— Quanto a isso, não há problemas. Estou com um notebook no carro e podemos usá-lo para assistir às gravações sem ocupar seus equipamentos e sem interferir na rotina do clube.

Daniel foi até seu carro e trouxe o notebook. Depois, sentaram-se os três no refeitório do clube, pois ali a movimentação de pessoas transitando àquele horário era menor.

— Vocês não acham mesmo que vamos assistir ao vídeo aqui, não é? - Ele perguntou, acionando um programa que copiava conteúdos.

— E não vamos? É o único jeito... O homem disse que os discos não podem sair do clube.

Foi a inocência de Rebeca que sempre encantou Afonso, já para Daniel, não se tratava de inocência; àquela altura dos acontecimentos era displicência.

— Claro que não - o médico respondeu. — Não estamos assistindo a um comercial de margarina, Rebeca. Estamos buscando pistas e não vai ser uma simples vista d'olhos que vai revelá-las. Estas gravações devem ser analisadas minuciosamente, com muita calma e não por uma parte de nós, mas pelo grupo inteiro. Todos podem ter o que acrescentar, todos podem vir a recordar de algo ao assistir isto. Vou copiar os arquivos e nós vamos fingir que não há nada de interessante nos vídeos. Mais tarde, em casa, veremos tudo e com todos reunidos.

— Isso é roubo, mas não vai ser o advogado aqui, que deixou de cobrar o mandato de um policial, que vai questionar esta situação - Afonso informou, debochando e sua própria falha e depois se lembrou: — Ah!... Temos visita. O marido da Luciana chegou pela manhã. Ana Paula me avisou pelo aplicativo de mensagens. Parece que a presença dele causou desconforto aos demais.

Afonso não fazia a menor ideia da mensagem que o aguardava dentro de seu bolso, na tela do telefone celular.

Daniel, apesar de saber que o homem havia telefonado para a casa de Dona Amélia, não deu muita atenção ao comunicado feito por Afonso. Seu objetivo ali era obter cópias dos discos sem que o administrador suspeitasse. O que quer que o marido de Luciana tivesse causado teria que ficar para mais tarde.



Na mesa do almoço o silêncio imperava. A presença de Nilo, por mais que o homem tentasse agradar, era ofensiva, incômoda. Luciana sequer tinha forças para levar o garfo à boca e Jamile, que continuava em jejum e já percebia que seu estômago estava menos avantajado, apesar de fraca, de uma poltrona próxima mantinha-se atenta ao seu redor. Remexer o passado realmente não lhe fazia bem.

— Não acredito que você não vai almoçar - Nilo dirigiu-se a ela em determinado momento, quando ele já servia-se do segundo prato. — Tudo isso pra manter a forma? Você está bem assim, bem bonita, com curvas boas pra pegar... - ele a cobiçava, seus olhos voltados diretamente para o decote de Jamile, desceram pelo restante do corpo da moça.

— Só não sinto fome - ela respondeu tentando encerrar o assunto e sem encará-lo diretamente.

Não adiantou.

— Mulher boa precisa ter carnes... Precisa ter o que mostrar, precisa ter curvas para serem apalpadadas. Veja Luciana, por exemplo... Minha mulher é magra, quase uma caveira e talvez seja por isso que não pega barriga. Falta sustância! - Ele levantava a voz. — E eu acho que o fato de você ter sido gorda como uma porca na adolescência, não significa que, agora que parece normal, não possa comer, não é?

E Nilo riu, aquela risada nojenta que em casa matava a esposa de medo, mas ali a matara de vergonha.

Agora que parece normal... Gorda como uma porca... O eco da voz de Nilo estilhaçou os tímpanos de Jamile. Ela sentiu asco.

Luciana notou que a máscara usada pelo marido começava a cair. Ele não conseguiria ser gentil por muito tempo, ao menos não com os amigos dela, de quem fazia questão de impor seu afastamento. Como se fosse possível pedir desculpas só com o olhar, ela encarou Jamile e viu que lágrimas brotavam nos olhos da moça.

Nilo também viu.

— Ué! É frouxa? Precisa chorar só porque a chamei de porca gorda? Ah!... Coisas de mulher, sempre fracas, sempre inferiores e sem qualquer condição de escutar umas verdades - ele mantinha o tom irônico.

Se havia algo que alimentava Nilo mais que um segundo - ou terceiro - prato de comida, era perceber que havia magoado alguém e se fosse uma mulher, tanto melhor. Frente às mágoas causadas, o sadismo do homem adquiria formas, ganhava asas e crescia. Nilo era doente. Dali pra frente a tendência era piorar.

Mundo interveio:

— Acredito que você possa ter ofendido nossa amiga, Nilo. Peço, por favor, que guarde algumas opiniões pessoais só para você. Ninguém, em momento algum, tem intenção de causar discórdia ou constrangimento nesta casa.

— Claro! Nada de discórdia - a ironia de Nilo virou sarcasmo. — Vamos apenas celebrar a amizade, correto? - E levou mais uma garfada generosa à boca, deixando que grãos de arroz caíssem ao redor do prato.

Putá merda, cadê Afonso que não chega? Eu quero ir embora, ir pra casa... -, era o que Ana Paula, fragilmente tocada com as palavras do homem, pensava. Era certo que desentendimentos aconteciam entre eles, mas Nilo era uma pessoa que podia ser considerada *de fora* e ela sentia que o grupo tinha sido invadido; era como se ao permanecer ali, ela compactuasse com toda aquela atrocidade.

Jamile levantou-se e seguiu para o andar de cima, convicta de que só sairia de seu quarto após a chegada de Daniel e após providências serem tomadas em relação à presença daquele homem. Quem era ele para lhe jogar o passado na cara? E porque Luciana havia contado ao marido sobre seu excesso de peso? A forma como ele falara soava diferente das brincadeiras de Lionel, muito diferente. Contudo, havia mais, não foi somente a ofensa. O homem incomodava Jamile até mesmo quando estava

com a boca fechada e para ela, era como se houvesse algo de escuso nele, além de seu comportamento sórdido.

A situação era vergonhosa. A vergonha, contudo, não impediu Luciana de raciocinar. Nilo não conhecia seus amigos pessoalmente e durante todos aqueles anos, o pouco contato que tivera foi com Fernanda, através das ligações telefônicas que ele atendia ou, em sua perspectiva, interceptava. Ela não se recordava de ter mencionado o excesso de peso de Jamile. Ou será que havia falado? Em meio ao problema de violência doméstica que estendia-se por tantos anos e das poucas vezes em que ele lhe ouvira e dera atenção, como lembrar-se da possibilidade de ter feito um comentário? Em paralelo, conhecendo o hábito de Nilo de não dar nenhum valor ao que ela dizia ou pensava, se ela falou, porque ele memorizara tal fato?

Depois do almoço, o café foi servido na sala de estar. Mais uma vez, foi Nilo quem falou bobagem:

— Não tem cerveja? - Ele perguntou à Dona Genoveva. — Esse negócio de cafezinho depois do almoço é coisa pra desocupado ou pra quem precisa conter o sono e voltar ao trabalho. Estou aqui pra me divertir, pra espairecer e uma cervejinha gelada vem bem a calhar.

A resposta veio de Lionel, que detestava bebidas alcoólicas e acarretava à dose de vodca tomada anos atrás, sua falta de lembranças sobre a fatídica noite.

— Não. Não há bebida alcoólica na casa. Durante um bom tempo a casa ficou fechada e nós, quando viemos para cá não nos preocupamos em providenciar cervejas. Nenhum de nós tem o hábito de beber.

— Quer dizer então que nem você, que se diz roqueiro, entorna umas biritas de vez em quando? Eu jurava que você curtisse até coisa mais forte, droga pesada... Parece típico... Tem tanto cantorzinho por aí que morre de overdose, não é mesmo?

— Chega, Nilo!

Durante seus oito anos de casada Luciana argumentara com o marido uma vez só, na noite em que ele achou que ela olhava para o homem na barraca de cachorro quente. Apanhou tanto que decidiu não mais se arriscar. Ali foi diferente. Luciana reagiu e ela não sabe se sua reação foi movida pela força que emanava dos amigos ou pela sua própria fraqueza, que já cansava de existir.

— Como é que é? - foi a resposta de Nilo.

— Eu também acho. Não vai ser ofendendo as pessoas que você vai conquistar a confiança delas... Se está aqui, Nilo, faça por onde ser aceito pelo nosso grupo, por favor, e não nos cause problemas ou constrangimentos - Fernanda disse e seu tom era quase uma ameaça.

Sem saber, ao peitar Nilo, Fernanda transferira para si a ira que ele direcionava a esposa. Ela não tinha noção alguma do que era *causar problemas* na concepção de Nilo, muito menos, tinha conhecimento dos problemas que ele podia causar ou do problema que ela acabara de causar; assim como também não sabia dos tipos de *constrangimentos* que ele armazenava em seu rosário de crueldades e lançava mão se preciso fosse.

— Você tem razão. O estranho aqui sou eu e não devo agir de maneira que possa denegrir a *harmonia* que sempre uniu todos vocês.

Ele deu ênfase à palavra *harmonia*, o que fez com que Ana Paula buscasse o olhar de Mundo. Ficou claro para ambos que aquele homem sabia mais do que dizia saber sobre o grupo. Era como se ele conhecesse os desentendimentos que permeavam a todos nos últimos anos e como soubesse que se havia algo que lhes faltava, era harmonia.

— Vou descansar um pouco. A viagem foi cansativa e mal dormi durante a noite, com receio de perder o horário do ônibus. Você me acompanha até seu quarto, Luciana.

Não foi uma pergunta. Não foi um pedido. Foi uma ordem, todos perceberam.

Luciana seguiu Nilo para o andar de cima e entraram no quarto. Jamile percebeu a movimentação e deu uma espiada no corredor, vendo o exato momento em que a amiga fechava a porta atrás de si e ainda em tempo de ouvir sua súplica: *Por favor, aqui não!*

O que Luciana tanto temia?



Passava das cinco da tarde e o fato de ver que Rebeca desceu do carro de Afonso quando o marido estacionou em frente a casa simultaneamente à Daniel, não incomodou Ana Paula. Em outros tempos ela questionaria, argumentaria que Rebeca poderia perfeitamente ter voltado aboletada no

veículo de Dan, mas não havia tempo para tal. Nilo soava como urgência maior.

Já Afonso, este estranhou o fato de encontrar sua esposa amigavelmente sentada em uma cadeira ao lado de Mundo. Eles não pareciam tão próximos pela manhã, quando saiu para a delegacia.

— Você não leu a minha última mensagem - reclamou rapidamente e depois perguntou sobre a visita ao clube: — Descobriram algo?

— Não necessariamente. Trouxemos cópias das filmagens do baile de 2006. Na realidade, nós roubamos este conteúdo, mas isso não vem ao caso.

— Meu Deus! - Ana Paula surpreendeu-se com o suposto roubo.

— E o que tem nestes vídeos? - Mundo perguntou, seguido pelo olhar atônito de Fernanda, que chegava a varanda.

Ana Paula percebeu que havia algum desconforto no olhar da amiga. Fernanda, que dificilmente perdia a aparência tranquila e desafiadora, mostrava-se tensa.

— É o que vamos descobrir agora - Daniel respondeu, seguindo em direção à sala de vídeo.

Enquanto Daniel instalava seu notebook na televisão grande, Lionel subiu para chamar Jamile que ainda estava no quarto.

— Você está de sacanagem! - Ela disse quando Lionel lhe explicou o que aconteceria. — Não basta eu ter sido chamada de porca gorda por um idiota desconhecido? Vocês ainda vão fazer com que eu me assista enorme, vendo meu antigo corpo em uma tela de 60 polegadas?

Jamile sentiu-se como a metáfora de algo conhecido, porém ignorado. Era o passado voltando para cuspir a realidade até então encoberta, em sua cara. Ela via-se gorda nas fotografias antigas e, mesmo após seu emagrecimento, via-se gorda em algumas ocasiões, quando enfrentava um espelho, por mais que este evidenciasse sua boa forma. As pessoas a encaravam e lembravam-se da *jamanta* que tantos traumas lhe causara no passado. Mas ver-se de verdade, em vídeo, não era algo para o qual estava preparada. Confrontar o ontem e o hoje é para poucos, é para aqueles que têm coragem. Ela não sabia se tinha.

— Você não pode se deixar levar pelas palavras daquele homem, Jamile. O que ele pensa ou diz não deve ser considerado. Nilo mostrou-se um verdadeiro boçal mais cedo.

— Ah! Falou aquele que não perde uma oportunidade de fazer piadas, que não deixou de me chamar de *jamanta* durante todos estes anos...

— Me desculpe.

Jamile apenas encarou Lionel, como se esperasse que ele dissesse mais alguma coisa.

Ele disse.

— Eu nunca tive intenção de ofendê-la, mas percebo que ofendi. Nunca measurei minhas palavras e nunca tive sensibilidade suficiente para perceber o quão seu excesso de peso a incomodava e que não era engraçado ser gorda. Mesmo após sua mudança, eu insisti neste apelido idiota e só o que posso fazer é pedir desculpas e garantir que você está linda. Você superou o que sempre foi visto como problema, você deu a volta por cima e hoje é motivo de orgulho para todos nós.

— Não superei. Você não tem ideia do que eu passo, não sabe quanto me custa... Você não sabe o que é ter um corpo magro e uma mente gorda, que só enxerga o que quer... Nunca foi fácil pra mim, nunca! Foram tantas as vezes em que eu precisei fingir ou mentir para não ser julgada pelas outras pessoas que, com a mais absoluta certeza, me julgariam somente por eu ser diferente; ou para que não caíssem sobre mim as culpas que habitualmente são depositadas nas costas de quem pesa mais do que deveria - o choro veio com tudo, trazendo as lembranças das ocasiões em que ela comia descompassadamente para satisfazer sua tensão, dos episódios de vômito após os excessos e do jejum estabelecido há dias.

Era verdade. As diferenças destacavam-se e tornavam-se motivo para qualquer ato, por mais que não houvesse qualquer ligação real. Mundo foi julgado por ser pobre; Dan, por ser rico. Fernanda foi a fofqueira durante a vida toda, enquanto o ciúme que Ana Paula sentia de Afonso era sua característica mais citada. Não seria ela, a gorda, que sairia ilesa das considerações alheias. Se as dores eram particulares, o escárnio, infelizmente, sempre foi público.

— Então, me conte. Converse comigo, Jamile e permita que eu a ajude.

Jamile viu sinceridade nos olhos de Lionel e abraçou o amigo, certa de que poderia realmente contar com ele. Ela, de fato, precisava desabafar.

— Sim, eu conto. Mais tarde, pois agora temos um vídeo pra assistir, não é?

Ela contaria, estava decidida. Não há como regurgitar o passado e já não havia espaço dentro dela para reter mais nada.

Jamile sorriu para Lionel e ele sorriu de volta. Depois, de braços dados, seguiram pelo corredor.

A intenção era reunir todo o grupo durante a exibição das imagens então, sem medo, Lionel fez sinal para que Jamile aguardasse e bateu à porta do quarto de Luciana.

Luciana abriu uma pequena fresta, colocando o rosto do lado de fora.

— Dan trouxe uns vídeos e quer que todos nós acompanhem a exibição lá embaixo, na sala da televisão.

Sem saber o motivo, Lionel sussurrava.

Luciana deu uma espiadela para o interior do quarto e confirmou que Nilo roncava. Depois, encarou os amigos, como se repensasse as possibilidades, assentiu com a cabeça e deixou o cômodo, fechando a porta atrás de si. A mesma força, desconhecida até então, que a impulsionara para Petrópolis, a jogava para fora daquele quarto.



Enquanto esperava que todos estivessem reunidos na sala, Daniel foi até a cozinha e deu um telefonema para a casa de Rebeca. Ele tinha quase certeza de que o telefonema narrado pela enfermeira Hilda partira de Nilo, já que a voz de homem havia perguntado também por Luciana, mas não custava nada confirmar a hipótese e verificar se outros telefonemas não aconteceram.

— Não doutor, desde aquela ligação, não houve nenhuma outra - Hilda disse do outro lado da linha.

— Então é bem provável que tenha sido mesmo o marido de Luciana. Ele está aqui, na casa, e por isso pode ter parado de telefonar. O homem tanto especulou que apareceu hoje cedo. Você por acaso deu este endereço a ele? - Daniel perguntou já sabendo a resposta. Hilda era muito íntegra para cometer tamanho excesso e invadir espaços ou falar mais do que devia não era característica da profissional.

— De forma alguma! E não teria dado nem mesmo se eu quisesse... O homem mal me deu tempo de falar... Era um grosseirão.

— Obrigada, enfermeira. Preciso ir. Consegui uns vídeos antigos que talvez revelem algo. E sobre o homem, o marido de Luciana, o jeito vai ser engolir esse tal de Nilo por mais alguns dias. Até! - e desligou.

Do outro lado, distante dali e em uma casa simples da Penha, enquanto Dona Amélia atenta assistia à novela, a enfermeira Hilda precisou de uma cadeira para se sentar, pois suas pernas decidiram-se por não mais aguentar o peso de seu corpo. O mundo definitivamente era algo pequeno demais.



Capítulo 28

— Olha só, Reinaldo, já se passou muito tempo. Não há motivo algum para eu esconder esses vídeos e, além do mais, as imagens são tão ruins que dificilmente alguém vai conseguir identificar alguma coisa relevante ali. Pra você ter noção, eles nem demoraram muito tempo assistindo... Devem ter se cansado logo ou notado que não conseguiriam ver nada naquela merda.

— Não me interessa. Você disse anos atrás que manteria tudo muito bem guardado, seu filho da puta imbecil, e eu confiei em você.

— Ei! Sem ofensas... Antes era diferente. Antes você era policial e havia uma troca de interesses, concorda? Eu ficava quieto e você me ajudava quando fosse preciso. Dei fim em todas as fotografias que mostravam a garota, conforme você me pediu. Mas hoje... Hoje você está aposentado, não conta com a parceria de ninguém de peso dentro da delegacia e não há vantagens que possa me oferecer. Já o doutorzinho... Ah! Ele me deu um cheque graúdo, que vai render bem mais que o champanhe da festa.

— E antes você era um merdinha qualquer, subordinado e que precisava se garantir no emprego, não é, babaca? Pra crescer e ter vantagens, você rezou na minha cartilha. Hoje não! Hoje é você o administrador do clube e por isso acredita que pode fazer o que bem entende.

— Está feito, Reinaldo. E isso não vai resultar em porra nenhuma, pode ter certeza. Eles assistiram aos vídeos e foram embora, todos com cara de bunda. Certamente não viram nada demais no pouco que conseguiram enxergar nas gravações.

E desligou o telefone.

Do outro lado, perplexo, Reinaldo não sabia como agir.



Na delegacia, envolta na papelada do caso de Rebeca, a delegada Gabriela tentava juntar as peças daquele quebra cabeças. Doze anos atrás uma jovem fora encontrada quase morta nos jardins de uma residência que era posse de família abastada e influente. O caso, após algumas semanas, fora arquivado. O tempo passa e a moça acorda desmemoriada do estado de coma estabelecido na ocasião e que parecia eterno, para voltar a casa com os amigos e tentar descobrir o que acontecera. Um policial enviado por ninguém se intromete na questão. Os bobos submetem-se ao interrogatório fictício forjado pelo homem.

— Alguma coisa não se encaixa, João - ela disse ao assistente que, apesar de exausto e com horário de plantão esgotado, ainda se mentinha na delegacia.

— E o que a senhora acha que pode ter acontecido, doutora?

Gabriela encarou friamente seu assistente antes de responder.

— Acho que estão todos enganados. Aquele advogado disse que somente o grupo de amigos estava na casa, contudo, uma pessoa de fora tentou aproximar-se após o retorno deles. O pior: se passando por um dos nossos! Se meu faro não me engana e isso nunca aconteceu, havia mais alguém naquela casa e essa pessoa passou despercebida. Talvez sua presença tenha sido encoberta por alguém. Provavelmente o homem que apresentou-se como policial sabe mais do que nós, ele tem algum envolvimento neste caso.

João sorriu orgulhoso do feito de sua superiora. Durante os cinco anos que dividira trabalho com a mulher, ele nunca a viu errar. Se ela falou que havia mais alguém na casa, certamente havia mais alguém na casa mesmo.

Do lado de fora, com o ouvido grudado na porta, Juvenal, policial da banda podre, que estava ali desde os tempos de Reinaldo e conhecia o caso de perto, ouviu tudo e descobriu que foi bom ter retardado sua ida para casa naquele final de tarde. Depois, o homem seguiu para o banheiro onde trancou-se para dar um telefonema.



Quando o celular tocou novamente, Reinaldo, acreditando tratar-se do administrador do clube com mais alguma informação inútil não o atendeu. Somente na terceira ligação ele percebeu que o nome que piscava na tela era de Juvenal.

Atendeu.

— Fala, Juvenal! O que você manda?

— Olha só, Reinaldo, decidi ligar por desencargo de consciência - o homem sussurrava ao telefone. — A delegada resolveu revirar o caso da bela adormecida de ponta cabeça e acho que ela não vai sossegar enquanto não encontrar alguma coisa. E o tal do João, aquele cheira bunda, está ajudando.

As coisas estavam se enrolando, Reinaldo percebeu.

— O que?! O João Babacão se meteu nisso também?

— É isso mesmo que eu falei e acho que vai dar merda. Liguei só mesmo pra avisar... E tem mais: não quero ter problemas. Se vire sozinho, não conte comigo. Falta pouco tempo pra minha aposentadoria e não é minha intenção me meter em encrencas. Apesar de eu ter as mãos limpas neste caso, eu sei perfeitamente o que aconteceu e, por respeito aos velhos tempos de parceria, decidi te precaver. Só isso. Não devo favores à vocês e não espere que eu tome atitudes. Não conte comigo pra mais nada.

O recado estava dado.

Juvenal desligou o telefone.



Não havia qualquer necessidade de manter o volume da televisão alto, as imagens eram o que interessavam e não a música estridente ou o falatório constante. Reunidos na sala e com a máxima atenção, os nove observavam as cenas gravadas.

— É com enorme satisfação que declaro aberta a pista de danças e convido ao centro o senhor Lair De Barros Figueiredo, ilustre presidente deste clube, e sua esposa, Dona Maria Júlia de Barros Figueiredo - dizia o mestre de cerimônias ao microfone.

Dali pra frente foi preciso redobrar a atenção, pois a luz fraca dificultava qualquer identificação. Mas eles conheciam-se e, certamente, identificariam uns aos outros mesmo à meia luz. E assim foi.

A primeira a ser localizada no vídeo foi Ana Paula, que passou discretamente e foi seguida pela câmera, que só parou quando a moça parou também, ao lado de Afonso. Ana Paula disse algo e ele aparentemente não ouviu, o que fez com que ambos se aproximassem e ela falasse novamente com o rosto colado ao rosto dele. Viu-se então um leve sorriso nos lábios de Afonso.

— Foi uma cantada? - Lionel perguntou e recebeu olhares de reprovação. — Já sei! Não é hora para brincadeiras. Vou ficar quieto.

Depois a câmera voltou a trafegar pelo salão e após algum tempo, ao fundo, nas proximidades do bar, a silhueta de Jamile foi identificada. Ela esticou uma das mãos e pegou algo que o atendente do balcão lhe entregava. Um sanduíche, que de imediato foi levado à boca.

A câmera seguiu. Mais danças, mais pessoas. Daniel e Mundo apareceram rapidamente conversando e depois, Fernanda juntou-se a eles.

Durante um intervalo considerável, nada de relevante foi localizado, até que em outra volta da câmera, Jamile foi vista novamente, ainda no balcão do bar e ela comia algo em uma tigela.

— Meu Deus! Eu comi a noite inteira... - foi a própria Jamile quem fez a observação e parecia arrependida.

Na sequência, surgiram Lionel e Luciana. Eles dançavam, embalados por música romântica e, logo atrás deles, Rebeca!

Rebeca não estava só.

Ela tinha um par. Um homem alto, cuja face permanecia oculta na luz deficiente. Eles pareciam estar deixando a pista de danças no exato momento em que a câmera passou pelo local. Tudo foi muito repentino e a imagem não perdurou por mais que três segundos na tela.

— Volta! - Fernanda, como boa observadora, gritou.

Eles perderam as contas das tantas vezes que voltaram a cena. Tudo era muito rápido, de relance. Rebeca estava com um homem que não podia ser identificado. Depois ambos de mãos dadas, deixavam a pista de danças.

Mais duas horas de gravação estenderam-se após aquela cena e em momento algum Rebeca foi vista novamente.

— Acho que está explícito! Rebeca conheceu alguém no baile e por isso desapareceu - Ana Paula foi direta, não havia motivo algum para ser diferente.

— Eu?!

Rebeca nunca soube o que a levou a falar daquele jeito. Era exatamente aquilo que o vídeo mostrava. Pra que negar? Pra que fingir que não? Sua reação mostrava defesa desnecessária, descabida. Não há como negar algo que está evidente.

— Sim, Rebeca, parece que foi exatamente isso - Dan concordou com Ana Paula.

Para Daniel, era difícil admitir que ele, que sempre amara Rebeca, fora trocado por outro, um desconhecido, em um baile no qual ele mesmo sugerira a presença do grupo. Aquilo doía.

Rebeca de certa forma, precisava admitir que Ana Paula tinha razão. A probabilidade de ela ter deixado o salão em companhia do sujeito com quem dançava era grande. Estranho era ninguém ter visto que ela dançava com um desconhecido.

Mas para este fato eles já tinham a explicação: cada qual, como sempre, encontrava-se voltado para os seus próprios interesses, o que impedia os cuidados com um amigo.

Foi Fernanda quem surgiu com uma nova observação:

— Ninguém a viu durante o baile e quando Rebeca apareceu para voltarmos para casa, ela estava sozinha. Foi depois do baile que suas atitudes mudaram e agora, juntando tudo isso, eu pergunto: será, Rebeca, que você insistiu em se livrar de nossa companhia naquela noite para encontrar-se com este cara?

— Mas o acidente não foi no dia seguinte ao baile - Rebeca afirmou, buscando defender-se. Ela não conseguia imaginar-se trocando seus amigos por alguém de quem nem mesmo se lembrava.

— Não, não foi - Mundo afirmou. — Mas isso não é garantia. E foi realmente após o baile que você mudou, tornou-se distante e ríspida em algumas vezes.

— Sim, foi exatamente desta maneira. Mundo está certo - Fernanda concordou.

Ela começava a ver Mundo com outros olhos. Aquele era um detalhe que poderia ser banalizado, mas Mundo não o permitiu. Se ele tivesse algum

envolvimento no acontecido, certamente não estaria tão interessado em desvendar o mistério ou não estaria tão atento aos meandros da situação. Talvez ela tivesse se enganado por doze anos.

— Pois é. Mundo está certo - Ana Paula completou. — Talvez você não tenha conseguido encontrá-lo logo no dia seguinte ao baile, mas quisesse vê-lo e por isso inventou aquela palhaçada de irmos cada um para um lado. Ou então, pode ser que você e ele tenham marcado um encontro para dois dias depois e, neste caso, nós não éramos bem vindos. Quem vai saber?...

A tristeza e a frustração estavam estampadas na face de Rebeca, Afonso percebeu. Ela, que sempre fora muito próxima de todos eles, via-se ali obrigada a, mesmo sem lembranças, reconhecer que trocara os amigos por um cara qualquer, por momentos apenas. A adolescência parece ter o dom de interferir negativamente em tudo aquilo que aprendemos ser correto, fazendo com que impulsos prevaleçam e sobreponham-se à razão.

— Gente, mas uma parte da história não faz sentido - Luciana interrompeu o raciocínio dos amigos. — Se Rebeca queria sair sozinha e aparentemente foi ela quem primeiro deixou a casa, porque foi encontrada desacordada no jardim?

— Sim, você tem razão - Lionel concordou com Luciana.

— Eu a vi deixando a casa, falei com ela no jardim - Daniel completou a informação dada por Luciana anteriormente.

Mundo buscou certezas:

— Você a viu deixando a casa ou apenas a viu no jardim, Dan?

— É. O fato de eu ter falado com Rebeca no jardim mostra apenas que ela foi para o jardim, não garante que ela tenha deixado a casa. Eu não esperei por lá tempo suficiente para vê-la atravessar o portão.

Ele jamais esperaria. A frustração frente à atitude de Rebeca fez com que Daniel seguisse para casa, para o seu quarto.

— Eu vi vocês dois conversando no jardim - Afonso informou. — Depois entrei e fui procurar algum filme para ver na televisão. Passado algum tempo, Ana Paula entrou e sentou-se comigo no sofá.

— Eu pensei em sair, mas desisti quando percebi que você havia ficado, querido. Eu estava no jardim, mas não cruzei com Rebeca por lá - a esposa de Afonso disse ciente de que ele a vira entrar do jardim, local onde supostamente Rebeca estava, e sem querer que qualquer culpa lhe fosse acarretada.

— Ela pode ter saído e voltado depois, pode não ter demorado muito na rua - Daniel sugeriu.

— Ou posso não ter saído.

Todos encararam Rebeca.

Nilo, descabelado e emburrado, surgiu no alto da escada.

Jamile, calada até então e visivelmente debilitada pelo jejum de dias, desmaiou.



Capítulo 29

— Ninguém me chamou pra assistir o filminho... - Nilo falou ao deparar-se com todos ao redor da televisão. — E eu não vi quando você deixou o quarto, Luciana. Você não me avisou.

Nilo requisitava o que acreditava ser de seu direito, sem dispensar qualquer atenção ao fato de Jamile ter desmaiado. Atônita com a condição da amiga, Luciana não respondeu ao marido.

Lionel ao perceber a chegada daquele que em sua concepção não passava de um intruso, apertou o botão do controle remoto e desligou a televisão. Não se tratava de um *filminho* conforme Nilo dissera e o que quer que viesse a surgir na sequência das imagens não era do interesse daquele homem. Ele não fazia parte do grupo.

— Foi uma queda de pressão, apenas - Daniel constatou. — Pegue um pouco de sal na cozinha, Fernanda, por favor. E um copo d'água também. Ela vai precisar quando acordar.

Fernanda correu à cozinha e Daniel deixou Jamile amparada por Rebeca, que sequer deu-se ao trabalho de olhar para o marido de Luciana tamanha sua preocupação com a amiga desacordada. Daniel então dirigiu-se a Nilo.

— Boa noite. Sou Daniel e esta é a minha casa.

Nilo, surpreso com a abordagem, levantou os braços e fez exatamente com os bandidos fazem quando rendidos, quando pegos no pulo. Na face, um sorriso torto, coisa de quem tentava inutilmente esconder o sarcasmo.

— Prazer, doutorzinho. Sou Nilo e aquela é minha esposa - apontou para Luciana. — Ela está na sua casa tem alguns dias. Eu apenas vim ao encontro dela.

— Certo, eu sei quem você é. Peço que, já que está aqui, respeite não somente os hábitos da casa, mas também os acontecimentos. Se você não percebeu, nossa amiga acabou de desmaiar e temos coisa mais importante para nos preocupar além do que você pensa sobre o fato de termos ou não lhe convidado para assistir ao filme.

Enquanto Fernanda voltava à sala trazendo sal e água, Ana Paula vibrava com as respostas que Dan dava a Nilo. Era mesmo necessário que alguém colocasse aquele idiota em seu devido lugar.

Luciana, que havia escutado toda a discussão sem dizer nada, questionava-se mais uma vez. Ela também não se lembrava de ter dito ao marido que Daniel era médico. Eles não tinham o hábito de conversar, Nilo nunca a ouvia.

Jamile começou a despertar antes mesmo que Daniel pusesse sal em sua boca. A tonteira estabelecida impedia que sua visão fosse sólida e era como se toda a sala e as pessoas presentes ali estivessem embaçadas. Ela conhecia aqueles vultos; todos eles.

— Já estou melhor. Me desculpem pelo transtorno - falou trêmula ainda, misturando nervosismo e fraqueza, porém já tentando se levantar do sofá onde os amigos haviam acomodado-a.

— Espere, Jamile. É melhor que você fique deitada mais um pouco. Não custa esperar. Você pode ter uma recaída... - Mundo alertou, sinalizando para que Rebeca ficasse mais próxima e amparasse a amiga em sua recuperação.

Ao perceber que Jamile estava desperta, Luciana aproximou-se do marido.

— Acho que podemos voltar para casa, Nilo - sugeriu baixinho, sem querer que os outros ouvissem.

—De jeito nenhum! - Nilo respondeu alto e depois completou. — Cheguei hoje e vou hoje mesmo? Não, é muito cedo ainda. A não ser que seu amigo queira que eu vá embora.

Daniel viu que a indireta foi para ele.

— Acredito que não seja necessário - respondeu. — Mas volto a solicitar que respeite a todos nós. Se nós estamos aqui, é por um objetivo comum ao nosso grupo e este objetivo não envolve você, portanto, mantenha-se neutro pelo menos.

— Com certeza! Meu nome é neutralidade. Pode ficar sossegado - a resposta foi irônica mais uma vez. — Vou tomar um banho. Desci só pra ver onde Luciana estava.

Nilo fez menção de subir novamente, mas estancou ao pé da escada e voltou-se para a esposa:

— Acho que podemos dar uma volta pela cidade, Luciana. Comer uma pizza, conhecer um pouco sobre as ruas daqui, sei lá... Qualquer coisa... - ela assentiu com um movimento tímido de cabeça e Nilo seguiu novamente para o andar de cima, certo de que Luciana havia entendido o que ele queria lhe dizer.

Desci só pra ver onde Luciana estava. A frase de Nilo rasgou os ouvidos de Ana Paula e revirou-lhe o estômago. Ela via na expressão a mesma violência que vira mais cedo, através da janela do quarto. Nilo era ameaçador, controlador e a vida de Luciana, certamente não era das melhores. Aproximou-se do marido.

— Agora que a pressa em relação ao vídeo está suspensa, acho que posso falar...

— Já sei, Ana Paula. Você vai reclamar por eu ainda não ter lido sua última mensagem.

— Não, não vou - ter ciúmes de Afonso havia se tornado um pequeno detalhe, quase um capricho; Ana Paula reconhecia que a situação de Luciana era urgente e deveria ser analisada. — Vi a forma como esse tal de Nilo trata a Luciana e, se meus sentidos não falham, ela não se afastou só por ter encontrado um marido como Fernanda sempre sugere. É mais do que isso. O homem é violento e eu acho que ele obriga Luciana a fazer algumas coisas... Acho que seu afastamento se deu contra sua vontade; ela foi obrigada a nos evitar, Afonso - depois respirou fundo e completou: — Luciana apanha deste imbecil, Afonso.

Incrédulo, Afonso olhou nos olhos da esposa.

Não era comum que Ana Paula se preocupasse com fatos que não envolvessem diretamente seu próprio casamento e sua excessiva necessidade de ter o marido sempre consigo, ou seu trabalho. Ali, naquele começo de noite, ela mostrava-se preocupada com o que acreditava acontecer com uma amiga. A esposa parecia mudada e sua atitude merecia todo respaldo.

— Será?

— Tenho certeza - ela afirmou. — Conversei com Mundo, apesar de eu ainda não ter dito a ele o que vi pela janela, mas ele também não gostou de Nilo. Pense, Afonso: Mundo conhece todo tipo de gente, já trabalhou em situações extremas e passou por muita coisa. Se ele cismou com o homem é sinal de que eu não estou tão errada. Mundo não se enganaria.

Ela tinha razão. A vida difícil tinha o dom de destruir uma pessoa, arrastando-a para os caminhos mais tortuosos em busca de sobrevivência. Aquele não era o caso de Mundo que sempre primou pela honestidade e nunca deixou-se conquistar por supostas facilidades, mas o amigo sempre trabalhara duro e sem qualquer reconhecimento. Suas funções variadas e muitas vezes trabalhando em condições extremas, levaram-no a lidar com pessoas de todos os tipos; a falta de privilégios, também. Ana Paula até poderia se enganar; Mundo, não.



Os amiguinhos da sua mulher estiveram no clube e aquele tonto mostrou o vídeo do baile pra eles. Parece que eles saíram de lá de boas, sem perceber nada, mas é bom que você saiba disso. E tem mais! O Juvenal me ligou da delegacia, avisando que a puta da delegada desarquivou o caso de bela adormecida. Ela vai fuçar em tudo novamente e com ajuda do João Babacão, que arrasta uma asa pra ela, faz tudo que a vadia quer. Tome cuidado, se você der mole, o bicho vai pegar.

A mensagem de Reinaldo piscou na tela do telefone de Nilo, que acabara de chegar ao quarto. Ele não sabia sobre a ida de Afonso e Rebeca até a delegacia e por isso não entendeu o que levava a delegada a remexer no caso. Imaginou então que talvez fosse culpa do próprio Reinaldo. O policial aposentado era enrolado e sempre, nos momentos mais cruciais, dava mancadas ou deixava rastros que não deveriam ser deixados. *Reinaldo deve ter dado com a língua nos dentes pra alguém e esse infeliz falou para a delegada. Certamente, se ele tivesse feito apenas o que eu mandei, ela não ficaria sabendo de nada.* -, concluiu em pensamentos e já planejando uma próxima ação.

De qualquer forma, sua intenção era atender à solicitação de Luciana e ir embora, mas o faria apenas no dia seguinte pela manhã. E não se tratava de agradar à mulher; era necessário para não levantar suspeitas. Até lá, acreditava, estaria resguardado.



Por volta das oito da noite, Nilo e Luciana já haviam deixado a propriedade. Daniel, sem querer parecer controlar os horários do casal, entregou à Luciana uma cópia da chave da porta de entrada, para que ninguém precisasse se manter acordado esperando por eles.

Os demais, libertos daquela presença nefasta, conversavam entre si, em pequenos grupos, após o jantar. Em um canto estavam Ana Paula, Mundo e Fernanda; no outro, Rebeca, Daniel, Afonso e Lionel. Apenas Jamile mantinha-se afastada, prostrada em uma poltrona. Ela usou a desculpa de que havia comido um pouco de salada que não caiu bem em seu estômago vazio, mas não era só isso. Jamile sabia que em algumas situações a vida podia revirar as pessoas de cabeça para baixo, sendo dessas pessoas a responsabilidade de retornar ao padrão de posicionamento normal. Já fazia muito tempo que ela estava de cabeça para baixo.

— Sim, eu concordo que ele seja estranho e que suas atitudes incomodam até mesmo a nós que não o conhecemos, mas não sei se isto é motivo para julgamentos - Mundo afirmou após Ana Paula questionar-lhe sobre Nilo.

— Eu vi a forma como ele segurava Luciana pelo braço. Havia agressividade em seu toque e era como se ele a ameaçasse, como se a forçasse a fazer algo - Ana Paula acrescentou, convicta de que não havia se enganado.

— Eu entendo. Mas se pararmos para pensar, quantas são as ocasiões em que julgamos as pessoas apenas pela aparência? E não se trata de defender Nilo ou de tentar parecer benevolente, de forma alguma. Ele é nocivo, sua presença parece arrastar algo pesado consigo, mas não o conhecemos - Mundo explanava seu raciocínio. — E vocês me desculpem, mas a comparação é inevitável... Quantas vezes eu fui julgado apenas por pertencer a uma classe social supostamente inferior à de vocês?

Ele estava certo e não se tratava de defender-se ou fazer-se de coitadinho; aquela era a mais absoluta verdade. Tanto Ana Paula como Fernanda nunca pararam para ouvir o rapaz e apontavam-lhe os dedos na primeira oportunidade.

— Me desculpe - Fernanda pediu. —É tudo tão confuso hoje e na ocasião foi tudo tão assustador. Eu não tinha maturidade... Nunca tive maturidade para lidar com o que aconteceu à Rebeca. Quando me deparei com você e Jamile olhando-a no chão não somente eu o julguei, como o condenei sem ouvi-lo. E tem outra coisa... Todos vocês sempre foram mais próximos a ela - depois, consertou-se: — Não necessariamente todos, pois você não era tão próxima, Ana Paula. Eu só queria que Rebeca me visse como uma amiga de verdade, como uma amiga tão próxima como Jamile sempre foi e acho que isto nunca aconteceu. Saber que ela o considerava mais do que a mim, me incomodava, Mundo.

Ana Paula não se surpreendeu com a narrativa e nem com o pedido de desculpas direcionado a ela. De fato, sua proximidade com Rebeca era deficiente. Não havia como ser uma grande amiga de sua rival. E Fernanda também não tinha tanta proximidade, eram Jamile e Luciana as grandes amigas de Rebeca.

—Tempos passados. O que me importa agora é Nilo. Eu tenho certeza de que Luciana não vive bem com ele - ela deu seu veredicto mais uma vez, visivelmente irritada com a suposta covardia e preocupada com tudo o que imaginava que a moça passava.

No outro canto da sala, era Afonso quem colocava os demais a par das suspeitas de Ana Paula:

— Ana Paula viu os dois discutindo mais cedo, logo após a chegada de Nilo e ele demonstrava agressividade. Ela acha que Luciana passa poucas e boas nas mãos desse infeliz.

— Desgraçado! - Lionel interrompeu.

— Sei que nosso objetivo aqui é outro, mas não podemos deixar que isto passe em branco. - Afonso completou, mostrando que assim como problemas pode afastar pessoas que eram próximas, também os problemas tinham o poder de uni-las. Se antes eles se afastaram após o acontecido com Rebeca, as suspeitas de que Luciana enfrentava dificuldades, agora os aproximava, sem sombra de dúvidas.

— Não, não podemos - Daniel concordou. — Já fechamos os olhos em outra ocasião e não foi uma atitude correta. Se estivéssemos mais atentos à Rebeca, talvez nossa vida hoje fosse diferente e não estaríamos aqui, acusando uns aos outros, nos encarando com desconfiança ou tentando entender o que aparentemente não faz sentido.

Rebeca apenas ouviu, não disse nada. Não havia o que pudesse ser dito. Preocupada em ajudar Jamile em seu desmaio, quando Nilo desceu para a sala no começo da noite ela nem mesmo olhou em sua cara. Deveria ter prestado mais atenção no homem, não tinha dados para julgá-lo. Contudo, as informações sobre a violência presenciada por Ana Paula eram mais que suficientes para sua indignação. E caso fosse mesmo daquele jeito, Luciana, sempre tão doce, não merecia passar por tal situação.

Mais tarde, após todos terem se deitado, Jamile não conseguiu pregar os olhos. O medo de ser julgada era constante, sempre foi. As pessoas a julgavam quando comia em excesso e faziam o mesmo se ela deixasse de comer; as pessoas a julgavam por não ter um namorado e acreditavam que era ela quem julgava aquelas que conseguiam arranjar um. Após o rótulo de *gorda* que metaforicamente grudavam em sua testa, vinham os rótulos de *coitadinha* e *invejosa*. Todos acreditavam que em decorrência do excesso de peso, ela invejava aqueles que eram mais bem sucedidos em seus relacionamentos amorosos, principalmente às amigas. Acarretariam toda e qualquer atitude sua àquela inveja. E jamais acreditariam nela, mesmo que jurasse o contrário.



— Em primeiro lugar, sou um policial e tenho minhas fontes. Não é difícil descobrir aquilo que me interessa e quando percebi que você havia fugido de casa, esmucei a vida dessas pessoas e te encontrei. Desta forma, sei que um é médico e o outro advogado; sei que a modelo quase explodiu de tão gorda no passado, quando mais nova, e sei que o tal do Mundo é um fodido, que não tem onde cair morto, por exemplo. Em segundo lugar, desde quando você me faz perguntas ou me cobra satisfações? Será que míseros dias em companhia destes desgarrados são suficientes para levá-la a me desrespeitar, Luciana?

A pergunta de Nilo não pegou Luciana desprevenida. Ela havia se arrependido quando já era tarde, segundos depois de questionar o conhecimento do marido em relação aos amigos. Sabia que teria problemas, que devia ter mantido a boca fechada. Nilo não aceitava contestações.

— Sugiro o seguinte - ele retomou o assunto. — Nós acabamos de comer aqui e depois voltamos a casa. Amanhã pela manhã tomamos o primeiro ônibus de volta para o Rio e quando estivermos em nossa casa, conversamos a respeito. Você ainda me deve explicações.

— Não tenho fome. Se você quiser, já podemos voltar - Luciana sugeriu com voz miúda, temerosa da interpretação que Nilo acarretaria à sua ideia.

— Mas eu tenho. Se paguei, vou comer tudo que tenho direito nessa merda de pizzaria. E além do mais, não quero precisar mostrar os dentes para aqueles babacas. Quanto mais tarde chegarmos, melhor, pois todos já estarão dormindo.

O momento pedia discrição, Nilo sabia. E sabia também que, àquela altura dos acontecimentos, era melhor não ser visto pelos amigos da esposa.

Ele enrolou o máximo que pôde. O casal deixou a pizzaria quando já passava das onze da noite e por sugestão de Nilo, caminharam pela cidade, bastante movimentada, por quase duas horas. No percurso, passaram por turistas encantados com a beleza local, por crianças que em outra época já deveriam estar em suas camas e até mesmo por um comboio policial, com suas sirenes a todo vapor, provavelmente em incursão, em busca de algum criminoso.

Era madrugada quando chegaram a casa e todos já estavam recolhidos.

— Sairemos cedo, assim que clarear - Nilo disse para Luciana. — Pode dormir. Eu vou ficar acordado por mais algum tempo.

Minutos depois, da janela, ele observava os jardins lá embaixo. O silêncio e a escuridão da madrugada trouxeram lembranças para Nilo.

Eu já estava do lado de fora, no jardim.

Não via muita coisa, aquele canto era escuro. Não sei o que eu buscava, sei apenas que andava por ali. Não sentia medo, nenhum medo; nem mesmo a noite conseguia tolher o que me motivava. Mas o que me motivava?

Foi então que ouvi a voz dele. Ele estava ali e não sei se era para ser desta forma. Eu estava confusa. Era como se algo em relação ao que eu almejava não fizesse sentido.

Ele se aproximou.

Ele insistia em me abraçar, me beijar. Eu queria, mas não queria; queria sem querer.

Ele foi ficando nervoso, irritado.

Me repreendeu. Eu não esperava por aquela atitude. Neste momento, tive medo.

Ele percebeu. E gostou.

Seu nervosismo aumentou e não conseguia identificar se o que ele sentia era raiva por eu demonstrar ter medo dele, ou prazer.

Levei um safanão no braço. Ele fazia perguntas, mas eu não as ouvia claramente, não encontrava forças para respondê-lo.

Ele me bateu, me bateu na cara. Depois bateu de novo. Quase cai.

Vieram os socos: um no estômago e o outro do lado, na região das costelas. Eu sabia que era sonho, mas a dor era quase real.

Tentei gritar, mas minha voz saiu baixa. Depois, ele pôs as mãos em minha boca para me silenciar. E continuou me batendo. Muito.

O tempo, mesmo extenso, parecia não passar. Eu queria que tudo aquilo acabasse, queria acordar.

Até que senti a presença de uma força que não partia de mim e nem dele. Talvez houvesse mais alguém ali. Havia. Em meio a todo o meu desespero consegui ouvir uma terceira respiração. Mas não enxerguei nada, o breu da noite impedia minha visão.

Uma voz diferente disse algo que eu não entendi.

Ele pareceu perder o equilíbrio. Depois, virou-se abruptamente, me lavando junto. E algo pesado bateu em minha cabeça.

Senti quando ele me largou e parecia que eu caía em câmera lenta. Depois, ouvi passos largos, apressados pesados. Acho que era ele correndo, meus olhos já estavam fechados. Então ouvi um soluço, o soluço de quem ficou. E apaguei.



Capítulo 30

Rebeca acordou suada, exausta em decorrência do sonho, que parecia persegui-la e com sede. O relógio sobre a cômoda acusava que eram três e vinte da manhã.

Quando deixou seu quarto em direção à cozinha, percebeu pela movimentação que Luciana e o marido já estavam de volta. Havia luz, provavelmente do abajur, acesa dentro do quarto destinado à Luciana e que agora era ocupado por Nilo também.

Rebeca desceu, chegou à cozinha e serviu-se de um copo d'água. Depois, completamente desperta, seguiu para a sala principal e deixou-se relaxar na poltrona que horas antes fora ocupada por Jamile. Se aquele sonho tinha traços de verdade, o que lhe acontecera envolvia mais de uma pessoa. Contudo, o lapso onírico não lhe permitiu a identificação de feições. Ou talvez fosse apenas um sonho sem qualquer relação com a vida real. Não havia como ter certeza sobre sua veracidade; a mente, sob influência de alguns estímulos, pode nos pregar peças.

Talvez fosse melhor abdicar das lembranças, desistir, retomar sua vida com o que lhe restava do antes e do agora. Mexer e remexer em algo abstrato poderia resultar em nada, poderia levá-la a lugar nenhum. E os amigos? Estavam todos ali, à sua disposição, abrindo mão de seus dias para que se dedicassem a uma promessa que não se efetivava. O que ela lembrava era muito pouco e os sonhos... Os sonhos que tinha não acusavam ninguém especificamente.

Havia em meio a tudo aquilo uma única certeza: seus amigos estavam mudados, estavam mais próximos desde que chegaram a casa. A ruptura ocorrida doze anos antes, sem que ninguém notasse, fora remendada. Um já não acusava mais o outro, ofensas já não eram proferidas. Uma fagulha do que o grupo fora no passado estava acesa novamente e cabia e eles preservar aquela chama e fazê-la crescer, mesmo que para tal pagassem o preço do passado esquecido de Rebeca. Se dentro de alguns dias ela

voltasse para a Penha exatamente como chegara à Petrópolis, sem nenhum esclarecimento, mas com todo o grupo de amigos devidamente entrosado, a viagem teria valido a pena.



João não contava com a incursão noturna, mas a vida de policial era daquele jeito. Tudo parecia bem, até ficar mal.

Ele nem mesmo tivera tempo de jantar. A confusão estabelecida ainda no começo da noite, quando um dos guardas ouviu Juvenal falando ao telefone dentro do banheiro, estendera-se mais do que o esperado. Algumas pessoas, fosse por medo ou por deverem favores, custavam para abrir o bico, para entregar o jogo, para delatar outras pessoas. Com Juvenal foi assim.

A coisa não terminou depois que Juvenal, pressionado, decidiu dar com a língua nos dentes.

A delegada, que não deixava nada para depois, mandou que um comboio fosse até a casa de Reinaldo e o trouxesse à delegacia. Às duas da manhã ela e João faziam a acareação entre Reinaldo e Juvenal.

— Tem mais de seis anos que me aposentei, delegada - Reinaldo argumentava.

— Eu sei disso e é exatamente por ter se aposentado que não faz sentido algum o senhor ter comparecido à casa do doutor Daniel Assis para interrogar a ele e seus amigos, correto?

— E quem disse que eu fui lá?

— A descrição do homem que estive lá bate exatamente com a sua aparência física. Seu amiguinho ali - apontou para Juvenal - foi pego no banheiro, ao telefone, falando com o senhor e o assunto não era trivial. Eu só preciso que o senhor me conte exatamente o que está acontecendo aqui - ela mantinha a postura inquiridora, necessária para lidar com aquele tipo de policial. Ou ex-policial.

Filho da puta! -, Reinaldo pensava. *Esse Juvenal deve ter falado mais do que devia e agora eu fico aqui, com o cu na mão, sem saber o que dizer.*

— Nós não temos a noite toda, então eu sugiro que o senhor fale. Será melhor assim - Gabriela insistia, ciente de que faltava muito pouco para

Reinaldo entregar-lhe tudo. Ela conhecia um cagão de longe, pelo faro.

— Não fui eu... Eu não sei de nada... - Reinaldo insistia, com a boca já torta de tanto nervosismo.

— Então eu vou ajudar o senhor... - Gabriela aproximou-se do homem, que se encolheu temeroso. — Doze anos atrás aconteceu um crime na cidade e, sem que fosse desvendado ou sem qualquer explicação, este crime foi arquivado. Agora, sem interferência ou ordem da polícia, alguém resolveu investigá-lo por conta própria ou fingir que o investiga. Este alguém é o senhor, não adianta negar. O que eu quero saber é qual é a sua motivação e qual é o seu real envolvimento com este caso.

O homem olhou para a delegada. Depois, olhou para João, o policial certinho, e para Juvenal, que mantinha a cabeça baixa, encarando os próprios sapatos encardidos. O cerco havia se fechado e como os policiais costumavam dizer entre si, *era matar ou morrer*. Reinaldo mataria.

Não havia para onde correr.

Não havia o que dizer além da verdade.

Não havia mais nada que Reinaldo pudesse fazer.

Ele falou.

Agora, passado o interrogatório e com Reinaldo bem guardado no xadrez, João estava ali, em um carro à paisana e com mais dois policiais, estacionado perto da casa do doutor Daniel Assis. Em outro carro, mais adiante, estavam a delegada e outro policial.



Na subida para a serra durante a madrugada, dentro do ônibus, a enfermeira Hilda rogava a Deus para que sua presença fosse de alguma ajuda. Ela, que passara o dia inteiro dividida entre agir ou não agir, torcia para que pudesse fazer algo em relação à cunhada desconhecida. Era certo que aquela moça tinha medo, era certo que precisava de ajuda. Passado o susto de ouvir o nome do meio-irmão sendo proferido pelo doutor Daniel ao telefone, a dúvida se desfez. Não se tratava de um nome comum e era pouco provável que houvesse mais de uma pessoa tão próxima com este mesmo nome e comportamento semelhante. Até mesmo as coincidências

tinham limites; Nilo, não. O Nilo ao qual se referira o médico era o mesmo que lhe acertara o espelho e deixara impressa em sua face a marca da humilhação sofrida naquela noite. E a voz... Depois de ligar os fatos, foi fácil constatar que a voz na ligação que atendera era de seu meio-irmão, coisa que passaria despercebida se Daniel não tivesse citado aquele nome: Nilo.



Não eram os roncos de Afonso que impediam o sono de Ana Paula. Tensa com os acontecimentos do dia, ela solicitara que o marido dormisse em seu quarto, mas nem mesmo sua presença foi suficiente para tranquilizá-la. Ana Paula ouviu quando Nilo e Luciana chegaram. Depois, ouviu que alguém passou pelo corredor e descera as escadas. Cerca de meia hora depois, esta mesma movimentação se repetiu: alguém deixara um dos quartos e descera as escadas. Sem coragem, em nenhuma das duas ocasiões ela procurou saber de quem se tratava. Havia se passado algum tempo, estas pessoas ainda não tinham retornado e àquelas horas ela ainda estava acordada.

Mundo dormia. Apesar dos transtornos causados pela presença de Nilo e de todas as divergências do caso de Rebeca, ele sentia-se aliviado por perceber as mudanças na forma como Ana Paula e Fernanda o tratavam. De algum jeito aquilo gerara satisfação. Era bom sentir-se aceito novamente.

No quarto de Lionel, ele e Jamile conversavam baixinho. Havia chegado a hora da conversa prometida mais cedo e ela reunira coragem para falar. Seu sofrimento parecia sufocá-la e mesmo tendo apenas salada no estômago, a ânsia de vômito era grande. Não se tratava de culpa pela comida consumida, não daquela vez. O que ela precisava vomitar eram palavras. Palavras guardadas há doze anos e que ecoavam dentro dela como uma melodia tediosa e melancólica.

Fernanda em seu quarto mantinha-se pensativa. Ela, que era quem ainda mantinha algum contato com Luciana, parecia agora entender a forma como Nilo costumava tratá-la ao telefone. Ela também teve a impressão de ouvir duas pessoas transitarem pelo corredor em intervalos distintos.

Daniel, por via das dúvidas, decidiu verificar os registros da ocasião em que Rebeca fora hospitalizada e que ele trouxera consigo. De acordo com o laudo, dado por outro médico, pois Dan na ocasião era ainda um estudante, ao dar entrada no hospital desacordada, a situação de Rebeca era crítica. Ela apresentava escoriações por todo o corpo, tinha duas costelas fraturadas provavelmente por socos ou pontapés, marcas no pescoço que acusavam tentativa de estrangulamento e uma pequena hemorragia no baço. Contudo, apesar da gravidade dos ferimentos, o que segundo este médico a levara ao coma, foi a porrada que ela levara na cabeça, provavelmente com o violão que estava estilhaçado no chão.

Nos fones de ouvido, Renato Russo dava o tom aos seus questionamentos e confrontava sua realidade com a realidade dos amigos anos antes, traçando um paralelo com o agora. *"Voltamos a viver como há dez anos atrás e a cada hora que passa, envelhecemos dez semanas..."*^[18]. Não eram dez anos, eram doze; eles haviam envelhecido, mas não haviam amadurecido, e já não viviam como no passado. Algo havia se perdido.



Rebeca acordou sem acreditar que havia cochilado por quase uma hora sentada à poltrona da sala. Eram quatro e quinze da manhã! O dia ainda não havia raiado, mas ela saiu para o jardim. Precisava pensar, refletir sobre o que sentia. A falta de perspectivas alterava completamente sua percepção; a sensação de tempo perdido, também.

Talvez sua mãe estivesse certa e a viagem não levasse a lugar algum. Talvez o mais adequado fosse esquecer-se de tudo aquilo e seguir adiante, libertando os amigos do fardo que ela havia depositando sobre seus ombros. Nem sempre aquilo que se quer está ao alcance das mãos, nem sempre as coisas são exatamente como gostaríamos que elas fossem e era preciso aceitar quando a realidade não colabora com as expectativas. Em algumas ocasiões, resta somente conformar-se e Rebeca aprenderia a viver em conformidade com o que viesse.

Caminhava pelo jardim analisando sua situação quando ouviu passos.

É coisa da minha cabeça. Estou impressionada com o sonho e com os últimos acontecimentos. -, pensou.

Porém os passos foram ouvidos novamente, mais próximos.

Ela virou-se e viu o homem.

— Oi, Rebeca.

A voz...

Ela já havia escutado aquela voz.

Aquela face... Não dava para distinguir...

Dizem que a hora mais escura é aquela que antecede o amanhecer.



Capítulo 31

28 de Dezembro de 2006, às 10h30min

— Não custa nada, Reinaldo. Você conhece meu sonho, sabe que quero ser policial.

— Sei, mas querer ser policial é uma coisa e ser policial é outra, Nilo.

— Pois é! E esse bico de segurança no baile do clube é uma oportunidade boa pra mim. Tenho porte, sei me impor. Vou prestar concurso para a polícia em breve e serei admitido, tenho certeza. Trabalhar como segurança vai me ajudar, vai me dar alguma experiência. E, seja sincero, não custa nada ajudar o amigo aqui.

— Ter porte e saber se impor não garante muita coisa... Você é meio maluco, Nilo. E não pode ver um rabo de saia... Perde a calma por coisas pequenas, é destemperado e todo nervosinho, não tem preparo psicológico pra este tipo de situação. E você não quer ser policial para favorecer a lei ou a sociedade. Sua intenção é mostrar força e se dar bem.

—Reinaldo, é só por uma noite, cara... E quem não quer se dar bem?

Reinaldo realmente precisava de gente para o baile agendado para aquela noite. Dois dos homens contratados para ajudar na segurança tinham desistido e não seria fácil encontrar substitutos tão de repente. Nilo, não se enquadrava no perfil, mas, conforme ele havia dito, seria apenas uma noite, algumas horas mais especificamente. E Reinaldo estaria de olho nele.

28 de Dezembro de 2006, às 14h30min

— Você vai ficar responsável pelo salão, Nilo. E vocês quatro também - Reinaldo apontou para os outros que estavam com ele no clube. — O espaço é grande e eu preciso ter homens transitando aqui o tempo todo. Na portaria, ficarão somente policiais. Haverá mais policiais aqui dentro, porém destacados. Caso vocês percebam alguma movimentação estranha,

chamem um policial pelo rádio, entendido? Vocês não são efetivos, não são da polícia, portanto não podem tomar qualquer atitude concreta. A função de vocês é observar, apenas observar, e informar aos policiais caso percebam algo que foge à normalidade. Eu não quero ninguém metendo os pés pelas mãos. Ficou claro, Nilo?

Reinaldo conhecia Nilo e apesar do temperamento explosivo do rapaz, gostava dele. Tiveram seu primeiro contato em uma briga de bar. Reinaldo foi chamado para atender a ocorrência. Nilo havia batido em três homens que olharam para a garota que estava com ele e, na sequência, dera uns sopapos na jovem também. O cara era violento, mas batia bem pra cacete, o que podia ter utilidade dependendo da situação. O caso não deu em nada, pois Reinaldo sugeriu que seria perda de tempo fazer boletim de ocorrência e os envolvidos acataram. O mundo às vezes precisava de pessoas de pulso firme e Nilo era assim. Talvez, se ele chegasse a ser policial, fosse de grande ajuda em pequenos desvios ou pequenas ações escusas.

28 de Dezembro de 2006, às 17h

Já arrumado, Nilo encarava o espelho. Estava bonito, cheio de pinta; a imagem impunha respeito e não haveria um naquele baile que se achasse capaz de desafiá-lo. Pra completar, se tivesse sorte, talvez ainda arranjasse algumas garotas. *"Sempre têm garotas disponíveis, dando mole neste tipo de evento."* -, pensava enquanto dava os últimos retoques na barba.

28 de Dezembro de 2006, às 18h

Nilo aguardava às portas do clube. Chegou cedo. Reinaldo havia marcado com os seguranças para que chegassem às 20h, considerando que teriam ainda uma hora até o início da comemoração. Nilo achou melhor antecipar-se. Aliás, foi sua ansiedade que decidiu por ele. Era preciso impressionar e chegar antes do previsto mostrava seu compromisso.

28 de Dezembro de 2006, às 21h30minh

O baile havia começado e muitas pessoas chegavam ao clube. Nilo, conforme Reinaldo o instruíra, mantinha-se pelo salão, circulando,

observando as pessoas e cuidando para que tudo corresse bem.

28 de Dezembro de 2006, às 23h30minh

A música alta irritava Nilo, mas o baile corria solto e sem nenhum problema. Exceto pela gorda que não deixava o balcão do bar e que, se bobeassem, comeria tudo que havia pela frente, ele percebera. Porém, a situação não podia ser considerada como um problema e a comida servida àquela *monstrona* não era de responsabilidade dele; sua função era inspecionar o salão.

Havia também um casal... A moça insistia em uma aproximação, enquanto o sujeito que parecia um débil mental, evitava-a o tempo todo. Aquilo também não era responsabilidade dele... Nilo não estava ali pra ensinar a um garoto bobão como se pegava mulher e somente interferiria se houvesse algum desentendimento entre eles.

No geral, tudo estava calmo e Nilo mantinha-se atento. Tão atento que mesmo à meia luz, viu uma jovem bonita e tímida, esquecida em um canto do salão.

— Oi - ele se aproximou cheio de galanteios, forçando sorriso sedutor e esquecendo-se completamente de sua função. — Posso saber seu nome?

— Rebeca - ela disse, disfarçando a euforia.

— Oi, Rebeca.

— E o seu nome, qual é?

— Ah!... Isto você vai ter que descobrir e se acertar, ganha um doce.

Ela sorriu tímida frente á possibilidade.

Nilo puxou assunto. Falou sobre o baile, sobre o clube, sobre as músicas que tocavam. Em determinado momento já dançava com a moça. Por fim, esqueceu-se completamente de que estava ali a trabalho e, passadas algumas danças, a convidou para conversar do lado de fora, perto da piscina. Ela foi.

29 de Dezembro de 2006, às 02h30minh

Nilo, àquelas horas, já não respondia por si. Havia bebido, não dispensava nada que os garçons ofereciam na área da piscina e comportava-se não como um segurança, mas como um convidado ilustre.

— E depois que o baile acabar, como eu faço para ver você novamente, gracinha?

— Ah... Bem eu não sou daqui, estou na cidade com alguns amigos e ficarei por mais alguns dias. Podemos combinar alguma coisa...

— Huummmm... Podemos mesmo? Só nós dois? - Nilo exagerava no tom, pois era preciso fisgar a garota.

Ela era bem mais jovem, menor de idade até, mas quem se importava? Era bonita, boba e estava caidinha por ele. A vantagem era que as mais novas sempre caíam mais facilmente em sua lábia. Não que mulheres com mais idade não caíssem, algumas, as que em sua perspectiva estavam a perigo, caíam em qualquer conversa, mas as de novinhas eram mais inocentes.

A moça riu baixinho frente à insinuação e ele prosseguiu:

— Eu não quero dividir você com seus amigos. Se vamos nos encontrar, espero que estejamos apenas nós dois... Só nós dois. Onde você está hospedada?

— Na casa do Doutor Luis Assis, sou amiga do filho dele - ela respondeu sem qualquer noção do que acabara de fazer.

— Amiga do filho dele? Então você tem amigos homens... Assim eu fico com ciúmes, hein?

Mais uma vez Rebeca riu e Nilo percebeu que sua falta de experiência fazia com que ela realmente acreditasse em sua conversa fiada. Estava no papo!

— Eu sei onde fica a casa. O doutor é conhecido na cidade. Vou te deixar com meu endereço - ele sacou um bloquinho do bolso e anotou o endereço de sua casa. — Estarei em casa amanhã o dia todo e vou esperar por você. Só por você... Apareça.

— Não sei se eu devo.

— Deve, deve sim - ele aproximou seu rosto do pescoço de Rebeca. — Podemos conversar, ouvir boa música, comer alguma coisa... Te prometo momentos maravilhosos.

29 de Dezembro de 2006, às 04h30minh

— Porra, Nilo! Você abandonou o posto! Eu confiei em você e você me deixou na mão.

— Que nada, Reinaldo. Não saí do clube, só não fiquei o tempo todo no salão.

— Não ficou o tempo todo? Mas era exatamente isso que você deveria ter feito: ficar na porra do salão, vigiar o baile. Você deve estar brincando com a minha cara - Reinaldo estava irritado.

— E não aconteceu nada que exigisse a minha presença lá. Tudo correu às mil maravilhas. E além do mais...

— Além do mais o quê, filho da puta? Eu te paguei pra trabalhar e você não fez o combinado!

— Ah... Além do mais eu achei uma franguinha aqui que ficou caidinha por mim. Vai me encontrar amanhã, lá em casa.

— Pegando mulher, Nilo? Porra! Eu te contrato pra trabalhar na segurança e você abandona o posto pra pegar mulher, seu merda?

— Se eu fosse um merda, não teria pegado a gata com tanta facilidade. Vai dizer que se achasse uma gostosinha dando mole em um baile, você não ia chegar junto, Reinaldo?

— Em horário de trabalho, Nilo? Claro que não! Pelo menos não da forma como você fez! Você podia apenas ter trocado telefones e continuado seu trabalho, deixando a conversa com a piranha pra depois?

— E desde quando eu sou homem de telefone ou de depois? Gosto do cara a cara, de mão na mão ou em alguma outra parte do corpo - e Nilo ria, cagando para o que Reinaldo ainda teria a dizer.

29 de Dezembro de 2006, às 14h20min

Nilo acordou, tomou um banho, comeu um ovo mexido e ficou esperando pela garota. Nenhum horário fora determinado, mas ele viria, ele tinha certeza. Ninguém resistia aos seus encantos e com aquela bobinha não seria diferente.

29 de Dezembro de 2006, às 17h10min

Nada ainda. A menina não havia aparecido. Talvez tivesse dormido até tarde, talvez viesse só à noite. Era até melhor que viesse à noite...

29 de Dezembro de 2006, às 21h30min

— Cadê essa puta? - Nilo se perguntava enquanto abria a quinta lata de cerveja.

30 de Dezembro de 2006, às 03h25min

— Ela disse que está na casa do médico. Vou dar uma chegada lá amanhã e ver se consigo falar com ela. Ninguém me passa pra trás desse jeito, ninguém me faz de bobo e fica por isso mesmo - ele pensava completamente embriagado, enquanto preparava-se para dormir.

30 de Dezembro de 2006, às 13h50min

— Eu não devia te pagar nem um tostão, Nilo. Você não cumpriu o prometido, mas como sou sujeito homem, está aqui a parte que lhe cabe - e Reinaldo, que encontrava-se com Nilo em uma boteco, lhe deu o envelope com seu pagamento. — E a tal garota, como ficou a situação?

— Não apareceu. Esperei o dia todo e ela não foi.

Reinaldo riu, equilibrando o toco de cigarro no canto da boca.

Ninguém ria de Nilo.

Aquela risada foi o estopim que aumentou a raiva que ele sentia.

— Pode parar! Não vai ficar rindo da minha cara - Nilo queixou-se. — Vou dar uma passada lá, Reinaldo. Vou até a casa pra ver se vejo a franguinha.

— Só tome cuidado. Se é amiga do filho do doutor, é jovem e talvez seja menor de idade ainda. E a família é influente. Não vai fazer nenhuma merda...

— Não vou, não. Vou só dar uns apertões nela, sentir aquelas carnes gostosas. Mas antes, vou tomar mais umas cervejas por aqui mesmo pra esquentar. Vou esperar mais um pouco... De repente, eu espero escurecer.

E Nilo ficou no bar.

Bebeu todo o dinheiro que havia recebido e seguiu para a casa do pai de Daniel quando já passava das nove da noite. Uma vez lá, abrigou-se perto ao muro, aguardando oportunidade de falar com a garota.



Capítulo 32

— Você... - Rebeca disse.

— Sim, eu. Quem diria, não é? Doze anos depois e estamos nós aqui, no mesmo lugar. A diferença é que eu sei perfeitamente o que aconteceu, enquanto você...

As lembranças de Rebeca vieram em um turbilhão.

Ela conheceu um homem no baile e ele mostrou-se interessado. Era gentil, bonito até, apesar de mais velho. Conversaram por horas perto da piscina do clube. Ele falava mais do que ela e ela buscava esconder sua falta de experiência.

Somente depois, quando voltava para casa com os amigos, Rebeca deu-se conta de que, após a brincadeira de adivinhar o nome do homem em troca de um beijo, que caiu no esquecimento frente a tantos assuntos, ele não havia dito seu nome.

Não fazia mal.

Ela tinha seu endereço e daria um jeito de ir ao seu encontro.

Mas a agenda estabelecida por Daniel e com a qual todo o grupo concordou, impediu que Rebeca fosse vê-lo logo no dia seguinte.

—Eu preciso me livrar deles. Como vou conseguir chegar até a casa do rapaz se só saímos em grupo? Não quero ter que levar alguém comigo, o que ele vai pensar de mim? Vai achar que sou boba, que só ando em patotas como uma adolescentezinha... E Dan! Dan insiste nessa coisa de escolher aonde vamos, de decidir por todos - pensou durante a noite daquele 29 de Dezembro de 2006, após um cansativo passeio que durou o dia todo.

Na manhã do dia 30 Rebeca despertou irritada. Sem querer havia dado um bolo em seu pretendente e, se tivesse sorte, ele a perdoaria. Afinal, fora dele a sugestão de encontrarem-se sozinhos...

— Estarei em casa amanhã o dia todo e vou esperar por você. Só por você... Apareça - ele dissera, mas ela não apareceu.

Talvez ele ainda a esperasse.

Talvez não fosse tarde demais, mesmo em se tratando de outro dia.

Rebeca, durante a tarde deste dia, programou-se para um "grito de liberdade", que deu na primeira oportunidade, tão logo sentiu-se excessivamente limitada por aquela amizade que na sua opinião fazia de nove pessoas, uma só. Distanciou-se dos amigos.

— Não há nada, Fernanda. Eu juro - disse quando Fernanda perguntou-lhe sobre seu comportamento.

Fernanda era fofoqueira. Rebeca jamais contaria para ela que havia arranjado um pretendente. Não para Fernanda. Não mesmo.

Depois, queixou-se com Luciana e revoltou-se ainda mais quando a amiga deu razão à Dan:

— Pois eu já estou de saco cheio. Me sinto presa! E vocês parecem um bando de idiotas aceitando tudo o que ele sugere!

E foi então que Rebeca percebeu que somente conseguiria livrar-se da presença dos amigos - que tornara-se incômoda e incompatível com seus objetivos - se sugerisse que cada um deles fosse para um lado. Somente desta forma ela poderia visitar o "rapaz sem nome" no endereço que ele lhe dera.

E foi o que aconteceu. Ela criou uma discussão com Daniel e mediante a situação, todos aceitaram a possibilidade de cada um arcar com seu próprio entretenimento ou fazer o que bem entendesse.

— Meu Deus! O que foi que eu fiz?! - pensou alto tomando consciência de que suas atitudes colaboraram com o que lhe acontecera.

Rebeca trocou a amizade de anos por um encontro furtivo; desprezou seus amigos e criou situação adversa para poder desfrutar de momentos ao lado de alguém que ela não conhecia e sequer tinha noção das intenções. Se eles estavam ali para descobrir um culpado, ela acabava de saber-se culpada.

— É verdade toda essa história de esquecimento ou você está fingindo para que seus amigos não saibam que você não passava de uma putinha, que queria sair de casa pra encontrar com um cara?

As palavras de Nilo soaram pesadas para a mentalidade de dezesseis anos ainda tão presente em Rebeca. *Putinha?*

— O que você faz aqui?

Rebeca sabia que aquele era o indivíduo com quem ela conversara no baile, porém não sabia que se tratava do marido de Luciana. Dividira o mesmo espaço com ele na casa durante o desmaio de Jamile e sequer olhara na cara do homem.

— Sou daqui, nasci em Petrópolis e passei parte de minha vida nesta cidade. Mas me mudei após o seu *acidente...* Naqueles tempos eu tinha amigos na polícia local e recebi ajuda. Hoje sou policial e me casei com Luciana, sua amiguinha idiota. Me aproximei dela e consegui engambelar a tonta e me infiltrar mesmo que indiretamente no meio de vocês, para manter algum controle da situação.

— *Ninguém me chamou pra assistir o filminho...*

A frase ouvida logo após o desmaio de Jamile ecoou dentro de Rebeca. Se estivesse mais atenta, se tivesse olhado para o marido de Luciana na ocasião em que ele chegou à sala... Talvez as memórias tivessem voltado e ela não estaria ali, em risco.

— Ah! Rebeca... - Nilo prosseguia. — Se você tivesse aparecido lá em casa como combinamos, teríamos bons momentos. Mas você não apareceu e eu fiquei esperando como um idiota. Tem noção de como me revoltei? Meu amigo debochou de mim...

Como nos sonhos que Rebeca costumava ter, outras memórias voltaram.

Ela caminhava pelo jardim. Havia enfim se livrado de todos e poderia ir ao encontro do "rapaz sem nome".

— *Ei! Psiu! Aqui, Rebeca...*

Alguém a chamava perto do portão.

O coração de Rebeca quase explodiu de alegria. Ele estava ali! Ele foi ao seu encontro! Rebeca nunca viu tamanha demonstração de interesse.

Aproximou-se.

— *Oi. Você se incomoda de irmos mais para o fundo do jardim? As pessoas podem nos ver aqui e eu ficaria sem graça.*

Nilo não se incomodou e Rebeca, sem saber, deu-lhe de bandeja a oportunidade de mostrar que não deveria tê-lo feito de otário.



— Você poderia ter confiado em mim, Jamile. - Lionel dizia para amiga chorosa no quarto.

— Eu sei! Sei que deveria ter dito para você ou para qualquer um dos outros... Mas ponha-se em meu lugar, Lionel. Eu não tinha provas, ninguém havia visto nada. Seria a minha palavra contra todas as evidências e quem acreditaria na gorda que mentia por um pedaço de bolo? Quem acreditaria na jamanta que afirmava não ter jantado ainda só para jantar novamente na casa dos amigos? Quem? O que as pessoas falavam a meu respeito sempre me machucou, sempre tolheu minhas ações - as palavras de Jamile mostravam sua dor. —Foi muito sofrimento, só eu sei tudo pelo que passei. Por ser gorda eu sempre carreguei dois estigmas: o de gorda, propriamente dito, e o de invejosa. Sempre fui vista como aquela a quem o peso atrapalhava, a quem o peso deformava e as pessoas acreditavam que eu sentia inveja de suas conquistas, das vidas que elas levavam. Achavam que eu invejava seus relacionamentos por não ser capaz de construir um. Achavam que eu invejava as roupas que usavam e às quais eu não tinha acesso, pois não cabiam em meu corpo. Achavam que eu invejava sua perfeição, enquanto a minha imperfeição era evidente. Ninguém olhava pra mim, ninguém se interessava por uma obesa... E, para os outros, eu teria todos os motivos para tentar destruir o relacionamento de alguém, você me entende? Um gordo sofre por seu excesso de peso, mas sofre ainda mais pelas considerações que lhe são direcionadas. Ninguém acreditaria.

— Não fale assim, por favor. Você se deprecia, se diminui.

— Não, Lionel. As pessoas me depreciavam o tempo todo. Isto interferia em meu psicológico e interfere ainda. Naqueles tempos eu não sabia lidar com as diferenças e sempre achei que seriam estas diferenças que me condenariam.

E Jamile chorou ainda mais.

— Vamos procurar os outros. Vamos falar com eles sobre o que aconteceu - Lionel disse, certo de que poderiam resolver tudo naquela mesma noite.

— Sim, mas eu preciso me acalmar primeiro. Não quero que tenham impressões erradas mais uma vez - ela disse, secando as lágrimas que escorriam em seu rosto.

Se pudesse voltar no tempo, voltar às tantas vezes em que chamou Jamile de jamanta, Lionel o faria e ao invés de ofender a amiga, lhe daria um forte abraço. Seriam muitos os abraços, ele tinha certeza, visto que foram incontáveis às vezes em que a xingara acreditando que apenas brincava. Há um abismo enorme e escuro entre o que é falado e os resultados destas palavras. Lionel havia acabado de despencar neste abismo.

Ao deixarem o quarto com intuito de irem até a cozinha, Lionel e Jamile encontraram Mundo no corredor. Ele havia acordado e também saía para beber água.

Desceram à cozinha e foi lá que Mundo foi informado sobre o acontecido. Ao término do relato da moça, ele tremia.

—Eu entendo, Jamile, juro que entendo. Sei como é difícil ser desprezado e correr o risco de ter que suportar o peso de todas as culpas, mesmo aquelas desconhecidas. Mas você se calou quando deveria ter falado e eu passei doze anos de minha vida carregando fardo que nunca foi meu. As pessoas me apontavam, me evitavam - ele tentava não julgar, mas era inevitável. Era mais cômodo condenar o pobre, o menos favorecido, a vê-lo como semelhante.

—Mas quantas foram as ocasiões em que as pessoas me evitaram também? Quantas foram as ocasiões em que me apontaram com deboche?

— Certamente não a evitaram ou a apontaram por suspeita de crime - ele foi catedrático.

Não havia como deixar de expressar-se. Mundo, com a permissão de Jamile, fora mal visto e mal quisto durante todo o período de internação de Rebeca, fora evitado pelos amigos e por Dona Amélia, que em diversas situações fora cruel em suas considerações. Se ela amargara períodos difíceis, ele passara pelo mesmo, porém, sem ter nada a ver com tudo aquilo.

Jamile estava decidida a esclarecer a situação, ao menos a parte da situação que era de seu conhecimento. Contudo, foi quando os três

voltavam ao andar dos quartos para reunir os demais que Jamile percebeu que a porta que dava acesso ao jardim estava aberta, escancarada. Por quê?



Nilo se aproximou de Rebeca.

— Hoje sou um policial. Tenho as costas quentes. Faço o que quero e do jeito que eu quero. Não achei que você pudesse acordar, não mesmo, apesar de ter sido prevenido e ter me cercado através de meu casamento com a demente da Luciana. E agora, já que você acordou, bela adormecida, não vai ficar por aí pra complicar minha situação. Luciana eu sei que morre apanhando, mas não me entrega, mas você... Quem me garante que posso confiar em você?

Em um dos cantos do jardim, Rebeca e o "rapaz sem nome" conversaram por um bom tempo. Mas ele quis mais. Não era homem de sair de casa para conversar com garotas bobas. Se quisesse conversar encararia os caras do boteco. Ele queria um beijo e tudo mais que tinha direito.

— *Vem cá, chega mais perto. Deixa eu sentir você - ele a puxou e ela sentiu seu hálito. Ele havia bebido.*

— *Calma, você está se precipitando.*

— *Que nada... Se você tivesse aparecido ontem já teria te beijado há tempos.*

Ele a puxou e ela tentou desvencilhar-se daquele contato.

O sangue de Nilo ferveu. Ninguém fugia dele. A raiva pelo bolo que levava na véspera aumentou frente à rejeição.

Nilo segurou Rebeca e puxou seus cabelos com força.

— *Fique quieta, porra! Pensa que sou o que? Você acha mesmo que eu sairia de casa só pra conversar?*

E a beijou à força. O lugar estava escuro e a escuridão o protegia. Ninguém os veria ali e se porventura alguém os visse, dificilmente poderia identificar mais que sua silhueta. Nilo escorava-se na segurança proporcionada pela noite para cometer suas atrocidades.

Quando ele afastou seu rosto, Rebeca acertou-lhe um tapa na face. Depois disso, ela só apanhou.

Nilo a socava e chutava, segurando-a para que ela não caísse e para que fosse mais fácil desferir e acertar os golpes. Somente o que ela via era seu reflexo na pequena poça deixada pela chuva de horas antes. Tudo se esvaía, desde sua coragem até sua força física.

Sem qualquer condição de reagir, Rebeca sentiu-se aliviada quando uma voz disse atrás de Nilo:

— Para!

Neste momento, ele virou a cabeça e encarou o dono da voz, desferindo-lhe uma ofensa. Depois girou seu corpo levando Rebeca consigo. E foi então que ela sentiu que levava uma porrada forte na cabeça.

— Estou aqui e o destino resolveu me ajudar, me fez deixar o quarto pra dar umas fuçadas pela casa e, enquanto todos os outros dormem, eu a encontro no jardim. Você deveria ter pensado que revirar o passado não traria bons frutos. Foi arriscado. Mas agora acabou - ele mostrou a arma que portava. — Não vou pagar o preço de coisas do passado e nem vou te deixar por aí, pra falar mais do que deve. Se antes deixei passar, hoje, a experiência que adquiri me confere outras possibilidades. Ninguém vai ouvir o tiro, a arma tem silenciador. E ela não tem registro, achei em uma casa em uma das incursões que fiz e me apossei dela, então nunca saberão que é minha. Você vai dormir sem chances de acordar desta vez, vai morrer e sou eu quem vai achar seu corpo. Vou dizer que não consegui dormir. Que saí para dar umas voltas e encontrei você morta. Ninguém vai desconfiar de um policial, não é mesmo? Posso, inclusive, demonstrar interesse, me oferecer para ajudar nas investigações. Depois, vou dar um jeito pra culpa cair em cima de um de seus amigos... A gorda, talvez ou Luciana, pois esse casamento já encheu meu saco e assim me livro dela. Ou qualquer outro que me dê uma brecha...

Um barulho ali perto atraiu a atenção de Nilo.

O grito veio em seguida:

— Para!

Ele se virou, arma em punho.

Atirou.

Jamile teria ido ao chão se Lionel e Mundo não tivessem amparado-a.

Depois, outro tiro foi ouvido.

Nilo caiu. O sangue brotou de seu peito.

Ele estava morto.



Capítulo 33

A área foi iluminada pelos reflexos de faróis que acenderam-se simultaneamente. Em fração de segundos após o tiro, Ana Paula, Afonso, Daniel e Fernanda deixaram seus quartos e chegaram ao jardim. Luciana não. O som acordou a jovem dentro do quarto, mas as sensações que a invadiram impediram que qualquer atitude fosse tomada. Luciana ficou sentada à cama, paralisada, encolhida, abraçando seus próprios joelhos.

—Depois da informação de que um suposto policial veio até a casa, nos atentamos para o fato de que alguém sentia-se em risco. E bastou um pequeno descuido de um de seus cúmplices para que tudo fizesse sentido - a delegada Gabriela explicava.

— Então montamos guarda na frente da casa, pois sabíamos que ele estava aqui - João, o assistente, completou.

O tiro mal dado direcionado à Jamile acertara de raspão o braço da moça que, apesar de ter perdido bastante sangue, recebia os primeiros socorros dados por Daniel ali mesmo.

— Mas o que aconteceu, afinal? O que Nilo tem a ver com tudo isso? - Ana Paula perguntou à delegada.

—Anos atrás, antes de tornar-se policial, Nilo morava aqui em Petrópolis, com o pai, a mãe e sua meia irmã, fruto do primeiro casamento de seu pai. O infeliz sempre quis ser policial, sempre viu na profissão uma maneira de exibir força e tirar vantagens das pessoas. Era covarde, um doente mental, sem sombra de dúvidas - Gabriela explicava. — Naquela noite de Dezembro de 2006, ele foi um dos homens que compôs o quadro de seguranças do clube, recrutado por um dos policiais da delegacia que hoje eu comando. Este policial atualmente está aposentado. Foi ele quem esteve aqui e fingiu vir em missão oficial. À época, ele tornou-se amigo de Nilo, o protegia sabe lá Deus o porquê...

— Semelhanças, doutora. Foram as semelhanças que os aproximaram. Ambos são tão sujos como pau de galinheiro - João completou.

— É verdade - a delegada concordou e depois prosseguiu: — Este policial nunca foi muito certinho, gostava de facilidades e sempre cometeu falcatruas. Nilo também. Na ocasião do baile, Nilo aproximou-se de Rebeca e não sei por qual motivo, dois dias depois ele veio até esta casa e sua visita resultou vocês já sabem em quê...

Gabriela era esperta. O interrogatório de Reinaldo, realizado naquele começo de madrugada, dera-lhe detalhes da situação. Ela sabia perfeitamente que foi movido pela raiva de sentir-se menosprezado por Rebeca, que Nilo fora até a casa. Mas não era conveniente esclarecer tudo de uma só vez. Era preciso juntar os fatos, era preciso esperar e ver o que aqueles jovens acrescentariam à investigação e se seus relatos estariam de acordo com o relato do policial aposentado, uma vez que morto, Nilo não diria mais nada.

— Sim. Conversei com ele naquela noite, na área perto da piscina - Rebeca iniciou sua explicação, atraindo para si os olhares de todos. — Só me lembrei disto agora, quando me deparei com ele no jardim.

Os amigos a encararam.

Ela prosseguiu.

— Eu marquei de encontrá-lo novamente no dia seguinte, em sua casa. Não contei nada aos meus amigos, não queria que fizessem juízo errado... Na realidade eu não queria que ninguém soubesse, queria ter aquele momento só pra mim. Mas não consegui ir ao encontro dele, pois o Dan havia ocupado todo o nosso dia com passeios e não encontrei um jeito de me afastar deles. Então, no dia seguinte eu me irritei. Queria ir ao encontro daquele rapaz de quem eu nem mesmo sabia o nome e para isso discuti com todos. Coloquei o grupo inteiro contra o Dan e sugeri que cada um de nós determinasse o que faria e o fizesse individualmente. Foi a única forma que encontrei de me livrar de vocês. A culpa pelo que aconteceu foi minha. Eu proporcionei tudo... Me deixei levar por um desconhecido, marquei um encontro às escondidas e fiz questão de que nenhum de vocês soubesse. Ao optar por encontrar-me com um estranho, eu coloquei minha vida em risco e para conseguir levar adiante este encontro, criei problemas com meus verdadeiros amigos. Me afastei e os afastei.

Frente a todos eles - quase todos, Luciana permanecia no quarto -, Rebeca assumiu seu erro: ela se encontraria com um desconhecido sem que ninguém soubesse.

— Quando eu já estava por deixar a casa, encontrei Nilo próximo ao muro e ficamos conversando no jardim, onde ninguém poderia nos ver. Ele estava irritado por eu não ter ido à sua casa e havia bebido. Havia bebido muito. Até conversamos por algum tempo, mas em determinado momento Nilo tentou me agarrar e eu me esquivei. Tive medo. Ele irritou-se ainda mais e perdeu o controle. Começou a me bater. Me bateu muito...

E Rebeca, envergonhada, começou a chorar.

Atenciosa ao relato, Fernanda percebeu que algo não se encaixava. Se Nilo aguardava por Rebeca próximo ao muro e não havia entrado na casa, como o violão de Lionel estava quebrado na cena do crime?

— Mas e o violão? Se ele não entrou na casa, como teve acesso ao violão de Lionel? - ela perguntou e daquela vez não se tratava de fofoca.

Sem que esperassem, Jamile, com uma das mãos sobre o ferimento que tinha no braço e ainda amparada pelos amigos, começou a falar.

—Ninguém comeu sobremesa depois do jantar e o pudim de doce de leite foi parar intacto dentro da geladeira. Eu estava de dieta e já tinha perdido alguns quilos, mas um pudim daqueles era uma grande tentação. Era injusto que todos tivessem rejeitado-o e eu precisava de uma fatia - as lágrimas desciam de seus olhos e não se tratava de dor decorrente do ferimento; era mais que isso. —Eu falei que sairia, que iria à uma loja comprar balas dietéticas e fui, mas aquilo não me satisfez. Segui para meu quarto e quando vi a casa silenciosa, desci até a cozinha. Passei por Mundo no caminho, ele me viu - ela olhou para o rapaz que com um aceno de cabeça confirmou o que era dito. Depois Jamile prosseguiu: — Eu precisava do pudim. Eu comeria um pedaço e na manhã seguinte ninguém saberia que fui eu, ninguém tomaria ciência de meu pecado. Quando me aproximei da geladeira e a abri, Luciana apareceu na cozinha. Me assustei, fui grosseira com ela, que saiu de lá sem jeito. Acabei não comendo o pudim... Qualquer um poderia chegar ali e, de certa forma, me dei conta de que era injusto comigo, eu não deveria quebrar minha dieta. Quando segui em direção ao quarto, vi o violão de Lionel no corredor. Lionel... Que sempre fazia questão de destacar meu excesso de peso, que sempre debochou de mim, sempre me deu apelidos ridículos. Eu sabia do apreço que ele tinha pelo instrumento e do tempo que havia demorado juntando dinheiro para comprá-lo. Decidi me vingar. Peguei o violão e saí para o jardim. Minha intenção era escondê-lo em algum canto, pregar uma peça

em Lionel. Eu achava que o susto de não encontrar o instrumento seria bom para ele. Foi quando vi que Rebeca tentava se desvencilhar de alguém que a agarrava e batia nela. Não consegui identificar quem era, vi apenas que era um homem. Cheguei mais perto e vi que Rebeca realmente corria risco de vida. Ele batia muito e apertava seu pescoço. Juntei coragem e gritei para afastar o homem. Percebi que ele se virou em minha direção, ele me olhou. Eu parti pra cima dele e levantei o violão que ainda estava em minhas mãos. Aquela era a arma da qual eu dispunha e estava decidida a acertá-lo. Mas ele girou seu corpo, levando Rebeca consigo. Ela ficou na direção do golpe e eu, sem querer, quebrei o violão na cabeça dela. O homem largou Rebeca que caiu desacordada e correu. Ele fugiu. Eu não vi quem era, não consegui ver seu rosto. Então me aproximei de Rebeca e achei que ela estivesse morta; achei que eu havia matado-a. Gritei. Foi o meu grito que todos ouviram e que fez com corressem para o jardim. Logo depois de gritar, com medo de que me acusassem, corri para uma das portas de acesso a casa. Aquela porta - ela apontou. — E vi que Mundo vinha de lá de dentro. Então me virei, dando a entender à Mundo que eu não estava deixando o local, mas chegando, assim como ele também chegava. Foi então que Fernanda apareceu e nos encontrou. Não foi Mundo quem chegou primeiro ao corpo de Rebeca, como afirmamos e acreditamos durante todos estes anos. Fui eu, que já estava lá, que fugia de lá. E eu nunca disse nada por medo. Tive medo de ser mal interpretada. As pessoas sempre acreditaram que eu, por estar sempre acima do peso, as invejava. Ninguém conhece a dor do drama que eu carrego, ninguém sabe o que é ser desrespeitada e virar motivo de chacota por ser ou estar gorda. Era certo de que cada um entenderia como bem quisesse... Eu tive medo de que todos pensassem que a gorda havia invejado a amiga por ela ter um encontro ou um namorado e por isso se vingou.

Foi em sua última frase, ao falar de si na terceira pessoa como se a dissociasse do que fora no passado, que Jamile demonstrou aos amigos todo o peso do *bullying* que sofreu na adolescência. A perversidade que lhe fora direcionada alterara por completo sua capacidade de entendimento e percepção, fazendo com que ela buscasse proteger-se até mesmo quando não havia necessidade e quando questões graves eram postas em jogo.

— E nem após a chegada de Nilo você não o associou ao homem que atacou Rebeca? - Fernanda questionou mais uma vez.

— Não - Jamile respondia com a voz ainda embargada. —Aquele canto do jardim estava escuro e eu não vi o rosto do homem, vi apenas sua silhueta. E quando Nilo apareceu aqui, eu tive nojo. Só nojo. Mas ainda assim, não pude associá-lo àquela silhueta.

Quando concluiu seu relato Jamile percebeu que Mundo estava ao seu lado e que segurava uma de suas mãos. Ele a abraçou forte, sem qualquer resquício de raiva. Fernanda aproximou-se também, tentando entender as dores da amiga.

— De acordo com o laudo médico, a causa do coma de Rebeca foi a batida que ela recebeu na cabeça. - Daniel informou.

Não era sua intenção prejudicar Jamile, mas ele era um médico e como tal deveria primar pela ética. Evidentemente aquele detalhe seria descoberto pela delegada, não havia como ocultá-lo.

Jamile chorou ainda mais.



O dia já havia raiado.

O corpo de Nilo, coberto por um saco preto, esfriava no jardim, cercado por três policiais que aguardavam a chegada do rabeção. Lá em cima, no quarto, sem que ninguém soubesse, Luciana tremia ainda agarrada aos próprios joelhos. O medo, velho amigo de tantas horas, estava por ali e lhe fazia companhia.

Na sala, Ana Paula servia um café recém passado aos amigos, à delegada, que acabara de receber mensagem através do telefone celular e a João, que coletavam mais informações, quando Hilda surgiu à porta.

— Bom dia - ela parecia nervosa e de imediato dirigiu-se respeitosamente a Daniel: — Me desculpe por parecer enxerida, doutor. Mensurei toda a situação antes de me deslocar para cá...

Todos entreolharam-se e foi a delegada quem fez a pergunta:

— Quem é a senhora?

— Sou Hilda. Sou enfermeira da equipe do doutor Daniel e acompanhei a internação de Rebeca. Tenho grande apreço por esta menina, mas não estou aqui por sua causa. Estou aqui por causa de Luciana - depois, Hilda

voltou-se para Daniel. — Foi quando o senhor falou o nome do marido da moça ao telefone que eu juntei as peças. Não pode haver dois Nilos com o mesmo temperamento... E, quando pensei um pouco mais, pude identificar a voz dele. Este Nilo, marido de Luciana, que apareceu na casa de dona Amélia procurando por Rebeca e andou telefonando para lá também, é meu meio-irmão, filho de meu pai com sua segunda esposa. Foi nas mãos de Nilo, logo após ele começar a se achar homem, que eu comi o pão que o diabo amassou. Foi por causa dele que abandonei a casa que meu pai havia deixado para mim. Eu já não aguentava mais apanhar... E por causa dele que carrego esta cicatriz no rosto - Hilda levou uma das mãos à face. — Eu vim porque imaginei o motivo de Luciana ter vindo para cá sem avisá-lo e que ao encontrar a esposa ele se voltaria contra ela. Temi pela segurança da moça e fiz o que estava ao meu alcance.

Luciana, que reunira coragem para descer, estava aos pés da escada e presenciara a chegada da enfermeira.

— Ele sempre me bateu. Sempre. Desde a primeira semana de casados. No começo, durante nosso namoro, tudo parecia maravilhoso; tão maravilhoso que me afastei de meus amigos para me dedicar apenas a ele, exatamente como ele me pedia. Exigia na realidade, mas eu não considerei sua maldade, não vi a situação desta forma. E eu acreditava que fosse amor, acreditava que Nilo me queria só para ele por me amar muito. Não percebi que era doença. Continuei não vendo após as primeiras surras, sempre achei que um dia seria diferente, que ele pararia. A gente acredita em cada coisa!... Depois, quando percebi que havia algo de errado em seu comportamento, eu já não tinha mais o que fazer, com quem contar ou a quem recorrer. Não havia saída. Ele havia me afastado de todos em quem eu confiava e eu não sabia como estas pessoas me receberiam de volta. Me senti sozinha e apavorada.

— Você podia ter nos procurado... - Ana Paula disse e foi silenciada pela delegada.

— Deixe que ela prossiga, por favor.

Luciana prosseguiu.

— Houve uma ocasião em que ele me bateu tanto que eu perdi o bebê que esperava. Foi quando o procurei, Dan, pedindo indicação de contraceptivo

Daniel assentiu com um gesto de cabeça, permitindo que o peso da negligência se instalasse sobre seus ombros e sobre sua consciência. Luciana, sua amiga de infância, tinha um problema grave. Ele não havia lhe dado a devida atenção. Preocupado somente e excessivamente com seu trabalho e com sua carreira profissional, Daniel não foi o amigo que deveria ter sido. Sem saber, ele fechou os olhos e não viu o que deveria ter visto. Quando alguém fecha os olhos pra determinada realidade, a dita cuja não se esvai, não deixa de existir. Ela permanece lá e exatamente do mesmo jeito. A única diferença é que aquele que fecha seus olhos não sofre os infortúnios da promessa de incômodo embutida no que não foi visto. Nenhum deles viu os problemas dos outros... Onde a amizade havia se perdido para ceder espaço aos interesses pessoais e exclusivos de cada um deles? Quantas situações poderiam ter sido evitadas apenas se Daniel se dispusesse a conversar com ela na ocasião?

— Eu já não queria um filho, não de Nilo. Não queria gerar uma criança para que ela passasse por tudo que eu passava. Ele usava de sua profissão para me intimidar ainda mais e eu sabia que não tinha para onde correr, pois sempre haveria um amigo que o ajudaria a descobrir onde eu estava. Sempre tive medo de Nilo, muito medo.

Mundo caminhou na direção de Luciana e, amparando a amiga, indicou uma poltrona para que ela se sentasse. Ela sentou-se e prosseguiu:

— Quando Fernanda me falou sobre o encontro marcado por Rebeca, percebi de imediato que eu não teria como vir. Eu sabia que ele jamais permitiria. Então veio o Natal. Nilo encheu a cara e colocou uns amigos dentro de casa. Quando estes amigos foram embora, eu apanhei. Ele disse que passei a noite me oferecendo... Depois, no dia marcado para a viagem, enquanto ele dormia eu arrumei uma bolsa com alguns pertences, tomei um ônibus na rodoviária e vim para cá, sem avisar a ele e nem a vocês. Cheguei cedo, antes do horário combinado pelo grupo.

Ela chegou cedo, antes do horário de almoço ainda. -, Rebeca lembrou-se da frase dita por dona Genoveva naquela tarde, quando chegaram a casa. Antecipar-se foi a solução encontrada por Luciana e que passou despercebida, assim como tantas coisas sempre passavam. Ninguém via.

— Foram anos apanhando, foram anos sem botar a cara na janela para que os vizinhos não vissem um olho roxo ou a minha boca inchada. Foram anos sem poder expressar meus pensamentos e obrigada apenas a concordar

com o que ele dizia ou queria. Eu esperava poder contar com vocês quando cheguei aqui, esperava que pudessem me ajudar. Mas assim como eu, meus amigos já não eram os mesmos. Encontrei um grupo quebrado, cada um de vocês estava voltado para sua própria defesa, para provar inocência em relação ao acontecido com Rebeca. Ninguém percebeu o que acontecia comigo. E eu tinha vergonha de falar sobre o que passava...

— Nós percebemos depois que ele chegou - Ana Paula a interrompeu mais uma vez sem dar importância às advertências da delegada. — Tanto por sua reação como pela forma como Nilo agia, eu notei que havia algo de errado. Conversei com Mundo a respeito e depois, com Afonso.

— Foi - Mundo confirmou.

— E você sempre soube que foi seu marido o responsável pelo que aconteceu à Rebeca anos atrás? - Gabriela perguntou, torcendo para que aquela moça indefesa realmente não soubesse e desta forma não fosse considerada uma cúmplice.

— Não. Eu nunca soube de nada, nem desconfiei. Ouvi lá de cima os comentários de vocês.

Somente João, que conhecia a bondade da delegada como conhecia as linhas das palmas de suas mãos, percebeu o alívio no rosto da policial após a resposta de Luciana. E foi ele quem concedeu maiores detalhes à jovem.

— De acordo com informações de Reinaldo, um policial aposentado da corja de seu marido, o homem que esteve aqui para interrogá-los, Nilo se aproximou de você justamente para manter-se ligado ao grupo. Foi uma forma de controlar a situação. Foi tudo de caso pensado.

— Então ele nunca me amou de verdade - Luciana disse baixinho.

— Ele nunca amou ninguém, minha filha. Nem mesmo a própria mãe - Hilda tentava acalmar Luciana.

— Infelizmente, este é um fato. Recebi uma mensagem minutos antes. Mandei que um de meus homens investigasse o paradeiro da mãe de Nilo.

— A mãe dele já faleceu, ele nunca fala dela, mas me contou em certa ocasião, ainda nos tempos de namoro, quando perguntei - Luciana tentou poupar o tempo da delegada.

— É mentira. A mãe de Nilo está viva, internada em um asilo deplorável, em péssimas condições e que acabou de ser *estourado* pela polícia. O policial que a procurava foi até o local, constatou sua precariedade e fez a interdição. Os internos serão transferidos para hospitais

ainda hoje e passarão por avaliação médica. A mãe de Nilo aparentemente está bem se comparada aos outros pacientes, porém mal alimentada e não fala.

Mesmo depois de morto, a perversidade daquele homem fazia-se presente. Frente à informação da delegada, Hilda lamentou por ter deixado à madrasta com aquele traste e comoveu-se com o destino da velha senhora.

— E onde ele está agora? Eu ouvi um tiro - Luciana perguntou sem saber de onde tirava forças para tal.

— Morto no jardim, no mesmo local em que ele quase matara Rebeca doze anos atrás. Foi alvejado pela polícia após desferir um tiro contra esta moça - a delegada apontou para Jamile.

Hilda fechou os olhos em oração pelo meio-irmão recém falecido. Não se tratava de nenhum sentimento nobre, Nilo não era digno. Tratava-se de um hábito. Ela fechava os olhos em oração sempre que constatava a morte de algum dos pacientes que acompanhava.

Luciana também fechou seus olhos. Por alívio.



Capítulo 34

Ciente de sua responsabilidade, a delegada Gabriela cuidou para que tudo fosse processado o mais rápido possível. Antes das nove de manhã o corpo de Nilo já tinha sido recolhido e levado ao Instituto Médico Legal para que fosse periciado e emitido o atestado de óbito. Hilda foi quem o reconheceu no final da tarde, o que a praxe exigia, e tratou de sua liberação para o enterro, que aconteceria na manhã seguinte.

Naquela mesma tarde os amigos, com exceção de Luciana que fora poupada inicialmente devido à morte do marido, prestaram depoimentos e fizeram a identificação de Reinaldo. O policial aposentado acabou arrolado como cúmplice de Nilo, tanto por ajudá-lo na investida realizada ao grupo em Petrópolis, como por ter acobertado o que acontecera no passado. Juvenal não tinha ligação direta com os acontecimentos, não participava de nada que pudesse incriminá-lo. Contudo, ele conhecia o passado podre de Nilo e de Reinaldo. Desta forma, Juvenal cedeu algumas informações em delação, entregando as atividades ilícitas que eles realizavam e suas tantas extorsões, o que fez com que sua situação fosse considerada de forma diferenciada pela delegada.

O administrador do clube também foi convocado a depor e deixou escapar que durante anos alimentou conchavos com policiais locais e isto gerou vantagens mútuas. O homem confessou ter dado fim nas fotografias em que Rebeca aparecia próxima de Nilo durante o baile do réveillon de 2006 para que não houvesse como identificá-lo em troca de algumas pequenas regalias para o estabelecimento.

A situação de Jamile era diferente e exigia cuidados. Jamile escondera informações e tinha envolvimento com o caso. Ela foi quem desferiu o golpe de violão na cabeça de Rebeca, já bastante debilitada em decorrência da agressividade de Nilo. Contudo, ninguém sabia o que de fato teria acontecido se a moça não tivesse chegado e não tivesse planejado sua

vingancinha adolescente contra Lionel. Afonso assumiu o caso. Seria ele, com o aval e apoio do grupo, inclusive da própria Rebeca, quem defenderia Jamile.

Foi exigência da delegada que todos permanecessem na cidade durante os próximos dias. E assim eles o fizeram.

Quando soube que a filha realmente estava envolvida em um caso de polícia, Osvaldo seguiu com Vânia, sua esposa, para Petrópolis com intenção de ajudar se fosse necessário. E foi.

Luciana e Hilda não tinham condição de arcar com o enterro de Nilo. A primeira porque todo o dinheiro que o marido tinha em conta estava congelado, retido pela polícia, visto que sua origem exigia confirmação; e a segunda porque seu salário de enfermeira não lhe dava condição de manter reservas financeiras.

— Se é pra ter certeza de que ele está morto e enterrado, mortinho da Silva mesmo, e de que não vamos mais ter problemas com este desmiolado, eu pago o enterro do infeliz. Faço questão de arcar com tudo, tudinho - Osvaldo disse e depois completou com um suspiro: — A vida é pauleira!

Não houve quem se incomodasse ou se ofendesse com a sinceridade do homem. Desta forma, Osvaldo foi quem custeou o enterro de Nilo, que aconteceu em Petrópolis mesmo, na manhã daquele 31 de Dezembro. Além dele, que foi convencido por Fernanda a pedir emprestada uma camisa preta de Lionel para que não usasse nada espalhafatoso na ocasião, Hilda, Luciana, Daniel e João, como representante da polícia local, compareceram à rápida cerimônia de corpo presente realizada às portas de uma das capelas do cemitério. Nilo não teve um velório. Pra quê?

Após o enterro, Hilda foi até o hospital onde a mãe de Nilo estava internada. Ao vê-la, a mulher de magreza evidente e que parecia ter sido muito maltratada pela vida, chorou e Hilda nunca soube exatamente qual emoção morava atrás daquele choro. Abraçaram-se como se o abraço trocado pudesse apagar as impressões cultivadas por décadas ou dissolver as falhas do passado. Naquela tarde, Hilda cuidou de sua madrasta: penteou seus cabelos, cortou-lhe as unhas e a ajudou na refeição servida no horário da janta, dando-lhe colheradas à boca.

Antes de deixar o hospital, prometeu voltar, prometeu que cuidaria dela e que lhe daria o amor que ela realmente merecia. Sua sensação ao deixar a instituição não era das melhores em decorrência do que vira e do

arrependimento por ter deixado a madrasta anos atrás, mas ainda assim a revigorava. Ter a chance de fazer algo de bom na vida de alguém que realmente precisava, era algo que Hilda não sabia descrever, porém experimentaria em breve, assim que o hospital desse alta à mulher. E mesmo ciente de que algumas lembranças ruins jamais seriam apagadas, ela faria o possível para proporcionar dias melhores àquela senhora que já sofrera tanto.

Também em 31 de Dezembro, Dona Amélia chegou à Petrópolis no começo da tarde. Ela havia conversado com a filha por telefone na véspera e, já informada sobre o acontecido e sobre o verdadeiro culpado, decidiu que, apesar dos pesares, passaria a noite de ano novo com Rebeca.

Amélia não foi só.

Quando o táxi estacionou nos jardins da propriedade, além de Amélia, Dolores, a mãe de Mundo, também deixou o interior do veículo.

— Sei que não haverá comemoração. Mas seu eu vou passar a noite de ano novo em companhia de minha filha e aliviada após a resolução do caso, Dolores também tem o direito de compartilhar deste momento com Mundo - Amélia disse ao chegar à varanda.

Depois, mesmo vendo que sua filha a aguardava, a mulher passou direto por Rebeca, parando na frente de Mundo.

— Sei também que não serão meias palavras que poderão consertar os erros de tantos anos, meu filho, mas peço que me perdoe por ter me enganado, por ter me negado a ouvi-lo.

Mundo, que sempre foi dono de um coração enorme, apenas abraçou a mulher. Não havia passado que não pudesse ficar para trás.

Naquela noite de ano novo, reuniram-se todos na casa enquanto o baile corria solto no clube. Ninguém comemorava nada, o clima era de consternação, mas, em paralelo, a realidade que chegava com 2019 mostrava-se mais limpa e mais leve para todos eles. Quando os fogos romperam com a madrugada, os abraços foram de paz, uma paz que há anos nenhum deles conseguia sentir e os sorrisos, eram sinal de recomeço e de esperança em tudo o que estava por vir.



Epílogo

Outubro de 2019, dez meses depois...

Dizem que sempre há tempo para mudar e começar novamente se for preciso. Eles recomeçaram.

Reinaldo foi preso. A investigação do caso de Rebeca levou a outros crimes cometidos por ele, muitos de extorsão fazendo uso ilícito de farda policial. Se tivesse sobrevivido ao tiro dado por João, Nilo também seria preso, pois Reinaldo entregou todas as falcatruas cometidas pelo amigo e a delegada Gabriela confirmou-as.

Dona Amélia, cujos últimos anos foram passados no hospital acompanhando a filha, decidiu voltar ao trabalho. Em sua idade seria difícil encontrar emprego formal, então foi preciso improvisar. Ela começou fazendo salgadinhos por encomenda e tudo correu muito bem nas primeiras semanas daquele ano. Porém, com o passar do tempo, o negócio cresceu e Amélia sozinha, não dava conta de tantos pedidos. Ela precisava de alguém para lhe ajudar e, sem pensar duas vezes, convidou Dolores, que ainda dedicava-se às faxinas, para trabalhar com ela. Passados alguns meses, ambas viram-se às voltas com a organização de um espaço próprio, onde montariam uma equipe, pois somente as duas na cozinha da casa de Amélia, já não eram suficientes para atender à demanda. O espaço escolhido? Uma das casas de Osvaldo, que decidiu inserir-se no negócio como sócio investidor. Hoje, com apenas cinco meses no mercado, a fábrica de salgadinhos de Amélia é a mais popular da Penha, com capacidade para arcar com pedidos gigantescos, oferecendo produtos de excelente qualidade.

Fernanda, que nunca na vida havia trabalhado, após passar alguns meses na Grécia para relaxar, foi quem assumiu o setor de marketing da fábrica de salgadinhos. Amélia e Dolores precisavam de uma pessoa que gostasse de falar para encontrar clientes novos, divulgar o negócio e fazer valer sua

expansão. Com sua cara de pau Fernanda conseguiu arregimentar clientela e fazer o negócio crescer ainda mais, colaborando diretamente com o investimento de seu pai.

A enfermeira Hilda, que em janeiro havia assumido os cuidados com a mãe de Nilo após sua alta hospitalar, mudou-se com a madrasta para a casa que o meio-irmão ocupara com a esposa, no Méier. A velha senhora voltou a falar, mas assustava-se com facilidade; bastava um barulho mais elevado ou repentino para que ela se encolhesse como um gatinho medroso e pusesse as mãos sobre a cabeça em sinal de defesa. Frente a esta reação, Hilda constatou que a madrasta também sofrera agressões anos antes, quando morava com o filho, e talvez tivesse passado pelo mesmo na instituição onde ele a alocou. Para amenizar, deu-lhe amor; deu-lhe todo o amor que aquela senhora merecia e que seu filho, insano, nunca soube lhe dar. Todas as noites Hilda lia para ela por horas e era nestes momentos que recebia os melhores sorrisos que a vida sofrida daquela senhora lhe permitia expressar.

Luciana, após ceder a casa para Hilda e a sogra, voltou à Penha e passou alguns meses em companhia de sua mãe enquanto Lionel reorganizava-se com seus shows e desfazia-se do apartamento em Curitiba. Ela retomou o curso de literatura, inseriu-se em grupos de leitura e realizava trabalho voluntário duas vezes por semana na biblioteca do bairro. Depois, ela também se mudou. Foi morar com ele que voltou para o Rio de Janeiro, em um casarão antigo em Vista Alegre. Luciana nunca quis deixar o subúrbio e Lionel respeitou sua vontade.

Às vezes, no meio da noite, quando Lionel insere a chave na fechadura ao voltar de algum show, ela ainda se assusta, associando sua chegada às tantas vezes em que Nilo chegara e a agredira. Trauma antigo, que demanda tempo para dissolver-se e com o qual Lionel tem toda a paciência do mundo.

Repletos, primeira música que Lionel compôs após mudar-se para a casa nova com Luciana, estourou nas rádios logo na semana de lançamento. Ele não tinha um grande sucesso solo desde *Dias Vazios* e, por ser esta música um contraponto da outra, o roqueiro entendeu que uma nova e melhor fase estabelecia-se em sua vida. Na vida de Luciana também.

Ana Paula e Afonso continuaram casados e mantiveram a mesma rotina, mas estavam mudados. Ela principalmente! Ana Paula já não nutria ciúme

doentio do marido, não se deixava levar por qualquer história mal contada e tornou-se uma pessoa mais leve, ponderada e generosa. Tão generosa que partiu dela a ideia de que Afonso poderia ceder uma vaga de emprego para Mundo em seu escritório. Ele considerou a possibilidade.

Mundo, ou Raimundo, como é chamado em seu ambiente de trabalho, hoje usa terno e gravata. Trabalha, com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas garantidos, durante o dia, como assistente no escritório de Afonso realizando serviços burocráticos e que não exigem formação em direito. À noite, Mundo estuda, está concluindo o ensino médio, do qual abriu mão anos antes para poder ajudar a mãe. Um dia ele será também um advogado, especialista em ajudar aqueles que nunca são ajudados, exatamente como acontecera com ele no passado.

Daniel aprendeu a dedicar-se não somente ao trabalho; ele descobriu que há vida fora de um hospital e que esta vida pode ser muito boa. Aprendeu que também há vida após Rebeca. O médico manteve contato com a delegada Gabriela após a resolução da pendência policial. Hoje, estão juntos há quatro meses, namoro firme. O noivado está marcado para o final do ano.

Jamile, em tratamento para transtorno alimentar, foi a julgamento. Ela assumiu ter batido com o violão na cabeça de Rebeca e de acordo com o laudo, apesar de todas as agressões de Nilo foi, foi seu golpe que levou a amiga ao coma. Medida a força empregada no golpe, o crime foi considerado doloso. Apesar de não haver intenção de acertar Rebeca e de não ter chegado às vias de fato, Jamile foi a júri popular. De forma quase inocente, tinha culpa em um crime que jamais quis ou imaginou ser capaz de cometer. Afonso manteve-se como seu advogado e jurou frente aos amigos dar seu melhor. Ele deu. O juiz que cuidou do caso aceitou ouvir todas as testemunhas apresentadas e desta forma Luciana, Hilda e a própria Rebeca, puderam dar seus depoimentos, mostrando em tribunal as crueldades de Nilo.

Após nove exaustivas horas de julgamento, com todo o conselho de sentença ao seu favor, Jamile foi considerada inocente e absolvida. Naquela noite o grupo se reuniu para comemorar na varanda da casa de Rebeca, exatamente como habitualmente faziam no passado.

Rebeca também deu uma guinada em sua vida. Entrou na faculdade e trocou a engenharia, que almejava fazer anos antes pela psicologia. Estava

determinada a ajudar pessoas que dependiam de suas lembranças, porém por algum motivo não podiam contar com elas. Ela superou a fase ruim e apesar de às vezes, em algumas noites conturbadas, ter ainda aquele sonho, sua amizade com Jamile não foi abalada. Jamile a salvou por duas vezes. Se Jamile não aparecesse no jardim naquela primeira noite, ainda em 2006, tirando-lhe doze anos de sua vida ao bater com o violão em sua cabeça, seu destino nas mãos de Nilo seria incerto. E se Jamile não tivesse aparecido na outra noite, quando acabou alvejada ao gritar, certamente ela estaria morta. Rebeca tinha uma dívida de gratidão dupla com Jamile, algo que somente a amizade verdadeira poderia pagar.

O grupo de nove amigos voltou a ser o que um dia foi, solidificou-se ainda mais, fortificando os laços que, apesar de terem se afrouxado, mostravam-se firmes novamente.

Naquele outubro de 2019 reuniram-se todos aos pés da Igreja da Penha, na festa da padroeira, para missa em ação de graças pelos cem anos que o bairro completava. Subiram a escadaria, silenciosos e de mãos dadas, os nove, em uma corrente de amizade e amor.

Após a missa, no comecinho da noite e em palco montado no largo da igreja, Lionel cantou por mais de duas horas em show beneficente que Mundo, muito amigo do padre da paróquia, havia organizado. Na plateia e sem que ninguém ainda soubesse, Luciana radiante acariciava sua barriguinha de seis semanas.

Os dias vazios ficaram definitivamente para trás. Hoje, seja de trabalho, de boas ações ou de amor, todos eles têm dias cheios. Repletos.

Playlist "Dias Vazios" disponível em:

<https://open.spotify.com/playlist/5ZtlGtu3cmUkMLjjZ7EVq6>

1. Canção da América
2. Alagados
3. Era Uma Vez
4. Diga Lá, Coração
5. Burguesinha
6. Oração ao Tempo
7. Trem Bala
8. Uma Louca Tempestade
9. Velha Roupas Coloridas
10. O Teatro dos Vampiros

Notas da Autora

Olá!

Não sei se você gostou ou não desta história, mas sei que não se trata de um thriller e sei que você percebeu. Ao usar da premissa do reencontro de amigos após muitos anos, depois de evento grave e com um objetivo comum, diversos foram os questionamentos levantados nesta narrativa, dentre eles o valor da amizade, que muitas vezes é posta em teste mediante situações superficiais. Quantas foram as vezes em que um amigo se afastou de você por ter encontrado outros amigos ou outros interesses? Quantas foram as vezes em que você fez o mesmo e não se deu conta de que aquela pessoa poderia precisar de sua amizade? O que sobrou depois disso?

Este fato é real, acontece, mas em contrapartida, temos as impressões duvidosas: há ocasiões em que achamos que a pessoa simplesmente afastou-se e não conhecemos os motivos que levaram a tal afastamento. Nada é esclarecido. Tiramos nossas próprias conclusões e deixamos a amizade de lado... Estes motivos podem não o que pensamos, podem ser graves, como no caso de Luciana, que precisou se afastar por imposição do marido e seus amigos não perceberam o que lhe acontecia.

E falando em Luciana, a obra, através da perversão de Nilo, aborda violência doméstica, infelizmente tão comum atualmente. De acordo com a revista Exame, em pesquisa datada de Março de 2018, uma em cada quatro mulheres sofreu violência doméstica no ano neste ano. Outra pesquisa, esta apresentada pela BBC News Brasil em fevereiro de 2018, afirma que no intervalo dos doze meses anteriores à publicação 1,6 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativas de estrangulamento no Brasil. E quantos foram os casos de feminicídio? Quantos ainda são? Luciana não é um caso isolado, suas vivências são comuns a muitas outras Lucianas ou Marias ou Joanas ou tantas outras Brasil a fora.

Temos também o preconceito como temática de destaque. Mundo é desprezado por ser considerado inferior em decorrência de sua condição

financeira. Isto acontece ainda em 2018, minha gente! É correto julgar que quem tem menos, vale menos?

Em se tratando de características físicas, Jamile recebeu maior cuidado neste quesito. A obesidade, motivo de bullying na adolescência, a leva à bulimia e uma possível neurose em relação ao seu corpo, transtornos comuns atualmente. Os problemas psicológicos desencadeados pelas ofensas proferidas são graves, fazendo da personagem um adulto traumatizado. Seja gordo ou magro, bonito ou feio, alto ou baixo, cada um é o que é, portanto, se você não pode ajudar quando percebe que determinada característica física incomoda uma pessoa, também não atrapalhe.

Outra questão relevante: aproximar-se de estranhos e manter esta aproximação em segredo. Não conhecemos a índole das pessoas. Rebeca não conhecia a índole de Nilo, contudo aproximou-se dele sem reservas, sem que alguns cuidados básicos fossem tomados. Deu no que deu. Quantos são os adolescentes ou até mesmo adultos que submetem-se à encontros com desconhecidos, muitos oriundos de redes sociais, sem saber o que pode lhes acontecer?

Diversas temáticas são apresentadas em planos secundários: ciúme excessivo, fofoca, arrogância e deslumbramento, seja social ou financeiro, polícia corrupta, a banalização da vida por meio de redes sociais, maus tratos ao idoso... Muito provavelmente, ao menos com uma destas questões você já esbarrou no decorrer de seus dias e, afirmo: todas elas são excessivamente nocivas e precisam ser percebidas.

Dias Vazios não é nem nunca quis ser uma história leve. *Dias Vazios* não traz somente um mistério, traz dilemas morais e que têm várias faces; que envolvem mesmo que indiretamente, várias pessoas. *Dias Vazios* foi a forma que eu encontrei de fantasiar a realidade sem floreá-la, mas buscando mostrar nas entrelinhas o mal que podemos fazer às pessoas quando nos anulamos, quando não lhes damos a devida atenção ou quando fingimos não enxergar seus verdadeiros problemas.

No mais, mesmo sem saber se você gostou ou não como eu disse lá em cima, espero que tenha gostado e que minha história tenha proporcionado-lhe alguma reflexão.

Até a próxima!
Barbara Nonato

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
É CRIME.

DENUNCIE!

LIGUE 180.

Outras obras da autora também disponíveis na Amazon:

Muito Além da Alameda, de 2016: aventura e ficção, livre para todos os públicos.

Soturno: três contos de suspense, de 2016: coletânea de contos curtos de suspense/terror.

O Lado Oculto do Medo, de 2016: suspense policial, Obra Finalista da Primeira Edição do Primeiro Prêmio Kindle de Literatura.

Noturno: contos de suspense, de 2017: coletânea de contos curtos de suspense/terror sobrenatural.

Sob a Sombra da Névoa, de 2017: romance de mistério que apresenta uma história secular e se passa no pampa gaúcho.

Pelos Caminhos do Tempo, de 2017: romance de mistério, Obra Finalista da Segunda Edição do Prêmio Kindle de Literatura.

Atormentado, de 2017: conto sobrenatural de suspense/terror.

À Luz de Velas, de 2018: conto romântico.

Dois Lamentos, de 2018: romance regional, livre para todos os públicos.

Um Natal de Cinema, de 2018: conto romântico natalino.

Contos Insanos, de 2019: coletânea de contos de suspense e horror focados na loucura.

Depois da Meia-Noite, de 2019: romance de horror.

Três Dias Para Sempre, de 2019: conto romântico.

- [1] Alagados, música dos Paralamas do Sucesso.
- [2] Era Uma Vez, música de Kell Smith.
- [3] Diga Lá, Coração; música de Gonzaguinha.
- [4] Hercule Poirot, personagem de Agatha Christie.
- [5] Música de Seu Jorge.
- [6] Indústria de curtumes, peles e couro, implantada no bairro em 1920 que ocupava diversos quarteirões e cujas atividades reduziram-se gradativamente no decorrer da década de oitenta, sendo encerradas em 1990. Hoje, parte do terreno abriga condomínios modernos e recém erguidos ou igrejas evangélicas; porém, há ainda locais abandonados e em vias de demolição, que podem representar riscos aos transeuntes, visto que a região é pouco movimentada em determinados dias e horários.
- [7] Mureta localizada na orla carioca, mais especificamente no final da praia do Leme, aos pés da enorme pedra que também recebe o nome do bairro, e que pode ser vista de qualquer ponto da praia de Copacabana.
- [8] Área de preservação ambiental com 44.000m², onde no passado (1875) funcionou uma fábrica de queijos e manteigas, a *Cremerie Buisson*, de origem francesa, e cujos produtos eram conhecidos em todo o Brasil. O local atualmente é aberto ao público com entrada gratuita.
- [9] Residência de verão da Família Real. Antiga fazenda do Córrego Seco, comprada por Dom Pedro I em 1830. As obras do palácio, um prédio neoclássico, que lá se encontra foram iniciadas por Dom Pedro II em 1845 e concluídas em 1862. Atualmente o local abriga acervo de objetos e mobília pessoal da Família Real e pode ser visitado pelo público.
- [10] Casa de verão de Alberto Santos Doumont, conhecida como "A Encantada" e construída em 1918. O local funciona como museu e expõe objetos e bens pessoais do aviador.
- [11] Palácio construído a partir de 1941 para que fosse o maior hotel cassino da América Latina. Possui 550.000m², dispõe de seis andares e 440 apartamentos. Atualmente funciona como condomínio privativo, visto que alguns apartamentos são de posse de particulares; e parte dele é de responsabilidade do SESC, que proporciona eventos culturais no local.
- [12] Música de Caetano Veloso, lançada originalmente em 1979.
- [13] Frase de Fernando Pessoa, poeta português nascido em 1888.
- [14] Trem Bala, composição de Ana Vilela.
- [15] Louca Tempestade, música de Ana Carolina.
- [16] Investigador do final do Século XIX e início do XX, personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle.
- [17] Personagem de ficção presente em romances e contos de Agatha Christie. Senhora de idade avançada, que atua como detetive amadora nas obras da autora.
- [18] O Teatro dos Vampiros, música de Renato Russo.